

**MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM
TRADUÇÃO: PERSPECTIVAS
INOVADORAS**

Marisa Helena Degasperi
(Org.)



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Mauro Augusto Burkert Del Pino

Vice-Reitor: Carlos Rogério Mauch

Chefe de Gabinete: Margarete Marques

Pró-Reitora da Graduação: Fabiane Tejada da Silveira

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Denise Petrucci Gigante

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Antonio Cruz

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz Osório Rocha dos Santos

Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos Cleff

Pró-Reitor Adjunto de Infraestrutura: Gilson Porciúncula

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Rosane Brandão

Pró-Reitor de Gestão de Recursos Humanos: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Presidente do Conselho Editorial: Prof.^a Denise Marcos Bussoletti

Representante das Ciências Matemáticas e Naturais: Prof. Leonardo da Silva Oliveira

Representante das Engenharias e Computação: Prof. Darci Alberto Gatto

Representante das Ciências Biológicas: Prof.^a Marines Garcia

Representante das Ciências Médicas e da Saúde: Prof. Francisco Augusto Burkert Del Pino

Representante das Ciências Agronômicas e Veterinárias: Prof. Carlos Eduardo Wayne Nogueira

Representantes das Ciências Humanas: Prof. Jarbas Santos Vieira e Prof.^a Carla Gonçalves Rodrigues (suplente)

Representantes das Ciências Sociais Aplicadas: Prof. Jovino Pizzi e Prof.^a Francisca Ferreira Michelon (suplente)

Representantes das Linguagens e Artes: Prof.^a Ursula Rosa da Silva e Prof.^a Mirian Rose Brum de Paula (suplente)

CONSELHO DIRETOR

Prof. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Prof. João Fernando Igansi Nunes

Prof. José Carlos Brod Nogueira

Prof.^a Lorena Almeida Gill



Editora e Gráfica Universitária

R. Lobo da Costa, 447 - Pelotas, RS - CEP 96010-150

Fone/fax: (053) 3227 8411

E-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2014/1

ISSN 0102-9576 (impressa) / 2358-1409 (online)

Dados de Catalogação na Fonte Internacional:

CADERNO DE LETRAS / Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Editora UFPel 2014. n. 22, Jan.-Jun. (p. 001-250)
Nº 01 ao nº 21 versão somente impressa; a partir do nº 22 versão impressa e online.

ISSN 0102-9576 (impressa)

ISSN 2358-1409 (online)

Disponível também:

<<http://wp.ufpel.edu.br/cadernodeletras/>>

<<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras>>

Título da capa: MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM TRADUÇÃO:
PERSPECTIVAS INOVADORAS. Org. por Marisa Helena Degasperi

1. Letras - Periódicos. 2. Linguística Aplicada. 3. Tradução. 4. Métodos de pesquisa.

I. Degasperi, Marisa Helena

**MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM
TRADUÇÃO: PERSPECTIVAS
INOVADORAS**

Marisa Helena Degasperi
(Org.)

Caderno de Letras

Revista do Centro de Letras e Comunicação - Universidade Federal de Pelotas
Rua Gomes Carneiro, número 1 • Centro • CEP 96001-970 • Pelotas/RS

Comissão Editorial:

João Luis Pereira Ourique
Leticia Fonseca Richthofen de Freitas
Paulo Ricardo Silveira Borges

Conselho Editorial:

Alckmar Luiz dos Santos (UFSC)
Alfeu SpareMBERGER (UFPel)
Aline Coelho da Silva (UFPel)
Ana Maria Stahl Zilles (Unisinos)
Ana Paula Teixeira Porto (URI/FW)
André Luis Gomes (UNB)
Artur Emílio Alarcon Vaz (FURG)
Aulus Mandagará Martins (UFPel)
Beatriz Viégas-Faria (UFPel)
Célia Maria Magalhães (UFMG)
Cristiane Fuzer (UFSM)
Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS)
Cleide Inês Wittke (UFPel)
Danielle Gallindo Gonçalves Silva (UFPel)
Elena Palmero (UFRJ)
Evelyne Dogliani (UFMG)
Gilvan Müller de Oliveira (UFSC)
Giovana Ferreira Gonçalves (UFPel)
Isabella Mozzillo (UFPel)
João Manuel dos Santos Cunha (UFPel)
João Luis Pereira Ourique (UFPel)
Jorge Campos (PUC-RS)
Leticia Fonseca Richthofen de Freitas (UFPel)
Lizandro Carlos Calegari (URI/FW)
Luana Teixeira Porto (URI/FW)
Luis Ernesto Behares (Universidad de la República, Montevideo / Uruguay)
Luis Centeno do Amaral (UFPel)
Luiz Barros Montez (UFRJ)
Marcelo Módulo (USP)
Marcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS)
Marisa Helena Degasperi (UFPel)
Maristela Machado (UFPel)
Paulo Coimbra Guedes (UFRGS)
Paulo Ricardo Silveira Borges (UFPel)
Rafael Vetromille-Castro (UFPel)
Renata Azevedo Requião (UFPel)
Roberta Rego Rodrigues (UFPel)
Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)

Rosani Úrsula Ketzer Umbach (UFSM)
Rosely Perez Xavier (UFSC)
Sergio Romanelli (UFSC)
Sílvia Costa Kurtz dos Santos (UFPel)
Terezinha Kuhn Junkes (UFSC)
Uruguay Cortazzo (UFPel)
Valeska Virgínia Soares Souza (UFU)
Walter Carlos Costa (UFSC)

Revisão

Carlos Ossanes
Fernanda Teixeira
Gabriel Felipe Pautz Munsberg
Lua Gill da Cruz
Luana Krüger
Luiza Andrade Luz Nogueira dos Santos
Virgínea Novack Santos da Rocha

Editoração:

Deise Grellert
João Luis Pereira Ourique
Virgínea Novack Santos da Rocha

Diagramação e preparação dos originais:

Carlos Ossanes
Henrique Olson
Virgínea Novack Santos da Rocha

Tradução de resumos para o espanhol

Juliana Dagagny Pecce e Silva

Imagem da capa: *Livro Aberto*, de Paul Klee, 1930.

Impressão: Editora e Gráfica da UFPel

SUMÁRIO

Apresentação	11
A definição terminológica na legendagem de seriados Isabela Beraldi Esperandio Maria José Bocorny Finatto.....	17
Neologia e Terminocriatividade em Tradução Técnica na Língua Portuguesa Luís Cavaco-Cruz.....	39
Uso de empréstimos na tradução de termos na área do sensoriamento remoto: uma análise baseada em corpus Dalila dos Santos Hasmann Diva Cardoso de Camargo.....	75
Programação de macros em VBA para pesquisas em estudos da tradução baseados em corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue Lilian Fleuri Maria Lúcia Vasconcellos.....	95
(Re)lendo clássicos: trajetos de pesquisa Cristina Carneiro Rodrigues.....	115
Proposta de uma didática de tradução para licenciandos em letras: breve relato de uma trajetória investigativa Heloísa Orsi Koch Delgado Carmen Lucas Vernetti Vanessa Fischer.....	129
Análise de Corpus linguístico em pesquisas de leitura e tradução, fundamentada na Linguística Textual de van Dijk e Kintsch Marisa Helena Degasperi.....	147

Procedimentos metodológicos em estudos da tradução: interface com as linguísticas sistêmico-funcional e de corpus

Daniel Antonio de Sousa Alves

Eliza Mitiyo Morinaka.....175

A atuação dos TILS no processo de construção de sinais na área de conhecimento das Ciências Exatas: qualificando o ensino dos surdos

Nádia dos Santos Gonçalves Porto.....201

Currículo, ensino e didática em questão: dimensões da formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais

Neiva de Aquino Albres

Vinicius Nascimento.....221

APRESENTAÇÃO

PERSPECTIVAS INOVADORAS EM METODOS DE PESQUISA EM TRADUÇÃO

Marisa Helena Degasperi (UFPel)
Organizadora

Esta vigésima segunda edição da Revista Caderno de Letras do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas reúne artigos originados de estudos de diferentes perspectivas de levantamento e tratamento de dados vinculados a pesquisas em tradução. Estudos desta natureza adquirem importância na medida em que constituem uma amostra de delineamentos de percursos metodológicos efetivados em pesquisas nesta área que se apresenta tão fértil, pela dimensão da complexidade da atividade tradutória e pela quantidade de variáveis que ela apresenta para as investigações.

Descrevem-se nesta coletânea diferentes experiências realizadas com métodos de investigação no âmbito da tradução e seus resultados, demonstrando a coexistência de abordagens e as contribuições para os estudos da tradução nas especificidades: tradução audiovisual, Terminologia, Linguística de Corpus, Linguística sistêmico-funcional, ferramentas CAT, tradução e interpretação de língua de sinais, história e crítica da tradução, Neologia e termocriatividade.

Isabela Beraldi Esperandio e Maria José Bocorny Finatto, apresentam uma nova abordagem para a investigação em tradução audiovisual, fundamentada nas Teorias Linguísticas do Léxico, no artigo *A definição terminológica na legendagem de seriados*. As autoras apresentam um estudo comparativo entre termos médicos e jurídicos presentes em seriados de TV, já consistentemente estabelecidos na terminologia tradicional, em *House* e *Grey's Anatomy*, com o vocabulário utilizado em

séries de ficção científica ou fantástica, como *True Blood* e *The Vampire Diaries*. Segundo as autoras, este tipo de léxico apresenta um potencial *status* terminológico singular. A proposta do trabalho é elaborar bases terminológicas para a produção de um glossário baseado no vocabulário utilizado em filmes de ficção científica e fantástica para uso de tradutores de legendas, nos pares de língua inglês-português.

Com o objetivo de propor uma nova orientação de estudos terminológicos para as demandas atuais da sociedade da informação altamente especializada e para as diferentes áreas do conhecimento científico, Luís Cavaco-Cruz propõe questionamentos quanto aos métodos utilizados para inserção de neologismos nos acervos terminológicos produzidos pela sociedade tecnológica e industrial em: *Neologia e Terminocriatividade em Tradução Técnica na Língua Portuguesa*. Segundo o autor, há um certo hermetismo acadêmico, ao que denomina “conservadorismo codicológico”, que limita o avanço de novos termos conceituais e seu acesso àqueles que deles fazem uso, tornando a terminologia, em sua essência, “frágil e volátil” diante do volume e da qualidade de informações na era digital. O autor faz uma proposta de política de informação que promova, de forma efetiva, as bases metodológicas para a adoção de novos termos e disponibilize rápida e amplamente as informações ao público e aos escritores técnicos.

Partindo de uma problemática similar à do artigo citado anteriormente, Dalila dos Santos Hasmann e Diva Cardoso de Camargo, em *Uso de empréstimos na tradução de termos na área do sensoriamento remoto: uma análise baseada em corpus*, estabelecem uma abordagem sobre bases terminológicas para explicar o uso de empréstimos de termos estrangeiros e a dificuldade de agregar criações terminológicas no vernáculo quando há uma ideologia tradicionalmente associada à sua utilização. Para desenvolver seu trabalho, as autoras se fundamentam na Linguística de Corpus e nos Estudos da Tradução e propõem a utilização de corpus paralelos na área de especialidade do sensoriamento remoto (dados originados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE) comparáveis nos pares de língua inglês-português: textos originais em

L1(inglês); textos traduzidos para L2 (português - paralelo ou não) e textos originais em L2 (português). Para a coleta de dados, a partir dos quais selecionaram dez termos que se mantinham como no T1 (inglês) as investigadoras utilizaram software *WordSmith Tools*, dando ênfase à ferramenta *Concord*. Através das análises dos dados evidenciaram que, apesar de uma ou outra vez haver decisões deliberadas de traduções de alguns termos, o uso de empréstimos ocorre com maior frequência. O uso de empréstimos, segundo as autoras, parece ser o caminho mais favorável para o acompanhamento e para a acessibilidade às novas terminologias, na velocidade da evolução científica da atualidade.

Otimizar o processamento de alinhamento de corpus bilíngue explorando possibilidade de manipulação de fórmulas e de programação de Macros em VBA em planilha de Excel, com base nas funções do software *WordSmith Tools* é a proposta do artigo de Lilian Fleuri e Maria Lúcia Vasconcellos em: *Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue*. As autoras utilizam a Metodologia de Corpus fundamentadas nos Estudos da Tradução Baseados em Corpus para alcançar a meta do trabalho investigativo, que é proporcionar uma ferramenta de análise lexical que torne o alinhamento de corpus bilíngue mais econômico, flexível e possível de ser adaptado aos objetivos de cada pesquisador. O trabalho demonstra o potencial uso de ferramentas usuais do *MS Office* ou o *OpenOffice*, como o Excel, estabelecendo-se programação de Macros em VBA que pode tornar possível a utilização de funções similares a do *WordSmith Tools* no trabalho de alinhamento de corpus, independente da aquisição deste software.

Em *(Re)lendo clássicos: trajetos de pesquisa*, Cristina Carneiro Rodrigues faz um recorte teórico da história da pesquisa contemporânea, buscando alguns aspectos, em autores renomados de Estudos de tradução, sobre modos de condução de pesquisas nesta área. Segundo a autora, quatro momentos representativos da história da pesquisa em tradução, que contribuíram para tornar a tradução como área de conhecimento independente, sinalizam que o ponto de vista do pesquisador interfere sobremaneira na condução do trabalho investigativo.

O artigo de Heloisa Orsi Koch Delgado, Carmen Lucas Verneti e Vanessa Fischer, intitulado: *Proposta de uma didática de tradução para licenciandos em Letras: breve relato de uma trajetória investigativa*, apresenta uma proposta de inserção de tradução de textos especializados em cursos de licenciatura de língua inglesa. Sob uma perspectiva teórico-didática, criou-se um conjunto de estratégias didáticas denominado DiTraLL! (Didática de Tradução para Licenciandos em Letras) que possibilita o contato inicial de licenciandos em Letras com teoria e a prática de tradução. Nesse prisma, os estudantes de licenciatura poderão, segundo as autoras, potencializar seu ingresso em uma nova formação com outra habilitação profissional – em tradução. A elaboração de mapas conceituais como recurso pedagógico instrumental para aferição da compreensão da linguagem especializada, segundo as autoras, demonstrou ser uma eficiente estratégia de ensino. A meta a ser alcançada pelo trabalho é demonstrar a possibilidade de fazer-se uma interface entre a tradução e a docência e incentivar os licenciandos a vislumbrar uma nova perspectiva de atuação, com a devida qualificação.

A apresentação de um modelo de análise de corpus de controle, fundamentada em teorias da linguística textual de base cognitiva com abordagem discursiva, é o objetivo do trabalho de Marisa Helena Degasperi: *Análise de Corpus linguístico em pesquisas de leitura e tradução, fundamentada na Linguística Textual de van Dijk e Kintsch*. A autora, que também utiliza bases dos Estudos da Tradução e da Linguística de Corpus, propõe uma análise de corpus textual conforme experiência realizada numa pesquisa anterior, sobre processamento de leitura para o resumo, que pode ser utilizada, igualmente, para a análise de corpus para pesquisa em processamento de leitura para a tradução. A proposta é de utilizar os mesmos parâmetros para a análise de corpus de controle ou corpus de entrada (TF), por ter este o mesmo potencial de levantamento de dados para qualquer outra tarefa que, após leitura, utilize seu conteúdo informativo; por outro lado, demonstra a patente necessidade de adequação metodológica no âmbito do corpus de análise ou corpus de saída (TM), visto que resumo e tradução constituem diferentes tipologias

de texto, com diferentes características e, por conseguinte, demandam diferentes parâmetros de análise.

Daniel Antonio de Sousa Alves e Eliza Mitiyo Morinaka, em *Procedimentos metodológicos em Estudos da Tradução: interface entre a Linguística sistêmico-funcional e de corpus* mostram um mapeamento de procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas na interface entre Estudos da Tradução baseados em Corpora e Linguística Sistêmico-Funcional, apresentando enfoque às ferramentas tecnológicas utilizadas. Os autores apoiam seu argumento com base em uma compilação de procedimentos metodológicos, na interface supracitada, de um manual elaborado por professores pesquisadores da UFMG e da UFSC. O artigo oferece uma ordenação de procedimentos metodológicos que pode propiciar um diálogo com outras áreas de pesquisa, contribuindo, assim, como o desenvolvimento contínuo dos Estudos da Tradução.

A área de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) surge como uma abordagem mais recente e, embora ainda não seja cogitada por algumas instâncias de estudos da tradução, inicia sua trajetória na pesquisa científica de forma bastante tímida, como em qualquer outra área de estudos científicos. Isto se deve ao fato de que a recente área de formação de TILS se volta, habitualmente, às pesquisas inerentes a esta área. É importante destacar que, nesta edição, os artigos relativos a métodos de pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais apresentam fundamentação de base no ensino-aprendizagem dessa língua e contribuem, assim, para o fortalecimento das pesquisas nesta área. É relevante também apontar que Tradução e Interpretação de Língua de Sinais devem receber consideração como componente da área da tradução, visto que o sistema da língua de sinais é a L1 dos surdos e a L2 (qualquer língua oral codificada em fala e escrita) é língua estrangeira para eles. Embora ainda não conte com uma legislação própria, estudos de Língua Brasileira de Sinais têm recebido maior incremento após as Leis Federais de inclusão social e trabalhos nesta área devem, no ponto de vista da inclusão, ser apoiados e divulgados.

Nádia dos Santos Gonçalves Porto apresenta um estudo sobre processo de construção/elaboração de sinais da Libras específicos para a

área das exatas e seus efeitos na atuação dos TILS na educação de surdos no que concerne à criação de sinais representativos de terminologias. Ancorada em teóricos que se debruçaram em investigações sobre línguas de sinais, a autora demonstra a necessidade de ações conjuntas para convencionar os sinais terminológicos através do registro e produção de um inventário dos sinais combinados.

O artigo de Neiva de Aquino Albres e Vinícius Nascimento, *Currículo, Ensino e didática em questão: dimensões da formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais*, trata uma metodologia de investigação apoiada em levantamento de dados originados de práticas no ambiente de formação de Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais (TILS) nos pares Libras-Português. Os autores utilizam abordagem qualitativa para descrever, através de análises de relatos de TILS em formação, a necessidade de atividades colaborativas e de interação discursiva no desenvolvimento dos procedimentos de tradução, a partir de uma tradução (Português-Libras) de um livro de literatura infanto-juvenil. A proposta do artigo foi a de estabelecer novas perspectivas de investigação que estimulem a adequação curricular na formação desses profissionais, congregando teoria e prática em aulas de tradução/interpretação.

Os artigos que aqui se apresentam constituem uma coletânea de importantes contribuições para os estudos em *Métodos de pesquisa em tradução* por demonstrarem diferentes abordagens e múltiplos aportes significativos para o panorama atual dos estudos que envolvem a atividade tradutória. Suas múltiplas facetas, representadas pelas diversas teorias utilizadas para a sustentação dos estudos sobre procedimentos metodológicos, endossam a constatada complexidade da tarefa tradutória e atestam os limites e as necessidades de novos aprofundamentos nos estudos referentes a essa área de conhecimento.

A DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA NA LEGENDAGEM DE SERIADOS

Isabela Beraldi Esperandio
Maria José Bocorny Finatto

RESUMO: A tradução para a legendagem de audiovisuais tem merecido um foco de atenção renovado na área da pesquisa em Tradução, dado o incremento de acesso de filmes pela internet. Ao ocupar o profissional e também o leigo, que traduz legendas por hobby e na condição de fã, a legendagem de séries televisivas norte-americanas tem gerado materiais interessantes para estudo, também no âmbito da Terminologia. Mesmo com o crescente número de séries que usam terminologias específicas como pano de fundo, como as que se ocupam de temas médicos ou jurídicos, ainda não há muitos estudos sobre essa terminologia em tradução. Por outro lado, as séries de ficção fantástica, como as que tratam de mundos vampirescos e de fadas ou de ficção científica, parecem trazer um vocabulário com elementos bastante semelhantes às terminologias “tradicionais”. Assim, comparam-se neste artigo termos e elementos definitórios nesses dois tipos de séries, com vistas ao desenho de uma pesquisa de mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia; Legendagem; Seriados de TV.

ABSTRACT: Translation for the subtitling of audiovisual materials has been under a renewed focus of attention in the area of translation research, given the increased access to movies through the internet. By involving the professional translator and also the layman, who translates subtitles for hobby and as a fan, the subtitling of North-American television series has generated interesting materials for studies, also under Terminology. Even with the growing number of series that use specific terminology as background, such as those dealing with medical or legal issues, there are still not many studies on this terminology in translation. On the other hand, the series of fantasy fiction, such as those dealing with vampire and fairy worlds or science fiction, seem to bring a vocabulary with elements quite similar to “traditional” terminologies. Thus, in this article, terms and defining elements are compared in these two types of series, aimed at designing a Master research.

KEYWORDS: Terminology; Subtitling; TV Series.

1. Introdução

Os Estados Unidos são com certeza o primeiro exportador de programas audiovisuais no mundo (FERNÁNDEZ, 2009). Nesse segmento, o acesso de brasileiros a séries televisivas legendadas em português vem crescendo consideravelmente, seja por canais pagos ou pela *internet*. Assim, a demanda por tradutores em agências de legendagem tem aumentado proporcionalmente à quantidade de programas e seriados. Entretanto, o prazo para a entrega das legendas parece ter sido reduzido em relação ao prazo tradicionalmente praticado para filmes para lançamento em DVD ou no cinema, visto que precisam ir ao ar no menor tempo possível.

Segundo Fromm (2011a, p. 2), “desde a década de 1960, [...] séries de ficção científica avançam no uso de termos emprestados de várias áreas do conhecimento” e oferecem um território diferenciado para a pesquisa que apoia a sua tradução, visto que apresentam terminologias de diferentes perfis sendo empregadas em uma situação bastante peculiar. No entanto, conforme entendemos, não são apenas as séries de ficção científica, ou aquelas que tratam de enredos que se desenvolvem em hospitais ou em tribunais, que tendem a apresentar uso de terminologias. As séries que tratam de temas fantásticos, por exemplo, também parecem ter desenvolvido uma terminologia própria, semelhante e ao mesmo tempo distinta dessas terminologias mais “tradicionalistas” da Medicina ou do Direito.

Se tomarmos duas séries sobre um mesmo tema fantástico – como *True Blood* e *The Vampire Diaries* –, deparamo-nos com designações diferentes para seres, processos e suas peculiaridades “vampirescas”, constituindo todo um campo nocional multifacetado. Dentre os três tipos de padrões em séries televisivas identificados por Fromm (2011a), a saber, a) série com terminologia totalmente ficcional; b) série que mistura ficção e ciência; e c) série que retrata o cotidiano de médicos, investigadores, cientistas forenses, etc., as novas séries ficcionais com temática de seres sobrenaturais, considerando-se, por exemplo, todo um “mundo fantástico de seres da modernidade” e de recursos tecnológicos que perpassam suas ações, parecem se aproximar de um tipo híbrido.

Indiscutivelmente, oferecer um bom treinamento para o tradutor envolvido com a produção de legendas é essencial para que a relação do espectador com esse material e com o trabalho profissional seja

reconhecida e amigável. Deve-se especialmente considerar que há uma grande quantidade de legendas traduzidas “não oficialmente”, produzidas por fãs de séries televisivas, os quais as lançam para acesso público, de modo a antecipar o contato com o recurso audiovisual estrangeiro.

Nesse cenário, conhecer melhor esse tipo de material textual e, em meio a ele, as especificidades de sua terminologia, em tese diferenciada, pode ajudar os tradutores brasileiros a se inserirem neste mercado de trabalho ou, ainda, a se estabelecerem como aqueles com maior familiaridade com a linguagem, com o vocabulário e com a tradução do “mundo das séries”. Além disso, por alguns seriados, como *True Blood*, terem surgido de adaptações de obras literárias, um glossário, por exemplo, centrado em sua terminologia peculiar poderia servir como fonte de pesquisa não apenas para legendadores, mas também para tradutores de obras literárias de ficção neste tema.

Apesar de haver um crescente número de séries que usam terminologias específicas como pano de fundo (FROMM, 2011b), ainda carecemos de estudos em Terminologia sobre a tradução do vocabulário em seriados televisivos. Isso ocorre, provavelmente, porque os estudos sobre as linguagens científicas e técnicas têm, em geral, abordado apenas áreas de conhecimento mais tradicionais. Considerando essa lacuna, estamos desenvolvendo uma pesquisa inicialmente intitulada “Estudo da Terminologia de Ficção em *True Blood*” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na especialidade de Teorias Linguísticas do Léxico. Seu objetivo é propor bases teóricas e metodológicas para um glossário desse tipo de terminologia para tradutores de legendas do inglês para o português.

Nesse novo cenário de comunicação e de trabalho para o tradutor, investigar uma terminologia médica que se realiza, por exemplo, no seriado *House*, que trata do dia a dia de trabalho de médicos em um hospital, seria algo facilmente justificável e compreensível mesmo em meio a um texto de ficção. Afinal, ainda que o gênero ficcional seja incomum para uma pesquisa terminológica *stricto sensu*, a terminologia da Medicina é reconhecida e estudada como tal há anos. Ter-se-ia, assim, apenas mais um cenário comunicativo. Por outro lado, o vocabulário da ficção fantástica, ou mesmo da ficção científica, tende a não ser prontamente aceito como “especializado”, ainda que Sager (1980) já tivesse indicado algumas possibilidades a respeito:

O fato de que ocupações mais modestas, como enfermeiro, bibliotecário e cozinheiro, ou mesmo passatempos também envolvem áreas especiais de interesse humano e, portanto, também requerem e de fato têm sua própria linguagem especial é muitas vezes desconsiderado. Uma vez que praticamente toda atividade humana pode ser atribuída a uma área ou outra, toda linguagem poderia ser dividida em muitas sublinguagens e a palavra “especial” seria supérflua. (SAGER, 1980 *apud* CABRÉ, 1998, p. 88, tradução nossa)

Para Cabré, “[...] o fato de que todas as unidades dotadas de referência possuem a capacidade de materializarem-se como termos (se expressam conhecimento especializado) ou como palavras (se expressam conhecimento geral) não impede que atualizem essa capacidade em todos os casos” (CABRÉ, 1998, p. 90, tradução nossa). Sobre termos não padronizados, Pearson (1998) acrescenta que, “quando recebem um significado específico dentro de um domínio em particular por pessoas trabalhando na área e quando são usados dentro de certos cenários comunicativos, eles são considerados como referentes àquele significado específico” (PEARSON, 1998, p. 25, tradução nossa).

Considerando avaliar a pertinência de um enfoque terminológico para o vocabulário de séries televisivas que tratam de temas fantásticos, o objetivo deste artigo é relatar um estudo exploratório em um *corpus* amostra com o vocabulário utilizado em legendas do seriado *True Blood*, comparando-o ao vocabulário da série de temática médica *House*. A exploração, que visa subsidiar nossa pesquisa em grande escala, faz a identificação de termos/conceitos e de seus respectivos elementos definitórios postos nas falas dos personagens na primeira temporada em inglês desses dois seriados.

Com o apoio de ideias postas em novas correntes de estudos de Terminologia denominadas Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007) e Terminologia Cultural (DIKI-KIDIRI, 2002, 2009), além das perspectivas de Terminologia de viés textual (HOFFMANN, 1988a, 1988b, 1998a, 1998b, 2004), aliando-se a recursos e princípios da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004), procuramos bases teóricas e metodológicas para a elaboração de um glossário para o uso de tradutores.

Na segunda seção deste artigo, serão expostos sucintamente os referenciais teóricos utilizados para este estudo exploratório e, na terceira

seção, os materiais e métodos. A seção 4 explicitará alguns dos resultados obtidos, e, para finalizar, a seção 5 apresentará as perspectivas para uma pesquisa em larga escala, no âmbito de uma pesquisa de mestrado.

2. Referenciais teóricos

Para a análise das informações encontradas no *corpus* amostra, foram utilizadas como referencial teórico as antes citadas novas correntes de estudos de Terminologia denominadas Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007) e Terminologia Cultural (DIKI-KIDIRI, 2002, 2009) e as perspectivas de Terminologia de viés textual (HOFFMANN, 1988a, 1988b, 1998a, 1998b, 2004), aliadas a recursos e princípios da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004).

Sobre a Linguística de *Corpus*, Berber Sardinha (2004, p. 3) explica que:

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

Nosso *corpus* de amostra foi compilado levando em consideração as categorias de modo, tempo, seleção, conteúdo, autoria, disposição interna e finalidade descritas pelo autor na referida obra.

Hoffmann (2004), pela perspectiva da Terminologia de enfoque textual, considera que o texto é o signo linguístico primário, pois a linguagem se realiza apenas por meio de textos. Assim, é o texto que deve centralizar o estudo das linguagens especializadas, e não a palavra ou a frase. As outras unidades linguísticas são seus constituintes e se relacionam entre si, sem as quais não há textualidade. Sob essa perspectiva, a linguística das linguagens especializadas deixou de observar particularidades entre diferentes sublinguagens para privilegiar as linguagens especializadas em funcionamento.

Barbosa (2005, 2006, 2007), ao se debruçar sobre lendas folclóricas do Norte do Brasil, identificou que as unidades lexicais de discursos etnoliterários têm estatuto diferenciado: elas assumem as duas funções, de termo e de vocábulo, nos mesmos universos de discurso e nos

mesmos discursos-ocorrências. Com base nesse aspecto específico, a autora propõe a consolidação da Etnoterminologia, para o estudo da “norma relativa ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto das *unidades lexicais* que caracterizam o *universo dos discursos etnoliterários*” (BARBOSA, 2007, p. 434, grifos da autora). Tais unidades teriam significado peculiar a esse universo de discurso, sendo, ao mesmo tempo, polissemêmicas. Elas reuniriam especificidades das linguagens especializadas e da linguagem literária, resultando do cruzamento de processos de metaterminologização e metavocabularização.

Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los [sic] bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente. (BARBOSA, 2005, p. 105)

Para a identificação de elementos definitórios no *corpus* amostra, tomou-se por base o conceito de definição terminológica de Finatto (1998, 2001, 2002) e de elementos definitórios de Pearson (2004).

Sobre a elaboração de definições na Terminologia, Finatto (2002, p. 74) afirma que:

Entre diferentes tipos de definição, a definição terminológica (doravante DT) se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de *significados* de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, *grosso modo*, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber técnico, científico ou tecnológico.

Dessa forma, é possível considerar que a definição terminológica integra o aspecto conceitual e o linguístico, uma vez que “o texto da definição tem a função de descrever as características que delimitam um

conceito e a função de particularizá-lo num determinado sistema conceptual ou domínio” (FINATTO, 1998, p. 212).

Nessa relação, a definição é um tipo de texto em que, sublinhamos, todas as informações referidas ao *termo-tópico* integram a significação. E, desse modo, demonstramos que o que pode decidir a relevância ou funcionalidade menor ou maior dessa ou daquela informação ou peculiaridades que compõem o texto é a compreensão de suas respectivas funções e papéis em relação ao *entorno de significação* da linguagem científica. Além desses, como vimos, intervêm também sobre o enunciado e sobre a enunciação os papéis que, nesse *entorno*, desempenham os sujeitos enunciadoreis. (FINATTO, 2001, p. 354-355, grifos da autora)

Pretende-se, então, que, ao apontar contextos definitórios em nosso *corpus*, circunscreveremos os conceitos dessa terminologia, os quais poderiam indicar os termos diferenciados do universo ficcional. É possível afirmar que, ao encontrar traços definitórios diluídos no *corpus*, será possível descobrir os elementos que perfazem o valor terminológico heterogêneo dessas unidades lexicais.

Pearson (2004) acredita que há vantagens em se utilizar *corpora* de textos especializados em um trabalho terminográfico, em especial para a identificação de termos especializados, bem como para a identificação de cotexto de um termo que pode oferecer definições e descrições do conceito a que se refere. Ela parte do princípio de que textos especializados conterão elementos definitórios, isto é, os autores fornecerão ao leitor, de maneira explícita ou implícita, explicações de alguns dos termos que utilizam. A autora afirma que as relações entre o autor e o leitor determinarão a quantidade de explicações a serem fornecidas em dado texto. Aqueles de comunicação entre especialistas e pessoas que não têm formação nenhuma na área em questão, mas que necessitam conhecer e entender essa terminologia, são os de maior interesse na pesquisa da autora, por sua densidade de termos menos elevada, mas densidade de elementos definitórios alta. Isso ocorre porque:

[...] o enunciado definitório, de qualquer tipo ou origem, por sua própria natureza multifacetada ou poliédrica, é também uma interação entre as posições discursivas dos

que participam da interlocução que ela instaura, sendo resultado de um comportamento linguístico específico que a identifica no universo da comunicação. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 96)

Pode-se afirmar que os dois seriados analisados neste artigo se enquadram na comunicação entre especialistas e leigos, uma vez que os espectadores de *House* não são médicos, em sua maioria, e os espectadores de *True Blood* não estão familiarizados com as nuances da terminologia do seriado, a qual se diferencia daquela de outros com tema de ficção fantástica. Devido a isso, quando um termo é introduzido pela primeira vez na trama da história, ele vem cercado por elementos definicionais, muitas vezes no cotexto, com o objetivo de que o espectador passe a conhecer o termo, bem como sua outra faceta, a definição. A compreensão dos termos pelo espectador vai se aprofundando com o desenrolar dos episódios na temporada, da mesma forma como, em um texto especializado, o leitor vai construindo sua apreensão do conceito conforme os movimentos discursivos do autor.

Pearson (2004), segundo descrições de Trimble (1985) e Flowerdew (1992), diferencia três categorias de definição: formal (simples e complexa), semiformal e não formal. As definições formais simples são aquelas que correspondem à estrutura $x = y + característica$, sendo x um termo e y um termo ou hiperônimo genérico. Os chamados conectivos ou verbos de ligação podem conectar os dois elementos da frase, devendo estes estar no presente do indicativo e não ser modificados por nenhuma partícula negativa ou advérbio de tempo ou modo. Outra característica da definição formal é que a frase definitória deve constituir a proposição principal da frase, pode ser seguida de outra frase, com a condição de que estejam ligadas pela conjunção *e*, mas não pode ser precedida por frases subordinadas. Y deve vir seguido pela característica que distingue x de todos os outros membros da mesma categoria, introduzida por uma proposição, um particípio passado ou um pronome relativo. Um exemplo de definição formal simples pode ser: “*A robot is a machine that tries to copy one or more human functions*”.

As definições formais complexas são aquelas nas quais: a) o termo é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte, ou b) o termo é citado no início de uma frase e explicado na frase precedente. Elas não têm a mesma estrutura formal das definições formais simples, mas todos os seus elementos estão presentes. No caso de

(a), a frase definítoria deve preencher as mesmas condições estabelecidas para as definições formais simples, exceto que *x* é substituído por um pronome demonstrativo. Como exemplo, pode-se citar: “*an exoskeleton. This is a hard outer protective covering made of chitin*”. No caso de (b), as palavras que seguem a expressão *Isso é* ou *Esses são* devem ser um termo; por exemplo, “*There are millions of compounds containing just hydrogen and carbon. These are called hydrocarbons*”.

As definições semiformais têm estruturas que correspondem à fórmula *x = característica*, estando o hiperônimo ausente na frase. *X* deve ser um termo que pode ser precedido de artigo definido ou indefinido, e o verbo que une *x* à característica deve estar no presente do indicativo, constituindo a proposição principal da frase. A seguinte frase serve como exemplo deste tipo de definição: “*Expanded polystyrene is made by blowing a gas (such as carbon dioxide) into the liquid polymer*”.

Já as definições não formais podem ser expressas por um sinônimo, paráfrase ou derivação. Alguns indicadores marcam essa definição, como o uso de parênteses, expressões como *isto é, chamado, conhecido como*, entre outros. Pode-se citar como exemplo a frase “*...threads of pure cellulose known as rayon*”.

3. Materiais e métodos

Para um estudo piloto, foi compilado um *corpus* amostra com as legendas em inglês produzidas por *Closed Caption* da primeira temporada dos seriados *True Blood* e *House*. O *corpus* totalizou aproximadamente 5.000 *types* (palavras diferentes) e 61.200 *tokens* (palavras) em *True Blood* (12 episódios) e 9.100 *types* e 117.100 *tokens* em *House* (22 episódios).

É possível fazer *download* das legendas em inglês dos referidos seriados por meio do site www.tvsubtitles.net, em formato *.srt*, o qual é aceito pelo programa de análise lexical *AntConc* (ANTHONY, 2011), sem necessidade de conversões. Após a limpeza do número da legenda, das marcações dos tempos e de itálicos (Figura 1), o *corpus* foi então analisado por meio desse programa e de suas ferramentas *Word List* (Figura 2), *Keyword List* e *Concordance*. Por meio das duas primeiras ferramentas, procurou-se identificar termos potenciais nos textos dos diálogos, pois, segundo Cabré (2003, p. 190, tradução nossa), “Qualquer unidade lexical teria o potencial de ser uma unidade terminológica”, dependendo de seu uso em um contexto comunicativo específico.

categorias de definição de Pearson (2004) antes referidas, em uma tentativa de delinear seus conceitos. Para este estudo piloto, as definições localizadas nas legendas em inglês foram classificadas nessas categorias, mas foram também registrados aqueles elementos definitórios que poderiam servir à construção de uma definição terminológica posteriormente.

4. Resultados

A observação do *corpus* amostra revelou os seguintes elementos iniciais:

- a) Razão type/token: em *True Blood*, 0,082; em *House*, 0,078;
- b) Dez palavras lexicais mais empregadas: em *True Blood*, *be*, *know*, *have*, *do*, *get*, *right*, *think*, *go*, *vampire*, *want*; em *House*, *be*, *have*, *do*, *know*, *get*, *think*, *need*, *doctor (Dr.)*, *want*, *House*;
- c) Número de itens que têm uma definição expressa (de acordo com PEARSON, 2004) nos *corpora*:

	<i>True Blood</i>	<i>House</i>
Definição formal simples	2	3
Definição formal complexa	0	0
Definição semiformal	2	6
Definição não formal	0	8

O texto-fonte utilizado na tradução audiovisual não é do mesmo gênero discursivo que os textos didáticos ou artigos analisados por Pearson (2004) em sua pesquisa. Sendo uma fala transcrita, o texto-fonte da legenda dos seriados traz também elementos definitórios diferentes daqueles citados em Pearson (2004), com base em descrições de Trimble (1985) e Flowerdew (1992), os quais não se enquadram perfeitamente na tipologia de definição formal (simples e complexa), semiformal e não formal. No entanto, como veremos nesta seção, é possível encontrar diversos elementos definitórios no cotexto de tais diálogos.

Nos exemplos das subseções a seguir, as legendas foram redistribuídas textualmente de forma que o leitor deste artigo, por não ter acesso ao vídeo ou ao áudio, compreenda quando outro personagem inicia sua fala. Os termos serão destacados em **negrito** e os elementos definitórios em *itálico*. Iniciaremos analisando excertos do seriado médico *House*.

4.1 House

O excerto a seguir é um exemplo de definição formal complexa, como descrito em Pearson (2004), na qual o termo é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte. No entanto, escapa ao padrão deste tipo de definição por sua frase definitória não iniciar com a expressão *This is...*

Episódio 1 – vasculitis

- We're treating you for vasculitis.

*It's the inflammation
of blood vessels in the brain.*

No excerto abaixo, retirado do episódio 16, identifica-se inicialmente uma definição semiformal, na qual está presente a estrutura $x = característica$, sendo x o termo. O verbo que une o termo à característica está no presente do indicativo, como é o padrão deste tipo de definição. No entanto, a frase a seguir não contém um verbo de ligação, apesar de apresentar características de uma definição formal simples.

Episódio 16 – pituitary

- The pituitary's located

*between the cavernous sinuses,
basically right between the eyes.*

The area contains the nerves
that control eye movement and
the major arteries that feed the brain.

O próximo excerto pode ser classificado como contendo aspectos de uma definição não formal, por meio do uso de paráfrase, na qual são fornecidos os mesmos elementos encontrados em definições formais e semiformais, mas, neste caso, por exemplo, utilizando uma pausa na fala.

Episódio 6 – pulmonary embolism

- Your Mom had

a small pulmonary embolism-

a blood clot

that got stuck in her lungs,

blocked the oxygen.

Ainda foi possível distinguir no *corpus* diversos elementos que, mesmo não se enquadrando nos padrões da definição formal, semiformal ou não formal de Pearson (2004), podem ser úteis no momento da elaboração da definição do termo para um glossário, como sintomas, exames, possível opção de tratamento e taxa de sobrevivência. Abaixo, um exemplo:

Episódio 18 – small-cell lung cancer

- Small-cell is the *most aggressive*
kind of lung cancer.

The five-year survival rate
is only about 10% to 15%.

Which is why we have to start you
on *chemo* and *radiation* right away.

[...]

This cancer *moves quick*.

The median survival's two to four months.

4.2 *True Blood*

No excerto a seguir, identifica-se uma definição formal simples do termo *vampire bats*, como descrito em Pearson (2004), a qual corresponde à estrutura $x = y + característica$. Em tal estrutura, x é um termo e y é um hiperônimo genérico, e os dois são ligados por um verbo de ligação no presente do indicativo, não modificado por qualquer verbo modal ou partícula negativa.

Episódio 3 – vampire bat

- Vampire bats
are bats that feed on blood,
feeding on the blood of animals
like pigs and horses.

Verificam-se, no trecho a seguir, dois tipos de definições: uma definição não formal expressa por um sinônimo (*vampire groupie*) e uma definição formal complexa, na qual o termo (*fang-banger*) é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte (“Men and

women who like to get bitten”). Contudo, esta definição escapa a seu padrão por sua frase definitiva não iniciar com a expressão *These are...*

Episódio 1 – fang-banger

- What's a fang-banger?

- A *vampire groupie*.

Men and women who like to get bitten.

No excerto abaixo há também uma definição formal complexa, na qual um termo (*telepathic*) é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte (“I can hear people's thoughts”). Há, no mesmo diálogo, outra informação importante para a elaboração da definição do termo *telepathic* – eles conseguem escutar o pensamento das pessoas, *exceto* o de vampiros. Aqui, também, a definição escapa a seu padrão ao não iniciar sua frase definitiva com a expressão *This is...*

Episódio 2 – telepathic

- What are you?

- Apparently I'm *not dead*.

What I am is telepathic.

I can hear people's thoughts.

- Even mine?

- That's why I like you so much.

I can't hear you [vampires] at all.

A seguir, apresentamos uma definição semiformal encontrada no *corpus* de *True Blood*:

Episódio 2 – draining vampires

- Draining vampires

is against the law, isn't it?

Por sua vez, o próximo excerto não se enquadra nos padrões da definição formal, semiformal ou não formal, conforme Pearson (2004), mas é possível distinguir diversos elementos no contexto que podem ser úteis no momento da elaboração da definição do termo, como características específicas de vampiros, origem e uso do *Tru Blood*, alcance de seu consumo, efeitos do uso da prata, etc.

Episódio 1 - vampire

Vampires *cannot drown*.
Because we *do not breathe*.

Episódio 1 - Tru Blood

- And most importantly,
point number three,
now that the *Japanese*
have perfected *synthetic blood*
which *satisfies all of our nutritional needs*,
there is no reason
for anyone to fear us.
I can assure you
that *every member of our community*
is now drinking synthetic blood.
That's why we decided
to make our existence known.
We just wanna be
part of mainstream society.
Hi.
Y'all have Tru Blood.

Episódio 1 - silver

- Silver, huh?
I thought that *only affected*
werewolves.

Episódio 10 - silver

- The *usual sentence*
Is *five years in a coffin*
chained with silver.
During which time your *body*
Will waste to leather and sticks.

Episódio 4 - V

- I think I might've OD'd.
- Oh, my God. On what?
- V.
- You're doing V now?

- It was my first time.
- Where on earth did you
come across V in this town?
My cousin is *dealing*
vampire blood now?

Episódio 5 – V

- The real life-force... is V.
Vampire blood. It's *illegal*.

O diálogo abaixo traz diversas informações que poderiam ser incluídas no texto de uma definição para o termo *shape-shifter*, como número de espécimes, origem, processo e período de transformação.

Episódio 10 – shape-shifter

- A shape-shifter?
- Most of us refer to
ourselves simply as *shifters*.
- Well, how many of you are there?
- *Thousands, tens of thousands, maybe.*
We don't exactly have a newsletter.
- Do you come from, like, a
family of shifters or something?
- It's *hereditary*, so yeah, I suppose.
But, um, I was adopted.
And the family that took me in...
We just never talked about it.
- Can you turn into anything, like cats, birds?
- Cats, sure.
Yeah, I can do bird, but flying's hard.
Dog's the easiest for me.
People like dogs. Most other
animals leave you alone.
- I used to scratch your belly
in the parking lot at the bar.
- That wasn't me, that was a real dog.
Yeah, *I need a live animal*
in order to- to shift.
You know, *as a model*.

Kind of like an imprint.

- Can you turn into another person?

- Humans are too complex.

Despite what you might see at the bar.

- Can you do it any time,

or-? Or-?

- Or what?

Yeah.

Yeah, but *it wears off if I fall asleep.*

And on a full moon, I can't stop the shift.

5. Perspectivas para uma pesquisa em larga escala

Verificamos, por meio dos excertos do seriado *House* e *True Blood* analisados neste artigo, que há vários elementos definitórios presentes nessas legendas. Em *House*, percebe-se um maior número de definições formais, semiformais e não formais nos padrões apontados por Pearson (2004) que em *True Blood*. Isso se deve talvez ao fato de que, em *House*, os personagens, ao contar aos familiares dos pacientes o diagnóstico a que chegaram, precisam explicar a eles o que é a doença ou que sintomas os levaram a tal diagnóstico. Já em *True Blood*, os elementos definitórios surgem em contextos mais gerais, entremeados nos diálogos entre os personagens sobre os seres sobrenaturais que agora coexistem com os seres humanos no dia a dia.

Procuramos demonstrar, por meio da localização de elementos definitórios no *corpus* amostra dos seriados *True Blood* e *House*, que o vocabulário especializado utilizado no primeiro pode ser considerado uma terminologia, assim como parece ser o vocabulário do segundo, uma vez que consideramos que elementos definitórios são utilizados para circunscrever conceitos. Assim, ao identificar contextos definitórios em nosso *corpus*, pudemos delinear alguns conceitos, os quais apontam para “termos” desse universo ficcional. Como exemplo, valem contextos como “não podemos nos afogar” e “não respiramos” como traços definidores de um *ser sobrenatural sem capacidade respiratória*, designado, de um modo válido apenas em dado universo ficcional, pela palavra-termo *vampire*. Essa designação, por sua vez, relaciona-se à de *maker* (o criador de um novo vampiro) e à de *V* (nome dado ao sangue de vampiro, o qual, se ingerido por humanos, conforme o que é válido apenas nesse universo ficcional, pode levar a uma overdose).

Dessa forma, corroborando Barbosa (2006, p. 51), foi possível verificar que, no discurso de *True Blood*, “As unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – no interior do universo de discurso – e têm funções particulares, quanto à designação e à referência. Por essa razão, são multifuncionais”. Vê-se, então, que a ficção fantástica, em seu caráter de discurso etnoliterário, não deixa de ser caracterizada por um conjunto de termos que representam e transmitem uma terminologia diferenciada. *Maker* e *V*, na série *True Blood*, deixam de significar apenas “pessoa ou empresa que faz um produto” e “vigésima segunda letra do alfabeto”, respectivamente.

Dessa forma, justifica-se a necessidade de um estudo para embasar o desenho e a realização de um glossário sobre essas terminologias de ficção, um produto útil, sobretudo, para legendadores e tradutores de literatura fantástica. Ademais, o estudo desses novos universos textuais e discursivos, tratados como *corpora*, pode interessar tanto o pesquisador da Tradução quanto aquele professor que busque novas metodologias de ensino para a tradução de legendas de audiovisuais.

É nesse contexto que está sendo desenvolvida a pesquisa de Mestrado inicialmente intitulada “Estudo da Terminologia de Ficção em *True Blood*”. Buscamos propor bases teóricas e metodológicas para a construção de glossários para tradutores de legendas do inglês para o português. O *corpus* da pesquisa incluirá as legendas em inglês e suas traduções para o português das seis temporadas de *True Blood* e das quatro de *The Vampire Diaries* já encerradas. O *corpus* de *True Blood* totalizará 70 episódios, aproximadamente 31.800 *types* e 392.400 *tokens* em inglês e 39.370 *types* e 320.950 *tokens* em português. Já o *corpus* de *The Vampire Diaries* totalizará 89 episódios, aproximadamente 24.320 *types* e 398.110 *tokens* em inglês e 30.000 *types* e 316.520 *tokens* em português.

Para elucidar as características peculiares de termos e de contextos definitórios em nosso *corpus* de estudo, utilizaremos como *corpus* de referência o COCA (The Corpus of Contemporary American English) e, como materiais de contraste, textos de legendas dos seriados médicos *House* e *Grey’s Anatomy*, com possibilidades de comparação também com os estudos do vocabulário das franquias *Harry Potter* e *Star Trek* atualmente desenvolvidos sob orientação de Fromm (2011a). Por fim, para o planejamento das fichas terminológicas em inglês e em português, pretendemos aproveitar o modelo do Vocabulário Técnico Online (VoTec) (FROMM, 2008).

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. *AntConc version 3.2.4*. Tóquio, Japão: Waseda University, 2011. Disponível em <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>>.

BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFSM; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

_____. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, abr./jun. 2006.

_____. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 1/2, n. 27, p. 103-107, jan./dez. 2005.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

CABRÉ, Maria Teresa. Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. *El Lenguaraz - Revista Académica del Colegio de Traductores Públicos de La Ciudad de Buenos Aires*, Buenos Aires, v. 1, p. 59-78, 1998.

_____. Theories of terminology: Their description, prescription and explanation. *Terminology*, v. 9, n. 2, p. 163-199, 2003.

DIKI-KIDIRI, Marcel. La terminologie culturelle, fondement d'une localisation véritable. In: *Actas del VIII Simposio Iberoamericano de Terminología*. Cartagena de Indias, Colômbia, 2002.

_____. Un enfoque cultural de la terminología. *Debate Terminológico*, n. 5, ago. 2009.

FERNÁNDEZ, María Jesús Fernández. The Translation of Swearing in the Dubbing of the Film *South Park* into Spanish. In: CINTAS, Jorge Díaz

(Ed.). *New Trends in Audiovisual Translation*. Bristol: Multilingual Matters, 2009. p. 210-225.

FINATTO, Maria José Bocorny. A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressões linguísticas de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998. p. 209-221.

_____. *Definição Terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e aplicação*. 2001. 395 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. O papel da definição de termos técnico-científicos. *Revista da Abralin*, v. 1, n. 1, p. 73-97, 2002.

FLOWERDEW, J. Definitions in Science Lectures. In: *Applied Linguistics*, v. 13, n. 2, p. 202-221, 1992.

FROMM, Guilherme. Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de *Corpus*: confluências. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA & SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011, Uberlândia. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011a. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/318.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2012.

_____. Linguística de *corpus* e ensino de Terminografia para alunos de Letras e Tradução: uma proposta. *Revista SELL*, Uberaba, v. 3, n. 1, p. 285-302, 2011b. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/181/207>>. Acesso em: 9 out. 2012.

_____. *VoTec: a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução*. 2008. 215f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HOFFMANN, L. Anwendungsmöglichkeiten und bisherige Anwendung von statistischen Methoden in der Fachsprachenforschung. In: HOFFMANN, Lothar; KÄLVERKÄMPER, Hartwig; WIEGAND, Herbert Ernst (Orgs.). *Fachsprachen. Ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1998a. p. 241-249.

_____. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, 2004. p. 79-90.

_____. Grundbegriffe der Fachsprachenlinguistik. In: *Germanistisches Jahrbuch für Nordeuropa*. 7. Folge. Deutsche Fachsprachen in Forschung und Lehre. Helsinki, Estocolmo, 1988a. p. 9-16.

_____. Syntaktische und morphologische Eigenschaften von Fachsprachen. In: HOFFMANN, L. et al. (Orgs.) *Fachsprachen: ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft*. Walter de Gruyter, 1998b. p. 416-427.

_____. *Vom Fachwort zum Fachtext: Beiträge zur Angewandten Linguistik*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1988b.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

PEARSON, Jennifer. Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados? *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, out-dez, 2004, p. 51-66.

_____. *Terms in Context*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1998.

TRIMBLE, L. *English for Science and Technology: a discourse approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

NEOLOGIA E TERMINOCRIATIVIDADE EM TRADUÇÃO TÉCNICA NA LÍNGUA PORTUGUESA

Luís Cavaco-Cruz

RESUMO: A tradução técnica, enquanto ator primordial nas sociedades altamente especializadas, faz recurso constante da ciência terminológica, especialmente através de processos neológicos e terminocriativos. No entanto, a neologia e a terminologia têm-se mantido enraizados no hermetismo académico, que poucas orientações providencia àqueles que mais delas precisam, nomeadamente os tradutores, os técnicos e engenheiros, e todos aqueles que quotidianamente necessitam de criar termos novos oriundos dos avanços conceptuais produzidos pela inovação tecnológica e industrial. Assim, este artigo apresentará não só noções fundamentais acerca de terminologia, mas falará também da prática terminológica, do trabalho do terminólogo, e respetivos procedimentos metodológicos. Abordados serão ainda a extração e pesquisa terminológica, o controlo de qualidade dos resultados e as estratégias relativas aos procedimentos neológicos e terminocriativos. O artigo procurará apontar alguns caminhos e formular questões pertinentes que procurem dar resposta às necessidades contemporâneas da sociedade da informação.

PALAVRAS-CHAVE: neologia, terminocriatividade e tradução técnica.

ABSTRACT: Technical translation, while a primary actor in highly specialized societies, constantly makes resource of terminological science, especially through neological and terminological creativity processes. However, neology and terminology have remained rooted in hermetic academicism that few guidelines provides to those who need them most: Translators, technical personnel and engineers, and all of those who need to creating new terms on a daily basis, terms which are a consequence from the conceptual advances produced by technological and industrial innovation. Thus, this article will present not only fundamental concepts about terminology, as it will also speak of terminological practice, and of the terminologist work, and relevant terminology methodological procedures. It will also be addressed terminological extraction and

research, quality control of the results and strategies relating to neological and terminological creativity procedures. The article will point out a few pathways and formulate relevant questions that seek to respond to contemporary needs of the information society.

KEYWORDS:: neology; creativity, terminology; technical translation

1. Introdução

A tradução técnica, como qualquer outra profissão de profunda independência, intelectualidade, rigor e seriedade, é uma atividade altamente especializada e como tal deve ser encarada por todos os intervenientes neste processo.

Esta atividade requer do linguista profissional, enquanto tradutor técnico, uma grande polivalência de conhecimentos e um leque alargado de competências que são fulcrais à comunicação empresarial, industrial e tecnológica por todo o mundo.

Felizmente, têm ocorrido nas duas últimas décadas grandes mudanças, no plano nacional e internacional, em termos de normas reguladoras da qualidade dos serviços de tradução. Contudo, ao nível da terminologia, o debate académico sobre a teorização neológica e terminológica mantém-se inflamado, deixando, contudo, de fora, os utilizadores finais por excelência do processo neológico: os tradutores, engenheiros e todos aqueles que lidam com a evolução

e desenvolvimento dos processos tecnológicos, industriais e, sobretudo, tradutórios. É especialmente com todos esses em mente e com a sua necessidade de estruturação terminocriativa que aqui discorremos neste artigo.

2. O que é a terminologia?

Podemos descrever sucintamente a terminologia como um vocabulário especializado de palavras, termos e frases que são utilizados numa indústria, organização ou área científica específicos. Uma terminologia pode ser interlíngua (isto é, bilingue ou multilingue) ou intralíngua (como o nome indica, dentro da mesma língua). Contudo, a terminologia é também um conjunto de termos que representa não só um sistema de

conceitos acerca de um assunto ou do-mínio temático específicos, mas representa também a própria ciência que estuda estes ter-mos¹.

A idade moderna, através da sua imensa especialização, por um lado, e dos seus crescentes aspetos interdisciplinares, por outro, gerou problemas crescentes na comunicação, dando, contudo, especial relevância à terminologia para que esta tente resolvê-los. Adicionalmente, a existência de numerosas bases de dados e de sistemas informáticos e multimédia cada vez mais complexos e de vários tipos significa que é imperativa a utilização de boas terminolo-gias se queremos que estas tecnologias funcionem eficientemente.

Os princípios e métodos terminológicos podem, em suma, servir de base a diferentes tipos de atividades, desde a classificação ao ensino e à indexação, bem como a exibição de pontos de vista diferentes em relação aos conteúdos de vários conceitos e às suas inter-relações num qualquer domínio temático.

Primeiramente, a pesquisa terminológica propõe-se identificar os termos que comunicam conhecimentos especializados — ainda que esta “especialização” tenha já transbordado para a vida quotidiana das pessoas. A função principal destes conhecimentos especializados con-siste em transmiti-los eficazmente e autenticá-los através do uso terminológico.

Na verdade, o princípio fundamental da terminologia é a pertinência dos termos relativamen-te às áreas temáticas, estruturadas em sistemas de classificação de conhecimentos especiali-zados. Cada especialidade apresenta um sistema de áreas estruturadas em árvore, as quais devem evidentemente figurar em qualquer acervo terminológico coerente.

Os sistemas de classificação documental, as enciclopédias, os manuais e as bases de dados destinadas a transferir conhecimentos oferecem ao tradutor / terminólogo as balizas necessá-rias para estabelecer ou adotar um sistema de classificação para a área de especialização na qual efetuará a pesquisa terminológica.

Os sistemas de classificação evoluem e refletem os progressos que se têm produzido em cada área de especialização. Esta evolução pode

¹ (Lervad, 1999).

proporcionar o surgimento de novas disciplinas, a migração de conceitos entre disciplinas, ou mesmo o desaparecimento, a fusão ou diferenciação de determinados conceitos e/ou designações.

Outro princípio fundamental na classificação das áreas temáticas é a diferença entre área primária e área de aplicação. Os conceitos de uma especialidade podem ser aplicados a várias disciplinas, sem que isso implique que deixem de pertencer à área primária. Por exemplo, a mecânica de motores aplicada à indústria pesqueira não implica necessariamente que a terminologia da mecânica de motores se altere.

Concomitantemente a isto, um certo “conservadorismo codicológico” tem dado primazia a alguns tipos de documentação em detrimento de outros. Assim, têm-se preferido as obras na língua original às suas traduções, assim como se preferem as enciclopédias e outras obras pedagógicas amplamente reconhecidas ou recomendadas pelos especialistas aos prospectos e folhetos publicitários ou informativos. Dá-se também prioridade às publicações especializadas, em vez das revistas de divulgação. A Internet, por seu lado, oferece um amplo leque de fontes documentais que poderão ser efémeras e de valor discutível, pelo que se deverá ter alguns cuidados de seleção ao utilizar materiais da Web.

Enquanto ciência, a terminologia designa uma disciplina linguística consagrada ao estudo dos conceitos e dos termos utilizados nas “línguas de especialidade” – que não são fáceis de delimitar.

Tradicionalmente – isto é, num mundo não-tecnológico – a “língua comum” seria aquela que utilizamos no dia-a-dia, ao passo que a “língua de especialidade” seria a utilizada para proporcionar uma comunicação “sem ambiguidade” em determinadas áreas do conhecimento ou da prática profissional, com base num vocabulário e em usos linguísticos específicos desse campo.

Contudo, como sabemos, as pessoas utilizam quotidianamente quer uma quer outra (língua comum e de especialidade) ao utilizarem coisas, utensílios, ferramentas, veículos, de forma comum e despreocupada, uma vez que o léxico do quotidiano está impregnado de terminologia técnica. No mundo tecnológico de hoje já não se pode desenlear um do outro, não sem algum esforço.

Impõe-se então que, nos dias de hoje, abordemos o conceito de terminologia no seu todo, para além do domínio do conhecimento que representa, e vejamos as suas implicações práticas ao nível económico, científico e social.

Para que o possamos fazer, teremos de saber o que é e para que serve a terminologia. Começemos por algumas definições.

Segundo Correia², termos são, antes de mais, unidades lexicais que assumem significados específicos quando usadas em discurso especializado, significados esses que lhes permitem denominar conceitos científicos e técnicos.

Convém, contudo, precisar, tal como Contente³, que a unidade terminológica é uma unidade lexical, mas nem todas as unidades lexicais são unidades terminológicas. Para que uma unidade lexical seja considerada uma unidade terminológica é necessário que esta unidade faça parte de um sistema de conceitos.

Este sistema de conceitos, continua a autora⁴, ao citar Rondeau, constitui-se em cinco características fundamentais do termo:

- 1) o termo distingue-se pela sua extensão semântica e define-se sobretudo em relação ao significado, mais do que ao significante;
- 2) a significação do termo define-se relativamente ao conjunto de significações dos termos que pertencem ao mesmo domínio; um termo não pode ser considerado isoladamente, ele está sempre dependente de um conjunto semântico a que pertence, ou de uma disciplina ou de uma ciência;
- 3) um termo corresponde, teoricamente, apenas a um conceito. Esta característica do termo baseia-se num postulado da terminologia, isto é, a relação da univocidade entre denominação e conceito;
- 4) os termos possuem processos próprios de terminogénese, a qual estudaremos no próximo subcapítulo;
- 5) a homonímia não constitui ambiguidade, uma vez que o termo pertence a um grupo semântico específico; deste modo, no plano do discurso, um termo constitui uma relação denominação-noção

² (Correia, 2005:1).

³ (Contente 2008:36).

⁴ (Contente 2008:35-36).

que é atualizada pelo contexto e, no plano lógico, encontra-se numa estrutura hierárquica nocio-nal pertencente a um determinado domínio.

Rondeau, através de Contente, esquematiza bem a definição de termo:

$$T \text{ (termo)} = \frac{D \text{ (denominação)}}{N \text{ (noção)}} = \frac{\text{significante}}{\text{significado}}$$

Ilustração 1: Imagem esquemática da definição de termo, segundo Rondeau. Gráfico do Autor, a partir de Contente (2008)⁵

Por isto, um termo define-se como tal pelo contexto de utilização no discurso especializado, diferenciando-se da unidade lexical homónima, do discurso corrente, através do contexto semântico de especialidade.

Ex.:

- rato – unidade lexical, substantivo masculino; contexto: mundo animal, mamífero roe-dor.
- rato – termo informático, substantivo masculino; contexto: tecnologias da informação, acessório periférico (em Português Europeu, ou PE; em Português Brasileiro, ou PB, de-signa-se por mouse)

Teresa Cabré⁶, por seu lado, apresenta-nos as premissas para a elaboração teórica do conceito do termo, que passamos a sumariar:

- A terminologia é um domínio do conhecimento interdisciplinar, e deve integrar os aspe-tos cognitivos, linguísticos, semióticos e comunicativos das unidades terminológicas.

⁵ (Contente, 2008:36).

⁶ (Contente, 2008:43-44).

- A terminologia tem os termos por objeto e por isso é, unicamente, uma teoria dos termos e não uma teoria da terminologia.
- As unidades que veiculam o conhecimento especializado denominam-se unidades terminológicas ou termos. Estas unidades têm um carácter linguístico e surgem no seio de uma língua natural.
- Estas unidades são ao mesmo tempo semelhantes e diferentes das unidades lexicais de uma língua, denominadas ‘palavras’ para a lexicologia. A sua especificidade reside na sua significação e no seu aspeto pragmático.

Consequentemente, a teoria terminológica apresenta, hoje, resumidamente, os seguintes princípios:

- Trata-se de uma teoria que faz o tratamento multidimensional dos termos.
- O objeto termo é uma unidade com três aspetos: semiótico-linguístico, cognitivo e comunicativo.
- Os termos são unidades recursivas e dinâmicas que podem mudar de um domínio de especialidade para outro. Tais fenómenos justificam a polissemia, a sinonímia e a homonímia.
- As unidades terminológicas têm as mesmas características formais das unidades lexicais.
- As unidades de base encontram-se associadas a um grande número de informações gramaticais, pragmáticas e enciclopédicas. O valor pragmático está ligado aos traços da significação.
- O objetivo da teoria dos termos é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades de valor terminológico sobre um determinado assunto e estabelecer as suas características.
- A teoria dos termos é essencialmente descritiva, e dá-nos conta das diferenças e semelhanças linguísticas, semióticas, cognitivas e comunicativas entre termo e unidade lexical. Da neologia terminológica falaremos no próximo subcapítulo.

Há, contudo, que ter em conta que muitos termos de especialidade – como é o caso das tecnologias da informação, que é a área tecnológica que mais terminologia produz nos dias de hoje – surgem frequentemente de entre os seus utilizadores, como é o exemplo do verbo inglês “to

google”, que se traduziria como o verbo “googlar” em português. Vejamos a entrada num dicionário online⁷:

google v. [common] To search the Web using the Google search engine, ‘www.google.com’.

Mais curiosa é a etiqueta que o verbete contém, [common], que significa “palavra de ocorrência comum”, e que desafia, de alguma maneira, o senso de delimitação da “comunicação de especialidade”, delimitação que, como afirmado anteriormente, se esbate inversamente ao avanço e popularização da tecnologia.

Resta-nos então perguntarmo-nos: para que serve a terminologia e quais são as suas aplicações práticas?

3. A prática da terminologia

Num mundo analógico, o conceito de “terminologia” era efetivamente muito mais estanque e delimitado, muito mais votado aos ditames dos especialistas e dos linguistas. O Webster's Revised Unabridged Dictionary⁸ (edições de 1913 e 1828) diz-nos que “terminologia” é

- 1.The doctrine of terms; a theory of terms or appellations; a treatise on terms.
- 2.The terms actually used in any business, art, science, or the like; nomenclature; technical terms; as, the terminology of chemistry.
- 3.In natural history, that branch of the science which explains all the terms used in the description of natural objects.

Podemos verificar que as definições de então se aproximam bastante da doutrina atual, ainda que não utilizem a nomenclatura contemporânea em uso na linguística ou nos estudos sobre terminologia, quer ingleses quer portugueses.

⁷ (dictionary.die.net, 2012).

⁸ (Webster's Revised Unabridged Dictionary).

Vejam agora como surge o verbete “terminology” no Computer Desktop Encyclopedia⁹, um dicionário terminológico da era digital:

terminology

The terminology used in the computer and telecommunications field adds tremendous confusion not only for the lay person, but for the technicians themselves. What many do not realize is that terms are made up by anybody and everybody in a nonchalant, casual manner without any regard or understanding of their ultimate ramifications. Programmers come up with error messages that make sense to them at the moment and never give a thought that people actually have to read them when something goes wrong. In addition, marketing people turn everything upside down, naming things based on how high-tech and sexy they sound. And, the worst of all is naming specific technologies with generic words.

Este é um excelente retrato do que se passa na Internet no respeitante ao uso da terminologia, e que evidencia a questão da fragilidade e volatilidade da terminologia na era digital, e da necessidade premente de ordem e de difusão da documentação regulamentar existente que possa estar disponível a todos os interessados.

Exemplos deste caos são as práticas comuns e quotidianas de má gestão terminológica devido à falta de informação junto dos utilizadores e dos criadores de terminologia especializada, ou simplesmente devido a pura ignorância destes relativamente aos mecanismos e estratégias neológicas, geralmente apenas acessíveis no universo universitário.

Creio que é importante salientar que existe a absoluta necessidade de levar os ensinamentos e as técnicas da neologia e da gestão terminológica – ainda que a um nível bastante essencial – para junto daqueles que delas necessitam na sua tarefa quotidiana de nomear coisas novas, tais como

- gestores de produto que necessitam de nomear novos produtos em vernáculo ou fruto de tradução;

⁹ (Answers Corporation, 2012).

- engenheiros e técnicos especializados que investigam e criam novos produtos;
- gestores de empresas e especialistas de marketing que criam e recriam novos conceitos e novos serviços;
- agências de tradução e tradutores freelance a quem falta a formação terminológica específica e que têm a necessidade diária de materiais de referência.

Com efeito, se muita da neologia terminológica existente se apresenta caótica — daí a necessidade da filtragem através dos estudos terminológicos e linguísticos — esta realidade espelha a rapidez com que os termos emergem no tecido social e empresarial dos dias de hoje.

Sabemos, pois, que um termo, ou unidade terminológica, é a etiqueta de um conceito num diagrama conceptual.

Esta unidade terminológica pode ser

- uma palavra,
- um sintagma,
- um símbolo,
- uma fórmula química ou matemática,
- um nome científico em latim,
- um acrónimo,
- uma sigla, ou
- a denominação ou o título oficial de um cargo, organismo ou entidade administrativa.

Um termo ou unidade terminológica numa língua de especialidade distingue-se duma palavra da linguagem comum pela sua relação unívoca com o conceito especializado que designa (a monossemita) e pela estabilidade dessa relação entre a forma e o conteúdo em textos que tratam desse conceito (a lexicalização). Posteriormente, é a frequência de utilização e o ambiente contextual (coocorrência) relativamente fixo, assim como os indicadores tipográficos (itálico, negrito, aspas, etc.) que explicitam a situação do termo.

Os conceitos próprios de uma especialidade são representações mentais que ajudam a estruturar os objetos no mundo real. Esses objetos podem ser

- entidades físicas ou abstratas (p. ex., computador, segurança);
- propriedades (p. ex., portátil, violento);
- relações (p. ex., equivalência, anterioridade, hierarquia); e
- funções ou atividades (p. ex., fricção, processo, resistência dos materiais).

Cada termo que designe um conceito está, numa qualquer língua de especialidade, em relação de monosemia com esse conceito, isto é, cada termo designa unicamente um conceito. Este facto não impede a utilização de homónimos para designar outros conceitos em diferentes áreas temáticas.

A relação monossémica conceito—termo implica o princípio uninocional, segundo o qual o terminólogo deve tratar um único conceito de cada vez, quer em cada ficha terminológica unilingue ou multilingue, quer em cada entrada de um vocabulário especializado. Trata-se exatamente do fenómeno contrário ao princípio polissémico aplicável aos dicionários gerais, nos quais cada entrada lexicográfica é composta por uma série de aceções, cada uma dando notícia de um conceito diferente.

Como vimos através das definições dos especialistas, devem-se respeitar os seguintes princípios ao redigir definições terminológicas:

- previsibilidade: a definição insere o conceito num diagrama conceptual;
- simplicidade: a definição é concisa e clara, e deve ser constituída pelo mínimo de palavras possível;
- enunciado afirmativo: a frase diz o que é o conceito, não o que ele não é;
- ausência de circularidade: a definição não deve remeter para uma outra definição que, por sua vez, remete de volta à primeira;
- inexistência de tautologia: a definição não se deve centrar na repetição do termo, mas deverá ser uma descrição dos traços semânticos do conceito.

Tendo por base estes princípios ao redigir uma definição, o terminólogo deve seleccionar:

- as características distintivas que permitem identificar o conceito – por exemplo, o géne-ro mais próximo e a diferença específica;
- tipo de definição que melhor se adapta ao perfil dos utilizadores, aos quais se destina o produto terminológico, quer respeitando as suas necessidades de comunicação quer res-peitando o seu nível de conhecimentos. Por exemplo, uma definição analítica que menci-ona os traços intrínsecos do conceito (tais como a natureza, o material ou o tema de que trata) pode ser preferível a uma definição descritiva que enuncia os traços extrínsecos (como a função ou modo de operação, origem, destino e referente); pode ser preferível uma definição através da descrição de uma ação que enumera as partes de um objeto a uma definição por paráfrase sinonímica;
- guia de estilos estabelecido para redigir as definições de todas as fichas que pertencem a uma determinada base de dados terminológicos – por exemplo, se as definições devem ou não começar com um artigo definido ou indefinido;
- a palavra inicial com que vai começar o enunciado – por exemplo, o termo que designa o conceito superordenado;
- a fórmula preferida para a categoria de conceitos em questão – por exemplo, a definição dos conceitos de estado poderá começar pela fórmula “Aplica-se a...”, “Condição de...”; a dos conceitos de ação por “Ação de...”, “Arte de...”, “Técnica de...”; enquanto a fór-mula dos conceitos adjetivais pode começar por “Qualifica...”, “De...”, “Relativo a...”, “Diz-se de...”, “Aplica-se a...”.

Note-se que a despeito do ideal declarado de monosse-mia, a língua de especialidade é consti-tuída por um conjunto de convenções sociais e, por isso, está em constante evolução. Em consequência, as línguas de especialidade apresentam variantes linguísticas, da mesma ma-neira que a língua geral.

Ao redigir uma ficha terminológica ou ao atualizar o conteúdo de uma base de dados termi-nológicos, o terminólogo deve distinguir os sinónimos que designam um conceito em função da sua real utilização. Um termo, por exemplo,

- pode ser uma designação científica ou técnica, ou
- pode pertencer a um vocabulário técnico;
- pode estar registado de forma correta ou incorreta, ou
- pode ser um termo universal, comum, oficial, ou meramente utilizado numa determinada região geográfica;
- pode ser um neologismo consensualmente aprovado ou criticado;
- pode ainda ser um termo pouco utilizado, ou desatualizado, banido, padronizado ou adaptado.

O terminólogo deverá ajudar sempre o utilizador a empregar a terminologia correta através de marcas de utilização, explicando e ilustrando a utilização através de comentários e notas ou exemplos de utilização, e corroborando a informação fornecida pelas referências exatas e creíveis, extraídas das fontes de informação consultadas.

As principais marcas de utilização (variantes de registo) passíveis de serem encontradas em bases de dados terminológicos agrupam-se em cinco categorias:

1. marcas sociolinguísticas – termo de uso corrente, uso técnico ou vocabulário especializado; termo padronizado ou adaptado; exemplo: Polineuropatia Amiloidótica Familiar (termo técnico de patologia médica) ou “doença dos pezinhos” (termo popular).
2. marcas geográficas – termo específico a um país ou região; exemplo: parotidite epidémica (termo técnico de patologia médica); papeira (Portugal e Norte do Brasil); caxumba (Sul do Brasil).¹⁰
3. marcas temporais – termo arcaico, antiquado ou neologismo; forma que se afigura como preferida no processo de variação e de mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante algum tempo, até que uma se fixe como forma preferida¹¹ – exemplo: macrogâmeta (BIOLOGIA, óvulo dos animais e oosfera dos vegetais) > gâmeta feminino; e microgâmeta (BIOLOGIA, o menor dos gâmetas numa reprodução anisogâmica) > gâmeta masculino.
4. marcas profissionais ou de concorrência – sinónimos preferidos em certas áreas ou por determinadas companhias, por razões de originalidade em face à concorrência comercial;
5. marcas de frequência – termo frequente ou pouco frequente.

¹⁰ (Faultstich).

¹¹ (ibid.).

Na linguagem literária e na linguagem mediática, nas quais predomina a função poética, va-loriza-se acima de tudo a novidade do conteúdo e a polissemia da expressão. Por outro lado, as línguas de especialidade respondem à necessidade de partilhar conhecimentos especializa-dos à escala global, caracterizando-se por uma função cognitiva ou referencial que privilegia a monossemia e a uniformidade dos conteúdos e da expressão. Em terminologia, o princípio da uniformidade semântica é primordial relativamente ao da originalidade formal.

Um último elemento diferenciador do termo é o conjunto – muito mais limitado comparati-vamente ao léxico comum – de estruturas morfológicas e lexicais: a terminologia, bem co-mo a neonomia, restringe-se aos itens lexicais e não aos gramaticais: substantivos (simples, derivados ou compostos), verbos, sintagmas nominais, adjetivais ou verbais.

É imprescindível ao terminólogo possuir um bom conhecimento destas estruturas e das re-gras neonomias, não só para identificar as unidades terminológicas durante a extração termi-nológica, mas também para criar e propor novos termos ou neologismos de forma a preen-cher as lacunas existentes na designação de novos conceitos, e garantir a utilização correta e uniforme dos termos atestados.

Nunca será demais salientar que a terminologia existe por causa das empresas e das ciências. Vivemos numa realidade mercantilista e economicista das sociedades, e são os vários setores económicos – aliados cada vez mais à ciência e à educação – que fazem progredir a comunicações ao nível global, e com ela, a criação de terminologias.

O crescimento da globalização e da internacionalização quer ao nível económico quer social são o motor de um tipo de desenvolvimento económico-filosófico que transformou e trans-forma continuamente as empresas, instituições, e organizações nacionais e regionais, através de novos desafios em que a tradução e a terminologia desempenham papéis fundamentais.

O gigante informático IBM¹² tem um excelente artigo de forma a ajudar os seus clientes no processo de globalização, onde diz o seguinte:

¹² (IBM, 2007).

Early and efficient globalization involvement is the key to success in globally emerging, on demand businesses. The international economy brings investment opportunities for emerging markets [...]. It is critical to fulfill globalization requirements earlier to continuously reduce risks such as late major code changes or schedule delays for iterative and incremental development.

Globalization is not just a matter of translating an English version of a product. In fact, globalization needs to extend into the areas of architecture and requirements gathering. Although late changes are possible in iterative development, the critical globalization architecture issues have to be addressed as early as possible so that overall cost can be saved, software quality to global customers can be assured, and software can be delivered more rapidly and effectively.

Como se lê neste excerto da IBM, a globalização é uma estratégia multifacetada, onde a tradução – e muitas outras atividades pertencentes à localização e à gestão de comunicação e conteúdos, onde se inclui a terminologia – constitui um elemento fundamental desse processo. A IBM tem ainda um sítio Web especialmente dedicado à globalização, chamado IBM Globalization – Globalize your business¹³, cuja consulta seria útil a formandos de tradução.

Em suma, o uso de uma terminologia adequada é o sustentáculo de uma imagem de marca empresarial e proporciona produtos

- fáceis de usar,
- mais fáceis de traduzir e
- mais fáceis de se adaptarem aos mercados globais.

No mundo moderno predominam os conteúdos online e a globalização empresarial, o que faz com que a terminologia específica de uma empresa – isto é, os seus termos técnicos, os seus nomes de marca, as suas marcas registadas, etc. – se torne cada vez mais importante para garantir a consistência empresarial em várias línguas e para comunicar eficazmente com os clientes em todo o mundo.

¹³ (IBM, 2012).

A terminologia é pois um componente fundamental da gestão global de conteúdos e da co-municação eficaz com clientes globais. Uma boa gestão terminológica pode ter muitos benefícios interna e externamente, quer para as empresas, quer para as marcas, quer para os clientes, incluindo:

- **melhor comunicação e melhores conteúdos** – a utilização de uma terminologia aprovada mantém a coerência em todas as comunicações, internas e externas, e elimina erros de conteúdo;
- **rápida colocação no mercado de conteúdos globais** – permitindo uma rápida criação de conteúdos em várias línguas e canais de distribuição para uma resposta rápida a novos mercados;
- **redução dos custos de tradução** – uma terminologia precisa e aprovada reduz o tempo de tradução e de revisão;
- **consistência da marca** – através de uma terminologia consistente em todos os mercados.

Com efeito, é necessário reconhecer a importância da terminologia fora do contexto do processo da tradução. A gestão da terminologia é, na verdade, um elemento intrínseco à gestão do conhecimento, quer interno, quer externo; para além disso, a terminologia está presente em todos os estádios do ciclo de vida da criação de conteúdos.

Se pensarmos na criação de conteúdos como sendo uma “linha de montagem”, as empresas globais podem não fabricar a mesma coisa nem terem um organigrama semelhante, mas partilham algo que é fundamental: cada departamento cria um tipo de conteúdos diferente e con-comitante aos conteúdos dos outros departamentos – nos quais se incluem os departamentos de recursos humanos, engenharia e projeto, controlo de qualidade, vendas, marketing, atendimento ao cliente, escrita técnica, etc. Cada um destes departamentos serve-se de um processo semelhante para produzir os respetivos conteúdos:

- **criar** – escrever o conteúdo.
- **armazenar e gerir** – utilizar um sistema de gestão de conteúdos ou outro sistema de armazenamento interno.
- **traduzir / localizar** – preparar as informações para um mercado estrangeiro específico.

- **publicar** – disponibilizar a informação através de uma variedade de pontos de contacto com os recetores / clientes, onde se podem incluir os sítios Web, as redes sociais, o email, o telemóvel e os materiais impressos.

Assim que a informação é criada por um departamento, passa para o departamento seguinte como material de referência, por exemplo:

1. O departamento de desenvolvimento de produtos e projetos disponibiliza vários conteúdos, tais como um documento de especificações de um dado produto, ao departamento de escrita técnica.
2. A partir deste documento, o departamento de escrita técnica cria novos conteúdos, por exemplo, um guia do utilizador.
3. O guia do utilizador é então utilizado pelo departamento de marketing para criar um folheto promocional do produto e assim por diante.

Esta abordagem de "conteúdos em linha de montagem" é utilizada por muitas organizações internacionais, e apesar da sua natureza prática, é a razão pela qual as inconsistências se podem facilmente propagar. Tal deve-se ao facto de não haver apenas um departamento responsável pela produção da informação dentro de cada organização. Basta que haja um erro terminológico num destes departamentos, a montante, para que esse erro se propague facilmente, a jusante, na estrutura da empresa.

É devido a estes problemas organizativos que devem ser implementados sistemas centralizados de atestação terminológica – quer interna, quer externamente à empresa – de forma a tornar coerentes e coesas quaisquer estratégias terminológicas de cada empresa de alcance internacional.

A gestão terminológica implica ter de reunir todos os termos importantes em cada organização e consolidar o conhecimento e a informação que existir dentro de cada uma delas para criar uma compilação ou corpus terminológico.

Os principais intervenientes – tais como criadores de conteúdos, tradutores ou especialistas de marketing – devem-se reunir para decidir acerca da terminologia mais importante para cada empresa. Dever-se-á ter em conta o impacto da terminologia escolhida noutras línguas de

chegada, pelo que o plurilinguismo deverá ser um fator preponderante na escolha terminológica.

Assim que a terminologia esteja identificada, precisará de ser gerida e armazenada centralmente através de uma base de dados terminológicos. Esta situação facilitará o acesso à terminologia e a outros conteúdos por todos os intervenientes criativos e/ou responsáveis departamentais dentro de cada organização, permitindo a partilha do conhecimento e do vocabulário comum da empresa.

A disponibilização desta terminologia aos criadores de conteúdos, tais como escritores técnicos, especialistas, gestores de projeto, tradutores e profissionais de marketing, ajuda a assegurar a coerência da terminologia em todos os conteúdos, e também em várias línguas.

4. O trabalho do terminólogo

De forma a realizar uma investigação contínua e apurada que permita a atualização de quais-quer acervos ou bases de dados terminológicos, o terminólogo deve seguir a evolução do conhecimento numa determinada área de especialização e manter-se atualizado com as novidades que surgem e com as consequências destas no discurso especializado – por exemplo, no que toca à terminologia sincrónica e diacrónica no âmbito do armazenamento de dados informáticos, desde os sistemas internos (disco duro), aos amovíveis (cartão perfurado > disquete > fita magnética > CD ROM / DVD / BluRay > memórias flash), aos externos (discos externos > redes RAID > data centers) ou em nuvem (também chamado de cloud, ou redes virtuais, através da Web).

Os terminólogos que se iniciam na profissão podem obter os conhecimentos necessários numa determinada área de especialização através do estudo exaustivo de documentação especializada existente, da participação em fóruns de debate e redes de especialistas, e através da sua constante atualização acerca dos temas de trabalho. Esta atualização poderá ainda ser feita através da participação em seminários, ateliês, colóquios, conferências e exposições que tratem da sua área de interesse ou especialização.

Os conhecimentos adquiridos ajudarão o terminólogo quando este necessite de identificar a terminologia necessária. Para além disso, estes

conhecimentos são uma ferramenta indispensável ao reconhecimento de novas terminologias, nas quais abundam os neónimos, os quais constituem uma parte significativa do seu trabalho.

Podemos distinguir duas categorias de terminólogos no que toca à forma de exercício da pro-fissão: aqueles que são empregados por conta de outrem, e aqueles que operam enquanto prestadores de serviços independentes (ou freelance). O trabalho freelance está em franca expansão de forma a suprir as novas necessidades de subcontratação (outsourcing) das em-presas e das instituições.

Os terminólogos atuais são, por natureza, exímios utilizadores das tecnologias da informa-ção; demonstram atenção ao detalhe e aplicam-se na realização de pesquisas minuciosas. A sua curiosidade intelectual é dinâmica por natureza e possuem uma aptidão quase ingénita para sintetizar informações.

Devido à sua experiência nas relações profissionais com especialistas, os terminólogos de-sempenham frequentemente um papel consultivo na gestão de projetos das suas áreas de es-pecialização.

O trabalho do terminólogo é variado e implica uma série de atividades importantes. Os ter-minólogos...

- estabelecem os termos específicos de uma área de especialização, definem-nos e traba-lham de forma a encontrar os equivalentes noutra língua, quando se tratam de terminolo-gias multilingues;
- definem os termos, bases de dados terminológicos, glossários e dicionários a utilizar pelas empresas para fins de normalização e padronização;
- trabalham com escritores, investigadores e especialistas e são frequentemente chamados a colaborar com departamentos de controlo de qualidade.

5. Procedimentos metodológicos

Em terminologia, a metodologia de trabalho constitui-se num conjunto de técnicas e de pro-cedimentos adotados para alcançar um objetivo específico tendo em conta o tipo de produto ou de serviço, os recursos

disponíveis, o cumprimento das expectativas do cliente e a entrega do projeto na data estabelecida.

A abordagem metodológica pode ser adaptada durante a realização do trabalho, mas é fundamental defini-la antes de o mesmo ser iniciado.

O terminólogo deve conhecer as melhores e mais fidedignas fontes documentais existentes em cada uma das suas áreas de especialização e avaliá-las por categoria de referência (aqui listadas por ordem alfabética):

- atas de congressos e colóquios;
- bases de dados documentais, terminológicas e linguísticas;
- dicionários;
- enciclopédias;
- folhetos publicitários;
- manuais universitários e técnicos;
- monografias;
- prospectos;
- publicações especializadas e de divulgação;
- sítios da Internet de fornecedores de conteúdos; e
- vocabulários.

Para facilitar a obtenção deste tipo de conhecimento, o terminólogo poderá ter de consultar documentalistas e outros especialistas e participar em fóruns ou grupos de discussão especializados quer pessoalmente, quer através da Internet.

De forma geral, o quadro metodológico das principais etapas do trabalho terminológico deve-rá depender, primeiramente, da identificação e avaliação do material existente.

A base de dados terminológicos já existe?

Neste caso, o terminólogo deve familiarizar-se antecipadamente com as fontes terminológicas utilizadas em cada projeto de forma a efetuar uma avaliação qualitativa, avaliar da sua atualização, e proceder à sua eventual retificação.

As fontes terminológicas podem ser manuais procedimentais ou descritivos, publicações de empresas, ou documentos de ordem legislativa, regulamentar, ou terminológica.

Antes mesmo de efetuar a avaliação, e concomitantemente à leitura da documentação, poder-se-á consultar outros intervenientes previamente envolvidos, tais como

- documentalistas;
- outros terminólogos e lexicógrafos;
- autores e escritores técnicos;
- peritos das áreas de especialização abrangidas; ou
- gestores, clientes e utilizadores da base de dados terminológicos em análise.

É necessário criar uma nova base de dados terminológicos?

Nesta situação, o terminólogo deve preparar um repertório das fontes para a extração de termos, começando pelos documentos oficiais e publicações em circulação — quer na empresa, quer no mercado da área de especialização — bases de dados terminológicos e arquivos existentes, dicionários, obras terminológicas ou bibliografias que tratem da mesma área de especialização.

O repertório deverá então ser informatizado e a inserção de dados deverá ser feita através de etiquetagem (tagging). As etiquetas deverão ser codificadas para que possam ser utilizadas durante a inserção dos dados e ser reconhecidas ou decodificadas pelos clientes / utilizadores durante o acesso à informação.

6. Extração e pesquisa terminológica

6.1. Processamento de fontes documentais

As fontes documentais, de onde se extrairá a terminologia, deverão...

- ser classificadas de acordo com um sistema de codificação válido e consistente relativamente a toda a base de dados terminológicos;

- ser mencionadas no campo reservado às fontes na ficha terminológica, de acordo com as regras de escrita estabelecidas;
- ser utilizadas para atestar as citações ou para se referir às obras consultadas, de acordo com os regulamentos vigentes do direito de autor;
- ser digitalizadas para consulta eletrónica ou estar disponíveis para consulta em formato impresso;
- ser geridas de acordo com os conteúdos terminológicos da área de especialização, da sua utilização linguística e das necessidades dos utilizadores.

O terminólogo, enquanto fornecedor de conteúdos ao cliente, deverá ser responsável pela sua área de especialização e pela gestão da sua secção ou da totalidade da base de dados terminológicos.

6.2. Extração terminológica manual

A recolha manual de termos pressupõe a leitura minuciosa e criteriosa dos documentos selecionados e consequente anotação de comentários, após a consulta a documentalistas e a especialistas de uma área de especialização.

Os resultados servirão para a criação de diagramas conceptuais, através dos quais se produz a nomenclatura dos conceitos a definir. A anotação de comentários consiste na delimitação das unidades terminológicas identificadas durante a leitura e na marcação dos fragmentos de texto que oferecem a informação relevante acerca dos conceitos que serão definidos.

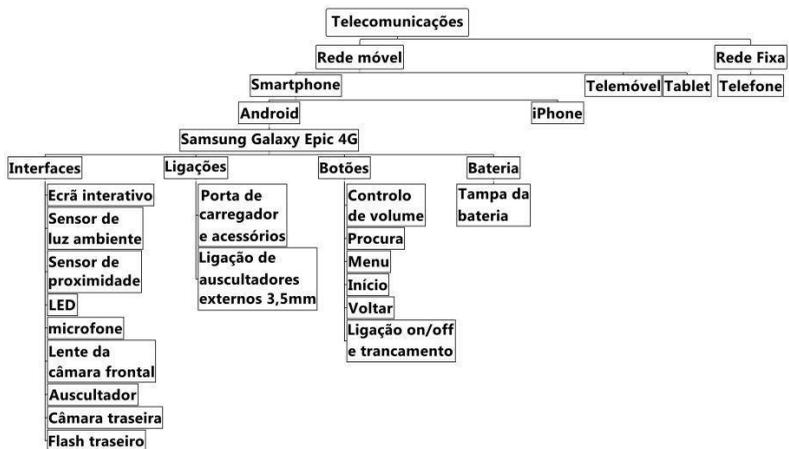


Ilustração 2: Exemplo de um diagrama conceptual. Gráfico do Autor.

Depois do texto ter sido marcado e anotado, transferem-se os termos e os contextos para dos-siers terminológicos uninocionais (isto é, coleções de termos de valor monossémico) que serão utilizados para seleccionar a informação mais pertinente no registo de fichas terminológicas, quer sejam elas em formato eletrónico ou em papel.

6.3. Extração terminológica automatizada

Tendo em consideração o ritmo crescente a que na atualidade se produz informação, as reco-lhas terminológicas em larga escala são cada vez mais necessárias para constituir e atualizar bases de dados terminológicos, o que torna imperiosa a utilização de ferramentas informatizadas.

De forma a documentar os termos, deverão ser efetuados a identificação e o reordenamento da informação pertinente através de ferramentas informatizadas. Uma maneira prática de o fazer consiste em efetuar uma pesquisa dos termos que designam um conceito quer através do acervo documental quer através da Internet.

Tendo por base um determinado tópico de pesquisa, o terminólogo pode utilizar estas ferramen-tas para

- desenvolver pesquisas documentais e realizar leituras preliminares;

- criar corpora textuais nas línguas de partida e de chegada;
- delimitar áreas de especialização a serem pesquisadas;
- estabelecer diagramas conceptuais e consequentes nomenclaturas relacionadas;
- consultar bases de dados terminológicos;
- analisar termos identificados no contexto;
- agrupar sinónimos, variantes e abreviaturas em fichas uninocionais;
- selecionar provas textuais necessárias à descrição de conceitos;
- elaborar definições e observações;
- ilustrar a utilização de termos no discurso especializado com o auxílio de unidades frase-ológicas;
- propor neologismos quando os termos não existirem na língua de chegada;
- informar clientes / utilizadores acerca das terminologias em construção; e
- formatar dados para a preparação de publicações e outros produtos terminológicos, tais como glossários, terminologias, vocabulários, quer empresariais, quer institucionais.

A crescente automação do trabalho terminológico é apenas um dos vários aspetos da modernização da profissão de terminólogo. Outras inovações incluem:

- ligação em rede de bases de dados terminológicos;
- criação de sites Web para o intercâmbio de informações e produtos terminológicos;
- acesso a diretórios terminológicos e a fornecedores de serviços de tradução através da Internet; e
- ação integrada entre setores de investigação terminológica de organismos nacionais e internacionais.

7. Controlo de qualidade dos resultados

Na qualidade de fornecedor de conteúdos numa língua de especialidade, o terminólogo responsável por uma determinada área de especialização deve garantir que os dados que disponibiliza aos clientes ou utilizadores das terminologias sejam coerentes, estejam atualizados e cumpram com as regras neoinmicas, terminológicas e com as normas nacionais e internacionais de controlo de qualidade.

Quer o terminólogo trabalhe sozinho ou em equipa, ou sob a supervisão de um revisor, o terminólogo deve conhecer bem as regras que regem a apresentação dos dados terminológicos com vista à sua difusão ou implementação institucional ou empresarial.

Como foi dito anteriormente, de forma a poder respeitar os critérios de garantia de qualidade – por exemplo, no que toca à norma ISO 704:2009 (Trabalho terminológico – Princípios e métodos) – o terminólogo deverá possuir um excelente domínio de

- sistemas linguísticos e das estruturas das suas línguas de trabalho;
- regras de formação lexical;
- regras gramaticais; e
- particularidades estilísticas dos diferentes registos de língua.

Faz também parte do trabalho do terminólogo a criação das fichas terminológicas, cujo conteúdo se avalia em função de critérios específicos, nomeadamente,

- a presença de uma definição dos conceitos expostos;
- a utilização uniforme dos termos que designam os conceitos;
- a utilização limitada de variantes estilísticas, ortográficas e sintáticas;
- a forma como os termos normalizados são tratados na área de especialização em questão;
- a justificação da utilização ou da criação de novos termos.

8. Neologia e terminocriatividade

Como em todas as indústrias e atividades profissionais especializadas, a terminologia requer uma constante atualização. Os processos terminocriativos têm de acompanhar a rápida evolução tecnológica e operacional do mundo contemporâneo.

Há muitas formas de entendermos os neologismos. Segundo Villalva¹⁴,

¹⁴ (Villalva, 2008:51).

independentemente do momento em que surgem, os neologismos devem ser analisados quanto à sua génese. [...] alguns são palavras inventadas ou criadas, de forma mais ou menos aleatória, a partir de palavras já existentes; outros são palavras introduzidas na língua por empréstimo a outras línguas; e outros ainda são palavras formadas a partir dos recursos morfo-lógicos disponíveis na língua.

Para Correia¹⁵, um neologismo é um item lexical que é sentido como novo pela comunidade linguística [...], [é uma unidade neológica] não registada nos dicionários representativos do estado da língua em questão [...] [e cada uma destas unidades será considerada neológica se,] cumulativamente, apresentar sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica.

Para além disso, os neologismos podem apresentar três tipos de novidade distintos¹⁶:

- **formal** (a sua forma significante é nova): quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registo de língua (ex.: derivados e compostos novos, palavras de origem estrangeira);
- **semântica**: quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova aceção;
- **pragmática**: quando a neologia resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registo para outro registo da mesma língua. A novidade pragmática implica normalmente, novidade semântica.

Porém, para percebermos a terminocriatividade no âmbito dos textos técnicos, temos de perceber claramente que estes existem com o propósito de veicular informação técnica. A informação e a comunicação técnica estão, como vimos, ligadas às várias indústrias e serviços que fazem parte da atividade económica. Entenda-se aqui “atividade económica” como todas as partes integrantes do sistema de regras e regulamentos pelos quais tudo é gerido, incluindo os sistemas de produção, distribuição

¹⁵ (Correia, 1998:62).

¹⁶ (Correia, 1998:63).

e consumo e a gestão dos assuntos internos e domésticos; isto é, a vida quotidiana especializada, tecnológica e profissional das pessoas.

Como também já observámos, o mundo empresarial progride tecnologicamente dia a dia, e dessa progressão nascem novos conceitos e novos produtos e serviços que, logicamente, ne-cessitam de ser nomeados. É dessa necessidade de nomeação que emerge a terminocriativi-dade, e todas as questões que ela implica, tais como critérios neológicos e atestação termino-lógica.

Para o estabelecimento de critérios de neologia, existem vários especialistas que procuram definir regras e estratégias neológicas, as quais devemos observar para que possamos inferir dados significativos sobre terminocriatividade.

Os neologismos de cariz terminológico são frequentemente designados por neónimos e a ne-ologia, neste âmbito, por neonímia¹⁷; isto é, o neónimo surge para denominar um novo con-ceito. A criação lexical, em língua geral, designa-se por neologia, no entanto Dubuc¹⁸ desig-nou de neonímia os processos de neologia lexical especializada¹⁹.

Corroborando Correia, para criar neologismos terminológicos temos disponível a totalidade dos meios de que a língua dispõe para a atualização do seu léxico. Os neologismos termino-lógicos poderão ser

- concebidos dentro do próprio sistema linguístico; ou
- resultantes da importação de unidades de outras línguas.

Os neologismos construídos dentro do sistema linguístico apresentam as estruturas morfoló-gicas próprias do sistema a que pertencem. Logo, estes neologismos poderão ser

- palavras derivadas;
- palavras compostas por temas ou por sintagmas lexicalizados;
- siglas, acrónimos, amálgamas e abreviaturas;

¹⁷ (Correia, 1998:65).

¹⁸ (Dubuc, 1983:124).

¹⁹ (Contente, 2008:171).

- palavras que adquirem novas significações geralmente resultantes de empréstimos inter-nos²⁰.

Exemplos de neologia terminológica (neonímia)	
Formais:	<i>balancete, cremalheira, manómetro</i>
Empréstimos:	<i>call-center, fast-food, spam-mail</i>
Compostos sintagmáticos	<i>radiotransmissor de campanha, monitor de sinais vitais, taxa de câmbio</i>
Compostos temáticos:	<i>contratempo, ciberespaço, cibernauta</i>
Derivados:	<i>pós-curricular, politiquês, digitalizar</i>
Amálgamas	<i>Petrobras (Petróleo Brasileiro S.A.) Portucel SA (empresa portuguesa de celulose) nim, portunhol, abensonhada²¹</i>
Siglas	<i>PSP (Polícia de Segurança Pública) UGT (União Geral de Trabalhadores)</i>
Acrónimos:	<i>SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) ONU (Organização das Nações Unidas)</i>
Abreviaturas	<i>Obs. (observação, observações) Cf. (confira, confronto)</i>

Tabela: Exemplos de neonímia. Tabela do Autor.

Por palavras de Correia²², um neologismo terminológico, ou neónimo, deve

- denominar um conceito estável, previamente delimitado de forma explícita e clara, com o qual deve manter uma relação de univocidade;
- ser breve e conciso;
- ser construído de acordo com as regras do próprio sistema linguístico;

²⁰ (Correia, 1998:70).

²¹ Abensonhada – origem: Mia Couto.

²² (Correia, 1998:67-68).

- ser transparente;
- poder constituir base de séries de palavras derivadas;
- adaptar-se ao sistema fonológico e ortográfico da língua.

Estas obrigações terminocriativas, que subjazem à constituição de um neologismo terminológico, implicam, segundo Correia, corroborando Cabré, condições sociolinguísticas, pelo que um neologismo terminológico

- deve ser fruto de uma efectiva necessidade denominativa;
- não deve apresentar conotações negativas nem provocar associações in-convenientes;
- deve pertencer a um registo formal de especialidade;
- deve poder ser memorizado com facilidade (o que resultará forçosamente da sua conformidade ao sistema linguístico onde é produzido);
- não deve contradizer as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida.²³

Segundo estas autoras, a atividade neológica deve obedecer ainda, linguisticamente, às seguintes condições:

- deve contar com a colaboração de especialistas que orientem as propostas neológicas;
- não deve contradizer as regras patentes nos restantes termos do mesmo domínio ;
- deve assumir que uma forma inaceitável, mesmo que amplamente consolidada pelo uso, pode ser abolida;
- não deve proceder à normalização de um termo sem ter em conta o sistema conceptual e denominativo de que faz parte.

[...] Tão ou mais importante que criar é, por um lado, normalizar os termos, isto é, instituí-los legalmente como os termos a usar no âmbito da comunicação científica ou técnica institucional, e, ainda, divulgar essas normas junto dos seus utilizadores mais directos.²⁴

²³ (ibid.).

²⁴ (ibid.).

Correia²⁵ considera, com Guilbert, a neologia enquanto demonstração da criatividade lexical como sendo de quatro tipos, nomeadamente,

- a) **denominativa**: resultando da necessidade de nomear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente inexistentes;
- b) **criação neológica estilística**: corresponde à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo.

Estes neologismos existem, primeiramente, apenas ao nível do discurso, sendo geralmente formações efémeras, entrando raramente no sistema da língua, isto é, são unidades que tendem a desaparecer rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo ao nível dos títulos, pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crónica política;

- c) **neologia da língua**, unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (correspondem à actualização da competência derivacional dos falantes), não despertam qualquer sentimento de novidade. São processadas, na comunicação, quer ao nível da produção, quer ao nível da percepção, como sintagmas, levando em conta as suas partes constituintes, bem como a sua posição relativa. O que faz destas unidades neologismos do facto de não se encontrarem legisladas nos dicionários representativos da língua em questão;

- d) **poder gerador de certos elementos constituintes**: em certas épocas, por factores extralinguísticos, determinados formantes de palavras (já existentes ou novos) «ficam em moda», dando origem a inúmeras unidades lexicais novas. Exemplo: mini- (sobretudo nas décadas de 60 e 70); super- e, actualmente, mega- (cf. megaconcerto, megaprograma, mega-espectáculo, etc.).

²⁵ (Correia, 1998:64-65).

À tradução técnica apenas importa a denominativa, pois esta resulta da necessidade de no-mear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente inexistentes.²⁶

Como Correia acrescenta²⁷,

ao nível das terminologias científicas e técnicas, apenas a neologia denominativa se encontra representada. De facto, os neologismos terminológicos resultam exclusivamente da necessidade de designar novos conceitos, associados a novas teorias, descobertas, produtos ou tecnologias.

Por vezes, estes neologismos denominativos podem ocorrer enquanto sintagmas explicativos como forma de substituição procedimental dos termos importados²⁸, isto é, o neologismo constitui-se na forma sintagmática como forma de explicar o termo de partida, especialmente na ausência de equivalente direto ou na inexistência de conceito contextual.

No entanto, para Contente²⁹, percebemos que a denominação terminocriativa ainda se pode consubstanciar em

x) Formação de unidades terminológicas complexas ou sintagma terminológico³⁰, [...] e

*xx) Coexistência de termos complexos em duas línguas
Coexistência paralela de sintagma terminológico inglês e tentativa de implantação do sintagma terminológico em português, coabitando paralelamente, muitas vezes, também uma sigla ou um acrónimo de outra língua³¹.*

Estes termos complexos podem ou não ser acompanhados de decalque de siglas por extensão semântica do inglês sem correspondência sintagmática terminológica em português³².

²⁶ (Correia, 1998:65).

²⁷ (Correia, 1998:66).

²⁸ (Correia, 1998:72).

²⁹ (Contente, 2008:166-171).

³⁰ (Contente, 2008:166);

³¹ (Contente, 2008:167);

³² (Contente, 2008:170);

Ainda que possamos concordar com estas premissas, algumas delas levantam-nos de imediato alguns problemas que se prendem com o contexto atual do desenvolvimento tecnológico e da rapidez com que as sociedades criam e renovam novos termos técnicos.

denominar um conceito estável, previamente delimitado de forma explícita e clara, com o qual deve manter uma relação de univocidade³³, não deve contradizer as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida³⁴, deve assumir que uma forma inaceitável, mesmo que amplamente consolidada pelo uso, pode ser abolida³⁵, tão ou mais importante que criar é, por um lado, normalizar os termos, isto é, instituí-los legalmente como os termos a usar no âmbito da comunicação científica ou técnica institucional, e, ainda, divulgar essas normas junto dos seus utilizadores mais directos³⁶.

O denominador comum a estes princípios é um único: o da possibilidade dos especialistas em linguagem poderem controlar a criatividade terminológica. Se este intento pode vingar na altruística preocupação de garantir a qualidade terminológica e a pureza linguística do material terminológico, rapidamente choca não só com a rapidez com que os novos conceitos, produtos e serviços são criados na atualidade, decorrente da necessidade premente de os denominar, mas também com os autores que os criam.

Sem esquecermos aquilo que definimos anteriormente, um termo denomina conceitos e rege-se por regras linguísticas. Diferentes ou não das regras lexicográficas, as regras terminológicas baseiam-se em necessidades operativas de denominar algo, as quais subjazem, linguisticamente, aos princípios básicos de criatividade linguística. A este propósito Duarte³⁷ sustenta que

a produtividade ou carácter ilimitado é uma propriedade central da criatividade linguística. Estende-se a todas as áreas

³³ (Correia, 1998:67);

³⁴ (Correia, 1999:68);

³⁵ (ibid.);

³⁶ (ibid.).

³⁷ (Duarte, 2001:114);

gramaticais [...] e está na base da possibilidade, partilhada por todas as línguas, de nomear objectos e conceitos novos e de descrever situações reais ou imaginárias nunca antes vividas ou imaginadas.

Concomitantemente a isto, diz também a autora que há que ter em consideração

[...] a capacidade que os falantes têm de produzir e compreender frases com palavras inventadas, desde que estas estejam integradas nos modelos de flexão e derivação e nos padrões de ordem de palavras característicos da língua³⁸.

Daí que a ideia de conceito estável previamente delimitado de forma explícita e clara por Correia, seja uma proposta que colide de imediato com a rapidez da modernização tecnológica, cuja terminologia necessita de constante e ininterrupta atualização.

De que maneira poderemos considerar “estável” e “delimitada” a denominação de um dispositivo que tenha acabado de ser criado para suprir uma necessidade informática? Como controlar a denominação imediata de produtos que acabam de ser patenteados e que, não obstante se poderem revestir de uma importância tecnológica substancial, não se encontram ainda em produção?

Dever-se-á ter em atenção que certas denominações integradas em patentes, ainda que não sejam marcas comerciais, estão sujeitas a códigos e legislações consideravelmente rígidas, e onde qualquer alteração tem repercussões legais e contratuais.

Esta questão legal engrossa substancialmente quando se trata de um termo patenteado e amplamente utilizado por uma comunidade de especialistas, ainda que o termo vá contra as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida³⁹ e por ser inaceitável, mesmo que amplamente consolidado pelo uso, [possa] ser abolido⁴⁰.

³⁸ (Duarte, 2001:115).

³⁹ (Correia, 1998:68);

⁴⁰ (ibid.);

A maior parte das empresas e dos técnicos especialistas responsáveis pelo patentear de produtos, serviços e conceitos técnicos desconhece, frequentemente, quais são as “políticas linguísticas previamente estabelecidas” – ainda que estas políticas estejam oficialmente dispostas à população – e procuram recorrer às suas competências linguísticas para efetuarem escolhas denominativas, pois como Duarte⁴¹ sublinha,

o comportamento linguístico humano é essencialmente um comportamento intencional, que envolve tomadas de decisão dos falantes baseadas numa análise mais ou menos elaborada das situações.

Se essas tomadas de decisão estão conforme a política linguística previamente estabelecida⁴², ou com a normalização e as instituições legais⁴³, pensamos que caberia aos decisores dessas políticas e dessas instituições tomarem adiantadamente as devidas medidas, certificando-se antecipadamente de que a informação está amplamente disponível ao público e aos escritores técnicos.

Como bem sabemos, a rapidez alucinante da evolução tecnológica não é compatível com a morosidade das instituições fiscalizadoras e governamentais. Melhor do que um controlo “pós-neológico”, realizado a jusante, seria o advento de uma política de informação, a montante, preventiva e pedagógica, veiculada de forma simples e eficaz, que apetreche os empresários e os gestores, os especialistas e os escritores técnicos com as ferramentas necessárias à eficiente criação de conteúdos técnicos que, conseqüentemente, permitam uma boa comunicação técnica e, naturalmente, boas traduções.

9. Bibliografia

ANSWERS CORPORATION. (2012). Computer Desktop Encyclopedia - . Obtido em 5 de junho de 2012, de answers.com: <http://anse.rs/M4vIBk>

⁴¹ (Duarte, 2001:117);

⁴² (Correia, 1998:68);

⁴³ (ibid.).

CAVACO-CRUZ, L. (2012). Manual Prático e Fundamental de Tradução Técnica. Independência, Mo: Arkonte.

CONTENTE, M. M. (2008). Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina. Lisboa: Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa.

CORREIA, M. (1998). Neologia e Terminologia. In c. M. Correia (Ed.), Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos/Cursos da Arrábida (pp. 59-74). Mem Martins: Europa-América.

CORREIA, M. (2005). Para uma cooperação entre especialistas do domínio e terminólogos: o caso de dois dicionários náuticos portugueses. In M. D. ILTEC (Ed.), 3ª Conferência Internacional de Terminologia Marítima (pp. 73-80). Lisboa: ILTEC.

CORREIA, M. (s.d.). Os Dicionários Portugueses. [Lisboa]: Caminho.

dictionary.die.net. (1996-2012). Online Dictionary definitions by WordNet, Webster's. Obtido em 8 de junho de 2012, de dictionary.die.net: <http://dictionary.die.net/>

DUARTE, I. (2001). Uso da Língua e Criatividade. Actas do Colóquio A Linguística na Formação de Professores de Português (pp. 107-123). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.

DUBUC, R. (1983). Régionalismes québécois usuels. Paris: Conseil international de la langue française

FAULTSTICH, E. (s.d.). Variações terminológicas princípios lingüísticos de análise e método de recolha - Realiter. Obtido em 24 de 09 de 2012, de Direção Terminologia e Indústrias da Língua - União Latina: <http://www.realiter.net/spip.php?article634>

IBM. (15 de outubro de 2007). Effective agile delivery toward globalization. Obtido em 5 de junho de 2012, de ibm.com: <http://ibm.co/L7ZSrU>

IBM. (2012). Globalize your business. Obtido em 5 de junho de 2012, de ibm.com: <http://ibm.co/MtNVMM>

LERVAD, S. (1999). The European Association for Terminology (EAFT): Background, Objectives and Perspectives. *Snow Landsc. Rec.* 74, 2, pp. 263-267.

VILLALVA, A. (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. WEBSTER'S REVISED UNABRIDGED DICTIONARY. (s.d.). terminology. Obtido em 5 de junho de 2012, de Webster's Revised Unabridged Dictionary, The University of Chicago, Department of Romance Languages and Literature: <http://bit.ly/KVQrO1>

USO DE EMPRÉSTIMOS NA TRADUÇÃO DE TERMOS NA ÁREA DO SENSORIAMENTO REMOTO: UMA ANÁLISE BASEADA EM CORPUS

Dalila dos Santos Hasmann
Diva Cardoso de Camargo

RESUMO: Como o empréstimo de palavras ocorre em praticamente todas as línguas, o objetivo desta pesquisa foi examinar um corpus paralelo na área de sensoriamento remoto para analisar termos simples, complexos e compostos traduzidos por meio de empréstimo linguístico. Esta investigação baseou-se na abordagem adotada por CAMARGO (2005, 2007), a qual se apóia nos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1995, 1996; TOGNINI-BONELLI, 2001), na Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004) e, em parte, na Terminologia (BARROS; KRIEGER & FINATTO, 2004). Para a extração dos dados foi utilizado o programa WordSmith Tools, versão 6.0 (SCOTT, 2012). No tocante aos resultados, foram encontrados termos traduzidos por meio de empréstimos com explicitação, quando de sua primeira utilização no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução Baseados em Corpus; Linguística de Corpus; Terminologia; Sensoriamento Remoto.

RESUMEN. Puesto que el préstamo de palabras ocurre en prácticamente todos los idiomas, el objetivo de este estudio fue examinar un corpus paralelo en el área de sensoriamento remoto para analizar términos simples, complejos y compuestos traducidos por medio de préstamo lingüístico. Esta investigación estuvo basada en el enfoque adoptado por CAMARGO (2005, 2007), el cual encuentra apoyo en los Estudios de Traducción Basados en Corpus (BAKER, 1995, 1996; TOGNINI-BONELLI, 2001), en la Lingüística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004) y, en parte, en la Terminología (BARROS; KRIEGER & FINATTO, 2004). Para la extracción de los datos fue utilizado el programa *WordSmith Tools* versión 6.0 (SCOTT, 2012). Con relación a los resultados, fueron encontrados términos traducidos por medio de

préstamos con explicitación, cuando utilizados por primera vez en el texto.

PALABRAS CLAVE: Estudios de Traducción basados en corpus; Lingüística de Corpus; Terminología; sensoriamiento remoto.

INTRODUÇÃO

Também chamado de *deteção remota* ou *teledeteção*, em português europeu, o sensoriamiento remoto é o conjunto de técnicas que possibilita a obtenção de informações sobre alvos na superfície terrestre. Estes alvos podem ser objetos, áreas ou fenômenos, e sua captação se dá através do registro da interação da radiação eletromagnética com a superfície, realizado por sensores distantes (remotos). Geralmente estes sensores estão presentes em plataformas orbitais ou satélites, aviões e até em nível de campo (como os sensores portáteis, por exemplo). No Brasil, o principal órgão que atua nesta área é o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE.

Em nível mundial, a NASA (sigla em inglês de *National Aeronautics and Space Administration* – Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço) é uma das maiores captadoras de imagens recebidas por seus satélites. Criada em 1958, é uma agência do Governo dos Estados Unidos da América e foi a responsável pelo envio do homem à Lua (em 20 de julho de 1969), bem como pelo desenvolvimento de diversos outros projetos pioneiros de pesquisa envolvendo o espaço. Hoje em dia, a NASA atua em conjunto com outras agências espaciais, como a Agência Espacial Européia, a Agência Espacial Federal Russa, e com mais alguns países da Ásia e do mundo todo para a criação da Estação Espacial Internacional.

Entre seus projetos atuais mais conhecidos estão o desenvolvimento e lançamento da sonda de exploração espacial *Juno* e do veículo explorador *Curiosity*. A sonda *Juno*, lançada em 2011, foi desenvolvida para estudar a formação do planeta Júpiter e tirar conclusões sobre os planetas que têm a mesma composição. A sonda, alimentada por energia solar, deu início a uma odisséia que levará cinco anos para alcançar o maior planeta do sistema solar. Sua chegada a Júpiter está prevista para 04 de julho de 2016. O *Curiosity*, por sua vez, é um jipe robô que pousou na superfície do planeta Marte em agosto de 2012 com o objetivo de investigar a possibilidade da existência de vida em Marte. Esta exploração atual serve para coletar dados para estudar o clima, a areologia

e o potencial de habitabilidade do planeta. Futuramente, a NASA pretende enviar uma missão tripulada a Marte.

Como se pode ver, o sensoriamento remoto é uma área predominantemente desenvolvida no exterior. Países como Estados Unidos, China, Alemanha e Rússia, por exemplo, têm avançados centros de pesquisa e desenvolvimento destas técnicas para serem aplicadas em prol do bem estar e defesa do ser humano. Em nível internacional, quando se trata de uma linguagem especializada de uma mesma área específica em mais de uma língua, verifica-se, por vezes, certa tendência à predominância da língua do país detentor da tecnologia, em relação às demais. Em consequência disso, os países “importadores” dessa tecnologia acabam por absorver a terminologia de origem inglesa.

O empréstimo de palavras ocorre em praticamente todas as línguas. Com relação à língua portuguesa, especificamente, desde o início de sua formação, deu-se o acolhimento de itens lexicais provenientes de outros idiomas. No mundo lusófono, segundo Miranda (1989), o Brasil se destaca pela facilidade com que acolhe palavras e expressões estrangeiras. Por aqui, com demasiada frequência, o uso desses elementos encontra-se associado ao lema “aquilo que vem de fora é melhor”, em especial quando o “de fora” em questão é um país altamente prestigiado, cujos produtos, conceitos e ideias estão relacionados a modernidade, progresso e, principalmente, avanço tecnológico (MIRANDA, 1989, p.185).

No que se refere aos fatores linguísticos, observa-se que o uso frequente de termos de determinada área do conhecimento faz com que eles sejam mais facilmente lembrados por seus usuários. A tradução de termos estrangeiros para o vernáculo é uma tarefa bem mais complexa do que o processo de adaptação sem uma preocupação terminológico-normativa. Este fator age muitas vezes como entrave ao estabelecimento de criações neológicas no vernáculo. “Faz-se necessário, também, realçar que a língua inglesa possui designações de caráter sintético, facilidade na formação de novos termos e definições precisas já estabelecidas, o que promove ainda mais a utilização dos empréstimos” (MIRANDA, 1989, p.185).

Desta forma, este trabalho tem como objetivo examinar um corpus paralelo na área de especialidade do sensoriamento remoto, na direção inglês-português, para extrair termos simples, complexos e compostos traduzidos por meio de empréstimo linguístico. Estes termos foram comparados com termos correspondentes encontrados em um

corpus comparável, composto por artigos de sensoriamento remoto originalmente escritos em português. Esta comparação tem o intuito de identificar como estes termos estão se fixando em língua portuguesa.

BASES TEÓRICAS

O presente artigo tem em sua fundamentação teórica uma sobreposição de teorias, a começar pela proposta de trabalho com corpora comparáveis lançada por Tognini-Bonelli (2001). A autora se vale do uso de corpora como metodologia para seus estudos em Tradução. O acesso a grandes corpora de textos originais e traduzidos possibilitou o desenvolvimento de métodos específicos e ferramentas para investigação desses corpora de forma adequada para os pesquisadores da área.

Para a autora, o corpus comparável, como a própria palavra sugere, deve servir para ser comparado com critérios externos e dar ideias sobre dois sistemas linguísticos independentes (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.133). Tognini-Bonelli aponta que o ideal é que o corpus comparável seja composto de: I) um corpus comparável de textos originais na língua 1 (neste caso, inglês); II) um corpus de estudo com os textos traduzidos em questão (o qual pode ser ou não um corpus paralelo); e III) um corpus comparável de textos originais na língua 2 (neste caso, português). Segundo Camargo (2007, p.49), “esse tipo de corpus permite uma investigação mais completa de textos técnicos ou especializados”; possibilita identificar padrões que são ou restritos ao texto traduzido ou que ocorrem em frequências significativamente mais altas ou mais baixas no texto traduzido do que em relação aos textos originais. Outra contribuição desse tipo de estudo é para com a elaboração de glossários de termos especializados acompanhados de seu contexto, os quais aparecem com maior frequência na língua de especialidade representada nos textos traduzidos e textos originais selecionados para análise.

Quanto ao corpus paralelo (também chamado por Tognini-Bonelli (2001) de *translation corpus*) é composto de textos originais em determinada língua de origem (neste caso, inglês) e as respectivas traduções para outra língua (língua da tradução, sendo aqui o português). Esse tipo de corpus permite pesquisar traduções consagradas de certos itens lexicais ou estruturas sintáticas, peculiaridades de determinado(s) tradutor(es), diferenças entre traduções de um mesmo texto, produzidas em períodos diversos, normas tradutórias, etc. (BAKER, 1995). O uso deste tipo de corpus proporciona certa confiabilidade ao trabalho, visto

que possui uma variedade de possíveis pares tradutórios já identificados e utilizados por tradutores em outras ocasiões; em outras palavras, foram verificados em uso real. Tognini-Bonelli reconhece a vantagem de se trabalhar com um corpus paralelo, mas, ainda assim, não descarta o uso de corpora comparáveis em trabalhos com tradução e ainda ressalta sua importância:

Embora o estudo do texto traduzido possa ser valioso por si só pelo que pode nos mostrar sobre o processo de tradução, o ponto de partida para a identificação dos limites e das realizações de duas unidades de sentido comparáveis tem de ser de ocorrência natural, não mediada. [...] O linguista terá de basear suas observações em dois corpora comparáveis e a identificação e correspondência entre forma e função no par equivalente terá lugar em cada um dos conjuntos de dados⁴⁴ (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.134).

Com base em Tognini-Bonelli (2001, p.135), nosso estudo envolve um corpus paralelo e dois comparáveis, como mostra o Quadro 1, abaixo:

COMPARABLE CORPUS (L1)	TRANSLATION CORPUS/ TRANSLATOR'S EXPERIENCE (SL/TL)	COMPARABLE CORPUS (L2)
artigos de sensoriamento remoto originalmente escritos na L1 (inglês)	livro de sensoriamento remoto original na L1 e a respectiva tradução para L2	artigos de sensoriamento remoto originalmente escritos na L2 (português)

Quadro 1: Etapas processuais na identificação de tradução de equivalência.

⁴⁴ Although the study of the translated text can be valuable in itself for what it can show us on the process of translation, the starting point for the identification of the boundaries and the realizations of two comparable units of meaning has to be naturally-occurring, unmediated language. [...] the linguist will need to base his observations on two comparable corpora and the identification and matching between form and function in the equivalence pair will take place in each of the sets of the data (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.134).

Em virtude de a utilização de corpora eletrônicos, paralelos ou comparáveis, possibilitar maior amplitude e funcionalidade para estudos da natureza da tradução, Baker (1996) propõe um estudo sobre as *características* ou *traços* recorrentes na tradução. Para ela, estas características tendem a se apresentar tipicamente em textos traduzidos, e não são resultados da interferência de sistemas linguísticos específicos. Estes traços são conhecidos como *simplificação*, *explicitação*, *normalização* e *estabilização*. Neste trabalho, lançaremos mão da conceituação do traço de *explicitação* que pode ser definido como:

Tendência geral em explicar e expandir dados do texto original, por meio de uma linguagem mais explícita, mais clara para o leitor do texto traduzido. Manifestações dessa tendência podem ser expressas sintática e lexicalmente, e podem ser observadas habitualmente, em relação aos textos originais, como a maior extensão dos textos traduzidos, o emprego exagerado de vocabulário e de conjunções coordenativas explicativas (BAKER, 1996, p.180-184) tradução por Camargo, 2007, p.31-2.

O estudo que compara ou contrasta corpora eletrônicos tem contribuído ativamente para a teoria da tradução, pois busca elucidar a natureza dos textos traduzidos e o processo tradutório. Ao utilizarmos a concepção de Tognini-Bonelli (2001), a respeito do uso de corpora comparáveis, e a de Baker (1995) com relação ao corpus paralelo, chegamos a um ponto comum entre as duas teorias. Ambas fazem uso do aporte metodológico oferecido pela Linguística de Corpus. Graças ao desenvolvimento dessa metodologia de pesquisa, tem sido possível superar as limitações humanas dos pesquisadores e minimizar sua dependência na intuição. Por meio da utilização dos corpora computadorizados, temos à nossa disposição bancos de dados contendo milhões, ou até bilhões de palavras, que podem ser percorridos em questão de minutos. Para Berber Sardinha (2004, p.xvii), a mola propulsora dessa revolução é a tecnologia, mais especificamente o computador. O autor faz uma equiparação entre as grandes áreas do conhecimento científico para poder explicitar a importância que o computador teve no deslanche da Linguística de Corpus:

[O] computador pessoal, com memória poderosa e

capacidade de armazenamento, começa a desempenhar, nas ciências humanas, o papel transformador que o telescópio teve na física e nas ciências exatas. Passamos da idealização para a sistematização da observação da evidência.

Como a Linguística de Corpus é capaz de revelar uma quantidade surpreendente de evidências linguísticas providas de corpora eletrônicos, isto torna possível questionar os paradigmas já estabelecidos pelos estudos linguísticos e mostrar novos caminhos para o linguista, o professor, o tradutor, o lexicógrafo entre outros profissionais. No mundo contemporâneo, a influência mais visível da Linguística de Corpus está na preparação de dicionários da língua inglesa, como os de Oxford, Cambridge, Collins e Longman, por exemplo, que são todos feitos com base em corpus. Desta forma, abarcamos a Linguística de Corpus como parte do nosso suporte teórico devido à vasta gama de informações que ela pode nos fornecer para analisar em um estudo de corpus como este. Como estamos trabalhando com a língua de especialidade do sensoriamento remoto, naturalmente margaremos o campo de estudos da Terminologia. O tradutor que lida com áreas de especialidade, inevitavelmente, lida com a terminologia do campo escolhido. Ao acessar dicionários e glossários para obter resultados para sua tradução, ele acaba entrecruzando Tradução e Terminologia, favorecendo seu trabalho. Barros (2004, p.72) afirma que “diversos bancos de dados especializados de alcance mundial têm no tradutor um grande colaborador”. É por meio da terminologia que o tradutor tem acesso rápido aos termos apropriados da área de especialidade com que estiver trabalhando. Em decorrência dessa necessidade do tradutor, houve um aumento dos trabalhos em Tradução e Terminologia que fornecem termos adequados para consultas das áreas de especialidade a serem traduzidas.

As definições de *termo simples*, *termo complexo* e *termo composto* adotadas neste trabalho encontram fundamentação em Barros (2004). Para a autora, os *termos* caracterizam-se por designarem conceitos específicos de um domínio de especialidade. De acordo com a definição dada pela Norma Internacional ISO 1087 (1990, p.7), o *termo simples* é “constituído de um só radical, com ou sem afixos” – exemplo: *speckle* e *layover*. Por sua vez, por *termo complexo* entende-se o termo “constituído de dois ou mais radicais, aos quais podem-se acrescentar outros elementos” (ISO 1087, 1990, p.7) como em: *near-range*, *far-range*, *ground-range*, *slant-range*. Assim como os termos complexos, os *termos compostos* também são

unidades formadas por dois ou mais radicais, mas distinguem-se pelo alto grau de lexicalização que os constitui. Barros (2004, p.101) considera termo composto “as unidades lexicais compostas por aglutinação e pela justaposição sem hífen de dois ou mais radicais como termos simples”. Desta forma, são considerados compostos termos como *foreshortening* *esunglint*, por exemplo, onde representam *fore* + *shortening* = frente + estreitamento e *sun*+ *glint* = sol + brilho, respectivamente.

No que concerne o uso de empréstimo linguístico, esta também é considerada uma modalidade de tradução por Alves (1996) dentro do campo da neologia. O conceito de neologia aplica-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. “No nível lexical, refere-se à criação de uma nova unidade lexical ou ao empréstimo de uma unidade pertencente a um outro idioma” (ALVES, 1996, p.11). A introdução de empréstimos – de origem inglesa, sobretudo – torna-se cada vez mais frequente com o desenvolvimento técnico-científico.

A Norma Internacional ISO 1087, que trata do vocabulário de Terminologia nas línguas de especialidade, define o neologismo como “termo de criação recente ou emprestado há pouco tempo de uma língua estrangeira ou de uma outra área do conhecimento” (*apud* ALVES, 1996, p.13). Com o desenvolvimento contínuo das ciências e das técnicas, é nas línguas de especialidade que o processo da neologia é particularmente produtivo. Neologismos não cessam de ser criados, em todas as línguas, e também no português do Brasil.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste trabalho, fazemos uso de um corpus paralelo e dois comparáveis, além de dois corpora de referência da língua geral. O corpus paralelo consiste de dois subcorpora: 1) subcorpus original, composto por um livro originalmente escrito em inglês; e 2) subcorpus traduzido, composto pela respectiva tradução para português. Ambos os livros foram digitalizados. A obra original é a *Remote Sensing of the Environment: An Earth Resource Perspective*, de John R. Jensen, 2ª ed., lançada pela Editora Pearson Prentice Hall em 2007, contendo 592 páginas, e a versão traduzida *Sensoriamento Remoto do Ambiente: Uma Perspectiva em Recursos Terrestres*, lançada pela Editora Parêntese, 2009, que conta com 672 páginas. Sob a coordenação do Dr. José Carlos Neves Epiphanyo (INPE),

uma equipe de pesquisadores do INPE atuou na tradução desta obra, o que confere a esta edição do livro uma confiabilidade técnico-científica.

No que concerne aos corpora comparáveis da nossa pesquisa, ambos são constituídos por artigos científicos de sensoriamento remoto, publicados em revistas nacionais e internacionais renomadas na área. O critério para escolha destes artigos é que tenham sido escritos por falantes nativos do inglês, para o corpus de inglês, e por falantes nativos de português, para o de português, desde o ano de 2006. Para a coleta do corpus comparável de língua inglesa encontramos a base de dados *Remote Sensing Magazine*, que oferecia importante contribuição para as necessidades da pesquisa. Ao final da recolha dos textos, obtivemos um total de 114 artigos que contêm 697.320 palavras, representando mais que o triplo do tamanho do corpus de estudo. Já o corpus comparável de língua portuguesa foi coletado por meio de textos da mesma natureza encontrados na base de periódicos da *Scielo*. Ao final, atingimos um total de 201 artigos coletados contendo 598.390 palavras corridas. Esta comparação entre o corpus de estudo [paralelo] e os comparáveis, tem o propósito de examinar o uso dos termos simples, complexos e compostos escolhidos para esta análise e, com isso, buscar identificar seus padrões formais de uso em língua portuguesa.

No tocante ao corpus de referência, é formatado como uma lista de frequência de palavras e funciona como termo de comparação para a análise. “A sua função é fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do corpus de estudo” (BERBER SARDINHA, 2004, p.97). Um corpus da língua geral normalmente é composto por milhões de palavras e é utilizado para contrastar a frequência das palavras encontradas no corpus de estudo. Desse modo, se uma palavra tiver alta frequência no corpus de estudo, porém baixa frequência no corpus de referência, ou seja, alta frequência na área de sensoriamento remoto e baixa frequência na língua geral, esta palavra poderá ser considerada *chave*. O corpus de referência de língua inglesa que usamos nesta pesquisa é o *BNC (British National Corpus)*, que conta com 100 milhões de palavras do inglês britânico escrito e falado e, para o corpus de referência de língua portuguesa, foi utilizado o *Lácio-Ref*, que possui mais de 8 milhões de palavras do português brasileiro contemporâneo escrito.

O manuseio dos corpora com rapidez e precisão é possível graças ao software *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), versão 6.0. Este software oferece três ferramentas principais: *WordList*, *Keyword* e *Concord*,

sendo esta última a de maior aplicação nesta análise. O programa Concord produz concordâncias. Estas concordâncias são obtidas a partir de um item específico (chamada de palavra de busca ou nóculo). A ferramenta Concord extrai listagens dessas palavras acompanhadas do texto que as rodeia; chamado de cotexto (BERBER SARDINHA, 2009, p.83).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com a descoberta de um novo objeto, surgem novos conceitos e a necessidade de estudá-los. O fruto deste processo é o enriquecimento das línguas de especialidade. “O empréstimo é o resultado de uma transferência linguística, na qual determinado signo linguístico passa de uma língua-fonte para uma língua-receptora” (MIRANDA, 1989, p.185).

Para este trabalho foram selecionados dez termos encontrados no subcorpus paralelo de português (traduzido). Tais termos nos chamaram a atenção porque foram mantidos em língua inglesa pela equipe de tradutores da obra. Estes termos são: *foreshortening*, *speckle*, *near-range*, *far-range*, *ground-range*, *slant-range*, *foreslope*, *backslope*, *sunlint* e *layover*. A seguir, apresentamos no Quadro 2 cada um desses termos acompanhados de cotexto:

ângulo de incidência de 23°, introduz mais foreshortening do que o radar do JERS-1, com seu ângulo de
aleatória de áreas claras e escuras na imagem. O speckle pode ser reduzido pelo processamento de porco
<i>foreshortening</i> faz com que as encostas no near-range pareçam ter, na imagem de radar, uma declividade
maior do que realmente têm na natureza, e no far-range aparentem uma declividade menor do que a real
como está projetado no eixo das distâncias ground-range . Porém, como o cume do morro (E) reflete a
a base do morro (A), na imagem de radar em slant-range haverá uma inversão de posições (<i>layover</i>) do
local pode causar, pela sua escarpa frontal (foreslope), a reflexão total do pulso de energia de micro-ond
área de sombra negra na sua escarpa dorsal (backslope): Uma escarpa dorsal será uma sombra de radar
(Figura 12-2b). Este efeito, conhecido como sunlint (reflexão solar ou

gliter), deve ser evitado sempre

-15 representam uma severa deformação por **layover** em uma imagem de radar banda L (HH) do SIR-C

Quadro 2: Termos acompanhados de contexto extraídos do subcorpus paralelo (traduzido).

Buscamos, então, ocorrências destes termos nos corpora comparáveis deste estudo. A busca no corpus comparável de inglês foi feita para verificar se os termos também estão sendo utilizados pela comunidade que produz artigos em língua inglesa, bem como, para averiguar se havia alguma variação na utilização dos mesmos. Os resultados apontaram que os dez termos analisados neste trabalho estão presentes na literatura escolhida para compor o corpus comparável de língua inglesa e, aparentemente, sem variação em suas formas de uso.

Para a busca no corpus comparável de português, mantivemos o nóculo em inglês. Primeiramente, queríamos verificar se tais termos também estavam sendo utilizados em inglês na literatura brasileira de sensoriamento remoto. Como resultado para esta busca, obtivemos que todos os dez termos pesquisados foram, pelo menos uma vez, utilizados em inglês, pois todos tiveram ocorrências no corpus comparável de português.

Após nos certificarmos que os termos têm relativa importância para a área de estudo dos sensores remotos, e isto foi comprovado por suas frequências nos corpora comparáveis, o próximo passo foi verificar os contextos mais expandidos de ocorrência dos termos tanto no subcorpus paralelo (traduzido) quanto no corpus comparável de português. A ferramenta Concord nos permite, clicando duas vezes na linha de concordância, visualizar um contexto mais amplo envolvendo a palavra de busca. Ao fazer isso, podemos acessar o texto em sua completude.

Desta maneira notamos que, na maioria dos casos e em ambos os corpora (traduzido e comparável em português), ao se mencionar o termo pela primeira vez, uma breve descrição era dada entre parênteses. Esta solução encontrada pelos tradutores é o que Baker (1996) denomina *traço de explicitação*. A autora explica que os textos traduzidos podem conter esta tendência em ser mais expandido, amplo, do que o texto original. Isto se daria porque o tradutor opta por uma linguagem mais explicativa e clara para o leitor do texto traduzido. Neste caso, na falta de equivalentes tradutórios em língua portuguesa, o tradutor de sensoriamento remoto se vê com a necessidade de explicar o termo por

meio de uma expressão colocada entre parênteses, o que, naturalmente, deixa o texto traduzido mais longo do que o original.

Este artifício da explicitação entre parênteses foi utilizado não apenas pelos pesquisadores-tradutores do livro que compõe o subcorpus paralelo (traduzido), mas também pelos redatores dos artigos científicos publicados nas revistas da área coletados para compor o corpus comparável de português. Este aspecto comum a ambos os corpora, paralelo (traduzido para português) e comparável em português, mostra a preocupação dos profissionais em esclarecer o significado dos termos, ainda que a língua portuguesa não possua equivalentes diretos para eles.

O especialista de língua portuguesa vai naturalmente buscar no país detentor da tecnologia (no caso, os Estados Unidos) a denominação de conceitos que ainda não estão estabelecidos no vernáculo. Além disso, o uso, por falantes do português, de designações já estabelecidas em língua inglesa, parece ser mais econômico do que a criação de designações vernáculas novas. Em um estudo terminológico feito por Miranda (1989, p.185) sobre a área de Informática, a autora afirma que:

Mesmo os manuais de utilização de equipamentos, quando redigidos em português, conservam a forma inglesa quando se referem aos comandos. Isto faz com que o especialista se habitue com a terminologia inglesa, exigindo-lhe menor esforço do que se tivesse que traduzi-la para o vernáculo.

A seguir apresentamos, no Quadro 3, as alternativas encontradas pelos tradutores ou redatores em ambos os corpora para transmitir ao leitor em língua portuguesa o significado dos termos analisados:

foreshortening	encurtamento de rampa
speckle	espécie de estrutura granular / padrão granulado do tipo “sal e pimenta” / aspecto de sal e pimenta em toda a imagem / ruído
near-range	alcance próximo
far-range	alcance distante
ground-range	alcance no terreno
slant-range	alcance inclinado / plano inclinado
Foreslope	face frontal / encosta frontal / escarpa frontal
Backslope	face posterior / encosta dorsal / escarpa dorsal
Sunglint	luz direta / reflexão solar ou <i>gliter</i> / reflexo

Quadro 3: Explicações utilizadas como equivalentes para os termos

Neste quadro notamos, em alguns casos, certa preocupação do tradutor ou redator em *explicar* o termo. Isto pode ser percebido mais claramente por meio do termo *speckle*, por exemplo. Em um dicionário de língua geral inglês/português, *speck* pode ser equivalente aos substantivos *nódoa*, *mácula*, *pinta*, bem como aos verbos *mosquear*, *manchar* e/ou *salpicar*. Para saber se algum desses equivalentes atenderia a contento a tradução de *speckle* para português buscamos, então, no próprio subcorpus paralelo (traduzido) o seu significado. Como o livro que compõe o corpus paralelo é considerado introdutório e, portanto indicado para alunos que estão apenas ingressando no campo dos sensores remotos, buscamos lá uma definição para *speckle* e encontramos a seguinte:

O *speckle* é um padrão granulado, do tipo "sal e pimenta", que está presente nas imagens de radar (Figura 9-16) devido à natureza coerente das micro-ondas, que causa uma interferência aleatória construtiva e destrutiva e, conseqüentemente, a formação também aleatória de áreas claras e escuras na imagem (JENSEN, 2009, p.310).

Neste sentido, *speckle* é um fenômeno óptico causado pela interferência de ondas eletromagnéticas que só é observado se a luz que produz a iluminação for uma luz coerente, como é o caso do laser, por exemplo. Esta interferência gera uma imagem semelhante a um conjunto de grãos claros e escuros criando um efeito granulado. Na falta de um termo em língua portuguesa que englobe este mesmo significado e características, os tradutores e redatores da literatura de sensoriamento remoto se vêm compelidos a adotar o termo no seu formato original (língua de partida) e incluir breves explicações na língua de chegada. Ao percorrermos o corpus comparável de português, percebemos que a comunidade já parece ter aceitado que a utilização deste termo se dá majoritariamente, se não plenamente, em inglês.

Nossa busca no corpus comparável de língua portuguesa partiu do nódulo *speckle* e foram encontradas as seguintes explicações, normalmente entre parênteses: espécie de estrutura granular / padrão granulado do tipo "sal e pimenta" / aspecto de sal e pimenta em toda a imagem / ruído. Para verificar se algum texto do corpus continuou

utilizando alguma destas explicitações partiu-se para uma busca por *granula** (para granular ou granulado), *pimenta** e *ruído**. Os resultados que emergiram foram apenas os que já tínhamos encontrado previamente, entre parênteses, acompanhados do termo *speckle* em L1 (original). Ou seja, após a introdução do termo pela primeira vez no texto, opta-se por continuar utilizando apenas o termo em inglês.

O mesmo acontece com *foreshortening* que foi explicado pelos tradutores como sendo um “encurtamento de rampa”. Ao buscarmos por *foreshortening* na web encontramos muitas ocorrências deste termo em textos sobre artes e pintura. *Foreshortening* pode ser considerada uma perspectiva gráfica que reproduz em uma superfície plana, como uma folha de papel, por exemplo, a visão da maneira como os olhos humanos captam uma cena. Neste tipo de perspectiva, quanto mais distante um objeto está na imagem, menor ele parece aos nossos olhos e quanto mais próximo está, maior aparenta ser. Este conceito é importante em sensoriamento remoto pois deve ser levado em consideração durante a interpretação das imagens coletadas por radares (tipos de sensores remotos) que orbitam no espaço. Jensen (2009) explica *foreshortening* como:

Feições na faixa de radar mais próximas da antena (near-range) são mais comprimidas do que as feições mais distantes (far-range). O *foreshortening* faz com que as encostas no near-range pareçam ter, na imagem de radar, uma declividade maior do que realmente têm na natureza, e no far-range aparentem uma declividade menor do que a real (JENSEN, 2009, p.308).

Ao percorrermos o corpus comparável de português em busca de ocorrências de *foreshortening* encontramos, em todas as utilizações do termo, a expressão explicativa “encurtamento de rampa” entre parênteses. Por outro lado, diferentemente do termo *speckle*, analisado anteriormente, encontramos no corpus comparável de português algumas ocorrências de uso de “encurtamento de rampa” não acompanhada do termo em si, *foreshortening*. Este comportamento não era esperado, pois tanto no subcorpus paralelo (traduzido) quanto em buscas feitas na web, não havíamos encontrado nenhuma tentativa de tradução deste termo. Os resultados de nossas buscas apontavam, normalmente, para a utilização deste termo em inglês acompanhado ou não de sua explicação entre

parênteses. Somente no corpus comparável é que foi detectada, em alguns momentos, a completa substituição do termo por sua explicitação.

O termo *sunlint*, bem ao contrário de *foreshortening*, somente é encontrado em inglês. *Sunlint* é um fenômeno que ocorre quando o sol reflete na superfície do oceano no mesmo ângulo que um sensor de satélite está captando imagens dessa superfície. Isto faz com que, na área afetada da imagem, a água do oceano torne-se um espelho prateado⁴⁵. Em alguns casos de utilização deste termo há a explicação entre parênteses indicando que é um reflexo solar (*gliter*) ou um brilho resultante do reflexo do sol na água, mas, na maioria das vezes utiliza-se apenas o termo, já sem a necessidade de maiores esclarecimentos sobre seu significado. Isto denota que a comunidade científica brasileira na área de sensoriamento remoto já pode estar absorvendo este termo em língua inglesa, visto que não há um termo em língua portuguesa que contenha a mesma carga semântica.

No que tange o termo *layover*, usualmente traduzido como “inversão de relevo”, este também aparece no corpus comparável de português acompanhado de explicação entre parênteses. Observamos que todas as ocorrências deste termo se deram em um único artigo componente do corpus comparável, mesmo assim, em quase todas as ocorrências, manteve-se o uso da expressão em português junto ao termo em inglês. Este comportamento difere do padrão que havíamos encontrado anteriormente, onde os termos só traziam as explicações quando estavam sendo introduzidos no texto pela primeira vez. De qualquer modo, esta repetição do termo em inglês acompanhado de sua explicação em português pode ser algo positivo, pois pode prevenir que haja ruído na comunicação, bem como ajudar a comunidade a internalizar o significado do termo em inglês, na falta de um equivalente tradutório em língua portuguesa.

Em uma troca de emails com o Prof. Dr. José Carlos Neves Epiphânio, coordenador da equipe de pesquisadores do INPE que traduziu a obra que compõe o corpus paralelo deste estudo, ele comentou que tem havido alguma dificuldade e variação na tradução para português desses termos selecionados para análise. Para ele, “às vezes, é preferível colocar o termo em inglês, colocar a tradução mais cabível (eventualmente, até com uma breve explicação) e depois [continuar a] usar o termo em inglês” [EPIPHANIO, 2013; mensagem pessoal].

⁴⁵ Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sunlint>>. Acesso em 08 out. 2013.

Percebemos, aqui, que os dados levantados por meio do trabalho com corpus vem a confirmar esta opção de tradução.

Pode-se considerar que esta prática é válida na medida em que cumpre o objetivo de a tradução ser uma “ponte entre duas línguas”; por meio de explicitações entre parênteses, a informação em seus aspectos semânticos é fornecida ao leitor da língua meta. No entanto, enquanto não ocorrer a padronização dos termos, pode surgir diferentes possibilidades na língua meta para um dado termo na língua fonte. Por exemplo, para *foreslope*, foram encontradas as seguintes possibilidades: face frontal / encosta frontal / escarpa frontal; para *backslope* obteve-se: face posterior / encosta dorsal / escarpa dorsal.

Com relação aos termos compostos que têm em comum o pivô *range* (alcance), que são *near-range*, *far-range*, *ground-range* e *slant-range*, notamos que, mesmo a tradução para tais termos sendo mais literal do que a dos demais analisados aqui, são utilizados tais termos em inglês nos textos escritos por brasileiros. Grande parte de seu uso já não recorre mais às expressões explicativas em português, apenas menciona-se o termo em inglês. Quando tentamos traduzir termos como *sunglint* e *foreshortening*, por exemplo, há certa dificuldade porque não encontramos equivalentes satisfatórios em nossa língua capazes de contemplar todo o significado que eles carregam. Por outro lado, temos os seguintes equivalentes sugeridos: alcance próximo (*near-range*), alcance distante (*far-range*), alcance no terreno (*ground-range*) e alcance inclinado (*slant-range*).

Ainda neste contexto, como mencionado a respeito do composto *far-range*, uma tradução palavra por palavra soaria estranho em português, sendo usada "alcance distante". As soluções adotadas dependem da análise e julgamento do tradutor no momento do ato tradutório. Quando indagado sobre estas questões de correspondência entre as línguas, o coordenador da equipe de pesquisadores-tradutores do INPE explicou:

Sempre se procura o melhor para o leitor. No início da introdução de um termo, ele pode parecer estranho; mas, com o tempo as pessoas se acostumam. Hoje, com o inglês sendo franco no meio técnico, e com o esgotamento de termos próprios do português que possam acomodar os novos termos criados no inglês – fruto do avanço do conhecimento e seus múltiplos novos termos –, vai ficando difícil acomodar esses novos termos no português estante.

É a velha discussão da língua viva e da liberdade de criação de novos termos [EPIPHANIO, 2013; mensagem pessoal].

De acordo com Tognini-Bonelli, as correspondências entre duas línguas podem, algumas vezes, deixar áreas em branco; enquanto, outras vezes, podem oferecer mais de uma possibilidade de equivalência em L2 para uma função inicial de L1. O trabalho do tradutor é exatamente o de fazer a ponte entre essas lacunas à luz das limitações linguísticas e extra-linguísticas⁴⁶ (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.150).

CONCLUSÕES

A escolha da obra que compôs o corpus paralelo justifica-se por ser um livro bem conceituado entre a comunidade internacional de sensoriamento remoto e por ser adotado em inúmeras instituições internacionais de ensino, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Considerada uma obra de referência, introduz os fundamentos do sensoriamento remoto e discorre sobre um vasto número de sistemas sensores existentes, apresentando suas especificações e aplicações. Acreditamos que, como o livro é introdutório aos fundamentos do sensoriamento remoto, possivelmente será lido por pessoas que ainda desconhecem a terminologia, ou que, pelo menos, não a dominem com profundidade. Desta forma, os tradutores optaram por oferecer, à medida que o termo aparece pela primeira vez, uma breve definição entre parênteses e, no decorrer do trabalho, utilizaram os termos em inglês, como são mais comumente utilizados pela comunidade brasileira.

Este trabalho teve como objetivo analisar termos simples, complexos e compostos da área de sensoriamento remoto que foram extraídos de um corpus paralelo (inglês/português) e em seguida comparados com um corpus comparável de português. Tais termos foram escolhidos porque se encontravam em inglês mesmo em textos em língua portuguesa, levando-nos a inferir que foram traduzidos a partir de empréstimos com explicitação entre parênteses. O outro objetivo foi analisar as alternativas a que os tradutores lançaram mão durante o ato

⁴⁶ The correspondences between the two languages may at times leave out some blank areas of no match; at other times they offer more than one possible equivalent in L2 for an initial function in L1. The job of the translator is exactly that of bridging these gaps in the light of the linguistic and extra-linguistic constraints (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.150).

tradutório para contornar a dificuldade de não encontrar equivalentes ou correspondentes tradutórios em português.

Para isto, o estudo baseado em corpora comparáveis possibilitou a realização da análise. Como afirma Tognini Bonelli (2001, p.154), o uso de corpora comparáveis é visto como uma necessidade para estabelecer a equivalência tradutória entre os termos. Para a autora, seria mais difícil identificar com segurança as unidades funcionalmente completas de significado sem a ajuda das provas fornecidas pelos dois corpora. Quando utilizamos corpus paralelo, da maneira como o nosso foi desenvolvido, estamos sujeitos a analisar apenas as escolhas feitas pelo tradutor (ou equipe) que traduziu a obra, não percebendo que pode haver outras opções de tradução. Já o uso de corpora comparáveis torna o trabalho mais confiável por permitir acessar uma gama muito maior de textos originais escritos em L1 ou L2.

Os resultados mostram que algumas traduções, como, por exemplo: *foreshortening*, apresentam ocorrências onde somente a tradução “encurtamento de rampa” é utilizada sem o uso do termo em inglês; por outro lado, há casos em que o termo em inglês está sendo absorvido pela comunidade brasileira, como, por exemplo: *sunglint*, *layover*, *near-range*, *far-range*, *ground-range* e *slant-range*. Evidencia-se o tradutor atuando como terminólogo “ao criar neologismos ou mesmo paráfrases do termo para dar conta das equivalências semânticas” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p.72).

Embora seja possível a língua portuguesa se ampliar e se adequar para fazer face às novas necessidades de comunicação, a ciência, na atualidade, evolui com muita velocidade e, em muitas situações, países como o Brasil são mais consumidores do que produtores de ciência e tecnologia. Desta forma, para acompanhar esta rapidez, torna-se frequente a utilização de empréstimos, com ou sem explicitação, para designar novos termos nas línguas de especialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I.M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. *Revista Alfas*, São Paulo, 40: 11-16, 1996.

BAKER, M. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7. n. 2. 1995.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

BARROS, L.A. *Cursobásico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

British National Corpus (BNC). Disponível em <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>. Acesso em: 25 jul. 2012.

CAMARGO, D. C. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2005. 512 f. Tese (Livre-Docência em Tradução) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Unesp, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

_____. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo/São José do Rio Preto: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007, v. 1. 65 p.

CONRAD, D. *Mini dicionário escolar de inglês - inglês-português, português- inglês - São Paulo : DCL*, 2005.

EPIPHANIO, J.C.N. *Uma dúvida sobre sensoriamento remoto* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <dalila_hasmann@yahoo.com.br> em: 17 set. 2013.

ISO - International Organization for Standardization. Norma 1087: *Terminology - Vocabulary*. Genebra, 1990.

JENSEN, J. R. *Remote Sensing of the Environment: an Earth Resource Perspective*. 2 ed. Universidade de Minnesota, Pearson Prentice Hall, 2007.

JENSEN, J. R. *Sensoriamento Remoto do ambiente: uma perspectiva em recursos terrestres*. Tradução: José Carlos Neves Epiphany et al. São José dos Campos, SP: Parêntese, 2009.

KRIEGER, M.G.; FINATTO, M.J.B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MIRANDA, L.M.C. Terminologia de informática em língua portuguesa: uma análise linguística e terminológica. *Ci. Inf.*, Brasília, 18 (2): 183-190, jul./dez. 1989.

Projeto Lácio-Web - Compilação de Corpus do Português do Brasil e Implementação de Ferramentas para Análises Linguísticas. Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

SCOTT, M., 2012, WordSmith Tools version 6, Liverpool: Lexical Analysis Software.

TOGNINI-BONELLI, E. Working with corpora across languages. In: TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at work*. Amsterdam/Atlanta, John Benjamins, 2001.

WIKIPEDIA. Busca pelo termo *Sunglint*. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sunglint>>. Acesso em: 08 out. 2013.

PROGRAMAÇÃO DE MACROS EM VBA PARA PESQUISAS EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS: DESENVOLVENDO UMA PLANILHA PARA ALINHAMENTO DE CORPUS BILINGUE

Dra. Lilian Fleuri
Dra. Maria Lúcia Vasconcellos

RESUMO: Assim como a Linguística de Corpus, os ETBC estão pautados na Metodologia de Corpus. Neste âmbito, a ferramenta de análise lexical torna-se também o objeto de estudo (cf. Kennedy, 1998). Partindo de Mason (2008), Garretson (2008), Scott (2008) e Meyer (2002), este artigo explora as possibilidades de programação em Macros VBA para lidar com pesquisas de corpus voltadas aos estudos da tradução. Realiza isso desenvolvendo um Template em um Aplicativo de Planilha, como o MS Excel, para alinhar corpora paralelos bilíngues. Baseando-se nas funções existentes do WordSmith Tools (Scott, 2010), esta planilha é desenvolvida a partir da manipulação de fórmulas e de programação de Macros em VBA. O resultado é uma ferramenta de alinhamento econômica, flexível e adaptável aos objetivos de cada pesquisador. Constata-se que a programação é uma alternativa possível e econômica de manipular corpus, corroborando com Meyer (2002) que aponta que os linguistas serão capazes de desenhar programas específicos de análise de textos, voltados às suas próprias pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução Baseados em Corpus; Corpus paralelo bilíngue; alinhamento em paralelo; programação em Macros VBA.

RESUMEN: Al igual que la Lingüística de Corpus, los ETBC están fundamentados en la Metodología de Corpus. En este ámbito la herramienta de análisis lexical se vuelve también objeto de estudio (cf. Kennedy 1998). A partir de Mason (2008), Garretson (2008), Scott (2008) y Meyer (2002), este artículo explora las posibilidades de programación en Macros VBA para lidiar con investigaciones de corpus direccionadas hacia los estudios de traducción. Eso se realiza con el

desarrollo de un Template en una Aplicación de Plantilla, como el MS Excel, para alinear corpora paralelos bilingües. Basándose en las funciones existentes en WordSmith Tools (Scott, 2010), esta plantilla es desarrollada a partir de la manipulación de fórmulas de programación de Macros en VBA. El resultado consiste en una herramienta de alineación económica, flexible y adaptable a los objetivos de cada investigador. Se concluye que la programación es una alternativa posible y económica para manipular corpus, corroborando con Meyer (2002), que apunta que los lingüistas serán capaces de diseñar programas específicos de análisis de textos, direccionados hacia su propia investigación.

PALABRAS CLAVE: estudios de traducción fundamentados en corpus; corpus paralelo bilingüe; alineación en paralelo; programación en macros VBA.

O uso do computador na linguística, segundo Mason (2008, p.142), “mudou de simplesmente ser uma glorificada máquina de digitar artigos a ser uma essencial ferramenta de pesquisa”. Esta ferramenta passou a ser associada à Metodologia de Corpus (MC) da Linguística de Corpus (LC) e dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (ETBC), sendo aplicada em investigações de descrição e análise linguística em corpus, como as pesquisas desenvolvidas no projeto CORDIALL (Corpus Discursivo para Análises Linguísticas e Literárias)⁴⁷; em elaboração,

⁴⁷ O CORDIALL é um corpus multilíngue constituído de textos eletrônicos “selecionados através de critérios específicos relacionados a subprojetos de pesquisa implementados pelos pesquisadores do NET e da UFSC” (CORDIALL, 2010). Atualmente este corpus ultrapassa um milhão de palavras e abarca quatro subcorpora que vêm sendo continuamente atualizados por pesquisas desenvolvidas nas universidades às que está vinculado. Estes subcorpora são (i) corpus paralelo multilíngue; (ii) corpus comparável monolíngue em português brasileiro; (iii) corpus especializado de textos acadêmicos e jornalísticos e (iv) Corpus Processual para Análises Tradutórias, o CORPRAT (Mauri, 2009, p.18). O CORDIALL “fomenta a realização de trabalhos cujo foco principal é a representação de personagens e a apresentação do discurso em textos ficcionais, ambos os aspectos de interesse para a presente pesquisa, que visa a estabelecer uma correlação entre os elementos linguísticos investigados na representação de personagens e na apresentação do discurso com o ponto de vista narrativo” (idem, ibidem). Este projeto é ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mais especificamente ao NET (Núcleo de Estudos da Tradução) da FALE (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais), e à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)–PPGET (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) e ao PPGI (Programa de Pós-Graduação em Inglês. Além disso, este projeto é vinculado internacionalmente à Universidad Autonoma de Barcelona e à Universidade de Lisboa. As pesquisas desenvolvidas pelo CORDIALL associam, dentro da disciplina dos ET, duas áreas linguísticas: o arcabouço metodológico da LC e teórico da LSF para descrever a analisar textos em relação tradutória.

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue | 97

descrição e análise de funcionamento de ferramentas tecnológicas computacionais para trabalho com textos, como realiza Scott (2008), Garretson (2008) e Mason (2008); e em outros estudos (cf. Kennedy, 1998, p.9). Este artigo é fruto da proposta defendida na tese de doutorado intitulada “Uma Proposta Metodológica para Compilação de Corpus Paralelo Bilíngue e de Pequena Dimensão” (Fleuri, 2013) que visa expor um modo alternativo de se lidar com as ferramentas computacionais para desenvolver pesquisas em descrições e análises textuais no campo dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus. Propõe-se utilizar Suítes de Aplicativos para Escritório, como o MS Office ou o OpenOffice, para programar em Macros VBA tarefas de alinhamento de corpora bilíngues e paralelos. Os artigos de Mason (2008), Garretson (2008) e Scott (2008) mostram como a programação vem sendo associada à MC em estudos linguísticos. Como exemplo de associação da programação à pesquisa de corpus, demonstra-se neste artigo a elaboração de um Template em um Aplicativo de Planilhas para realizar a tarefa de alinhamento de corpus paralelo bilíngue. O objetivo deste artigo é exibir possíveis alternativas de se manipular corpora bilíngues sem a necessidade de se ter que adquirir programas comerciais de alinhamento em paralelo, como é o caso do programa WordSmith Tools, amplamente utilizado por investigadores do projeto CORDIAL.

Se computador é o meio pelo qual uma pesquisa de corpus é realizada, ou seja, seu uso é intrínseco à metodologia (Kennedy, 2008, p.5), e se os ETBC são de cunho essencialmente metodológicos (Olohan, 2004, p.3), o computador e as ferramentas de manuseio de corpus são, então, peças-chaves nos estudos de corpus. A evolução dessa tecnologia nos estudos de corpus abriu e continua abrindo espaço para que pesquisas tecnológicas sejam associadas a este estudo, no que se refere à relação das análises linguísticas, de resultados e de métodos e ferramentas aplicados, ou de desenvolvimento de programas de processamento de corpus e de dados. Nota-se que de 1960 a 1990, década em que Kennedy (1998) publica seu livro, *An introduction to Corpus Linguistics*, as tecnologias do computador se aperfeiçoaram enormemente, em termos de armazenamento, velocidade, aplicativos, ferramentas e programas. De 1990 a 2010 as tecnologias se desenvolveram ainda mais. Em duas décadas não apenas evoluíram muito as tecnologias dos PCs e seus sistemas operativos, como também surgiram os dispositivos em formato de tabletes, como Ipad e Iphones (Apple Inc.) e similares, e seus aplicativos. Além disso, foram criados novos programas de processamento

de corpus e de dados que respondem às necessidades das novas tendências de pesquisa e de aplicações às pesquisas. O programa de análise lexical *WordSmith Tools* cf. (Scott, 2010), por exemplo, foi desenvolvido na década de 90 e continua até hoje sendo amplamente utilizado em pesquisas que envolvem metodologia de corpus⁴⁸. Nos anos 2000, Laurence Anthony⁴⁹ desenvolveu um programa de concordância *freeware* (gratuito e disponível para baixar online), com funções semelhantes do *WordSmith Tools*, chamado *AntConc*⁵⁰ e ainda lançou recentemente, em 2012 e 2013, um programa de concordância paralela (*AntPConc*), de *profiling word* (*AntWordProfiler*), de análise estrutural de text (*AntMover*), entre outros. Ainda na entrada dos anos 2000, Barlow (2003) lançou um programa de concordância paralela chamado *ParaConc*, também amplamente utilizado em pesquisas que realizam alinhamento de corpus e concordância em corpus alinhados.

Dentro do viés metodológico, observar-se que pesquisas que envolvem metodologia de corpus não realizam estudos apenas em análise textuais e linguísticas, elas também preocupam-se com a avaliação e desenvolvimento de métodos e de ferramentas computacionais, conforme explica Kennedy (1998, p.9) “o trabalho na linguística de corpus é atualmente associados a diversas atividades”, divididas em quatro grupos de pesquisadores:

O primeiro grupo de pesquisadores envolve os elaboradores de corpus ou compiladores de corpus. Tais acadêmicos se dedicam a desenhar e compilar corpora, a coleção de textos e sua preparação e armazenamento para análises posteriores. / **O segundo grupo de pesquisadores se dedicam a desenvolver ferramentas para analisar corpora.** Importantes contribuições ao desenvolvimento de software, especialmente para a análise sintática de corpora, têm sido associadas particularmente, mas não exclusivamente, a pesquisadores em Linguística Computacional. Esses pesquisadores têm se dedicado ao uso de corpora para

⁴⁸ O site de Mike Scott aponta algumas pesquisas desenvolvidas com e sobre o WordSmith Tools: (que usa WST) http://www.lexically.net/wordsmith/corpus_linguistics_links/papers_using_wordsmith.htm (que cita o WST): http://www.lexically.net/publications/citing_wordsmith.htm

⁴⁹ <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html> (Fonte acessada em julho/2013)

⁵⁰ Confira http://research.ncl.ac.uk/dectc/toon/assets/docs/AntConc_Guide.pdf para obter um guia explicativo de utilização e descrição do AntConc.

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue | 99

desenvolver, entre outras coisas, algoritmos para processamento de linguagem natural e o modelamento de teorias linguísticas. / O terceiro grupo de pesquisadores envolve linguistas descritivos cuja principal preocupação é fazer uso de corpora computadorizados para descrever confiavelmente o lexicon e a gramática da língua, (...). É o aspecto probabilístico de corpus baseado em estudos descritivos da língua que especialmente distingue-os de convencionais campos de estudos descritivos em linguística ou lexicografia. (...). / A quarta área de atividade, que está entre os resultados mais inovativos da revolução de corpus, é a exploração de descrição linguística baseada em corpus no uso de uma variedade de aplicações, tais como aprendizagem e ensino de línguas e processamento de linguagem natural por máquinas, incluindo o reconhecimento da fala e a tradução. (Kennedy, 1998, p.9, grifo meu)

Esse enunciado explica que atualmente a maioria dos pesquisadores concentram-se na descrição linguística baseada em corpus, embora haja grupos que se preocupam em estudar desenho de corpus, e outros que se concentram em estudar métodos para análise e processamento de texto. Olohan (2004) também observa que o caráter metodológico de pesquisas em tradução baseada em corpus permite, por exemplo, imaginar pesquisas sobre a “aplicação da metodologia a diferentes tipos de tradução”. Atualmente observa-se uma escassez de estudos na área dos estudos de corpus que se preocupem em analisar e propôr métodos e ferramentas (cf. Mason, 2008). Olohan (2004, p.16) aponta que a orientação não-prescritiva das estruturas teóricas para métodos de corpus em estudos da tradução pressupõem o desenvolvimento de pesquisas majoritariamente enfocadas em análises linguísticas de traduções. Tal lacuna é também observada e constatada na tese de Fleuri (2013).

Entre os escassos artigos que exploram o enfoque metodológico das ferramentas computacionais aos estudos de corpus encontram-se os artigos de Mason (2008), Garretson (2008) e Scott (2008), publicados em 2008 na revista *International Journal of English Studies*, no volume especialmente dedicado a questões relativas ao uso e desenvolvimento de softwares de análise linguísticas, intitulado *Monograph: Software-aided*

Analysis of Language. Esses três artigos discutem programação por linguistas para desenvolver tarefas voltadas às suas pesquisas. O presente artigo dialoga com Oliver Mason (2008), *Developing Software for Corpus Research*, quanto à proposta de desenvolver um método economicamente acessível de processamento de corpus, sem necessidade de ser um programador. Quanto ao artigo de Mike Scott (2008), *Developing WordSmith*, o diálogo se estabelece entre linguistas de corpus com interesse e iniciativa de pensar na metodologia de corpus a partir das ferramentas de análise. Como linguista ele começou a programar, a princípio de modo rudimentar, o programa que hoje é um dos mais usados nos estudos de corpus—o *WordSmith Tools*. Finalmente, no artigo intitulado *Desiderata for Linguist Software Design*, Gregory Garretson (2008) apresenta uma série de diretrizes para pesquisadores a procura de software de análise linguística e para programadores que desenham tais software. Esse artigo se comunica com a presente pesquisa quando estabelece um diálogo entre pesquisadores e programadores e a colaboração que um oferece ao trabalho do outro—relacionando principalmente o papel do linguista de corpus na tarefa de programação. Também apresenta uma reflexão sobre os elementos a se considerar, durante a etapa de planejamento da pesquisa, na adoção de um software ou na criação de um software específico para a pesquisa.

Mason (2008) aponta que estudos baseados em corpus “dependem muito da programação de computador e infelizmente poucos pesquisadores são capazes de desenhar seu próprio software, tendo então que depender de programas existentes para fazer seus processamentos” (p.155). Os programas existentes apresentam em geral algumas limitações (idem, p.141), não respondendo às necessidades da pesquisa. Neste caso, levam as pesquisas a se adaptarem aos programas existentes, ou levam o pesquisador a se apoiar em um segundo software ou a realizar grande parte do trabalho manualmente. Nesse sentido, conhecer as capacidades dos software disponíveis e saber escolher qual programa e ferramentas usar é essencial no planejamento da pesquisa em corpus. As escolhas, ressalta Mason, “dependem da natureza da análise e da disponibilidade do programa” (idem, p.142). Saber que dentre essas escolhas há também a possibilidade de se criar programas que respondam às necessidades da sua pesquisa é uma importante informação que pode ajudar muito o pesquisador a planejar seu estudo.

Nessa linha de raciocínio e para fins de atender às necessidades de cada pesquisador, é possível afirmar que nem toda tarefa de programar

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilingue | 101 precisa ser complexa e envolver um projeto com profissionais de áreas de programação. Mason argumenta que “é facilmente possível adquirir algumas habilidades necessárias para se criar pequenos programas em linguagem de *script*, acelerando muito o processamento de texto e de dados” (idem, p.155). Ele exemplifica essa possibilidade, explicando e demonstrando três possíveis linhas de comando escritas no ‘terminal’ do Sistema Operativo do Windows para: criar lista de frequência, contar número de palavras terminadas em *-ing*, por exemplo, e encontrar palavras em comum entre dois textos (idem, p. 150-153). Para realizar essas tarefas, como argumenta Mason (idem, ibidem), pode-se usar uma linguagem simples, acessível a iniciantes em processamento, lidando com o sistema operativo do Windows (MS-DOS), familiar a maioria os pesquisadores que utilizam o computador como editor de textos. O que acontece geralmente é que grande parte dos pesquisadores não têm consciência das opções disponíveis e não sabem por onde começar a buscar informação para desenvolver uma simples programação. O artigo de Mason oferece aos pesquisadores em corpus um ponto de partida para o planejamento metodológico de suas pesquisa, mostrando uma forma de criar, de modo econômico, flexível e personalizado um programa que responda as suas necessidades, ao apresentar algumas possibilidades de trabalho dentro de Sistemas Operativo de Disco. De fato, menciona Mason, a maioria dos softwares de processamento de corpus disponíveis no mercado foram criados por “entusiastas amadores” (idem, p.144).

Ao contrário do que argumenta Mason (2008), Garretson (2008) sustenta que programar é uma atividade conjunta entre programador e linguistas de corpus. Isso ocorre porque Garretson vê a tarefa de programar como algo realizado por cientistas da computação e programadores profissionais, que lidam com sistemas operativos diferentes aos mencionados por Mason (2008). Apesar de sustentar seu artigo na premissa de que o desenvolvimento de um software deve ser um trabalho conjunto entre linguista e programador, Garretson aponta como uma situação ideal o fato de o próprio linguista ser programador de suas próprias ferramentas, pois afirma que “acredito que linguistas deveriam ser encorajados a aprender técnicas de programação (cf. Biber et al. 1998, p.254-256) e posso testemunhar que é possível que software linguísticos sejam desenvolvidos por indivíduos que não tenham um background em ciências da computação” (Garretson, 2008, p.75).

Garretson (2008) apresenta uma desiderata para desenhar software partindo de cinco questões que um pesquisador em estudos de

corpus deve considerar antes de iniciar a pesquisa, em relação a (i) os requerimentos de software; (ii) o formato dos dados; (iii) o uso de software existentes; (iv) alguns problemas de softwares prontos; e (v) a criação de um software específico para a pesquisa. Quanto ao último item, deve-se considerar como adquirir a linguagem de programação ou a ajuda de um programador, gratuitamente através de acadêmicos ou estudantes voluntários que saibam programação, através de colaborações de pessoal da área de ciências da computação ou do departamento técnico, ou através de acordos e projetos conjuntos de pesquisas com áreas da linguagem natural ou linguística computacional. Ou então, considerar a contratação de um programador, ou ainda investir que alguém envolvido no projeto comece a aprender a programar; a primeira opção pode ser muito cara e a segunda demorada (idem, p.74-75).

Ele chama de 'desiderata' os objetivos e princípios a se considerar quando se trabalha em um projeto de software linguístico. Evitando-se detalhes e discussões técnicas, estas desideratas estão exibidas em grupos temáticos:

- i) Princípios de desenho geral: (a) planejar o tempo em relação ao desenvolvimento de um software, (b) aproveitar a que já existe, tornar o programa flexível, (c) buscar acomodar o programa a uma grande gama de usuários, (d) tornar o programa mais claro que engenhoso;
- ii) Teoria linguística e dados linguísticos: separar os *markups* das anotações. Chama-se de *markup* "as informações extras adicionadas durante a criação do texto, que normalmente seriam perdidas" (idem, p.78) e de anotação "o registro de uma análise teórica dos dados" (idem). Aconselha-se inclusive que os *markup* sejam anotados em documentos diferentes das anotações; e permitir que os usuários forneçam suas próprias categorias, não limitando a análise desnecessariamente;
- iii) A interface de usuário: (a) deixar o desenho da interface o menos técnica possível, evitando deixá-lo confuso; oferecer um conjunto de opções, evitando que o usuário tenha que saber o que digitar; (b) usar um usuário gráfico, mais do que uma interface de linha de comando; (c) uma interface gráfica não é apenas mais fácil de usar, como também familiar à maioria dos usuários" (idem, p.80); (d) apresentar os resultados em estágios; (e) tornar fácil de instalar e fazer *updates* no programa.

- iv) Documentação: (a) documentar assim que se começa a programar; (b) pecar por oferecer informação demais que de menos; (c) documentar de modo que o leitor vá compreender; (d) documentar o código para que outros programadores tenham acesso;
- v) Teste, depuração e tratamento de erro: Garretson enfatiza que todo programa tem que ser testado e a maioria dos *bugs* devem ser removidos antes de disponibilizados aos usuários.
- vi) Capacidades de busca: equilibrar complexidade (muitas opções de busca) e velocidade na busca;

Conforme o ideal mencionado por Garretson (2008), Mike Scott (2008) é um exemplo de pesquisador que associa seu hobby de programação aos conhecimentos de linguista de corpus. No artigo intitulado *Developing WordSmith*, descreve sua trajetória, como linguista aplicado ao ensino de línguas e a corpus, na programação do seu software de análise lexical de textos, *WordSmith Tools*. Ele explica, em uma linguagem acessível a linguistas de corpus o contexto em que se deu o desenvolvimento do programa e os princípios em quais se baseia seu desenho. Comenta que o que o impulsionou a desenvolver tal programa foi o desejo de praticar um hobby auto-didata. Ao elaborar ferramentas ele poderia entender as quais poderia relacionar, suas próprias teorias, trabalho e interesses (idem, p.96). Através deste relato, Scott mostra que qualquer linguista de corpus pode escrever *scripts* para se analisar textos (idem, p.104), concordando com Meyer (2002, p.141) que diz:

Muito provavelmente a próxima geração de linguista de corpus vai ter um *background* de programação muito melhor. Assim, estes linguistas de corpus serão capazes de aplicar o conhecimento da linguagem *Perl* ou *Visual Basic* para escrever *scripts* específicos para a análise de textos, e a medida que estes *scripts* vão se proliferando, poderão ser passados para frente e talvez tornar obsoleta a necessidade de desenhar programas específicos de análise de textos. (Meyer apud Scott, 2008, p.103).

Entretanto ressalta que poucos linguistas de corpus de fato programam ou analisam métodos em relação à funcionalidade das ferramentas computacionais. A razão disso é explicada por analogia: o

linguista de corpus geralmente se coloca para o computador, como o motorista se coloca para o carro: a maioria deles estão mais interessados na paisagem que no carro em si. Ou seja, o linguista se preocupa em usar a ferramenta computacional para executar a análise, e não tanto em pensar como melhorar a ferramenta para se encaixar à necessidade de sua análise. Como motoristas, “enquanto o carro está funcionando permanecemos na estrada, se queremos subir uma colina, tendemos a ir caminhando” (idem, p.104). Esse comentário corrobora a menção de Olohan (2004), que apesar de os estudos de corpus assumirem os estudos metodológicos de corpus, como a descrição das ferramentas e seu funcionamento, a maioria dos linguistas parecem estar mais interessados em descrever as particularidades do corpus em si que as ferramenta de corpus; mesmo que o funcionamento e manuseio desta influencie diretamente no resultado das descobertas linguísticas.

A LC assim como os ETBC, por ser um campo essencialmente metodológico (Olohan, 2004; Kennedy, 1998), permite que o foco do estudo se direcione ao método e suas ferramentas em si, além da usual aplicação da metodologia na descrição e análise textual. Estudos sobre métodos e ferramentas de análise linguística são ainda escassos na área da LC e dos ETBC, conforme apontou o encontro de linguistas de corpus em Georgetown University em 1993 (Kennedy, 1998). Tal escassez faz com que a programação se torne um estudo mais matemático (Mason, 2008) e voltado ou associado à linguística computacional (Kennedy, 1998). Entretanto, Mason (2008), Scott (2008) e Garretson (2008) mostram que examinar o funcionamento de ferramentas e de suas aplicações aos métodos de corpus não se tem que ser tarefa exclusiva do cientista computacional. De fato, não é necessário que o pesquisador seja um *expert* em linguagem de programação e em desenvolvimento de ferramentas para análise textual para realizar estudos nessa área: qualquer linguista de corpus pode perfeitamente desenvolver esta tarefa, como prova Scott (2008). Segundo Garretson (2008), pensar a ferramenta e a possibilidade de programar ou não deve ser uma das considerações a se levar em conta na hora de se planejar uma pesquisa em corpus. Afinal, não há realmente como evitar a entrada e ou a consolidação dessa atividade de pesquisa nos estudos de corpus, como prevê Meyer (apud Scott, 2008), no futuro todos os linguistas de corpus serão um pouco programadores e seus *scripts* serão passados adiante de modo que um dia possam apoiar suas pesquisas em programas escritos e adaptados pelos próprios pesquisadores. Vale destacar, entretanto, que apesar de defender esta ideia e de dialogar com a linguagem de programação, este artigo

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilingue | 105 oferece alternativas de programação básica em VBA e Macros⁵¹ para desenvolver um *Template* em um Aplicativo de Planilhas, flexível e passível de ser reprogramado e adaptado para realizar alinhamento paralelo de corpora paralelo bilingue.

O alinhamento de corpora paralelos é uma prática muito utilizada em pesquisas em ETBC, que pode ser realizado manualmente ou semi-automaticamente com auxílio de programas, como o *WordSmith Tools* (Scott, 2010) e o *ParaConc* (Barlow, 2003). Se por um lado a tarefa de realizar o alinhamento manualmente é lenta e laboriosa, realizá-la semi-automaticamente pode ser bastante cara. Com o intuito de tornar esta tarefa dinâmica e econômica, exploram-se os recursos de software acessíveis aos usuários dos Sistemas Operativos de Disco, como Windows, Macquintosh e Linux. No caso aqui proposto, é utilizado o aplicativo de planilhas do MS Office, o MS Excel⁵², sendo o recurso de programação explorado o de elaboração de Fórmulas associada a programação de Macros em VBA.

Tendo em mente algumas das desideratas de Garretson (2008) e inspirando-me na proposta de Mason (2008), proponho neste artigo e em minha tese de doutorado um *Template* de Alinhamento de corpus paralelo bilingue (inglês/português). Este *Template*⁵³ executa as funções de ‘juntar’ e ‘quebrar’ sentenças e de ‘buscar por pares desalinhados’, funções também executadas pelo *Viewer and Aligner* do *WordSmith Tools*. No Aplicativo de Planilhas, o corpus é alinhado em sentenças ou parágrafos lado-a-lado, sendo texto na L1 posicionado na coluna A da planilha e o texto na L2, na coluna B, conforme ilustrado na Figura 1:

⁵¹ A definição de Macros, dada pelo site oficial da Microsoft Office é: “Um Macro é a coletânea de comandos que se pode aplicar com um único click. Eles podem automatizar quase tudo que se faz no programa que se está utilizando e até mesmo permitir de se fazer coisas que nunca se imaginou ser possível” (Fonte consultada em setembro de 2012: <http://office.microsoft.com/en-us/help/>).

⁵² Ou seu equivalente do OpenOffice, se a ideia é utilizar um software aberto, como o Linux.

⁵³ Este *Template* pode ser baixado gratuitamente no site: <https://sites.google.com/site/lilianjfleuri/>

	A	B
1	SINAIS OS PASSOS PARA O ALINHAMENTO.	ALINHAR O ALINHAMENTO
2	PREFACE	PREFACIO
3	"Turning translations into instruments of humanism, peace and progress such is our noble task".	"Transformar as traduções em instrumentos de humanismo, paz e progresso - esta é nossa nobre tarefa"
4	These are the words of Pierre-François Calli (1907-1979), founding President of the International Federation of translators; they reflect his personal philosophy, which he passed along to the Federation when it was established in 1953 (Léouy, 1979, p. 23).	Essas são as palavras de Pierre-François Calli (1907-1979), presidente fundador da Federação Internacional de tradutores; essas palavras refletem sua filosofia pessoal, que ele transmitiu à federação quando a instituiu em 1953 (Léouy, 1979, p. 23).
5	In article 6 of its bylaws, FIT proclaims its responsibility to "assist in the spreading of culture throughout the world".	No artigo 6 do estatuto que a rege, a FIT proclama sua responsabilidade em "ajudar a difusão da cultura por todo o mundo".
6	The tens of thousands of translators who belong to the seventy-three member organizations of our Federation agree not to resort to full-time means.	As dezenas de milhares de tradutores que pertencem às 73 organizações associadas à nossa federação não possuem esforços para cumprir essa missão.
7	The work they perform on a day-to-day basis attests to the fact that translation permeates all facets of human activity and is an inescapable source of progress.	O trabalho que realizam diariamente testemunha o fato de que a tradução é uma atividade que permeia todas as facetas da vida humana, e é também uma fonte inesgotável de progresso.
8	People have translated since time immemorial.	As pessoas têm traduzido desde época imemorial.
9	Long before FIT, translators served as vehicles in the vast chain through which knowledge was transmitted among groups of people separated by language barriers.	Muito antes da FIT, os tradutores serviam como elo vital na vasta cadeia de transmissão do conhecimento entre sociedades separadas por barreiras linguísticas.
10	Ever since humans first devised writing systems, translators have been building bridges between nations, races, cultures and continents.	Desde que os primeiros homens utilizaram a escrita, os tradutores têm construído pontes entre nações, raças, culturas e continentes.
11	Bridges between past and present, too.	E também entre o passado e o presente, porque os tradutores podem abrigar o tempo e o espaço.
12	translators have the ability to span time and space.	Foram eles que permitiram que certos textos importantes - obras científicas, filosóficas e literárias - adquirissem estatura universal.
13	They have enabled certain central texts - works of science, philosophy or literature to acquire universal stature.	Os tradutores deram os obstáculos criados pelas diferenças linguísticas, abrindo assim novos horizontes e ampliando nossa visão da realidade, de modo a alcançar todo o mundo.
14	Translators breach the walls created by language differences, thereby opening up new horizons and broadening our vision of reality to encompass the entire world.	"Os tradutores abrem das diferenças entre as línguas, ao mesmo tempo que trabalham para eliminá-las" (Edmond Cary, 1956, p. 181).
15	Translators live off the differences between languages. At the whole nothing toward eliminating them" (Edmond Cary 1956, 181). "No translators have been, indeed, killed at times and their work severely criticized."	No entanto, muitas vezes os tradutores foram desprezados, e seu trabalho, criticado, com consequências.
16	These educated men and women of letters have been distrusted, even called turncoats and traitors.	Esses estudiosos, homens e mulheres educa-dos, têm sido objeto de desconfiança, chegando a ser considerados traidores.
17	But if we think about it, what people actually fear is not the translators themselves, but rather the new, foreign and sometimes strange values that they introduce into their own cultures.	Mas, se pensarmos bem, o que as pessoas temem não é o tradutor propriamente, mas os valores novos, diferentes e às vezes estranhos que eles trazem à sua cultura.
18	We are always somewhat unsettled by novelty, difference and otherness, which challenge our own values and hold up a mirror that forces us to examine ourselves.	O que é novo e diferente sempre nos perturba um pouco, porque con-tribui um desafio a nossos próprios valores, servindo de espelho para obrigá-nos a um reflexo.
19	Translation, in the final analysis, is about discovery -> a journey of exploration through the fabulous realm of knowledge.	Em última análise, a tradução tem a ver com a descoberta: é uma viagem de exploração pelo reino fabuloso do conhecimento.
20	ALINHAMENTO - ROTULAGEM DE - ROTULAGEM DA - LISTAS E GRÁFICOS - DADOS	1 4

Cada uma das três funções desenvolvidas demandou uma programação de Fórmulas associadas aos Macros em VBA⁵⁴. A função de "juntar", gravada no shortcut Ctrl+J, leva o texto da célula de baixo (ex. A2) ao final do texto da célula de cima (ex. A1), sem alterar a ordem das linhas da coluna ao lado. Esta função é realizada pelo seguinte Macro:

```
Sub JoinCellsMoveup()
```

```
    If ActiveCell.Row > 1 Then
```

```
        ActiveCell.Offset(-1, 0).Value = ActiveCell.Offset(-1, 0).Text & " " & ActiveCell.Text
```

```
    ActiveCell.Delete
```

```
    End If
```

```
End Sub
```

A função de "quebrar" sentença divide o texto de uma célula em duas células, sem alterar a ordem das linhas da coluna ao lado. Para se realizar esta função deve-se levar o cursor ao ponto do texto que se deseja quebrar; acionar o comando Alt+Enter (shortcut do MS Excel) e em seguida o comando Ctrl+S (shortcut gravado). Esta função é realizada pelo seguinte Macro:

```
Sub SplitCell()
```

⁵⁴ Se nesta fase de estudo são consultados fóruns. O fórum mais acessado foi <http://answers.microsoft.com/en-us> ao qual o usuário tem que se registrar antes de realizar suas perguntas.

```

Dim s As String, v As Variant, l As Long
s = ActiveCell.Value
v = Split(s, vbLf)
l = UBound(v) - LBound(v) + 1
If l > 1 Then
ActiveCell.Offset(1, 0).Resize(l - 1, 1).Insert
Shift:=xlShiftDown
ActiveCell.Resize(l, 1).Value = Application.Transpose(v)
End If
End Sub

```

A função de “buscar por pares desalinhadas”, que automatiza o processo de busca por sentenças desalinhadas, foi gerada a partir da criação prévia de uma fórmula. A criação da fórmula contou com a constatação de que em um corpus bilingue português e inglês as sentenças que formam uma unidade desalinhada apresentam uma diferença absoluta de dez palavras. A partir desta constatação, elabora-se uma fórmula para contar o número de palavras em uma célula e outra para buscar pares de linhas A/B que apresentam uma diferença de 9 palavras absolutas (-9 ou +9)⁵⁵ entre as células A e B. As fórmulas são as seguintes:

Equação 1: Fórmulas para se buscar desalinhamento entre textos em Português e Inglês – Pasta Alinhamento no *Template MS Excel*

Função	Fórmula
Contar palavras de uma determinada célula da coluna A.	=LEN(A1)-LEN(SUBSTITUTE(A1," ",""))+1
Buscar pares de linhas A-B que apresentem uma diferença de 9 palavras absolutas (-/+9)	=IF(ABS((LEN(A1)-LEN(SUBSTITUTE(A1," ","")))+1)-(LEN(B1)-LEN(SUBSTITUTE(B1," ",""))+1))>=9,"MISMATCH",0)

A partir desta constatação, programa-se o seguinte Macro em VBA, gravado com o *shortcut* Ctrl+M:

```

Sub FindMismatch()
Dim r As Long
Dim m As Long
m = Range("A:B").Find(What="*", SearchOrder:=xlByRows, _

```

⁵⁵ Diminui-se uma palavra para garantir que todos os pares desalinhados fossem encontrados.

```

SearchDirection:=xlPrevious).Row
For r = ActiveCell.Row + 1 To m
  If Abs(UBound(Split(Range("A" & r).Value)) -
    UBound(Split(Range("B" & r).Value))) >= 9 Then
    Application.Goto Range("A" & r), True
  Exit For
End If
Next r
End Sub

```

O processo de alinhamento é concluído quando não há mais ocorrências de desalinhamentos. O pesquisador pode optar em formatar o *layout* do alinhamento, por exemplo, destacando com cor diferente as linhas em branco, para melhor identificar as ausências de tradução ou de texto-original no alinhamento. Esses processos de formatação em geral encontram-se disponíveis nos comandos do próprio *MS Excel*. O resultado final é dois textos alinhados lado-a-lado.

Em pesquisas em ETBC, relatam-se o uso dos aplicativos de planilhas, como o *MS Excel* e o *OpenOffice.Calc.org*, para desempenhar funções básicas de organização de textos em tabelas e/ou de gráficos (cf. Zanella, 2006), a contabilização de dados coletados (cf. Fleuri, 2006), para organização e revisão de rótulos (cf. Feitosa, 2005), o alinhamento manual corpus bilíngue (cf. Alves, 2007) entre outras. A tese “Uma proposta metodológica para compilação de corpus paralelo bilíngue de pequena dimensão” (Fleuri, 2013) demonstrou que os aplicativos de planilhas podem também ser útil no trabalho com corpora paralelos bilíngues de pequena dimensão, para alinhar textos, por exemplo, e que a associação de programação para manipular corpus em ETBC pode significar a emancipação de programas de análise lexical pagos assim como a flexibilização da manipulação do corpus durante a análise lexical, de acordo com os objetivos da pesquisa

Muitas pesquisas que utilizam o *WordSmithTool* (WST) (i.e. Fleuri, 2006; Pires, 2009; Fernandes, 2009; Morinaka, 2005; Zuniga, 2006) relatam a praticidade de se realizar concordâncias automáticas e de obterem dados estatísticos do corpus em segundos. Entretanto, também relatam dificuldades em alinhar textos bilíngues de modo completamente automático e necessidades de se passar o alinhamento gerado no *WST* a outro documento (em geral o *MS Word*). Ambos os tipos de programas (de análise lexical e os aplicativos de planilhas) demandam um tempo de

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue | 109

aprendizagem. O WST requer um estudo e uma prática de suas funções, enquanto um Aplicativo de Planilha, como o MS Excel, demanda estudo de programação de *Macros* e de fórmulas para a elaboração de um novo *Template* ou a adaptação deste oferecido. Possivelmente o caráter autoexplicativo dos programas de concordância lexical e o fato de estarem inseridos no campo da Linguística de Corpus, faz com que muitos linguistas e tradutores escolham lidar com métodos de manipulação de corpus no *WordSmithTools* e escolham Aplicativos de Planilhas para organizar, de modo manual, textos (ou fragmentos dos corpora) e dados em gráficos e tabelas para cumprir determinados propósitos de sua pesquisa.

De acordo com Kennedy (1998), o método de pesquisa aplicado na LC é associado aos processos de compilar e elaborar corpus; descrever elementos linguísticos/textuais através de corpora computadorizados; realizar descrição linguística em corpus para aplicar à aprendizagem e ensino de línguas e ao processamento de linguagem natural por máquinas; e desenvolver ferramentas para analisar corpora. Essa última atividade, em que se enquadra a presente pesquisa, é descrita por Mason (2008), Scott (2008) e Garretson (2008). A linguística de corpus assim como os ETBC por serem um campo essencialmente metodológico (Olohan, 2004; Kennedy, 1998), permite que o enfoque do estudo se direcione ao método, além da usual aplicação da metodologia na descrição e análise textual em si. Estudos sobre métodos e ferramentas de análise linguística são ainda escassos na área da LC e dos ETBC, conforme apontou o encontro de linguistas de corpus em Georgetown University em 1993 (Kennedy, 1998). Tal escassez faz com que a programação de software se torne um estudo mais matemático (Mason, 2008) e voltado ou associado à linguística computacional (Kennedy, 1998). Entretanto, Mason (2008), Scott (2008) e Garretson (2008) mostram que examinar o funcionamento de ferramentas computacionais e de suas aplicações aos métodos de corpus não tem que ser tarefa exclusiva do cientista computacional. De fato, não é necessário que o pesquisador seja um especialista em linguagem de programação e em desenvolvimento de ferramentas para análise textual para realizar estudos nessa área: qualquer linguista de corpus pode perfeitamente desenvolver esta tarefa, como prova Scott (2008). Segundo Garretson (2008) e Barnbrook (1996), pensar a ferramenta e a possibilidade de programar ou não deve ser uma das considerações a se levar em conta na hora de se planejar uma pesquisa em corpus. Como prevê Meyer (apud Scott, 2008),

no futuro todos os linguistas de corpus serão um pouco programadores e seus scripts serão passados adiante de modo que um dia possam apoiar suas pesquisas em programas escritos e adaptados pelos próprios pesquisadores. A proposta de se utilizar a programação de Macros em VBA em Aplicativos de Planilhas, como a desenvolvida no *Template MS Excel*, visa oferecer um modelo básico de trabalho com corpus em paralelo que possa ser adaptado aos objetivos de cada pesquisa. A intenção da criação deste *Template* é mostrar uma possível alternativa de manipulação de corpus paralelo bilíngue. No caso aqui exposto, demonstrou-se como realizar o alinhamento de um corpus paralelo bilíngue em um Aplicativo de Planilha, de modo gratuito, realizando tarefas semelhantes às presentes no *WordSmith Tools* (Scott, 2010). Assim como esta (FLEURI, 2013), outras funções podem ser programadas, permitindo a criação de novas formas de manuseio de corpus, de modo a atender às necessidades individuais de pesquisas em corpus.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, D. **Aspectos da Representação do Discurso em Textos Traduzidos: Os Verbos de Elocução Neutros**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2006.
- BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. **Texts and Technology: in Honour of John Sinclair**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993. p. 233-250.
- BAKER, M. **Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research**. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1995.
- BARLOW. Paraconc.pdf. **ParaConc: A Concorde for Parallel Texts**, 2003. Disponível em: <<http://www.athel.com/paraconc.pdf>>.
- BARNBROOK, G. **Language and Computers: A practical introduction to the computer analysis of language**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue | 111
BIBER, D. M. Methodological issues regarding corpus-based analyses of linguistic variation. **Literary and Linguistic Computing**, p. 257-269, 1990.

BOWKER, L. Towards a Methodology for Corpus-Based Approach to Translation Evaluation. **Meta: journal des traducteurs/ Meta: Translator's Journal**, v. 46, p. 345-364, 2001.

CORDIAL, P. Letras UFMG, 24 mar. 2010. Disponível em:
<<http://www.letras.ufmg.br/net/cordial/portugues/projeto.htm>>.

FEITOSA, M. **Uma Proposta de Anotação de Corpora Paralelos com Base na Linguística Sistêmico-Funcional**. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras/UFMG, 2005.

FERNANDES, A. **Black into white and preto no branco: can you tell one's colour by the company one keeps?** Florianópolis: UFSC/PPGI, v. (Dissertação de Mestrado), 2009.

FERNANDES, L. Corpora in Translation Studies: Revising Baker's Typology. **Fragmentos**, v. 30, p. 87-95, 2006.

FLEURI, L. **Uma proposta metodológica para compilação de corpus paralelo bilíngue de pequena dimensão**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. Orientadora Maria Lúcia Vasconcellos, 2013.

FLEURI, L. J. **O Perfil Ideacional dos Itens Lexicais Tradutor/Tradutor em "Translator Through History"**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC, 2006.

GARRETSON, G. Desiderata for Linguistic Software Design. **Internatina Journal of English Studies (IJES)**, v. 8 (1), p. 67-94, 2008.

KENNEDY, G. **An Introduction to Corpus Linguistics**. New York: Logman, 1998.

KRUGER, A. CORPUS-BASED TRANSLATION RESEARCH: Its development and implications for general, literary and Bible translation. **African Journals Online**, p. 70-106, 2002. Disponível em:
<<http://www.ajol.info/index.php/actat/article/view/5455>>.

LEECH. Corpora and theories of linguistic performance. In: _____
Startvik. [S.l.]: [s.n.], 1992. p. 105-122.

LEECH, G.; WEISSER, M. Generic Speech Act Annotation for Task-Oriented Dialogue. **Proceedings of the Corpus Linguistics 2003 Conference**, Lancaster, 2003.

MASON, O. Developing Software for Corpus Research. **International Journal of English Studies (IJES)**, v. 8 (1), p. 141-156, 2008. Monograph: Software-aided analysis of Language.

MORINAKA, E. M. **Gabriela, Cravo e Canela and its (re)textualization in English**: Representation Through Lexical Relation. Florianópolis: Pós-Graduação em Letras Inglês/UFSC, 2005.

OLOHAN, M. **Introducing Corpora in Translation Studies**. London/New York: Routledge, 2004.

PIRES, T. **The construal of Bishop's Ideational profile in Flores Raras e Banalíssimas and Rare and Commonplace Flowers**: a corpus-based Translation Study. Florianópolis: UFSC/PPGI, v. (Dissertação de Mestrado), 2009.

SCOTT, M. Developing WordSmith. **International Journal of English Studies (IJES)**, v. 8 (1) , p. 95-106, 2008.

SCOTT, M. WordSmith Tools: software for finding word patterns. **WordSmith Tools**: software for finding word patterns, 2010. Disponível em:
<http://www.lexically.net/downloads/version5/HTML/?getting_started.htm>.

SCOTT, M. WordSmith Tools, 27 junho 2010b. Disponível em:
<<http://www.lexically.net/downloads/version6/HTML/?wshell.htm>>.

STUBBS, M. **Text and Corpus Analysis**. Oxford: Blackwell Publisher, 1996.

ZANELLA, A. **Mapeamento Macro e Micro estrutural da retextualização de resumos on-line**: Estudo da Transitividade de abstracts biomédicos. Florianópolis: UFSC/PGET, v. (Dissertação de Mestrado), 2006.

Programação de Macros em VBA para pesquisas em Estudos da Tradução Baseados em
Corpus: desenvolvendo uma planilha para alinhamento de corpus bilíngue | 113

ZUNIGA, G. **Construing the Translator in "Becoming a Translator" and "Construindo o Tradutor":** a Case Study Based on Corpus and Systemic Linguistics. Florianópolis: Pós-Graduação em Letras Inglês/UFSC, 2006.

(RE)LENDO CLÁSSICOS: TRAJETOS DE PESQUISA

Cristina Carneiro Rodrigues

RESUMO: Neste artigo são abordados quatro momentos da história da pesquisa contemporânea sobre tradução e sua relevância para futuras pesquisas. Trata-se de uma (re)leitura de aspectos de obras que apontam para maneiras de se conduzir pesquisas na área que têm sido pouco examinados, possivelmente por terem sido ofuscados por tópicos de maior impacto tratados pelos autores. Berman é revisitado pela associação que faz entre crítica e história; Venuti, pela proposta de leitura sintomática; Lefevere e Bassnett, pela perspectiva de análise de traduções; e Arrojo, pelo questionamento da suposta neutralidade do sujeito que teoriza.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa em tradução; história da tradução; crítica da tradução.

RESUMEN: En este artículo se abordan cuatro momentos de la historia de la investigación contemporánea sobre traducción y su relevancia para futuras investigaciones. Se hace una (re)lectura de aspectos de obras que apuntan hacia maneras de conducir investigaciones en el área y que vienen siendo poco examinados, posiblemente por haber sido ofuscados por temas de mayor impacto tratados por los autores. Berman es revisitado por la asociación que hace entre crítica e historia; Venuti, por la propuesta de lectura sintomática; Lefevere y Bassnett, por la perspectiva de análisis de traducciones; y Arrojo, por el cuestionamiento de la supuesta neutralidad del sujeto que teoriza.

PALABRAS CLAVE: investigación en traducción; historia de la traducción; crítica de la traducción.

Desde que lançado, o periódico *The Translator* publica a seção “*Revisiting the classics*” [Revisitando os clássicos], que motiva o título atribuído a este trabalho, em que são apreciados livros que marcaram os estudos da tradução. São leituras de obras que contribuíram para a constituição de um conhecimento sobre tradução e que salientam a força da tradução e o papel que desempenhou em diferentes culturas. Neste

trabalho busco algo similar, fazendo uma (re)leitura, não especificamente de obras, mas de momentos importantes para os estudos da tradução desenvolvidos na contemporaneidade. Selecionei quatro momentos que contribuíram para, nas palavras de Berman (2002, p. 11), mudar o status “de atividade subterrânea” da tradução, e não procuraram assimilá-la a outros campos de conhecimento e sublinharam a força e o poder da tradução. Os autores que representam esses momentos, Antoine Berman, Lawrence Venuti, André Lefevere, por vezes associado a Susan Bassnett, e Rosemary Arrojo, são bastante conhecidos pela comunidade acadêmica, mas procurei destacar, em suas obras, tópicos pouco abordados e relacionados aos modos de conduzir pesquisas em tradução.

O primeiro momento que destaco é 1984, ano da publicação de *L'épreuve de l'étranger*, de Antoine Berman, traduzido para o português apenas em 2002, por Maria Emília Pereira Chanut, como *A prova do estrangeiro*. A obra representa uma ruptura em relação a uma tradição que considerava a tradução como uma forma de aculturação, de subserviência ao outro, o estrangeiro. Berman (2002, p. 17) aponta que há culturas, como a romana, a francesa clássica e a norte-americana moderna, que desejariam ser suficientes em si mesmas e, “a partir dessa suficiência imaginária, ao mesmo tempo brilhar sobre os outros e apropriar-se de seu patrimônio”. Entretanto, para apresentar a “Cultura e tradução na Alemanha romântica”, subtítulo da obra, remete à tradução da Bíblia por Lutero, que teria marcado o início de uma tradição na qual o ato de traduzir é considerado parte “integrante da existência cultural e, mais ainda, como momento constitutivo do germanismo” (Berman, 2002, p. 28). Em vez da suspeição com se encara a tradução em muitos lugares, em vez de promover um movimento apropriador, Berman nos conduz a um domínio em que a tradução é objeto de reflexão, mas também sujeito gerador de identidade (p. 30). Como objeto, nos informa sobre línguas, culturas, intercâmbios, contatos, o que transforma a tradução em “sujeito de saber”, “origem e fonte de saber” (Berman, 2002, p. 325).

Berman (2002) não apenas evidencia o papel identitário da tradução, como refuta as teses de que seria apenas transmissão, mera operação de mediação, desvalorizada e considerada culturalmente negativa. Trata-se “de fundar – ou de radicalizar as tentativas de fundação já existentes, frequentemente decisivas – um espaço de reflexão e, portanto, de pesquisa” (Berman, 2002, p. 326). Esse espaço reivindicado é autônomo, construído “a partir da *experiência* da tradução; mais precisamente, a partir de sua própria *natureza de experiência*” (p. 337) e

nele a história, ou a arqueologia, teria papel fundamental, pois pertence “a essa reflexão da tradução sobre si mesma – ao mesmo tempo histórica, teórica e cultural –, doravante inseparável da prática tradutória” (p. 314).

Esse autor é muito lembrado por sua crítica às traduções etnocêntricas, mas vários pesquisadores também o citam afirmando que “a constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria moderna da tradução”, para justificar seus trabalhos historiográficos (2002, p. 12). Entretanto, poucos seguem efetivamente seus passos, pois não mencionam a continuação da passagem, em que o autor enfatiza não se tratar de instituir “um olhar passadista, mas um movimento de retrospectiva que é uma compreensão de si” (p. 12). Nesse sentido, olhar o passado pode nos ajudar a nos compreender melhor – e refletir sobre as traduções passadas; isso pode levar a entendermos como a prática da tradução se articula(va) com a escrita literária, com os diversos intercâmbios linguísticos. O item “história da tradução” encerra-se com o seguinte parágrafo:

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente essa rede cultural infinitamente complexa e desconcertante na qual, em cada época, ou em espaços diferentes, ela se vê presa. E fazer do saber histórico assim obtido uma abertura para nosso presente. (Berman, 2002, p. 14)

Em *A prova do estrangeiro* Berman mostra o que significa esse olhar para o passado para se compreender melhor qual era o papel da tradução na Alemanha entre o século XVI e o XIX e relacioná-lo a o que é considerado hoje. E nos ensina que saber o que significou a tradução nos oferece melhores condições de situá-la hoje em nosso campo cultural.

Em *Pour une critique des traductions* (1995), livro escrito por um autor doente, finalizado em uma cama de hospital em 1991, reitera a necessidade de um tradutor conhecer a história da tradução, afirmando que “um tradutor sem uma consciência histórica é um tradutor mutilado, prisioneiro de sua representação do traduzir e das que são veiculadas nos ‘discursos sociais’ do momento” (Berman, 1995, p. 61).

O autor não oferece uma metodologia explícita de como historiar a tradução, mas nos informa sobre sua importância e, ao longo de *A prova do estrangeiro*, tece todo o procedimento que o levou a evidenciar que a tradução não é, necessariamente, uma forma de aculturação. E contra os que se manifestam pela impossibilidade de teorização da tradução, ele nos lembra que a atividade é “segunda e

reflexiva” e, enquanto reflexiva, sistemática, mas também acompanhada por intuitividade (Berman, 2002, p. 337).

Essa sistematicidade acaba sendo o principal ponto de *Pour une critique des traductions* (1995). O objetivo do livro é buscar constituir um caminho para se proceder a uma crítica de tradução que não se limite a uma mera comparação entre original e tradução para constatar diferenças. Na parte intitulada "Esboço de um método" ele alerta que não vai apresentar um modelo de crítica, mas um “trajeto analítico possível” (Berman, 1995, p. 64). O primeiro passo desse trajeto é ler as traduções, deixando de lado o original, com olhar receptivo, não buscando ser neutro nem objetivo. O caminho indicado para uma crítica produtiva de traduções é levar em conta quem é o tradutor, fazer uma análise rigorosa do projeto que sustenta a tradução, do horizonte no qual essa tradução se produz e da “posição tradutiva” que orientou o projeto. A concepção do tradutor, sua posição tradutiva, seria uma espécie de compromisso entre como ele percebe sua tarefa e como ele internalizou o discurso histórico, social, literário, ideológico, sobre o traduzir. O projeto seria determinado tanto pela posição tradutiva quanto pelas especificidades da obra a ser traduzida e é o que direcionaria a prática tradutória, como ela é realizada. Projeto e posição tradutiva inscrevem-se em um horizonte, em um “conjunto de parâmetros linguageiros, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor” (Berman, 1995, p. 79). Não se trata de um condicionamento causal ou estrutural, mas relaciona-se às concepções sobre o tema, sobre o gênero, assim como sobre a tradução, que circulam na comunidade que recebe a tradução.

A análise desses três parâmetros seria articulada, não linear, e envolve uma primeira fase em que se examinam as traduções, e uma segunda fase em que se comparam o original e a tradução, para mensurar “a verdade (e a validade) do projeto”, e tem como resultado a avaliação da tradução (Berman, 1995, p.83). Berman, tão conhecido por sua posição contrária a traduções etnocêntricas, nesse seu último livro aceita como exemplares traduções consideradas interferentes, como “o Lucien de Perrot d’Ablancourt, *belle infidèle* típica, as *Mil e uma noites* de Galland, o Poe de Baudelaire”, por serem verdadeiras obras (1995, p. 92). Ao aceitar e prestigiar essas traduções, Berman demonstra que o importante é que o tradutor apresente um “verdadeiro trabalho textual”, que se baseie em um projeto tradutivo explícito e que respeite o original até certo ponto, assim como os leitores.

Sherry Simon, em artigo intitulado “Antoine Berman ou l’absolu critique” chega a afirmar que, “sem anunciar com todas as letras, Berman (1995) parece abandonar sua adesão à ‘tradução da letra’ em favor do que nomeará ‘projeto de tradução’” (2001, p. 25). O trajeto possível indicado por Berman, aqui (re)lido, leva à associação entre a vertente histórica e a crítica. Envolve buscar construir uma história em que se privilegie o “projeto tradutivo” que orientou traduções produzidas em determinadas épocas, relacionando-o ao discurso sobre o traduzir do momento, ou ao trabalho de outros tradutores de outras épocas.

Outro momento marcante nos Estudos da Tradução é 1986, ano em que Venuti publicou o artigo intitulado “The translator’s invisibility”. O autor relaciona a invisibilidade do tradutor a leitores, que querem ler os textos traduzidos como se fossem escritos em sua própria língua, a críticos, editores e resenhistas, que tendem a usar a legibilidade como único critério para avaliar a qualidade de uma tradução, e aos próprios tradutores, que se apagam, imaginando que, com esse procedimento, texto original e autor ganhariam destaque. É a partir dessa espécie de denúncia de Venuti que a invisibilidade do tradutor passa a ser tratada como questão a ser teorizada, fato a ser analisado e explicado, não meramente constatado e lamentado.

Nesse texto, Venuti (1986, p. 190) cunha um termo para a “nova estratégia” tradutória que propõe: resistência [*resistancy*]. Amplamente divulgada, a noção de tradução resistente, ou estrangeirizadora, oposta à prática da fluência, prestigiada por editores e leitores, acaba por ocultar uma outra proposta, a de leitura crítica de traduções. Seria uma leitura voltada para a exposição da tradução enquanto atividade transformadora, dirigida para detectar “discrepâncias” [*discrepancies*], que até hoje teriam sido “encaradas simplesmente como defeitos, como imprecisões lógicas na escolha de palavras, por exemplo” (Venuti, 1986, p. 198).

O que ele denomina “discrepâncias” são palavras, expressões, que tanto forcem o leitor a reparar que um texto foi tocado, quanto evidenciam as determinações culturais que guiaram o processo tradutório. Seu exemplo é da tradução para o inglês de *Il libro del cortegiano*, de Castiglione. Nele, o autor cunha o termo *sprezzatura* para remeter à vida indolente dos cortesãos italianos, assim como ao fato de serem esnobes; ao traduzir por *recklessness* [negligente, descuidado], o tradutor empresta

ao termo um tom negativo, que gera, no leitor, a ideia de um julgamento moral em relação ao personagem e a toda corte italiana.

No primeiro capítulo de *The translator's invisibility* (1995), intitulado “Invisibility”, passa a usar a expressão “leitura sintomática” [*symptomatic reading*], que contrasta com o “método humanista de ler traduções” (p. 25). Esse último modo de ler e traduzir apagaria o que Venuti nesse texto chama de “descontinuidades” [*discontinuities*], privilegiando a comunicação transparente e a inteligibilidade. Uma leitura sintomática, por outro lado, seria historicista, e tanto buscaria detectar a violência do traduzir que privilegia os valores domésticos, quanto explicar, em seu contexto de produção, a razão da inscrição do doméstico na tradução de textos estrangeiros, mesmo em casos que poderiam ser classificados como obras estrangeirizadoras. Esse modo de ler identificaria as descontinuidades na escolha das palavras, na sintaxe, no discurso, quanto buscaria os motivos do procedimento. Um dos exemplos de leitura sintomática que Venuti fornece é a que Bettelheim faz da tradução de Freud organizada por James Strachey (*Standard Edition*), em que aponta como a tradução apagou as descontinuidades em favor de uma estratégia cientificista. Assim, se Freud em inglês parece mais dogmático que no texto alemão, se fala de conceitos abstratos em lugar de falar sobre o próprio leitor, não se aponta para uma tradução descuidada; explica-se o procedimento como uma tentativa de enquadrar Freud na trama da medicina e assimilar seus textos ao positivismo anglo-americano. As escolhas teriam sido determinadas por fatores sociais e institucionais da cultura anglo-americana, em que a psicanálise se aproxima da medicina e onde Freud foi lido com um pano de fundo positivista.

Para Venuti (1995, p. 37), a leitura sintomática não tem o objetivo de apontar se uma tradução é livre ou é fiel, mas apresentar o paradigma de precisão em que a tradução foi produzida e avaliada, quando realizada. Em *Escândalos da tradução* (2002), publicado originalmente em 1998, inclui um capítulo intitulado “Pedagogia da literatura”, em que pretende promover uma leitura de traduções enquanto traduções. Nesse livro, opta, baseado em Lecercle, pelo termo *remainder*, traduzido por “resíduo”, para designar variações linguísticas que revelem sua procedência social ou histórica, ou seja, para substituir “discrepâncias” (1986) e “descontinuidades” (1995). O resíduo pode ocorrer em qualquer texto, seja ele traduzido ou não, e sua característica é causar algum estranhamento por parte do leitor – ter efeitos. No caso da

leitura de traduções enquanto traduções, a proposta é buscar as variantes que se inserem nas formas de maior prestígio, ou buscar elementos que salientem que se trata de um texto estrangeiro.

No capítulo, tece críticas aos cursos de literatura mundial, comuns nos Estados Unidos, em que traduções são lidas, mas sem que se enfatize o fato. A pedagogia da literatura que sugere, pelo contrário, salientaria que as traduções são contextualizadas e interpretações históricas. Nesse sentido, os cursos deveriam abordar quem é o tradutor, assim como o momento histórico da tradução, mas, acima de tudo, enfatizar a diferença, o resíduo, ao reconhecer, na tradução, nuances domésticos e ver os efeitos que causam.

O impacto da denúncia da invisibilidade do tradutor e de sua proposta de tradução não fluente acabou por ocultar a “leitura sintomática” sugerida por Venuti, que consiste em colocar em evidência as discrepâncias, ou descontinuidades, ou o resíduo. Quando se fala desse autor, usualmente é uma maneira de se praticar a tradução que vem em mente, não um elemento a se buscar na análise de uma tradução, nem uma maneira de ler traduções.

Dentre os poucos autores que puseram em evidência esse aspecto de Venuti, está Sherry Simon (1999). Na resenha que fez, *The scandals of translation* (1998), ela afirma que, “ao introduzir a noção de ‘resíduo’ [remainder], Venuti propõe um conceito útil e rico para a compreensão dos efeitos imprevisíveis de uma tradução” (Simon, 1999, p. 195). De acordo com seu ponto de vista, o resíduo permitiria “considerar os perturbadores e estimulantes efeitos da tradução”, assim como “explicar a natureza produtiva das traduções” (p. 195). Seu texto finaliza com a observação de há muito trabalho a ser feito nos Estudos da Tradução, especialmente no sentido de descrever o contato cultural e seus efeitos, e o livro de Venuti ajudaria a dimensionar o trabalho a ser feito.

Eu acrescentaria que Venuti (1986, 1995, 2002) também colabora para abrir caminho para uma maneira de se olhar as traduções. Ainda que não o explicita, os caminhos que trilha indicam que é muito produtivo examinar cada tradução como um acontecimento singular, não com um aparato metodológico previamente construído, mas com um movimento no sentido de observar o que o próprio texto oferece, o que salta à vista na leitura e denuncia a maneira pela qual foi construído.

Assim como Berman, Venuti não sugere que se inicie uma análise pelo cotejo entre tradução e texto de partida. O foco é a tradução e como se situa historicamente.

O terceiro momento que selecionei, com enfoque semelhante, privilegia o estudo de como funcionam certas traduções em determinadas culturas e épocas. Na introdução da coletânea *Translation, history and culture*, Lefevere e Bassnett (1990) explicam que a homogeneidade das contribuições do volume se deve, em grande parte, a um movimento desencadeado por alguns pesquisadores no sentido de não mais concentrar os estudos da tradução nos textos, mas passar a tomar a cultura como elemento central dos estudos. Essa seria a chamada “virada cultural” [*cultural turn*], que envolveria também adotar métodos diferentes dos tradicionais:

o leitor não vai mais encontrar minuciosas comparações entre originais e traduções; porque tais comparações, além de falsamente reforçarem a idéia do texto-enquanto-unidade, tendem a ser vítimas da ‘teoria invisível’ do *tertium comparationis*, implicitamente postulado para garantir julgamentos sobre o motivo de uma determinada tradução (normalmente a proposta pelo escritor do trabalho em questão) ser melhor que outra. (Lefevere; Bassnett, 1990, p. 4)

Esse trecho deixa claro que se prioriza a descrição de traduções, em lugar de se fazerem detalhadas comparações entre original e tradução. Os trabalhos publicados em *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame* (Lefevere, 1992), traduzido para o português em 2007, são exemplares da construção de seu corpus e de seu percurso metodológico. Em geral, o corpus é formado por traduções realizadas em um determinado período de tempo, ou por diferentes formas de reescrita de um mesmo autor ou texto. É inovadora sua maneira de construir as análises, a partir das categorias em que se articula o trabalho de reescrita, tais como patronagem (“mecenato”, na tradução brasileira), poética, ideologia, universo do discurso, língua. Ele evidencia, por exemplo, como diferentes Annes Franks foram construídas em diferentes edições e traduções, como Iliada e Odisseia foram manipuladas em traduções publicadas em diferentes países e épocas. Falando sobre a peça teatral *Lisistrata*, do grego Aristófanes, afirma:

enquanto o tradutor conservador trabalha no nível da palavra ou da frase, o tradutor “espírituoso” trabalha no nível da cultura como um todo, e do funcionamento do texto naquela cultura. Porém, com o passar do tempo, muitas traduções sucedem umas às outras e às vezes elas são diametralmente opostas. (Lefevere, 2007, p. 87)

Delinea-se também a historicidade da tradução em seus textos, especialmente com o intuito de relacionar a tradução a movimentos culturais. Martins (2010), em artigo que enfoca as contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para os Estudos da Tradução, destaca os conceitos de “reescrita” e “patronagem” do primeiro, e a reflexão sobre a “invisibilidade do tradutor” do segundo. Assim como não sublinha a importância do “resíduo” em Venuti, não salienta o encaminhamento metodológico das análises feitas por Lefevere, em que o autor privilegia a comparação entre as várias reescritas de um “mesmo” texto, mas evita minuciosas comparações entre originais e traduções.

Outro ponto pouco mencionado no quadro teórico construído por Lefevere encontra-se também na Introdução de *Translation, history, and culture*, em que os autores afirmam considerar que o futuro dos estudos da tradução está na análise de imagens, tanto a imagem de uma determinada literatura quanto a imagem dos trabalhos que a constituem. Sugerem, ainda, que se repense “a noção de Literatura Comparada, redefinindo-a como uma subcategoria dos Estudos da Tradução” (Lefevere; Bassnett, 1990, p. 13), porque entendem que a tradução tem sido um dos elementos que moldaram as culturas, o que implica que não se pode conduzir o estudo da literatura comparada sem a tradução. Mais importante que comparar textos de partida e traduções, seria investigar a manipulação cultural exercida por aqueles que detêm o poder e as imagens que se formam a partir da leitura da reescrita.

Esses dois autores consideram o estudo da tradução literária, seu principal objeto de pesquisa, como intimamente ligado à literatura comparada. No prefácio de *Constructing cultures* (Lefevere; Bassnett, 1998), livro publicado depois do falecimento de Lefevere, Bassnett informa que o maior ponto de contato entre Lefevere e ela é o fato de que ambos verem o estudo da tradução literária “como intimamente ligada ao estudo de literatura comparada” e, posteriormente, terem constatado que “o estudo da literatura está indissolúvelmente conectado à história” (Bassnett, 1998, p.viii).

O que Bassnett enfatiza, portanto, é que tanto ela quanto Lefevere desenvolveram seu trabalho teórico vinculando tradução, literatura e história a partir de uma determinada perspectiva. E essa é a questão que pretendo (re)ler em um trabalho de uma autora bastante conhecida por *Oficina de tradução*, mas pouco mencionada quando se comenta a questão dos interesses que movem a teorização e a prática, Rosemary Arrojo. No trabalho “A pesquisa em teoria da tradução ou o que pode haver de novo no *front*”, apresentado no 3. Encontro Nacional da ANPOLL, em 1988, e republicado em *O signo desconstruído* (Arrojo, 1992, p. 111-112), a autora enfatiza que

o que pode haver de novo no *front* das teorias da tradução, como o que sempre pôde haver, é exatamente aquilo que nos autoriza a ideologia do nosso tempo e lugar, ou seja, aquele conjunto de convicções que produzem significados que impomos aos objetos e constituem a perspectiva a partir da qual teorizamos e classificamos o mundo.

No texto, ela parte da dicotomia entre teoria e prática que fundamenta o conhecimento moderno, em que se espera que o sujeito que examina e normatiza um objeto, dele se dissocie. A prática estaria relacionada ao intuitivo, opinativo, não à reflexão e, conseqüentemente, em posição inferior à teoria. No entanto, como sugere o pensamento pós-moderno, um sujeito que teoriza se insere em um contexto sócio-histórico, e examina os objetos de acordo com certo ponto de vista. Suas concepções fazem parte do modo como o objeto é encarado e elas são formadas a partir do projeto ideológico da comunidade em que vive, de suas experiências, das leituras a que teve acesso. Da mesma maneira, uma prática que se diz intuitiva é informada por um sistema de ideias e valores que predominam no meio social. Há, portanto, uma teoria direcionando a prática, não de seu exterior, mas uma teoria internalizada, reflexiva.

Arrojo, em vários de seus textos, nos introduz o pensamento pós-moderno, que, simplificando ao extremo, desconfia do discurso totalizante, que visa a explicar tudo, e homogeneizante, que reprime a diferença. Desde que Lyotard publicou *La condition postmoderne* [A condição pós-moderna], em 1976, traduzido para o português em 1986, critica-se o projeto moderno que envolveria uma ciência universal que controlaria as forças naturais e promoveria a compreensão do mundo. Considera-se que não pode haver uma teorização de caráter universal, que forneça modelos prontos e válidos para qualquer época e lugar, que

forneça um instrumental para ser aplicado e estabeleça critérios claros e objetivos para conduzir uma pesquisa, ou mesmo para fazer ou avaliar uma tradução. Enquanto o pensamento moderno privilegia a construção de um método que possa ser reproduzido por vários pesquisadores, a pós-modernidade concentra-se na singularidade do objeto, no episódico, na diferença.

No âmbito do pensamento moderno, o bom tradutor não poderia ser afetado pelo texto que traduz e, muito menos, contaminá-lo com suas próprias convicções ou com as de sua comunidade. História, ideologia, bagagem pessoal seriam empecilhos que afastariam o tradutor do verdadeiro significado de um texto. Na contemporaneidade, o que se coloca é que o tradutor, ser humano, não máquina, não pode se despir do que ele é quando faz uma tradução. Da mesma maneira, reconhece-se que o sujeito teórico não pode deixar de interferir com sua bagagem na maneira pela qual conduz seu trabalho.

Os quatro momentos selecionados nesta (re)leitura foram proporcionados por autores cujo pensamento desestabiliza a noção tradicional de que o tradutor é um ser neutro que não faz uma leitura interferente nem é contaminado pelo texto que traduz. Todos evidenciam que pesquisas produtivas sobre tradução têm como objeto o estudo da intervenção linguística, política, cultural ou social que o tradutor exerce. Todos têm um papel relevante no estabelecimento da tradução como uma disciplina de plenos direitos. Todos penetram nos meandros do complexo encontro entre o doméstico e o estrangeiro. Todos desconfiam da metodologia comparativa que se baseia em minucioso cotejo entre o chamado texto original e a tradução e suas análises não se limitam a seguir um instrumental previamente estabelecido.

Ainda que nem todos se refiram ao pensamento de Jacques Derrida, vejo similaridade entre seus procedimentos e o processo de leitura do filósofo francês. Um dos pontos mais importantes de seu trabalho inicial foi questionar as oposições, entre filosofia e literatura, entre fala e escrita, entre sujeito e objeto, não para revertê-las, mas para problematizá-las. Para fazê-lo, trabalha com os conflitos internos de textos de autores como Platão, Saussure, Rousseau. Derrida salienta que a desconstrução não é um método, porque não há uma formalização específica para tratar de textos em geral. Cada texto analisado indica seus caminhos – como ele diz, “isso se desconstrói” (1998, p. 23). Nesse sentido, cada análise é sempre singular, ou seja, não se reduz a um instrumental de procedimentos a serem seguidos, é um acontecimento,

um movimento de olhar que vem do interior do texto, de sua lógica, de suas exclusões.

O que Derrida fez foi seguir de maneira cuidadosa e rigorosa um caminho que uma determinada obra indicou. Não é outro autor, não é outro texto, que possibilitariam a análise que fez de cada obra. Derrida não propôs um método a ser seguido, ele abriu caminhos para se buscar a singularidade dos objetos, para seguir os rumos que a leitura de cada obra indica.

Os autores aqui (re)lidos praticam a leitura de cada obra como um acontecimento singular, seguindo um movimento de olhar que vem de seu interior, da maneira pela qual ela foi construída. Seus percursos podem ser seguidos, com análises delineadas por um olhar muito receptivo para as traduções e seguindo trajetos possíveis, indicados por elas. Arrojo complementa o quadro, ao salientar que o olhar do pesquisador é interferente e relaciona-se estreitamente com a perspectiva pela qual classifica o mundo.

Com o intuito de expandir os estudos que privilegiam a complexidade do encontro entre o doméstico e o estrangeiro que se dá na tradução, retomei alguns elementos pouco comentados, quase esquecidos, do trabalho desenvolvido em quatro momentos de nossa história de pesquisa, para que deles não nos descuidemos ao traçar os rumos de futuras investigações. Como bem salienta Berman (2002, p. 12), não se trata de um olhar passadista, mas de “um movimento de retrospectão que é uma compreensão de si”.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. A pesquisa em teoria da tradução ou o que pode haver de novo no *front*. In: _____ (Org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992. p. 107-112.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Trad. Érica Lima. São Paulo: FAPESP/Editora da UNICAMP, 1998. p. 19-25.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London: Routledge, 1992.

_____. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

_____; BASSNETT, Susan. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights. The 'cultural turn' in Translation Studies. In: _____ (Ed.). *Translation, history, and culture*. London: Pinter, 1990. p. 1-13.

_____; BASSNETT, Susan. *Constructing cultures: essays on literary translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

MARTINS, M. A. P.. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. *Cadernos de Letras (UFRJ)*, v. 27, p. 59-72, 2010.

SIMON, Sherry. Lawrence Venuti. The scandals of translation. Towards an ethics of difference. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, v. 12, n. 2, p. 193-196, 1999.

_____. Antoine Berman ou l'absolu critique. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, v. 14, n. 2, p. 19-29, 2001.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. *Criticism*, v. 28, n.2, p. 179-212, 1986.

_____. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.

_____. *The scandals of translation: towards an ethics of difference*. London: Routledge, 1998.

_____. *Os escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. de Laureano Pelegrin, Lucinéa Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

PROPOSTA DE UMA DIDÁTICA DE TRADUÇÃO PARA LICENCIANDOS EM LETRAS: BREVE RELATO DE UMA TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA

Heloisa Orsi Koch Delgado
Carmen Lucas Vernetti
Vanessa Fischer

RESUMO: Este trabalho defende a inserção da tradução de textos especializados na formação específica para o ensino de língua inglesa. A ideia justifica-se pela carência de cursos de graduação em Tradução no país⁵⁶ e de disciplinas autônomas de familiarização em tradução nos cursos de Licenciatura em Letras. Propõe-se uma alternativa pedagógica em Tradução para futuros docentes de língua inglesa com o objetivo de instrumentalizá-los e familiarizá-los nesta área, de forma qualificada, e incentivá-los a buscar outra habilitação profissional no futuro, caso seja de seu interesse. A partir de uma revisão sobre Didática da Tradução, Estudos da Tradução, Teoria da Assimilação, texto e linguagem especializados, apresenta-se uma proposta didática para uma disciplina específica que trate, principalmente, da tradução de textos científicos. A proposta está articulada com uma metodologia particular de coleta de dados, que partiu do pressuposto da validade de mapas conceituais como uma estratégia eficiente de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Didática da Tradução. Ensino de Língua Inglesa e Tradução. Linguagem Especializada.

RESUMEN: En este artículo se argumenta a favor de la inclusión de la traducción de textos especializados en la formación específica para la enseñanza de Inglés. La idea se justifica por la falta de programas de grado en Traducción en el país⁵⁷ y de asignaturas autónomas de familiarización

⁵⁶ Atualmente, cerca de 23 cursos de graduação no país. Em 2009, época da primeira sondagem, havia cerca de 16 cursos.

⁵⁷ Actualmente, como 23 cursos de gradi en el país. En 2009, época de la primera prospección, había alrededor de 16 cursos.

en traducción en cursos de Grado en Formación de Profesorado de Lenguas. Proponemos una traducción alternativa pedagógica para los futuros profesores de lengua Inglesa con el objetivo de instrumentalizarles y familiarizarles en esta área, de manera cualificada y animarles a buscar otro título profesional en el futuro, si es de su interés. Desde la revisión de la Didáctica de la Traducción, de los Estudios de Traducción, de la Teoría de la Asimilación, de texto y lenguaje especializado se presenta una propuesta didáctica para una asignatura específica que se ocupa principalmente de la traducción de textos científicos. La propuesta se articula con una metodología particular de recopilación de datos, que partió de la asunción de la validez de mapas conceptuales como estrategia de enseñanza eficaz.

PALABRAS CLAVE: Didáctica de la traducción. Enseñanza de Inglés, lengua y traducción. Lenguaje especializado.

1. TRAÇOS GERAIS DA PROPOSTA DIDÁTICA

Este artigo, parte integrante da tese de doutorado de Delgado (2012), trata da inserção do tema da tradução da linguagem especializada na formação de professores de língua inglesa (doravante LI). Para o tratamento deste tema, criamos, sob uma perspectiva teórico-aplicada, um conjunto de estratégias didáticas de tradução, que foi denominado DiTraLL (Didática de Tradução para Licenciandos em Letras)⁵⁸. Esse conjunto de estratégias, resultante da aplicação de uma metodologia específica de coleta de dados, resgata uma série de conceitos teóricos de familiarização sobre tradução e de tarefas práticas que apresentam níveis graduais de dificuldade. A metodologia de coleta de dados foi testada em quatro estudos-piloto, com diferentes grupos de estudantes, e se ocupou de traduções de textos científicos, no par de línguas inglês-português, feitas com e sem recursos pedagógico-instrumentais (mapas conceituais) por estudantes de Licenciatura em Letras⁵⁹ da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (doravante PUCRS), em Porto Alegre.

A análise das traduções produzidas nestes estudos-piloto revelou uma transformação da produção textual que, muito antes do que

⁵⁸ <http://ditrall.pbworks.com/w/page/52551500/DiTraLL>.

⁵⁹ Estudantes com nível de proficiência em língua inglesa que, grosso modo, pode ser equiparado ao dos níveis pré-intermediário e intermediário. Os participantes dos estudos-piloto cursavam disciplinas de Língua Inglesa 4, 5 e 6, considerando-se uma grade curricular que vai até Língua Inglesa 8.

evidenciar erros e acertos, mostrou a construção de uma familiarização qualificada por parte do aprendiz sobre o processo tradutório. As traduções dos estudantes, feitas com e sem o uso de insumos, foram comparadas com as traduções de duas profissionais: uma tradutora e uma psiquiatra⁶⁰. Esta caminhada metodológica forneceu subsídios à construção da DiTraLL, constituída por Unidades Didáticas de Tradução (doravante UDTs) ou, em língua inglesa, *Didactic Units of Translation* (doravante DUTs), que se concretizam em exercícios de dificuldade gradual sobre um campo temático especializado (Transtorno do Humor Bipolar, doravante THB) e sobre tarefas de tradução *per se*. Valeu-se, igualmente, do recurso de elaboração de mapas conceituais⁶¹ como um dos instrumentos para a compreensão da linguagem especializada envolvida nos textos a traduzir.

A comparação entre as produções dos estudantes e das profissionais serviu para a avaliação qualitativa da metodologia utilizada e do uso didático do mapa conceitual. Tanto a metodologia quanto esse tipo de mapa mostraram-se importantes para a melhoria da compreensão de leitura global assim como da compreensão lexical, sintática e pragmática da linguagem dos textos sobre o THB.

Para a constituição da DiTraLL, nosso percurso de coleta e análise de dados, com os estudantes e as profissionais, teve quatro etapas⁶²:

- a) Estudo-Piloto Zero (EP Zero): tradução de três introduções de artigos sobre o THB sem o uso de insumos, pelos estudantes, e comparação dessas produções com as da psiquiatra. Desta comparação, foram identificadas as distâncias globais entre a competência do aprendiz e a do profissional do tema do texto.
- b) Estudo-Piloto Um (EP Um): tradução, pelos estudantes, de uma introdução completa de artigo sobre o THB sem o uso de insumos. Construção do mapa conceitual do texto pela pesquisadora e pela psiquiatra. Esse mapa foi fornecido aos estudantes para uma etapa de revisão de suas traduções. Essas produções revisadas com o uso do mapa conceitual foram, então, comparadas com as produções da psiquiatra e da

⁶⁰ Cristina Heuser e Dra. Carmen Vernetti.

⁶¹ Definição, exemplos e análise dos mapas podem ser encontrados na tese de Delgado (2012).

⁶² Vale salientar que as tarefas solicitadas aos estudantes foram desenvolvidas como atividade extra da disciplina regular de língua inglesa.

tradutora profissional. Foi observada uma maior proximidade lexical, sintática e pragmática entre os textos dos estudantes e os das especialistas.

- c) Estudo-Piloto Dois (EP Dois): realização de novas tarefas com aumento progressivo no nível de dificuldade. Tradução, pelos estudantes, de três *abstracts*, comparada com a tradução feita pela psiquiatra. Divisão do grupo de estudantes em dois: grupo um, que construiria um mapa conceitual a partir de um material informativo em português fornecido pela pesquisadora e, posteriormente, utilizado como instrumento na sua tradução; grupo dois, que faria a tradução sem recorrer a nenhum insumo semelhante. Revisão, pela psiquiatra, dos mapas construídos pelos estudantes. Atualização dos mapas produzidos pelos estudantes a partir das indicações da psiquiatra. Comparação das produções dos dois grupos com a tradução dos mesmos textos feita pela psiquiatra. Observou-se maior proximidade lexical, sintática e pragmática entre as produções dos estudantes que utilizaram o mapa e a tradução realizada pela psiquiatra. A metodologia da coleta de dados mostrou que, mesmo o grupo que não fez uso do mapa, melhorou sua produção tradutória, principalmente no que diz respeito ao aspecto microtextual analisado (léxico, sintaxe e pragmática).
- d) Estudo-Piloto Três (EP Três): tradução de um artigo completo sobre o THB por dois grupos de estudantes (o que construiu os mapas e o que não os construiu). Nessa etapa, o primeiro grupo pôde ampliar seus mapas, utilizando como fonte de informação o artigo a ser traduzido e, novamente, contou com a revisão da psiquiatra. O resultado desse último experimento confirmou uma melhora qualitativa de ambos os grupos pela comparação dos textos traduzidos destes com o da psiquiatra: percebeu-se que a metodologia de coleta de dados como um todo - e o uso do mapa conceitual, em particular - auxiliou ambos os grupos a obter um bom resultado final. Importante salientar, no entanto, que as traduções por aqueles que utilizaram o mapa apresentaram uma proximidade lexical, sintática e pragmática mais próxima à tradução da psiquiatra, identificando um número maior de elementos coesivos e estabelecendo mais relações textuais através da contextualização.

Importante salientar que, em nenhum momento dessa trajetória, foi fornecido insumo teórico sobre a natureza da tradução. Essa opção

relaciona-se à preocupação de não situar a tradução processo-produto ou a tradução comportamento linguístico ou competência, para que os desempenhos dos estudantes fossem os mais naturais possíveis. A apresentação da tradução em si, entretanto, é uma parte importante da nossa proposta didática, para fins de análise e serviu de base para a construção da DiTraLL.

Além disso, cabe dizer que o texto científico sobre o THB foi utilizado devido aos seguintes fatores: a) familiaridade da pesquisadora com esse tema através de traduções realizadas para psiquiatras do IPPAD (Instituto de Pesquisa e Prevenção em Álcool e outras Dependências) e b) consciência sobre a importância social do tema⁶³ e de sua importância para estudantes de Medicina, nosso usuário em potencial, haja vista a dificuldade de diagnóstico e a incapacitação que pode causar aos seus portadores (MORENO, 2005).

Em que pese a importância de divulgar essa área do conhecimento e a demanda por traduções profissionais, nossa proposta didática pode ser conduzida com textos de quaisquer outras áreas do conhecimento que o professor julgue oportuno explorar com seus alunos.

O artigo aqui apresentado, portanto, tem o objetivo de defender a validade da exploração do tema da tradução na formação de professores de acordo com um conjunto de estratégias previamente testadas nos quatro estudos-piloto conduzidos. A apresentação exaustiva destes estudos tem, como um de seus objetivos, comprovar que recursos tais como o mapa conceitual, embasados na perspectiva de uma aprendizagem significativa e acompanhados de uma devida apresentação metodológica podem, realmente, transformar o desempenho dos estudantes, colaborando, inclusive, para a melhoria da sua aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Além disso, os estudos-piloto mostraram aos estudantes⁶⁴ a diferenciação entre a tarefa tradutória como prática profissional e a tradução simples feita como uma tarefa de aprendizagem da língua.

⁶³i) a parcela significativa da população que sofre de oscilações de humor maiores do que o normal - cerca de 10% da população - com diferentes graus de prejuízo; ii) o alto índice de risco de suicídio entre os bipolares (30 vezes maior do que outros transtornos); iii) a morbidade⁶³; iv) o prejuízo da qualidade de vida; v) o custo elevado para o tratamento (Revista Racine, 2009, v. 19).

⁶⁴ De acordo com os seus depoimentos falados.

Nesse sentido, nosso estudo trata da *familiarização* do tema da tradução através da elaboração de uma proposta didática baseada em tarefas e centrada no aprendiz, inspirada no modelo das unidades didáticas apresentadas por Hurtado-Albir (2005). Ao invés de *adquisição da competência tradutória*, como define a autora, portanto, faremos uso da expressão *aprendizagem de competências tradutórias familiarizadoras*, que mais adequadamente reflete a nossa proposta.

Em vista dessa concepção sobre a didática de tradução, elaboramos uma proposta que visa a uma metodologia ativa, na qual o aluno aprende *fazendo* através da introdução de tarefas facilitadoras (pedagógicas) e que o faz responsável por seu próprio processo de aprendizagem. Naturalmente, essa proposta levará em consideração o contexto de Licenciatura em Letras para o qual dirigimos nossa atenção.

A nossa proposta metodológica demonstrou que ao longo dos estudos-piloto houve uma melhora gradual do processo tradutório através do uso dos mapas conceituais. Como exemplo, descreveremos um recorte do percurso do Estudo-Piloto Três por nos parecer o mais conclusivo.

1. ESTUDO-PILOTO TRÊS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE METODOLÓGICA

Nesta seção, descrevemos a coleta e análise dos dados do Estudo-Piloto Três, que pretendeu ampliar a nossa hipótese de que o mapa conceitual é um recurso didático útil para o incremento da competência tradutória em linguagens especializadas. Vimos, nos estudos-piloto anteriores (Zero, Um e Dois), que as estratégias e recursos apresentados na nossa proposta pedagógica auxiliaram os dois grupos a qualificar seus textos traduzidos (doravante TTs), principalmente quanto aos aspectos de ordem microtextual (equivalência lexical, classe da palavra e ordem das palavras) e de aspectos macrotextuais (contexto de uso e blocos ideacionais) analisados. Desejávamos, portanto, obter um número maior de subsídios investigativos através da solicitação de mais uma tarefa de tradução: a de um artigo sobre o THB na íntegra (neste Estudo-Piloto). Analisamos as textualizações desse artigo, portanto, não apenas a partir das dificuldades lexicais e gramaticais mas, também, dos aspectos de coesão e relações de correspondência, e do critério de risco de Pym (2004).

O autor define risco como a possibilidade de o texto traduzido não atender aos seus propósitos e não levar à obtenção de uma condição de sucesso. Salienta que, no âmbito da tradução, existem elementos de alto e baixo risco e que a maioria deles fica entre os dois tipos. Cita como exemplo de alto risco um erro no nome dos pais ou na data de nascimento no caso da tradução de uma certidão de nascimento. Nos textos que tratam do THB, podemos citar, dentre vários exemplos, o não entendimento dos estágios do transtorno bipolar (mania e hipomania), as inadequações nos nomes dos exames médicos e na dosagem dos remédios.

Pensando nesse critério e tendo em mente que a familiarização dos estudantes de licenciatura em Letras na tarefa de tradução, objetivo deste trabalho, pode levá-los à profissionalização no futuro, faz-se necessário mencionar também alguns aspectos da avaliação profissional. Possamai (2010) menciona, como exemplo, as planilhas utilizadas nas avaliações de traduções pelas agências especializadas, que visam a medir a qualidade e a adequação de um trabalho de tradução. A autora salienta que existem casos em que “até mesmo descontos financeiros nos valores a serem pagos são aplicados às agências de tradução caso os tradutores não atinjam um determinado escore (p. 56)”. Nessas planilhas, em que são apontadas sugestões e correções ao tradutor, são incluídas falhas de diferentes naturezas, tais como:

erros de precisão (omissões, acréscimos, texto não traduzido, sentido incorreto); de língua (sintaxe, pontuação, ortografia, erro de digitação); de terminologia (inconsistência, falta de compatibilidade com o glossário fornecido); de estilo (conformidade com o guia de estilo do cliente); de leiaute (formato, texto oculto, tags e espaço); de regionalismos (padrões regionais/nacionais, adequação ao mercado local); e de conformidade (instruções, glossários e guias de estilo). (POSSAMAI, 2010, p. 57)

Embora o enfoque deste estudo não esteja direcionado à avaliação profissional da tradução e nem aos instrumentos avaliativos utilizados pelo mercado de trabalho, acreditamos que podem servir de parâmetros de conscientização para o contexto da aprendizagem em tradução. É necessário que futuros profissionais, e aqui consideramos *possíveis* profissionais, saibam que serão julgados pelos seus serviços de

acordo com padrões estabelecidos pelas agências de tradução, e que existem formas de minimizar as prováveis inadequações advindas destes serviços. Dentre elas, citamos os equívocos de reexpressão tais como a seleção equivocada das associações das palavras, que foram discutidas nas análises dos quatro estudos-piloto realizados.

Dessa forma, as possibilidades de insucesso em uma tradução vão além dos equívocos ocasionados pela escolha errada de termos técnicos ou de uma lista estanque de falsos cognatos. Diante de uma relação de possíveis problemas, como o que mencionamos, podemos entender que o tradutor pode deixar-se levar pelas aparências (*e não do jeito que se diz*) tanto na equivalência de uma palavra ou termo quanto nos planos sintático, semântico, pragmático, estilístico, cultural e formal (POSSAMAI, 2010).

Nesse enfoque, Pym (2004) salienta que é necessário pensar na finalidade da tradução e no papel que ela desempenhará, para tentar minimizar as inadequações tradutórias, e acrescenta que os riscos não são necessariamente de natureza linguística. O autor defende a posição de que estes fatores são relativamente conhecidos pelos profissionais, mas aponta que as teorias de tradução não têm percebido o valor que a análise do risco pode lhes oferecer. Gouadec (2002) defende a ideia da investigação pré-tradução, também considerada por Pym (2004). Essa investigação se constitui na obtenção do máximo de informações possíveis antes do início da tarefa, visando à solução de problemas tradutórios. Estes autores salientam que os esforços de investigação pré-tradução seriam uma maneira mais eficiente de gerenciar o risco do que a resolução dos problemas individualmente e a cada nova ocorrência. Pym acrescenta que as informações mais necessárias são aquelas relacionadas às opções de alto risco e que os tradutores deveriam obter o máximo de informações a respeito dessas opções antes de traduzir, para eliminar possíveis “adivinhações” e, conseqüentemente, reduzir o risco da inadequação.

O ponto de vista desses autores nos ofereceu apoio teórico para a metodologia de familiarização em tradução utilizada nesta pesquisa, na qual propusemos, aos nossos licenciandos, diversas atividades de leitura (em língua portuguesa) sobre o THB, com diferentes densidades terminológicas (linguagem simples a sofisticada) e destinadas para públicos igualmente diferentes (leigos, estudantes de Medicina e profissionais da psiquiatria). O objetivo de disponibilizar aos licenciandos esse material foi o de instrumentalizá-los com a terminologia e com os conceitos sobre essa área temática, pois acreditamos, igualmente, que a

investigação pré-tradução é o primeiro passo a ser dado quando lidamos com uma área desconhecida, que precisa ser textualizada em outra língua.

Ainda com relação ao conceito de risco, incluímos o mapa conceitual em nossa metodologia de familiarização, por se tratar de um recurso gerenciador de risco, pois aquele que o constrói pode aperfeiçoá-lo de forma gradual à medida que apreende novos conhecimentos. Esse recurso representa, metaforicamente falando, a espinha dorsal metodológica do nosso trabalho: i) a construção do conhecimento anterior à tarefa de tradução, que parta de conceitos gerais (com menor densidade terminológica) para os específicos (com maior densidade terminológica); ii) a assimilação gradual de conteúdos; iii) a autonomia do aluno pela sua aprendizagem e iv) a possibilidade de revisão e reestruturação de conceitos previamente estruturados.

Dando continuidade à descrição desse estudo-piloto, versaremos sobre as características gerais do TO, a metodologia da coleta de dados e, em seguida, a análise do corpus utilizado. Vale lembrar que a relativização da discussão dos dados é uma peça-chave, já que as textualizações analisadas em cada um dos estudos-piloto anteriores foram feitas por licenciandos que haviam tido um contato mínimo com o todo do texto científico e que nem foram expostos a reflexões sobre a natureza do trabalho de tradução.

2.1 O Córpus de Pesquisa

Neste estudo-piloto, apresentamos uma análise comparativa de quinze segmentos, em sua maioria frases inteiras retiradas do artigo intitulado *Occupational status and social adjustment six months after hospitalization early in the course of bipolar disorder: a prospective study*, com 4.621 palavras e publicado em 2010, em meio eletrônico. Esses trechos apresentam um alto nível de densidade terminológica e foram extraídos da revista *Bipolar Disorder*, que apresenta pesquisas recentes sobre o THB e suas comorbidades e considerada referência no meio psiquiátrico.

2.2 Metodologia da Coleta dos Dados

A metodologia utilizada para a coleta de dados foi constituída dos seguintes passos:

a) armazenamento das traduções dos alunos em arquivos (extensão doc) do Word;

- b) limpeza (exclusão de tabelas, símbolos, etc.) e armazenamento dos textos em formato txt;
- c) inserção e alinhamento das frases na plataforma *Corpógrafo*⁶⁵;
- d) escolha de segmentos (com colocações) a serem analisados, dispostos em quadros (um para o grupo Com Mapa e o outro para o Grupo Sem Mapa) com a mesma configuração utilizada no EP Dois⁶⁶.

2.3 Critérios para Análise dos Dados

Estabelecemos os seguintes critérios para analisar os dados coletados, considerando, naturalmente, o contexto de formação dos respondentes. Esses critérios foram estruturados com base nos dados (problemas identificados) que obtivemos nos experimentos anteriores e possibilitaram a formação dos seguintes critérios de risco⁶⁷:

Nível 1: Problemas de não equivalência de ordem microtextual:

- Equivalência (lexical da palavra): risco baixo
- Classe da palavra: risco baixo
- Equivalência (lexical do termo): risco médio
- Ordem das palavras: risco médio
- Equivalência lexical do termo e ordem das palavras: risco alto

Cabe ainda dizer que esses critérios também levaram em consideração um provável usuário desses TTs: o estudante de Medicina que não esteja familiarizado com termos e nós conceituais sobre o THB, que possuem uma alta carga semântica. Nesse sentido, a precisão da equivalência lexical de um termo e de colocações em TTs, por exemplo, pode ser esclarecedor para o futuro médico, caso tenha que construir um conhecimento qualificado sobre essa doença.

⁶⁵ Esta plataforma serve para a compilação, organização e exploração de corpora, em um único ambiente. Endereço eletrônico: www.linguateca.pt.

⁶⁶ A única diferença é a inserção, nesse quadro, do item *critério de risco*.

⁶⁷ Assim como no Estudo-Piloto Dois, esses critérios estão categorizados de forma simplificada, embora saibamos que existam outras variáveis no momento da observação de um TT, tais como o co-texto onde as estruturas estão inseridas e a nossa interpretação no momento da análise das textualizações. Salientamos, ainda, que essa é apenas uma proposta de categorização. Se as traduções não apresentarem problemas em nenhum desses critérios, a seguinte frase será apresentada: não apresenta risco.

2.4 Análise dos Dados

Quadro 1 - Exemplo 1

<i>TO⁶⁸: The fact that we studied persons who were admitted to the hospital provides a focus on individuals who met the often stringent criteria for hospital admission; these individuals are most at risk for adverse illness outcomes and long-term disability.</i>		
TTM ⁶⁹ : O fato de termos analisado pessoas que tiveram internação hospitalar faz com que voltemos nossa atenção a indivíduos que preencheram critérios frequentemente rígidos para a admissão hospitalar; estes indivíduos, em sua grande maioria, correm o risco de apresentarem resultados adversos da doença e incapacidade a longo prazo.		
TTR	Tradução	Critério de risco
TTR ⁷⁰ 4	O fato de termos estudado as pessoas que estavam internadas no hospital apresenta um enfoque sobre os indivíduos que preencheram os critérios rigorosos, muitas vezes de internação hospitalar, e esses indivíduos estão em maior risco para resultados adversos da doença e incapacidade de longa duração.	Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Ordem das palavras: risco médio
TTR9	O fato de termos estudado pessoas que foram internadas no hospital proporciona um foco nos indivíduos que respeitam o critério frequentemente rigoroso para internação hospitalar, esses indivíduos estão mais em risco de resultados adversos da doença e incapacidade de longo termo.	Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo.

Fonte: Delgado, 2011.

Quadro 2 - Exemplo 2

⁶⁸ Texto Original.

⁶⁹ Texto Traduzido da Médica.

⁷⁰ Texto Traduzido do Respondente.

<i>TO: Further studies are needed to identify risk factors for impaired occupational and overall adjustment early in the course of illness when such predictions are relatively free of the confounding effects of chronic illness and when opportunities for rehabilitation offer the most promise.</i>		
TTM: Estudos adicionais são necessários para identificarmos os fatores de risco de prejuízos na adaptação geral e ocupacional no início da doença, quando tais previsões estão relativamente livres dos efeitos mascaradores da doença crônica, que podem causar confusão no diagnóstico e quando as oportunidades para reabilitação são mais promissoras.		
TTR	Tradução	Critério de risco
TTR2	Estudos adicionais são necessários para identificar os fatores de risco para o enfraquecimento ocupacional e ajustamento geral logo no início do curso da doença, quando tais indicações são relativamente livres de efeitos mascaradores da doença crônica e quando as oportunidades para reabilitação oferecem a maior das promessas.	Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Equivalência (lexical do termo): risco médio. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo*.
TTR8	Estudos adicionais são necessários para identificar os fatores de risco para o enfraquecimento ocupacional e ajustamento geral no início do curso da doença, quando tais indicações são relativamente livres de efeitos mascaradores da doença crônica e quando as oportunidades para reabilitação oferecem a maior das promessas.	Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Equivalência (lexical do termo): risco médio. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo*.

Fonte: Delgado, 2011.

Quadro 3 - Exemplo 3

<i>TO: Further studies are needed to identify risk factors for impaired occupational and overall adjustment early in the course of illness when such predictions are relatively free of the confounding effects of chronic illness and when opportunities for rehabilitation offer the most promise.</i>		
TTM: Estudos adicionais são necessários para identificarmos os fatores de risco de prejuízos na adaptação geral e ocupacional no início da doença,		

quando tais previsões estão relativamente livres dos efeitos mascaradores da doença crônica, que podem causar confusão no diagnóstico e quando as oportunidades para reabilitação são mais promissoras.		
TTR	Tradução	Critério de risco
TTR4	Mais estudos são necessários para identificar fatores de risco para o ajustamento ocupacional e geral prejudicada no início do curso da doença, quando tais previsões são relativamente livres de efeitos de confusão de doenças crônicas e quando as oportunidades para reabilitação são mais promissoras.	Classe da palavra: risco baixo. Equivalência (lexical do termo): risco médio. Equivalência (lexical do termo): risco médio.
TTR9	Mais estudos são necessários para identificar fatores de risco para a adaptação total e ocupacional debilitada precocemente no curso da doença, quando tais previsões são relativamente livres de efeitos que causam confusão de doença crônica e quando oportunidades para reabilitação oferecem a melhor promessa.	Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Classe da palavra: risco baixo. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Equivalência (lexical do termo): risco médio. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo. Equivalência (lexical da palavra): risco baixo*.

Fonte: Delgado, 2011.

*Da colocação verbal.

2.5 Discussão dos Dados

Nos quadros acima, apresentamos três dos quinze segmentos escolhidos do TO e seus TTs, por dois respondentes do grupo CM e dois do grupo SM, tendo como referência o TT da psiquiatra. Nossa intenção primeira era saber se esta tarefa, que visava à textualização de um artigo científico completo, apresentaria problemas tradutórios similares aos

apresentados pelos respondentes nas etapas anteriores, em que traduziram partes de um artigo (*abstract* e introdução).

Observando-se o número total de problemas encontrados - relatados com mais detalhamento no texto da tese - independentemente do risco associado a estes, verificamos que o grupo CM apresentou um número inferior significativamente menor (22) do que o grupo SM (38), indicando uma alteração positiva maior nos TTs do primeiro grupo.

No que diz respeito à semelhança do tipo de problema tradutório, observamos que a concentração está na equivalência lexical da palavra e do termo⁷¹, diferenciando-se, de certo modo, dos estudos-piloto anteriores, cujo problema mais frequente ocorreu na ordem (ou arranjo) das palavras de uma colocação. Acreditamos que as textualizações desse tipo de estrutura foram menos recorrentes por dois fatores: i) a metodologia da coleta de dados, que apresentou o tema especializado a ser traduzido, a partir de conceitos amplos e gerais (densidade terminológica baixa) para conceitos específicos e especializados (densidade terminológica alta), e que utilizou o mapa conceitual como recurso pedagógico⁷² e ii) o artigo na íntegra, que proporcionou aos respondentes uma exposição ao todo de significação do conteúdo e a uma possível identificação e estruturação desse todo em blocos ideacionais, facilitando a relação entre eles. Observamos, igualmente, que esses dois fatores modificaram positivamente o desempenho dos dois grupos⁷³, nesta última etapa, ao o compararmos às outras etapas (Estudo-Piloto Zero, Um e Dois).

No que se refere aos dados comparativos desse estudo-piloto, observamos que o grupo CM apresentou mais segmentos isentos de risco⁷⁴ (14) do que o grupo SM, que apresentou 8 no total, indicando, grosso modo, uma maior alteração positiva nos TTs do primeiro grupo. O subtotal das categorias de risco baixo foi particularmente inferior neste grupo (9) do que no segundo (21), mas o subtotal das categorias de risco médio se manteve similar entre os dois grupos (13 e 16, respectivamente). A frequência do critério de risco alto foi baixa: um apenas no SM, indicando, novamente, uma mudança positiva nas textualizações de

⁷¹ Provavelmente por apresentar uma densidade terminológica ainda maior do que os textos anteriores.

⁷² O mapa foi inserido nesta pesquisa a partir do Estudo-Piloto Um, etapa em que não dividimos os grupos em dois, ou seja, os três respondentes tiveram acesso ao mapa construído pela autora e revisado pela psiquiatra, para suas textualizações.

⁷³ Dados comparativos no próximo capítulo.

⁷⁴ Considerando a sugestão que foi apresentada nessa pesquisa.

ambos os grupos. Vale ponderar neste momento que, embora o risco médio tenha sido similar entre os dois grupos num contexto microtextual de análise, ainda assim obtivemos uma resposta otimista para as nossas questões de pesquisa: a) a metodologia de coleta de dados, apresentada ao longo dos estudos-piloto conduzidos, modificou positivamente as traduções feitas pelos estudantes-respondentes e b) o mapa conceitual, construído na língua que se vai traduzir (neste caso, a língua portuguesa) mostrou ser um recurso didático útil para facilitar o entendimento de nós conceituais de textos especializados e, dessa forma, auxiliar na construção de um texto traduzido viável.

Podemos considerar, dessa forma, que o licenciando em Letras pode adquirir, sim, competências básicas iniciais na área da tradução de linguagens especializadas a partir de tarefas de familiarização com o conteúdo do texto a ser traduzido, elaborando, para tanto, por exemplo, um mapa conceitual representativo deste conteúdo.

Falamos, até aqui, sobre os TTs numa perspectiva de análise microtextual, com base em problemas de não equivalência lexical e gramatical e criamos categorias de risco que dessem conta desses problemas, mesmo que de forma simplificada. Estamos cientes, no entanto, de que a ponderação sobre aspectos macrotextuais é igualmente importante tanto para a compreensão do texto original quanto para a produção de textos traduzidos. Aspectos estes que podem contemplar as unidades gênero e padrões retóricos, por exemplo, assim como as relações do texto com o contexto. Embora estes e muitos outros fatores possam ser evocados, propomos uma rápida observação sobre o desempenho global dos respondentes, com base em problemas de coesão e de coerência. Estas são duas noções importantes quando trabalhamos com textos no nível do discurso, ou seja, num nível em que o entendimento apenas das palavras ou das frases isoladamente não é suficiente. A coesão, vale lembrar, é uma rede de relações encontrada na superfície do texto que estabelece as ligações entre as palavras e as expressões do texto; já a coerência é uma rede de relações conceituais subjacente à superfície textual, sendo, portanto, uma faceta de avaliação do texto pelo leitor (MAGALHÃES, 2009).

De modo geral, como anteriormente ponderado, os respondentes dos dois grupos (CM e SM) apresentaram alterações positivas nos seus TTs ao longo de todo o processo de análise de dados apresentada nesta pesquisa tanto no nível microtextual quanto no macrotextual. Naturalmente, existem fatores tais como o conhecimento

de mundo, que influenciam no processo e no produto de uma textualização a ser realizada e que também influenciaram no processo e produto das textualizações aqui realizadas.

No entanto, os problemas de ordem microtextual (lexical, gramatical) apresentados pelo grupo SM (e com menor frequência pelo CM) geraram, em alguns dos segmentos, problemas de ordem macrotextual e TTs menos naturais e menos próximos aos TTs da psiquiatra. Estes problemas, aos quais fazemos referência, estão mais concentrados no nível pragmático, resultando, novamente, em inadequações no jeito de dizer da comunidade psiquiatra, que consideram o contexto de uso em questão. Vejamos alguns exemplos ilustrativos:

- a) Grupo SM: *impairments* por *deficiências* e não por *prejuízos*; *follow-up* por *revisão* e não por *acompanhamento*; *disorder* por *desordem* e não por *transtorno*; *predictors* por *prognósticos*; *term* por *duração* e *termo* e não por *prazo*; *confounding* por *confusão* e não por *mascaradores*; *consecutive admission to the inpatient* por *admissões nos consecutivos internamentos* e *admissões consecutivas à hospitalização* e não por *admissão para programas de internação*.
- b) Grupo CM: *adjustment* por *ajustamento* e não por *adaptação*; *predictors* por *indicadores* e não por *preditores*; *disability* por *invalidez* e não por *incapacidade*;

O grupo CM, ao longo da trajetória de análise dos estudos-piloto, obteve menos problemas de ordem pragmática do que o SM, levando-nos a consolidar a nossa crença de que a análise do detalhe de uma tradução é de suma relevância para a análise de seu todo. Como vimos nos exemplos acima, os problemas apresentados por nossos respondentes estão relacionados ao modo de dizer especializado de natureza científica resultantes de “falhas” em um nível pragmático, que interferem negativamente no todo de significação de um texto, seja este produzido na língua materna ou num texto traduzido.

De modo geral, no entanto - e levando em consideração o contexto de estudantes de Licenciatura em Letras em tarefas de tradução - podemos dizer que estes apresentaram TTs, na maioria das vezes, viáveis, principalmente nos dois últimos experimentos. Podemos igualmente concluir que tanto a metodologia de coleta de dados (para os dois grupos) quanto a inclusão do mapa conceitual como um recurso pedagógico tradutório (para o grupo CM) auxiliaram qualitativamente os

respondentes nas tarefas solicitadas. Parece-nos que a inclusão deste recurso para o grupo CM possibilitou uma maior frequência de TTs mais naturais e parecidos com o TT de referência.

Por último, acreditamos que há a necessidade de conhecer como aconteceu o processo de textualização desses respondentes, ou seja, quais recursos utilizaram, quais as dificuldades encontradas não identificadas por meio de nossa análise, que opinião possuem sobre a metodologia de coleta de dados empregada e, enfim, como entendem o processo e produto envolvidos nas tarefas solicitadas nos estudos-piloto. Na tentativa de conhecermos estes aspectos, elaboramos um questionário⁷⁵ com perguntas de escolha múltipla e opções de sugestão e opinião. Acreditamos que este questionário, quando posto em utilização, poderá contribuir de diversas formas, talvez nem pensadas ainda, para a qualificação de nossa proposta didática.

Vale dizer que nosso modelo de metodologia de coleta de dados, desenhado e estruturado para fins pedagógicos (processo de familiarização) resultou em TTs viáveis (produto) por parte de ambos os grupos. Naturalmente, não levamos em considerações todos os aspectos que envolvem uma tarefa de tradução por se tratar de assunto complexo, com pontos de vista idiossincráticos e com inúmeros pontos relevantes a serem discutidos. Esperamos, no entanto, que nossas ideias possam ser replicadas e aperfeiçoadas por meio de pesquisas que tratem da interface entre docência e tradução de língua inglesa, já que mostramos, pelo menos nos limites deste estudo, que existe possibilidade de um futuro professor de língua inglesa ingressar em uma atividade paralela ao da docência, - neste caso a tradução - se for realizada com a devida qualificação.

Por fim, o recorte investigativo apresentado de forma intentou mostrar, igualmente, que existe um universo a ser pesquisado e debatido entre os profissionais desta área, e, também, entre aqueles indiretamente envolvidos no processo tradutório, tais como especialistas de outros campos do saber. A experiência de pesquisa que vivenciei com a psiquiatra que participou deste estudo foi de grande valia para o meu crescimento como tradutora, o que consolida a nossa crença de que um trabalho de tradução pode e deve ser interdisciplinar, sempre que possível.

⁷⁵ Anexo AP da tese de Delgado (2012).

REFERÊNCIAS

DELGADO, H. O. K. **Proposta de um didática de tradução de linguagens especializadas para licenciandos em Letras**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

GOUADEC. **Profession: traducteur**. Alias Ingénieur en Communication Multilingue (et) Multimedia. Paris: La Maison du Dictionnaire, 2002.

HURTADO-ALBIR, A. A Aquisição da Competência Tradutória. In: **Competência em Tradução**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MAGALHÃES, C. Estratégias de análise macrotextual. In: **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. ALVES, F; MAGALHÃES, C.; PAGANO A. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Estratégias de análise microtextual. In: **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. ALVES, F; MAGALHÃES, C.; PAGANO A. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

MORENO, R.A. MORENO, D.H. RATZE, R. Diagnóstico, tratamento e prevenção da mania e da hipomania no transtorno bipolar. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 32, supl 1. São Paulo: Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2005.

POSSAMAI, V. **Associações sintagmáticas relevantes para a tradução de artigos médicos e ferramenta de apoio ao tradutor**. Tese (Doutorado em Letras, Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PYM, A. **The Moving Text**. Localization, Translation and Distribution. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 2004.

ANÁLISE DE CORPUS LINGUISTICO EM PESQUISAS DE LEITURA E TRADUÇÃO, FUNDAMENTADA NA LINGUISTICA TEXTUAL DE VAN DIJK E KINTSCH

Marisa Helena Degasperi

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever um modelo de análise de corpus de controle, utilizada em uma investigação científica que resultou em uma tese de doutorado (Degasperi, 2009) sobre processamento de leitura para a produção de resumos em ambiente virtual (AV) e em ambiente não-virtual (ANV). A análise dessa pesquisa considerou as características do texto, fundamentada em teorias da linguística textual de base cognitiva com abordagem discursiva de Teun Adrianus Van Dijk (1978-1996) e Walter Kintsch (1978-2006) que organizam a produção de inferências em três diferentes níveis, de acordo com a organização da estrutura discursiva do texto e o modelo de situação, que adiciona parâmetros semânticos e pragmáticos a esta organização. Segundo esse modelo, se constitui um modelo de situação que deve reger a ordem estrutural do sentido global do texto e requerem diferentes competências do leitor-escritor. Com base na Linguística de Corpus de McEnery & Hardie (2012), nos Estudos da tradução de Orozco e Albir (2002) e Pagano, Magalhães & Alves (2005) faz-se uma adaptação do método para análise de textos em pesquisas com abordagem em leitura para a tradução e em tradução, de análise do TF e do TM, comprovando a viabilidade de sua aplicação para esse tipo de produção textual e também a aposta de aplicabilidade para qualquer outro tipo de texto, com as devidas adequações, em pesquisa que abordam leitura com objetivo específico e em tarefa específica.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Estudos da tradução; Linguística textual; Modelo situacional.

ABSTRACT: This paper aims to describe a model for an analysis of a control corpus, used in a scientific investigation that resulted in a PhD thesis (Degasperi, 2009) on processing of reading for the production of

summaries in virtual environment (VE) and in non-virtual environment (NVE). The analysis of this investigation considered the text features, based on textual linguistic theories from a cognitive perspective with a discourse approach by Teun Adrianus van Dijk (1978-1996) and Walter Kintsch (1978-2006). These authors organised the production of inferences in three different levels, according to the organisation of text discourse structure and the situation model that adds semantic/pragmatic parameters to this organisation. According to this model, a situation model is constituted, and it has to rule the structural order of the global sense of the text, requiring different competencies of the reader/writer. Based on Corpus Linguistics by McEnery & Hardie (2012), on Translation Studies by Orozco & Albir (2002) and Pagano, Magalhães & Alves (2005), an adaptation is made of the method for the analysis of texts in investigations approaching reading for translation and in translation of the analysis of the source text (ST) and target text (TT). This proved the viability of its application to this type of textual production, and also the relevant assumption for applicability to any other text type, with adequacies, in investigations that approach reading with a specific aim and in a specific task.

KEYWORDS: Reading; Translation Studies; Textual Linguistics; Situational Model.

As pesquisas linguísticas voltadas para os estudos sobre leitura e tradução têm sido consideravelmente ampliadas na última década, principalmente nas abordagens que relacionam as duas tarefas como integradas a um objetivo comum, que é a elaboração, neste caso, de um produto final, o *texto meta* (TM) em uma língua diferente do *texto fonte* (TF) e com o mesmo efeito de sentido (ES) do primeiro no segundo.

Linguística de Corpus e Estudos de Tradução constituem áreas de estudo relativamente recentes e se tornaram mais independentes e interdisciplinares nos últimos anos. (MIGUEL E CHELO, 2013:318).

Segundo Laviosa (2006:8), o corpus constitui-se de dados linguísticos puros que se estabelecem como força motriz da pesquisa.

Nesse sentido, há uma variedade de escolhas potenciais disponível para os investigadores no que se refere aos métodos a serem adotados para sustentar suas propostas teóricas. A análise de corpora linguísticos constituem, obviamente, um dos métodos mais utilizados em pesquisas da categoria citada anteriormente, visto que, tanto o insumo

utilizado como estímulo, quanto o produto final, resultado do processamento de informações, são textos escritos.

O objetivo deste artigo é descrever um modelo de análise de corpus de controle, utilizada em uma investigação científica que resultou em uma tese de doutorado (Degasperi, 2009) sobre processamento de leitura para a produção de resumos em ambiente virtual (AV) e em ambiente não-virtual (ANV) e utilizou como textos fonte dois artigos de uma revista do gênero *popular science*, de circulação nacional. A análise considerou as características do texto, fundamentada em teorias da linguística textual de base cognitiva com abordagem discursiva de Teun Adrianus Van Dijk (1978-1996) e Walter Kintsch (1978-2006) que organizam a produção de inferências em três diferentes níveis, de acordo com a organização da estrutura discursiva do texto. Segundo esse modelo, se constitui um *modelo de situação* que deve reger a ordem estrutural do sentido global do texto e requerem diferentes competências do leitor-escritor. Nesse modelo, se acrescentam outros dois níveis, propostos por Graesser, Millis e Zwaan (1997) *apud* Degasperi (2009):

[...] o nível comunicacional e o nível do gênero do texto. O nível comunicacional faz referência à pragmática da comunicação que o leitor identifica no texto. Neste aspecto, o leitor é forçado a identificar as pistas que levam às referências essenciais do texto, deixadas pelo autor, através de seu estilo. O nível do gênero faz a relação do tipo de discurso com o gênero textual. (DEGASPERI, 2009: 43)

É importante ressaltar de os autores citados fundamentaram sua proposta de níveis inferenciais nas teorias de van Dijk e Kintsch.

A escolha do corpus da pesquisa se deu com base nos princípios de homogeneidade, conforme propõe Bidermann (2001:79): “[...] *corpus* constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais, etc.). Tais amostras foram escolhidas como modelo de um estado ou nível de língua predeterminado”; McEnery e Hardie (2012) propõem que a modalidade deva ser em formato eletrônico. Considerou-se, também, a extensão do texto, visto que grande parte, senão a maior parte, das pesquisas sobre leitura e produção de textos, com esse propósito, utilizam apenas palavras, grupos de palavras, frases, fragmentos de textos ou textos muito curtos,

diferente da realidade dos acadêmicos que leem, com maior frequência, artigos ou textos literários completos. Figuras e a superestrutura textual - a forma de organização discursiva e formal do texto-, também formaram parte da análise do texto fonte.

Ao apresentar esse modelo de análise de corpus de uma pesquisa, cujo produto final foi um texto sumarizado, propõe-se, neste trabalho, que o mesmo modelo possa ser utilizado para qualquer tipo de pesquisa em leitura cuja tarefa posterior seja a produção de outro texto, derivado do TF. Essa proposta também descansa no princípio de que o objetivo de qualquer leitura é, *a priori*, a compreensão da estrutura discursiva e a *posteriori*, a utilização das informações do texto em qualquer outra atividade, seja a produção de um novo texto ou a divulgação de dados em outra instância comunicativa. Isto não significa uma marca divisória entre os processos cognitivos. Sendo assim, é possível considerar essa proposta de análise também para a investigação referente à leitura para e na atividade tradutória.

A distinção entre a proposta inicial do modelo para a sua utilização em investigações cuja interface se dá entre leitura e tradução é o objetivo posterior da leitura. Esse objetivo é o responsável pelo planejamento estratégico das atividades (Solé 1996; 1998; Kato, 1999; Kleiman, 1989-2000), dependendo do nível de proficiência do leitor-escritor (Flavell, 1976; Solé 1996; 1998; Kleiman, 1989; Kato, 1999-2000) e, em última análise, resultam na qualidade do texto final, no caso da tradução, o TM.

Contemplando o que propõe a linguística de corpus: o objetivo da análise, nesta perspectiva, de textos escritos, Miguel e Chelo (2013) propuseram analisar uma mostra significativa de 389 corpus linguísticos aplicados à tradução e concluíram que a maior parte dos trabalhos investigativos que utilizam esse método estão dirigidos ao objetivo de investigar os universais da tradução e consideraram que há uma tendência ao conservadorismo em torno da análise puramente linguística, nas pesquisas analisadas. Tendo em vista que a análise de um determinado corpus se subordina aos objetivos da investigação, a projeção que se faz do caráter inovador na investigação em tradução é oposta à manutenção do conservadorismo vigente a partir da abordagem, que também se apresenta diversa nesse âmbito: é o estudo dirigido ao processamento cognitivo das informações. Isto quer dizer que o objetivo é analisar, através do corpus de entrada (TF) e do corpus de saída (TM) os processos previsíveis, padrões (não referente à sequências, pois essas são, ao que parece, impossíveis; mas na frequência de ocorrência), comportamentos derivados

de planejamentos e pressuposições, procedimentos de leitura e de tradução, entre outros aspectos observáveis. Para isso, logicamente, como em qualquer outra metodologia aplicada a pesquisas, o corpus textual será um dos instrumentos que deverão ser utilizados na coleta de dados.

O texto descritivo e os dados apresentados a seguir foram compilados da investigação que produziu esse modelo de seleção e análise de corpus para leitura e produção de resumos, em ambiente virtual (AV) e em ambiente não-virtual (ANV) (Degasperi, 2009). O mesmo modelo está sendo utilizado em um outro trabalho investigativo que está em andamento na Universidade Federal de Pelotas, pela mesma autora, com enfoque nos estudos cognitivos na leitura para e em tradução, com o diferencial de estar atualmente utilizando somente o ambiente virtual, conforme propõem McCnery and Hardie (2012:2):

We could reasonably define corpus linguistics as dealing with some set of machine-readable texts, which is dreamed an appropriate basis on which to study a specific set of research questions. The set of texts of corpus dealt with a usually of a size which defies analysis by hand and eye alone within any reasonable timeframe. Unless we use a computer to read, search and manipulate the data, working with extremely large datasets is not feasible because of the time it would take a human analyst, or team of analysts, to search through the text. It is certainly extremely difficult to search such a large corpus by hand in a way, which guarantees no error.

É importante considerar que não houve interferência da modalidade de ambiente de apresentação do texto na escolha do corpus textual, apenas nos dados resultantes dos demais aspectos considerados naquela pesquisa, que eram relacionados aos comportamentos visuomotor, facial e corporal dos sujeitos, entre outros, que puderam ser contrastados e comparados para efeitos de julgamento de qualidade do produto final. Também foi objetivo daquela investigação estabelecer parâmetros comparativos entre dois ambientes de trabalho.

A proposta é a de utilizar textos completos para as tarefas de leitura e tradução e, por extensão, de análise. E esta proposta se assenta

nas teorias da Linguística textual de abordagem cognitiva-discursiva de van Dijk e Kintsch.

É mister também destacar que as análises do TM poderão ser feitas de acordo com os objetivos da pesquisa e, por assim dizer, sob perspectiva da teoria de preferência do pesquisador. Isto significa que se pode convergir os dados da teoria de base com perspectivas de outras teorias, no que concerne à avaliação do produto final, visto que se podem esgotar a quantidades de informações fornecidas pelos dados.

O Texto fonte

Foram selecionados dois textos da revista *Ciência Hoje* (anexos 1 e 2), com assunto relacionado à área da saúde, que é a área dos cursos dos participantes, para que houvesse familiaridade com as temáticas (Cowen et al, 2001; Richardson, Dale e Spivey, 2007; Drieghe, Desmet, Brysbaert, 2007). Dessa forma, os textos foram considerados de média complexidade, tendo em vista que os assuntos apresentavam termos de alguma área específica, não, necessariamente de algum dos cursos desses sujeitos. Além disso, a fonte de onde se originaram os textos é de circulação nacional com discurso também voltado para o público leigo. Os textos selecionados para os testes, entre 15 textos analisados, foram: o T1 - Alarme arterial - apresentado em ambiente não virtual e o T2 - A cadeira de rodas do futuro? - apresentado em ambiente virtual.

Os textos foram selecionados a partir de uma sistemática de comparação que contemplava os seguintes requisitos de similaridade:

- Temática - o assunto deveria ser relacionado à área da saúde de diferentes áreas dos cursos dos estudantes participantes
- Estrutural - o número de palavras, de linhas e de parágrafos deveria ser muito similar e o formato visual, idem.
- Lexical - os textos deveriam apresentar um conteúdo lexical similar, levando-se em consideração os tipos de palavras que os constituíram.
- Discursiva - as macroproposições deveriam apresentar um esquema muito similar na formação da macroestrutura dos textos, como também o direcionamento do discurso, apresentação de conceitos e definições.

Após análise e seleção dos textos, se obtiveram os resultados, que se apresentam a seguir:

Análise do texto 1	Número caracteres	Número Palavras	Número de frases	Número linhas	Número parágrafos	Número páginas
Título	14	2	1	1	0	0
Subtítulo 1	73	10	1	2	0	0
Subtítulo 2	15	2	1	1	0	0
Texto da Figura	207	33	1	7	1	0
Párrafo 1	650	122	4	11	1	0
Párrafo 2	560	107	4	10	1	0
Párrafo 3	403	80	3	7	1	0
Párrafo 4	395	66	3	7	1	0
Párrafo 5	322	55	2	5	1	0
Párrafo 6	366	70	3	6	1	0
Párrafo 7	344	64	3	6	1	0
Párrafo 8	491	87	3	8	1	0
Total	3840	698	29	71	9	2

Tabela 1 Esquema estrutural e lexical do T1

Análise do texto 2	Número caracteres	Número Palavras	Número de frases	Número linhas	Número parágrafos	Número páginas
Título	24	6	1	1	1	0
Subtítulo 1	70	11	1	1	1	0
Subtítulo 2	15	3	1	1	1	0
Texto da Figura	160	29	1	9	1	0
Párrafo 1	433	86	4	7	1	0
Párrafo 2	413	72	2	7	1	0
Párrafo 3	353	66	3	6	1	0
Párrafo 4	301	59	2	5	1	0
Párrafo 5	350	66	4	6	1	0
Párrafo 6	359	82	2	6	1	0
Párrafo 7	294	52	3	5	1	0
Párrafo 8	392	82	5	6	1	0
Párrafo 9	404	76	6	6	1	0
Total	3568	690	35	66	10	2

Pode-se constatar compatibilidade, ao comparar os dados obtidos de ambos os textos aplicados, respectivamente, em AV e em ANV.

Foram levantados os dados referentes às características lexicais dos textos fonte, no que se refere às funções sintáticas e à semântica. Quanto às funções sintáticas, as palavras foram categorizadas como: funcionais e de conteúdo, sendo as primeiras representadas pelos conectores (preposições, conjunções) e os artigos e referentes dêiticos (pronomes relativos, demonstrativos); palavras de conteúdo, como já se autodenominam, referem-se às palavras que carregam conteúdo semântico, não específico, ou seja, não ligado diretamente à especificidade temática. Os dados obtidos foram os seguintes:

<u>Texto da figura</u>	Nº palavras	
	<u>funcionais</u>	<u>conteúdo</u>
<u>Título</u>	0	2
<u>Subtítulo 1</u>	3	10
<u>Subtítulo 2</u>	2	0
<u>Texto da figura</u>	9	24
<u>Parágrafo 1</u>	53	69
<u>Parágrafo 2</u>	43	64
<u>Parágrafo 3</u>	29	51
<u>Parágrafo 4</u>	19	47
<u>Parágrafo 5</u>	25	30
<u>Parágrafo 6</u>	22	48
<u>Parágrafo 7</u>	23	41
<u>Parágrafo 8</u>	34	53
Total	262	439

Tabela 3 Estrutura sintática do texto 1

<u>Texto 2</u>	Nº palavras	
	<u>funcionais</u>	<u>conteúdo</u>
<u>Título</u>	3	3
<u>Subtítulo 1</u>	3	8
<u>Subtítulo 2</u>	1	2
<u>Texto da figura</u>	10	19
<u>Parágrafo 1</u>	33	53
<u>Parágrafo 2</u>	24	48
<u>Parágrafo 3</u>	23	43
<u>Parágrafo 4</u>	23	36
<u>Parágrafo 5</u>	22	44
<u>Parágrafo 6</u>	29	53
<u>Parágrafo 7</u>	20	32
<u>Parágrafo 8</u>	32	50
<u>Parágrafo 9</u>	23	53
Total	246	444

Tabela 4 Estrutura sintática do texto 2

Também neste quesito, podem-se perceber as similaridades entre ambos os textos fonte.

As palavras de conteúdo específico também foram analisadas. Por conteúdo específico entende-se o conteúdo semântico diretamente ligado à temática do texto. Neste caso, considerou-se a extensão das palavras. Por “palavras curtas” entendam-se palavras com até 4 sílabas, por “médias”, de 5 a 7 sílabas e por “palavras longas” as de 8 ou mais sílabas. Esta classificação foi feita para contribuir, se necessário, com os dados das filmagens dos movimentos oculares. Os critérios de classificação das palavras, nesses aspectos foram os seguintes:

As palavras compostas, separadas por hífen, quando não apresentavam palavras funcionais (i.e. micro-hemorragias, médico-científica); palavras funcionais (i.e. tê-los) eram consideradas uma só e, se

a palavra funcional aparecesse entre duas palavras de conteúdo, era desconsiderada (i.e. cadeira de rodas).

O símbolo de porcentagem foi agregado ao número formando uma só palavra.

Nomes próprios tiveram todas as palavras agregadas, contando como uma só palavra, considerando o significado e a representação serem um só.

Todos os verbos que se relacionavam especificamente ao tema do texto foram considerados palavras específicas. Os resultados se apresentam a seguir:

Texto 1	Palavras	Palavras	Total de
	específicas	específicas	palavras
	longas	médias/curtas	específicas (Parágrafo)
Título	1	0	1
Subtítulo 1	2	5	7
Subtítulo 2	0	0	0
Texto da figura	5	8	13
Parágrafo 1	18	11	29
Parágrafo 2	16	13	29
Parágrafo 3	7	14	21
Parágrafo 4	12	5	17
Parágrafo 5	5	6	11
Parágrafo 6	10	11	21
Parágrafo 7	19	11	30
Parágrafo 8	19	6	25
Total palavras			
	114	90	204
específicas (texto)			

Tabela 5 Estrutura semântica do T1

Texto 2	Palavras	Palavras	Total de
	específicas	específicas	palavras
	longas	médias/curtas	específicas (Parágrafo)
Título	2	1	3
Subtítulo 1	4	4	8
Subtítulo 2	2	1	3
Texto da figura	5	7	12
Parágrafo 1	12	12	24
Parágrafo 2	17	10	27
Parágrafo 3	14	10	24
Parágrafo 4	10	13	23
Parágrafo 5	12	11	23
Parágrafo 6	9	17	26
Parágrafo 7	9	12	21
Parágrafo 8	13	14	27
Parágrafo 9	14	8	22
Total palavras específicas (texto)	123	120	243

Tabela 6 Estrutura semântica do T2

Nesta condição, há uma diferença de 39 entre palavras específicas a mais para o T2 em relação ao T1, pelo que se poderia conjecturar que o T2 pudesse ser considerado pelos estudantes como mais difícil que o T1, ou de linguagem mais técnica. Porém, a denominação específica não se refere somente a termos técnicos, senão, como já foi citado anteriormente, palavras que se relacionam diretamente com a pesquisa (i.e. técnica, eficiência, sangue, morte, sistema, etc.), que podem ser consideradas, também, palavras de significado facilmente identificável. Em resumo, o fato de serem palavras específicas não significa que

constituam dificuldades para o leitor, senão que possuem um potencial de dificuldade semântica maior que as não específicas.

A semelhança do conteúdo visuoestrutural dos textos também pode ser verificada a seguir:

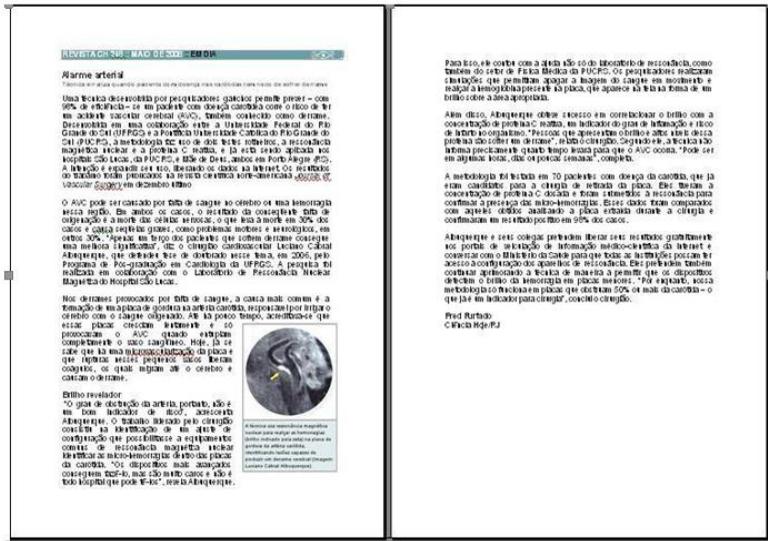


Imagem 1. Conteúdo visuo-estrutural do T 1

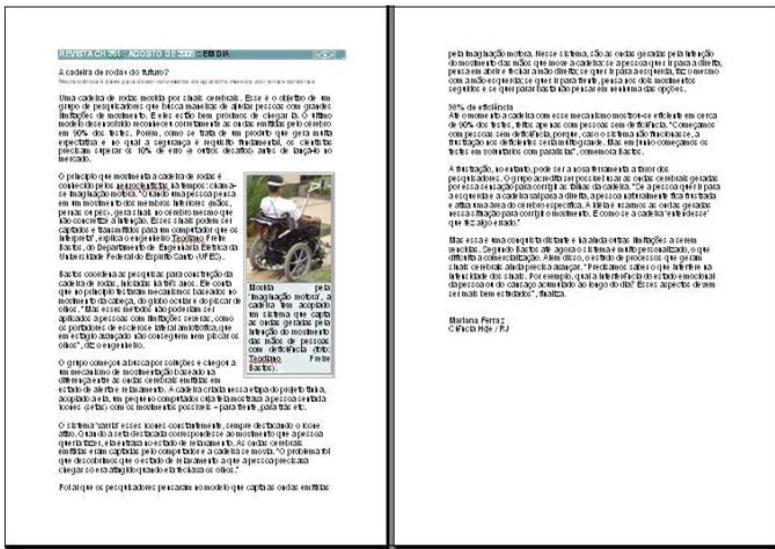


Imagem 2. Conteúdo visuo-estrutural do T 2

Como se pode perceber, os conteúdos dos textos, no que se refere aos aspectos estruturais e visuais não apresentam diferenças que se possam considerar relevantes.

Quanto ao aspecto discursivo, analisaram-se os tópicos temáticos por parágrafo (macroproposições) e os tópicos frasais (microestruturas), para que seja possível a análise dos rascunhos e dos resumos, quando da avaliação da produção, que se poderão verificar no anexo

Os tópicos frasais considerados de maior relevância informacional na construção das macroproposições e, consequentemente, para o contexto situacional originado da macroestrutura textual foram selecionados e aparecem em destaque. Esses tópicos foram os que nortearam, também, a avaliação dos textos resumo dos participantes.

ANÁLISE DO CONTEÚDO DOS TEXTOS

Texto 1

Divisão do assunto texto por parágrafos (macroproposições):

1º parágrafo: Introdução/ resumo do conteúdo - técnica, objetivo, referência do lugar; colaboradores, descrição e universo da aplicação, objetivos e resultados.

- 2º parágrafo: descrição AVC, estatísticas, autor, colaboradores.
- 3º parágrafo: causas dos derrames e descobertas recentes
- 4º parágrafo: metodologia utilizada e limitações
- 5º parágrafo: departamentos envolvidos na pesquisa e técnicas utilizadas
- 6º parágrafo: descobertas limitações
- 7º parágrafo: população da pesquisa, operacionalização dos dados e resultados
- 8º parágrafo: perspectivas - projeções futuras e limitações da metodologia.

Divisão do assunto texto por frases (conteúdo semântico - tópicos frasais):

1. **título**
2. subtítulo 1
3. **a técnica, estatísticas e objetivo, explicação;**
4. onde se desenvolve e instituições, tipos de testes e aplicação;
5. objetivo dos pesquisadores
6. publicação dos resultados - periódico e data;
7. causas do AVC;
8. consequências do AVC;
9. estatísticas; apresentação acadêmica do cirurgião que liderou as pesquisas;
10. instituições colaboradoras;
11. **causa comum de derrames;**
12. conclusões anteriores;
13. **conclusões atuais;**
14. obstrução não bom indicador
15. **técnica empregada;**
16. impossibilidade de utilização de dispositivos mais adiantados (caros);
17. departamentos e instituições colaboradoras;
18. **técnica - simulações e detecção das micro hemorragias;**
19. operacionalização dos dados - correlação das variáveis
20. **resultado da aplicação do teste - prognóstico;**
21. imprecisão da técnica, limitação;
22. previsão - sem precisão

23. população da pesquisa;
24. aplicação da metodologia na população da pesquisa;
25. comparação dos dados;
- 26. pretensão de divulgação dos resultados em setores de divulgação;**
- 27. pretensão de aprimoramento da técnica;**
- 28. limitação da metodologia, da técnica e dos testes empregados.**

Texto 2

Divisão do assunto texto por parágrafos (macroproposições):

- 1º parágrafo: Introdução - objeto do texto, objetivo dos pesquisadores, o que desenvolveram, resultados estatísticos e limitações da pesquisa;
- 2º parágrafo: conceito de imaginação motora apresentação do engº responsável;
- 3º parágrafo: histórico da pesquisa - antecedentes e situação problema;
- 4º parágrafo: busca de soluções e descrição material da cadeira;
- 5º parágrafo: funcionamento da cadeira
- 6º parágrafo: aperfeiçoamento do sistema e novas operações da cadeira;
- 7º parágrafo: resultado estatístico e cautela nos testes;
- 8º parágrafo: a frustração como ferramenta favorável à pesquisa na correção de falhas.
- 9º parágrafo: Limitações e projeções futuras de avanço da pesquisa.

Divisão do assunto texto por frases (conteúdo semântico – tópicos frasais):

- 1. título;**
2. subtítulo 1;
- 3. o objeto do texto: a cadeira;**
- 4. objetivo do grupo de pesquisadores;**
5. projeção otimista;
- 6. modelo mais recente e estatísticas positivas;**
- 7. intenção de aperfeiçoamento da cadeira;**
8. princípio que movimenta a cadeira: imaginação motora;
9. definição de imaginação motora;
10. possibilidade de utilização da imaginação motora e apresentação do engenheiro responsável pela pesquisa;
11. coordenação e tempo da pesquisa;
12. experiências anteriores, detalhes;
13. problemas apresentados;

14. busca de soluções do grupo;
15. descrição do funcionamento - física; movimentos;
16. descrição do funcionamento - sistema;
17. descrição do funcionamento - estado de relaxamento;
18. descrição do funcionamento - ondas cerebrais;
19. descoberta do problema;
20. aperfeiçoamento do modelo anterior;
21. **novas técnicas e funcionamento;**
22. eficiência da nova tecnologia aplicada à cadeira de rodas;
23. **eleição de sujeitos normais como forma de evitar frustrações;**
24. testes em voluntários deficientes;
25. Frustração como ferramenta a favor dos pesquisadores
26. **uso da frustração para corrigir falhas;**
27. explicação da frustração;
28. **ideia de usar ondas geradas a partir da frustração**
29. explicação desse uso - como a cadeira “reagiria”;
30. **projeções futuras e limitações;**
31. **dificuldades de comercialização;**
32. **necessidade de avanços nas pesquisas;**
33. questionamento sobre interferência nos sinais;
34. questionamento sobre estado emocional e cansaço;
35. necessidade de mais estudos sobre o tema.

O esquema discursivo dos textos também foi identificado e comparado e apresentou-se, em ambos, com o seguinte formato:

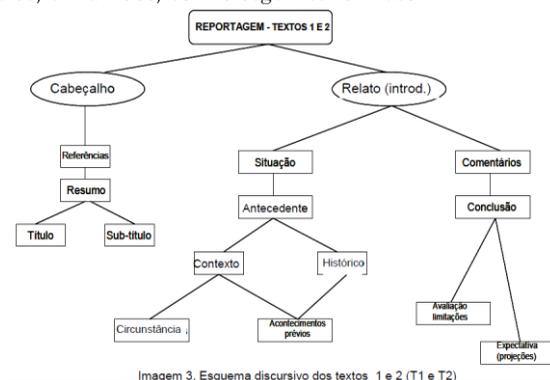


Imagem 3. Esquema discursivo dos textos 1 e 2 (T1 e T2)

Não houve, como se pode constatar, diferenças na estrutura discursiva dos textos fonte, o que comprova, novamente, a compatibilidade de ambos.

O texto fonte apresentado em ANV tinha o formato de fotocópia em cores, da mesma forma como o texto fonte em AV. Neste ambiente, o texto foi apresentado em formato de texto corrido (movimento do mouse para mudança de páginas).

Avaliando o produto final – texto resumido

Os critérios para avaliação de cada um dos quesitos foram fundamentados nos requisitos apontados por Charolles (1991) – brevidade, fidelidade, coesão e coerência; em van Dijk e Kintsch (1983) – conjunção dos níveis micro e macroestrutural que estabelecem a coerência e coesão textual e a informatividade e o manejo das informações, através dos conectores e elementos redutores que constituem a coesão textual (Vigner, 1991).

As microestruturas dos textos foram estabelecidas pelos tópicos frasais do texto fonte. Os critérios fixados para a avaliação dos textos resumos foram os seguintes: fidelidade, informatividade, produtividade e redução (brevidade).

Observe-se que, ainda que em ambos os ambientes, o limite estipulado de linhas foi de 15, considerou-se o número de palavras como referência para avaliar o quesito redução, que representa a brevidade do texto comparando-se com o texto fonte.

A coerência da produção foi indicada conforme critérios de fidelidade e organização das informações do texto fonte (Charolles et al., 1986) e foi avaliada através da verificação da compatibilidade das asserções com aquele texto e o grau de informatividade, conforme já foi explicado anteriormente. A coesão, neste caso, está representada pela condensação das ideias relevantes do texto fonte, através do uso de conectores e de sua hierarquia e redução do texto.

Percentual	Grau
0- 49%	1
50-79%	2
80-100	3

Níveis do grau de informatividade do texto resumo

A avaliação do texto resumo como produto final dos processamentos de leitura, sumarização e escritura teve como base as teorias citadas anteriormente, referentes às qualidades do resumo. Para essa avaliação, utilizaram-se, as seguintes categorias: Fidelidade; Informatividade; Produtividade; Brevidade ou redução do número de palavras.

Para avaliar o nível da qualidade final do texto resumo utilizaram-se três níveis que concentram os resultados de cada uma das categorias definidas anteriormente, com base nos graus utilizados por Anglat (2008).

Níveis de qualidade do resumo	
Independente - 3	Entre 2,9 e 3,0
Instrucional - 2	Entre 2 e 2,9
Dependente - 1	Entre 1 e 1,9

Critérios de avaliação da qualidade do resumo em níveis

Anglat (2008) estabeleceu estes níveis para avaliar fluência leitora, precisão do conteúdo e compreensão leitora, com base em pressupostos de Condemarin e Milicic (1988).

O nível independente supõe domínio metacognitivo também mencionado por Kintsch e van Dijk (1983); o instrucional domínio parcial do processamento; e o de frustração, substituído aqui por “dependente”, sugere uma superficialidade da leitura e incapacidade de integrar os níveis de compreensão apontados por Kintsch e Dijk (1983). Estes três níveis condensam os resultados da análise dos elementos constitutivos de cada uma das categorias citadas anteriormente:

1. Fidelidade: qualidades de V (verdadeira – informação consistente) ou F (falsa – informação inconsistente ou inexistente no texto fonte) para cada informação do texto resumo em relação às informações do texto fonte (microproposições). Ao final, faz-se um cálculo da porcentagem de informações verdadeiras e falsas, com os seguintes parâmetros:

Percentual	Grau de fidelidade
0- 49%	1
50-79%	2
80-100%	3

Níveis do grau de fidelidade do texto resumo

Então, quanto mais informações verdadeiras, mais fiel é o texto resumo.

2. Informatividade: informa a quantidade de informações oferecidas pelo texto, em relação às macroproposições do texto fonte (Charolles 1991: p.48-49). Dessas informações, serão consideradas as de maior relevância, representadas pelos tópicos frasais destacados na tabela anterior.

Quanto maior o número de microproposições relevantes, maior a informatividade. Os mesmos parâmetros utilizados para a fidelidade foram utilizados para a informatividade, da porcentagem do nº de informações que constitui o texto resumo, compatíveis com as informações relevantes do texto fonte.

Percentual	Grau
0- 49%	1
50-79%	2
80-100	3

Níveis do grau de informatividade do texto resumo

Para esta qualidade do texto, quanto maior o número de informações relevantes do texto fonte utilizadas no texto resumo, maior a informatividade.

3. Produtividade: evidenciada pela construção de sentenças através de agrupamento de tópicos frasais relevantes ou de interpretação, representada pela produção de sentenças completamente diferentes do texto fonte, mas coerente com a macroestrutura original. (van Dijk, 1978-1980; Charolles, 1983; Smith, 1983; van Dijk & Kintsch, 1983).

Foi medida seguindo os seguintes critérios de produção:

- a. *copy-delet* e paráfrase (valor atribuído: 1 - menos produtivo)
- b. agrupamento de informações (valor atribuído: 2 - produtivo)
- c. interpretação (valor atribuído: 3 - mais produtivo)

Não se atribuiu valor 0 (zero) para nenhuma das formas de produção por julgar que, mesmo utilizando estratégia de menor esforço cognitivo, o sujeito precisou fazer seleção e organização das informações, por menor que tenha sido seu trabalho.

A valoração numérica final seguiu o mesmo modelo dos anteriores, para haver coerência nos dados finais:

Percentual	Grau
0- 49%	1
50-79%	2
80-100	3

Níveis do grau de produtividade do texto resumo

4. Brevidade ou redução do número de palavras: esta categoria não se evidencia como as demais qualidades avaliadas de maneira isolada; somente no conjunto esta característica pode evidenciar a sintetização do texto fonte. (Charolles, 1986; Vigner, 1991). Para esta qualidade do resumo, em relação ao texto fonte, utilizaram-se as seguintes medidas: Então, quanto maior a redução, maior a brevidade do texto, recordando que esta qualidade do texto é dependente das demais qualidades, isto é, um texto mais reduzido não é, necessariamente, o melhor.

Percentual de redução	Grau
40 - 50	3
30- 39	2
10 - 29	1

Níveis do grau de brevidade ou redução do texto resumo

Entre os processos estudados, a produção do texto resumo, por assim dizer, é uma atividade que requer, como em qualquer atividade de escritura: planejamento, automonitoramento, avaliação e revisão final do texto. Entretanto, como já se disse anteriormente e é de conhecimento geral, é também uma atividade que requer um esforço cognitivo muito grande, visto que há vários processos envolvidos em seu desenvolvimento. O resumo desponta, então, como produto final dos processamentos de leitura e sumarização do texto fonte e também como instrumento de compreensão leitora.

A qualidade dos resumos produzidos pelos participantes, em ANV e em AV, foi avaliada com base na utilização das macrorregras que guiam o processamento da sumarização, sugeridas por van Dijk e Kintsch (1983) e nas qualidades do resumo, como texto sumarizado, listadas por van Dijk (1978), van Dijk e Kintsch (1983), Charolles (1991) e Vigner (1991), para as quais convergem os esforços cognitivos da produção desse tipo de texto.

Fazendo uma breve retrospectiva, para avaliar o nível da qualidade final do resumo, para o conjunto das categorias, utilizaram-se três níveis, que concentram os resultados de cada uma das categorias definidas anteriormente, com base nos níveis definidos por Anglat (2008), substituindo-se o termo frustração, utilizado pela autora, pelo termo dependente:

Níveis de qualidade do resumo	
Independente - 3	Entre 2,9 e 3,0
Instrucional - 2	Entre 2 e 2,9
Dependente - 1	Entre 1 e 1,9

Níveis de qualidade de resumos

Adequação da proposta a pesquisas com interface entre leitura e tradução

O modelo proposto tem enfoque na produção de resumos acadêmicos e a proposta deste artigo tem a ótica voltada para a tradução. Dessa forma, pode-se afirmar que é possível adequar a análise de corpus linguístico para o texto-fonte utilizando os mesmos parâmetros utilizados, do ponto de vista estrutural, lexical, sintático e semântico, bem como superestrutural em diferentes línguas. Por outro lado, a avaliação do produto final não poderia ser realizada da mesma maneira, visto que a tipologia textual final é diversa, bem como os processos durante as atividades, são bastante diferentes. Isto é relevante porque a funcionalidade de ambas as produções pleiteiam diferentes objetivos. Sendo assim, é certo que estamos tratando de diferentes processamentos de informação com diferentes demandas cognitivas e, portanto, o tratamento do seu resultado final requer outros quesitos.

O que pode ser aproveitado, então, dos quesitos apresentados para o resumo na avaliação da tradução? O nível de adequação e de similaridade do efeito cognitivo do TF no TV é, obviamente, o princípio que fundamenta os dois tipos de produção textual.

Sugestão de critérios de avaliação para traduções

A abordagem da análise poderá ser *qualitativa e quantitativa*, por entender que uma pesquisa com apenas uma dessas abordagens seria muito difícil ou mesmo impossível no momento da análise de dados:

“Concordances and frequency data exemplify respectively the two forms of analysis, namely qualitative and quantitative, that are equally important to corpus linguistics.” (MCENERY & HARDIE, 2012:2)

É importante ressaltar que o modelo apresenta uma proposta de análise e avaliação que não pressupõe ser a única nem ser inquestionável, mas se legitima pela cientificidade da eleição de aspectos no produto final, o TM, que é analisável, palpável e torna válidos os graus e níveis designados para esta avaliação.

Quesitos a ser considerados: Adequação lexical, sintática, semântica e pragmática. Esses quesitos poderão revelar o grau de eficiência tradutória, que identificarão a competência *do trabalho* do

tradutor (e não o tradutor), que poderá ser determinado, alcançando-se uma média ponderada de todos os níveis. A escolha desses quesitos se baseia na *competência tradutória* nestes aspectos ao julgá-los essenciais para o alcance do *efeito de sentidos* proposto pela tarefa tradutória.

O conceito utilizado para *competência tradutória* para os níveis se fundamentam nas teorias de (Pagano, Magalhães & Alves, 2005; Orozco e Albir, 2002), que envolvem habilidades tradutoras e competências (e subcompetências) que conduzem à expertise e ao sucesso da atividade tradutória. Por outro lado, o conceito de eficiência, foi adotada com base na *competência textual* que envolve a visão psicológica e linguística do texto de van Dijk (1978-1981) e a reconstrução das informações, com caráter de fidelidade, nos níveis micro, macro e supertextuais.

Níveis de competência tradutória

Muito competente	95 a 100%
Competente	85 a 95%
Pouco competente	70 a 85%
Insuficientemente competente	- 70%

Qualificações dos quesitos:

Palavras de conteúdo - Número de palavras e % de palavras inadequadas (que incorra a erro semântico/ pragmático). Incluir termos, quando o texto for técnico. A fórmula a ser utilizada, seria $N^{\circ} PA - N^{\circ} PI = N^{\circ} PE \Leftrightarrow \%PA - \%PI = \% E$

Muito Eficiente	95 a 100%
Eficiente	85 a 95%
Pouco eficiente	75 a 85%
Ineficiente	- 75%

Palavras funcionais - Número de palavras adequadas e % de palavras inadequadas. Considerando que os conectores, atributivos e designações de seres são essenciais para a coerência discursiva, teremos. $N^{\circ} PA - N^{\circ} PI = N^{\circ} PE \Leftrightarrow \%PA - \%PI = \% E$

Muito Eficiente	95 a 100%
-----------------	-----------

Eficiente	85 a 95%
Pouco eficiente	75 a 85%
Ineficiente	- 75%

Organização sintática - Número de tópicos frasais e % de inadequações (que incorram em distorção, inconsistência ou incompletude de sentido)

Uma forma de estabelecer estatisticamente as microestruturas das proposições é indicar o grau de informatividade da proposição como: informação completa, informação incompleta e informação distorcida ou inconsistente, atribuindo para esses quesitos os graus C (completa), I (incompleta) e D (distorcida ou inconsistente), respectivamente e verificar, ao final, a seguinte fórmula: $N^{\circ} C - N^{\circ} D = \% C - \% D \rightarrow \% C + \% I / 2 = \% E$ (média ponderada de eficiência)

Nº de informações completas - % de adequações em relação a todas as informações do texto;

Quanto maior a % de informações adequadas, mais eficiente será a tradução.

Qualidade	%
Muito Eficiente	90 a 100%
Eficiente	80 a 90%
Pouco eficiente	-80%

Conjectura-se, no caso do quesito organização sintática, que 20% de inadequação no número de proposições, causa de distorções, inconsistência ou incompletude dos efeitos de sentido do TF no TM e podem comprometer o conteúdo em nível de informação global dos parágrafos e tornar o trabalho tradutório final, ou TM, ineficiente.

Adequação semântica e pragmática - macroestrutura sem sequência lógica ou transposição de informações não fiéis ao sentido do TF. Número de proposições e % de desconexão. Para esse quesito pode-se atribuir os rótulos: A (adequado) e I (inadequado).

Neste caso, quanto maior for a quantidade de informações adequadas, maior será a eficiência do TM. O resultado poderá ser obtido com a seguinte fórmula: $\%A - \%I = \% E$

Muito Eficiente	95 a 100%
Eficiente	80 a 95%
Pouco eficiente	-80%

Supõe-se, no caso do quesito semântica e pragmática, que 20% de inadequação no número de proposições seria bastante prejudicial para os efeitos de sentido do TF no TM, considerando-se, assim, uma ineficiência que torna desfavorável a indicação do texto final como tradução.

Em todos esses casos, concebe-se a porcentagem de adequações como positiva, subtraídas as porcentagens de inadequações. Retomando ao resultado qualificativo do trabalho final da tarefa tradutória, já indicado anteriormente e recordando que não se estabelecem juízos sobre a competência geral do tradutor, mas dos trabalhos analisados, tem-se:

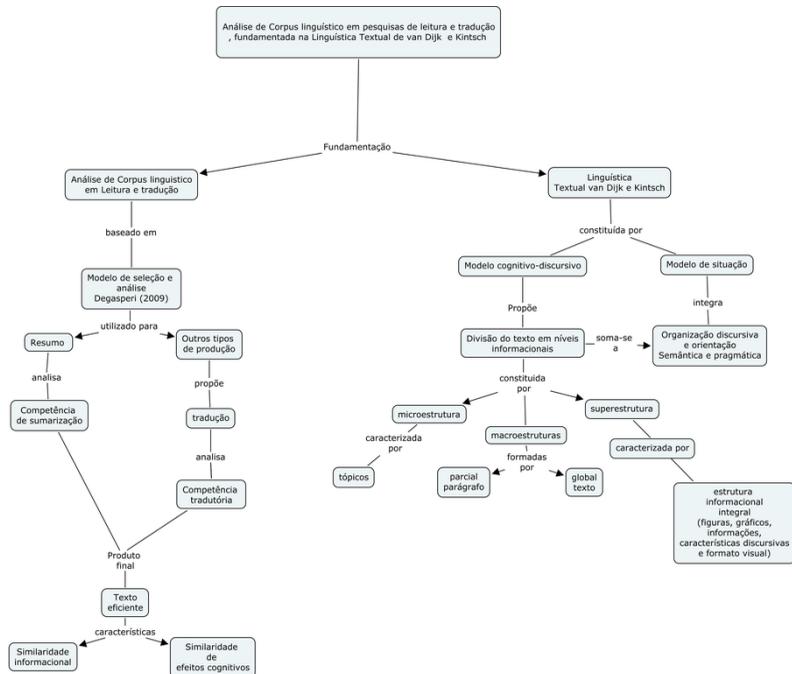
Níveis de competência tradutória do texto (1,2,3 ou A,B,C)

Somatória dos níveis de eficiência (NE) alcançados nos quesitos anteriores em $\%NE1+\%NE2+\%NE3+\%NE4/4 = NC$ (Nível de competência tradutória)

Qualidade	Nível	Alcance de eficiência
Muito competente	4	95 a 100%
Competente	3	85 a 95%
Pouco competente	2	70 a 85%
Insuficientemente competente	1	- 70%

Como também já se estabeleceu anteriormente, este é um modelo de análise proposto que admite diferentes rotulações e graduações e níveis, dependendo do objetivo do pesquisador e se dispõe unicamente à contribuição como método de análise de trabalhos de tradução.

Melhor representação mental do método de análise proposto neste artigo pode ser visualizado no esquema a seguir:



A proposta para a pesquisa em leitura para e em tradução do projeto atual de DEGASPERI (UFPel, 2014) é a de análise de um corpus monolíngue para os textos fonte (TF), cujas traduções serão vertidas ao português Tradução L1 e um corpus monolíngue para a atividade de Tradução L2. Os textos meta (TM) constituirão, então, o corpus bilíngue para análises relacionadas ao processamento tradutório, tendo em conta que são processamentos de diferentes línguas, por diferentes sujeitos. Toda distinção entre os elementos que participam das atividades deve ser considerada dentro de sua especificidade: sujeito-leitor – que carrega suas experiências de mundo e suas competências; o TF – que está escrito, originalmente em determinada língua e tem uma funcionalidade, carrega o estilo do autor, que também é um sujeito; o TM – que é o resultado de diferentes processos cognitivos do sujeito leitor-tradutor e os demais elementos de análise. A relevância de todos os aspectos que envolvem o processamento cognitivo e de informações em diferentes línguas denotam

a complexidade das tarefas, leitora e tradutória e provocam reflexão acerca da limitação da simplificação dos processos e sua classificação em inventários de procedimentos e de resultados linguísticos concretos.

A proposta apresentada na pesquisa anterior (Degasperri, 2009), evidencia que o modelo pode ser utilizado de maneira prática, para a análise de corpus de TF em tradução, com as devidas adequações e pode constituir-se, assim, uma nova perspectiva na pesquisa em leitura para e em tradução, evitando, assim, a rigidez do conservadorismo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, F. **Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes.** In: PAGANO, A.; 2266 Curitiba 2011 Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN.

ANGLAT, Hilda DiFabio. El test cloze en la evaluación de la comprensión del texto informativo de nivel universitario. **Rev de Ling Teórica e Aplic**, I sem. Concepción (Chile): 2008. p 121-137

BAKER, M. Corpus in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research. In: **Target 7:2**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

BIDERMANN, M.T.C. **Teoria Linguística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHAROLLES, M. Lê résumé de texte scolaire: fonctions et principes de élaboration. **Pratiques**, Meta, n. 72, dé. 1991.

CHAROLLES, Michael; COLTIER, Danielle. Le controle de la compréhension dans une activité rédactionnelle: éléments pour l'analyse de la reformulation paraphrastique. **Pratiques** n° 49, mars 1986, pp. 51-66

CONDEMARÍN, M., & MILICIC, N. Test de Cloze: **Procedimiento para el desarrollo y la evaluación de la comprensión lectora**. Editorial Andrés Bello. Santiago-Chile:1988.

COWEN, Laura; Ball, LINDEN, J.; DELIN, Judy. An eye movement analysis of web-page usability. Department of Psychology, Lancaster University, Lancaster, UK: 2001.

DEGASPERI, M. H. Processamento de leitura e de produção de resumos em ambiente virtual e em ambiente não-virtual. Tese de doutorado. PUCRS. Porto Alegre: 2009.

DIJK, T. A. Van. **La ciencia del texto**. Traducción de Sibila Hunzinger. Paidós. México: 1978.

_____. **Macrostructures**. An interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum: 1980.

_____. **Cognição, Discurso e Interação**. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **Estructuras y funciones del discurso: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso**. Trad. de Myra Gann e Marti Mur. Siglo Veintiuno Editores. México: 1996.

DRIEGE, Denis; DESMET, Timothy; BRYBAERT, Marc. How important are linguistic factors in word skipping during reading? **British journal of psychology**, vol. 98 (1): 2007. p. 157-171

FERRAZ, Mariana. A cadeira de rodas do futuro? Neurociência é base para desenvolvimento de aparelho movido por sinais cerebrais. **Revista Ciência Hoje**, 251. SBPC UFRJ. Rio de Janeiro. Agosto de 2008.

FLAVELL, J.H. Metacognitive aspects of problem solving. In: RESNICK, L. (Ed.): **The nature of intelligence**. Hillsdale, LEA: 1976.

_____. Speculation about the nature and development of metacognition. In WEINERT, F.E. y KLUWE. R.H. (Eds.): **Metacognition, motivation and understanding**. Hillsdale: Erlbaum: 1987. p. 21-30.

FURTADO, Fred. Alarme arterial: Técnica sinaliza quando paciente com doença nas carótidas tem risco de sofrer derrame. **Revista Ciência Hoje**, 251. SBPC UFRJ. Rio de Janeiro. Agosto de 2008.

GRAESSER, Arthur R; MILLIS, KEITH K; ZWAAN Rolf A. Discourse and comprehension. **Annual Review of Psychology**, Vol. 48, 1997.

KINSTCH, Walter. The role of knowledge in discourse comprehension: a construction-integration model. **Psychological Review**. Colayright by the American Psychological Association, Inc. 1988, Vol. 95, No. 2, 163-182KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KINTSCH, W, DIJK, T. A, V. Strategies in discourse comprehension. New York: Academic Press: 1983.

KINSTCH, Walter; RAWSON, Katherine A. Comprehension. In: **The Science of Reading: A Handbook** por Margaret J. SNOWLING, Charles HULME. Blackwell Publishing, 2005, p.209-226.

KLEIMAN, A. **O texto e o leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Pontes, Campinas, 1989.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7ª ed. São Paulo: Pontes, 2000.

LAVIOSA, Sara. The corpus based-approach: a new paradigm in translation studies. Special issue of **Meta** 43 [4]:1998, p. 557-570.

MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Org.). **Competência em tradução: Cognição e Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2005b. p. 109-169.

MCENERY Tony, HARDIE, Andrew. **Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice**. **Cambridge textbooks and linguistics**. Cambridge University Press. United Kingdom: 2012.

MIGUEL A. Candel-Mora, CHELO, Vargas-Sierra / *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 95 (2013) 317 – 324

OROZCO, M. & HURTADO ALBIR, A. Measuring translation competence acquisition. In **META**, n. 47, v. 3, p. 375-402, 2002.

PACTE. La competencia traductora y su adquisición, **Quaderns**, 6, 2001, p.39-45.

RICHARDSON, Daniel C.; DALE, Rick; SPIVEY, Michael J. Eye movements in Language and Cognition: a brief introduction. In **Methods in Cognitive Linguistics** Edited by Monica GONZÁLEZ-MÁRQUEZ, Irene MITTELBERG; Seana COULSON; Michael J. SPIVEY .Cornell University / UCSD / Cornell University: 2007. 323-344

SMITH, Frank. Reading like a writer. **Language Arts, Urbana**, National Council of Teachers of English, v. 60, n. 5, p. 558-67, may 1983.

VIGNER, Gérard. Réduction de l'information et généralisation: aspects cognitifs et linguistiques de l'activité de résumé, pp. 33-54. **Pratiques**. N.72, p. 33-54: 1991.

Tradução inversa do abstract deste artigo de Roberta Rego Rodrigues.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO: INTERFACE COM AS LINGUÍSTICAS SISTÊMICO-FUNCIONAL E DE CORPUS

Daniel Antonio de Sousa Alves
Eliza Mitiyo Morinaka

RESUMO: O arcabouço teórico e metodológico da Linguística de Corpus tem despertado a atenção de vários pesquisadores em Estudos da Tradução, abrindo-se, assim, uma vasta área de investigação. A rapidez com que as ferramentas tecnológicas processam uma grande quantidade de dados para análises de tradução impulsionou o avanço da disciplina desde a década de 1990. No Brasil, várias pesquisas foram feitas desde 2000, e este artigo visa apresentar um mapeamento de procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas na interface entre Estudos da Tradução baseados em Corpora e Linguística Sistêmico-Funcional, dedicando uma grande atenção às instruções de funcionamento das ferramentas. Procura-se, dessa forma, oferecer um suporte a futuros pesquisadores nesta interface e abrir um diálogo para a construção de outros caminhos possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional, Linguística de Corpus.

RESUMEN. La estructura teórica y metodológica de la Lingüística de Corpus ha despertado la atención de muchos investigadores de los Estudios de Traducción, abriéndose así una vasta área de investigación. La rapidez con que las herramientas tecnológicas procesan una gran cantidad de datos para análisis de traducción impulsó el avance de la disciplina desde la década de 1990. En Brasil, muchas investigaciones fueron hechas desde el año 2000, y este artículo tiene como finalidad presentar un mapeo de procedimientos metodológicos utilizados en investigaciones en la interfaz entre los Estudios de Traducción basados en Corpora y la Lingüística Sistémico Funcional, dedicando una gran atención a las instrucciones de funcionamiento de las herramientas. Se busca, con eso,

ofreecer soporte a futuros investigadores de esta interfaz y empezar un diálogo para la construcción de otros posibles caminos.

PALABRAS CLAVE: Estudios de Traducción, Lingüística Sistémico Funcional, Lingüística de Corpus.

1 Contextualização

As ferramentas tecnológicas garantem rapidez para processar uma grande quantidade de dados, atraindo a atenção de vários pesquisadores dos estudos da linguagem. Nas últimas décadas, a Linguística de Corpus (LC) vem se desenvolvendo e possibilitando a elaboração de trabalhos de naturezas diversas.⁷⁶ Na área de Estudos da Tradução (ET), as ferramentas de corpora vêm sendo aplicadas desde os primeiros trabalhos de Mona Baker⁷⁷ no começo da década de 1990, inicialmente orientadas para o processamento de corpora de grandes dimensões e, posteriormente, voltadas para a análise de corpora de pequenas dimensões.

Em 2001, Jeremy Munday propôs um modelo que integrava os Estudos da Tradução, a Linguística de Corpus e a Linguística Sistémico-Funcional (LSF) pelo fato dessa teoria oferecer as ferramentas para as análises contextuais e culturais – um modelo que se mostrava bem sucedido, com o desenvolvimento de diversas pesquisas nessa interface nos anos que se seguiram. No Brasil, por exemplo, pesquisas desenvolvidas e orientadas pelas pesquisadoras Adriana Pagano (UFMG), Célia Magalhães (UFMG) e Maria Lúcia Vasconcellos (UFSC) adotaram essa orientação teórica e metodológica proposta por Sinclair.

Em 2004, após identificarem a necessidade de consolidar as metodologias utilizadas em suas pesquisas, Pagano, Magalhães e Vasconcellos propuseram um trabalho de cooperação entre as Universidades Federais de Minas Gerais e de Santa Catarina. Na ocasião, os autores deste artigo (então ligados à UFSC e à UFMG), apresentaram um manual contendo uma compilação dos procedimentos metodológicos adotados por

⁷⁶ Para um relato histórico da Linguística de Corpus ver Biber *et al* (1998) e Sardinha (2000, 2003).

⁷⁷ *Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications*. O objetivo do artigo é procurar regularidades na língua da tradução em corpora de grandes dimensões, ou seja, a existência de uma linguagem única da tradução que se constituiria em universais da tradução. Ver também Baker (1995 e 1996).

pesquisadores(as) que desenvolviam trabalhos em Estudos da Tradução e interfaces com as Linguísticas Sistêmico-Funcional e de Corpus.

O resultado dessa cooperação interinstitucional foi um trabalho de 33 páginas, contemplando as metodologias de três monografias de graduação (a saber: Bueno, 2002; Franco, 2003; e Alves, 2004), quatro dissertações de mestrado (Campesatto, 2002; Cruz, 2003; Mauri, 2003; e Jesus, 2004) e uma tese de doutoramento (Fernandes, 2004). Na ocasião, também foram apontados quatro outros trabalhos em andamento (que, aqui, informamos com seus respectivos anos de conclusão: Feitosa, 2005; Morinaka, 2005; Paquilin, 2005; e Zuniga, 2006). Trabalhos desenvolvidos em outras instituições não foram incluídos na compilação devido à dificuldade em se obter cópias de dissertações e teses de outras instituições na época. O manual ficou disponível online de 2004 a 2009, tendo saído do ar apenas pela cessação das atividades do servidor no qual ele estava hospedado.

Apontada por Fábio Alves (2005) como uma contribuição pontual “para a consolidação de uma metodologia de pesquisa específica para estudos baseados em corpora de pequenas dimensões”, a compilação foi utilizada por diferentes pesquisadores(as) como material de referência para o trabalho com corpora (citamos Morinaka, 2005; Jesus, 2008; e Fleury, 2011 como exemplos).

O objetivo deste artigo aqui apresentado é retomar a compilação de 2004 como um registro histórico, apresentando o mapeamento de procedimentos metodológicos compilados na época e abrindo espaço para discussões sobre avanços e possibilidades em termos metodológicos para trabalhos futuros na interface entre Estudos da Tradução baseados em Corpora e Linguística Sistêmico-Funcional.

2 Corpora

Corpora são compilações de textos eletrônicos, direcionados para análises linguísticas. Todos os corpora devem estar em formato eletrônico, de modo a possibilitar a análise por *software*, como, por exemplo, o *WordSmit Tools*. Os pesquisadores podem digitalizá-los manualmente, digitando-os ou capturando-os através de *scanners* e *softwares* de reconhecimento de caracteres (OCRs), ou obtê-los já digitalizados, capturando-os da internet

ou obtendo-os a partir da própria editora. O software reconhece textos nos seguintes formatos: .txt, .html, .sgml ou .xml .

No projeto Corpus Discursivo para Análises Linguísticas e Literárias (CORDIALL) do Núcleo de Estudos da Tradução (NET), mantido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, optou-se por adotar como padrão o formato .txt, por este ser o formato *default* do programa e por ser um formato mais simples e acessível que os demais. Os corpora devem ser catalogados em fichas de registro, contendo dados bibliográficos completos sobre os textos, e informações paratextuais se cabível. No projeto CORDIALL, optou-se também por marcar títulos, subtítulos, capítulos, seções e subgêneros dentro do gênero principal, por exemplo, um poema dentro de um romance, com anotações em etiquetas (detalhes na seção critérios de codificação). Categorias discursivas de análise, como, por exemplo, tema/rema, redes coesivas, transitividade e modalidade, também podem ser marcadas se necessário. Os passos seguidos para a manipulação dos corpora podem ser subdivididos em três etapas: preparação do corpus, processamento do corpus e análise do corpus.

2.1 PROCEDIMENTOS PARA A PREPARAÇÃO DO CORPUS

2.1.1 Textos não digitalizados

Digitalização do livro em arquivo eletrônico: utilizando-se *scanners* e *softwares* de reconhecimento de caracteres (OCRs), faz-se a digitalização do livro que, depois, deve ser salvo como documento do *Word*. Recomenda-se a digitalização página por página, mesmo que seja possível fazê-lo com o livro aberto.

Revisão e edição: é necessário revisar o texto a fim de corrigir erros de reconhecimento de caracteres. Por exemplo, a palavra “rio” pode aparecer como “no”, pois o segmento “ri” pode ser reconhecido pelo OCR como a letra “n”. Nessa etapa, recomenda-se trabalhar com o documento *Word*, pois o mesmo oferece um procedimento mecânico rápido de localização das palavras e substituição, através do comando ‘Editar - Localizar’ ou da combinação de teclas ‘Ctrl+L’.

Conversão do Arquivo: consiste em converter o documento do *Word* para o formato de arquivo ‘.txt’.

Codificação: para maiores detalhes, consulte a seção 2.2.

2.1.2 Livros previamente digitalizados

Para os arquivos já digitalizados é necessário passar por todas as etapas descritas acima a partir da revisão e da edição.

2.2 CRITÉRIOS DE CODIFICAÇÃO

2.2.1 Palavras

Palavra é toda sequência de letras, que inclui hifens e apóstrofes em alguns casos, separada de outras palavras por um espaço ou qualquer sinal de pontuação. Pode ser também conceituada como ‘a menor unidade de forma livre’, ou seja, uma unidade do vocabulário e a menor unidade da sintaxe. (SINCLAIR, 1991, p. 176)

2.2.2 Detectando vocábulos (*types*) e ocorrências (*tokens*)

Vocábulo (*type*)⁷⁸ é cada palavra (diferente) usada em um texto (SINCLAIR, 1991). Por exemplo, o sintagma “características de uma mulher e uma menina” contém 6 (seis) vocábulos (*types*) pois a palavra “uma” ocorre 2 (duas) vezes. Ocorrência (*token*)⁷⁹ é o termo usado para se medir o tamanho do texto (SINCLAIR, 1991). Cada palavra é contada uma vez, mesmo que seja repetida. Por exemplo, o sintagma “características de uma mulher e uma menina” contém 7 (sete) ocorrências (*tokens*).

É importante ressaltar que o *software WordSmith Tools* não diferencia palavras com mais de um sentido. Nas frases abaixo, por exemplo, a palavra *manga*, mesmo sendo usada em diferentes contextos (com diferentes sentidos) será contada pelo software como duas ocorrências de um mesmo vocábulo.

⁷⁸ Sinclair utiliza a terminologia ‘vocabulary’.

⁷⁹ Sinclair utiliza a terminologia ‘running words’.

* Quando ele se chegou, ela puxou-lhe pela manga.
 * Pitangueira não dá manga.

2.2.3 Etiquetas (*Tags*)

São informações extras que podem ser adicionadas ao texto sendo trabalhado. Pode-se adicionar: etiquetas que indiquem os subgêneros dentro do gênero principal, como por exemplo, um poema dentro de um romance; etiquetas que indiquem classes gramaticais, por exemplo, verbo, substantivo ou adjetivo; e etiquetas que indiquem as categorias discursivas de análise, como, por exemplo, tema/rema, redes coesivas, transtividade e modalidade. Como um exemplo de etiquetamento de categorias discursivas de análise temos:

Entrou <Processo Material> de mansinho <Circunstância> e a <Participante> viu <Processo Mental> dormida numa cadeira, os cabelos longos espalhados nos ombros <Circunstância>.

Também é possível utilizar o etiquetamento para ignorar uma porção do texto, nesse caso, os *tags* devem estar juntos, ou seja, sem linhas em branco entre eles. Por exemplo:

Certo: "<Ignore esta informação> <Ignore esta também> TEXTO"	Errado: "<Ignore esta informação> <Ignore esta também> TEXTO"
---	--

Não há problema em existir espaços entre as etiquetas a serem ignoradas. Por exemplo:

"<Ignore toda
essa
informação>"

Não há como etiquetar o texto para que se diferenciem classes gramaticais na contagem de vocábulos e ocorrências. É possível somente ignorar algumas etiquetas que podem ser identificadas manualmente, por exemplo: “Ele mata<verbo> a mata<substantivo>”.

2.2.4 Frases

Para que o programa detecte uma frase, deve haver um espaço ao fim desta (mesmo que ela esteja no fim do parágrafo).

Exemplo	Frases	Explicação
“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts.”	0	Como não há espaço depois do ponto final, o programa não detecta a frase.
“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts. ”	1	Existe um espaço depois do ponto final, o programa detecta e conta a frase.

2.2.5 Frases com reticências

Em todas as ocorrências de reticências, o programa obedece ao seguinte padrão: Se houver um espaço e uma letra maiúscula após as reticências, o programa considera como duas frases; e se houver uma letra minúscula após as reticências, o programa considera como uma só frase. Exemplos de formas de reticências:

<ul style="list-style-type: none"> * “A lemmatised head entry has... beside it.” * “A lemmatised head entry has ... beside it.” * “A lemmatised head entry has. . . beside it.” * “A lemmatised head entry has . . . beside it.” * “A lemmatised head entry has . . . beside it.” * “A lemmatised head entry has . . . beside it.”
--

O programa consideraria todos os casos acima como uma frase cada, pois após as reticências e espaço existe a letra minúscula ‘b’.

<ul style="list-style-type: none"> * “A lemmatised head entry has... Beside it.” * “A lemmatised head entry has ... Beside it.” * “A lemmatised head entry has. . . Beside it.” * “A lemmatised head entry has . . . Beside it.” * “A lemmatised head entry has . . . Beside it.” * “A lemmatised head entry has . . . Beside it.”
--

Já os exemplos anteriores, o programa contaria como duas frases cada, pois há um espaço e uma letra maiúscula após as reticências.

2.2.6 Frases em poemas

Com relação a poemas, o programa desconsidera as frases onde não há pontuação ou quando há uma letra minúscula depois da pontuação.

Exemplo	Frases	Explicação
“Tu mirada ES un atentado contra la razón tu sonrisa una bomba de tiempo para el corazón y tu piel es una trampa en la que vuelvo a caer	1	Não há espaço após o primeiro ponto final e a letra que o segue é minúscula.

<p>una otra vez.(fim da primeira estrofe)</p> <p>son tus besos como un pasaporte rumbo a la pasión tus caricias son el sol ardiente que me derritió y tu cuerpo un terremoto, un volcan en el que sueño morir pero vuelvo a despertar.”</p>		
<p>“Tu mirada ES un atentado contra la razón tu sonrisa una bomba de tiempo para el corazón y tu piel es una trampa en la que vuelvo a caer una otra vez. (fim da primeira estrofe)</p> <p>son tus besos como un pasaporte rumbo a la pasión tus caricias son el sol ardiente que me derritió y tu cuerpo un terremoto, un volcan en el que sueño morir pero vuelvo a despertar.”</p>	2	Há pontuação e letra maiúscula após os dois pontos finais.

2.2.7 Aspas

Em todos os casos de utilização de aspas abaixo, o programa conta duas frases. Deve-se estar atento para as outras regras e deixar um espaço após o fim da frase.

* “You can also see how frequent each one was in each of the texts”. The highest frequency will appear in red.

* “You can also see how frequent each one was in each of the texts.” The highest frequency will appear in red.

* “You can also see how frequent each one was in each of the texts.” The highest frequency will appear in red.

2.2.8 Sinais de pontuação

Todos os sinais de pontuação são detectados normalmente pelo *software WordSmith Tools*.

2.2.9 Parágrafos:

Cada parágrafo é reconhecido pelo programa como uma sequência de dois toques na tecla <ENTER>. Se ela for pressionada várias vezes, cada sequência de dois toques será interpretada como um parágrafo. Ao fim do texto, a tecla deve ser pressionada somente duas vezes. Assim, o programa detectará o último parágrafo.

Exemplo	Parágrafos	Explicação
<p>“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts. You will be able to use tools to find out how words are used in your own texts, or those of others.”</p> <p>“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts. You will be able to use tools to find out how words are used in your own texts, or those of others.”</p>	0	Como a tecla <ENTER> não foi pressionada nenhuma vez após o final do texto, o software não reconhecerá nenhum parágrafo.
<p>“The Wordlist tool lets you see a list of all the words or word-clusters in a text, set out in alphabetical or frequency order. The concordancer, Concord, gives you a chance to see any</p>	0	A tecla <ENTER> foi pressionada apenas uma vez após o primeiro parágrafo e nenhuma vez após o segundo; logo,

<p>word or phrase in context - so that you can see what sort of company it keeps. With Key-Words you can find the key words in a text.”</p> <p>“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts. You will be able to use tools to find out how words are used in your own texts, or those of others.</p>		<p>nenhum dos parágrafos será contado pelo software.</p>
<p>“The Wordlist tool lets you see a list of all the words or word-clusters in a text, set out in alphabetical or frequency order. The concordancer, Concord, gives you a chance to see any word or phrase in context - so that you can see what sort of company it keeps. With Key-Words you can find the key words in a text.”</p> <p>“WordSmith Tools is an integrated suite of programs for looking at how words behave in texts. You will be able to use tools to find out how words are used in your own texts, or those of others.</p>	<p>1</p>	<p>A tecla <ENTER> foi pressionada duas vezes após o primeiro parágrafo e nenhuma vez após o segundo; assim, apenas o primeiro parágrafo será contado pelo software.</p>
<p>“The Wordlist tool lets you see a list of all the words or word-</p>	<p>2</p>	<p>A tecla <ENTER> foi pressionada duas</p>

<p>clusters in a text, set out in alphabetical or frequency order.”</p> <p>“The concordancer, Concord, gives you a chance to see any word or phrase in context – so that you can see what sort of company it keeps. With Key-Words you can find the key words in a text.”</p>		<p>vezes após cada parágrafo. O programa conta á os parágrafos corretamente.</p>
---	--	--

Com relação a poemas, o programa considera a contagem de parágrafos quando há espaços entre as linhas.

Exemplo	Parágrafos	Explicação
<p>“Amar o perdido deixa confundido este coração.(fim da primeira estrofe) Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não.”(fim da segunda estrofe)</p>	0	<p>Não há linhas em branco nem entre os versos nem entre as estrofes.</p>
<p>“Amar o perdido deixa confundido este coração.(fim da primeira estrofe)</p>	1	<p>Há uma linha em branco entre as duas estrofes, mas não ao final do</p>

<p>Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não.”(fim da segunda estrofe)</p>		<p>texto.</p>
<p>“Amar o perdido deixa confundido este coração.(fim da primeira estrofe)</p> <p>Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não.”(fim da segunda estrofe)</p>	<p>2</p>	<p>Há uma linha em branco entre as duas estrofes e uma ao final do texto.</p>
<p>“Amar o perdido</p> <p>deixa confundido este coração.(fim da primeira estrofe)</p> <p>Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não.”(fim da segunda estrofe)</p>	<p>3</p>	<p>Se forem deixadas linhas em branco também entre os versos, o programa os conta como parágrafos.</p>

3 Ferramentas e procedimentos para análise

Na metodologia das dissertações e da tese analisadas destaca-se o uso de três ferramentas (*Wordlist*, *Keyword* e *Concord*) e um utilitário (*Viewer & Aligner*) do programa *WordSmith Tools*.

Wordlist: disponibiliza três listas de palavras do corpus - (i) por ordem alfabética, (ii) por frequência e (iii) dados estatísticos tais como o número de vocábulos, ocorrência, a razão vocábulo/ocorrência, número de frases, parágrafos, etc;

KeyWord: compara um corpus de estudo com um corpus de referência e identifica as palavras que apresentam, no corpus de estudo, uma frequência inesperada (tomando como parâmetro de comparação o corpus de referência), fornecendo uma lista de palavras chave;

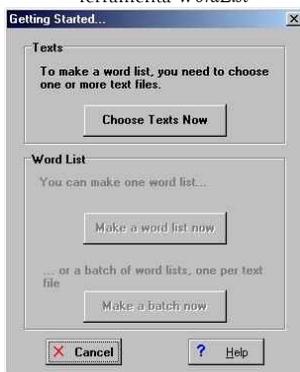
Concord: disponibiliza um índice da palavra que está sendo investigada e as respectivas linhas de concordância, ou seja, o contexto em que elas aparecem;

Viewer & Aligner: disponibiliza o texto fonte e o texto de chegada, alinhados por sentenças ou por parágrafos.

3.1 WORDLIST

Após acessar a opção “START” do menu , a caixa de diálogo “Getting Started...” será exibida. Clicando no botão “CHOOSE TEXT NOW”, podemos escolher o(s) arquivo(s) que contêm o corpus com o qual desejamos trabalhar. Será aberta outra caixa de diálogo em que é possível selecionar o(s) arquivo(s) do corpus. Antes de se prosseguir, é importante pressionar o botão “CLEAR PREVIOUS” para evitar que textos processados anteriormente sejam misturados com os atuais.

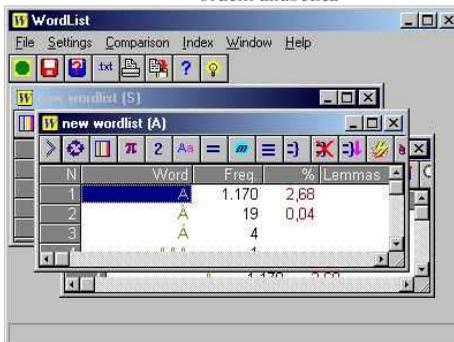
Figura 1
Caixa de diálogo *Getting Started* da
ferramenta *WordList*



Seleciona-se então o(s) arquivo(s) a serem processados e pressiona-se o botão OK, para então clicar no botão “MAKE A WORD LIST NOW”. Após alguns momentos, as listas de palavras (*WordList*) serão exibidas na tela, organizadas da seguinte maneira:

(i) Ordem alfabética - *New Wordlist (A)*: apresenta as palavras de um corpus de estudo em ordem alfabética e facilita o trabalho do pesquisador que trabalha com lemas. No estudo da transitividade, por exemplo, o pesquisador poderá ter um acesso rápido às formas de um verbo sendo investigado.

Figura 2
Lista de palavras - organizadas por
ordem alfabética



(ii) Frequência - *New Wordlist (F)*: apresenta as palavras de um corpus de estudo em ordem decrescente de ocorrência. Além de revelar dados importantes para o estudo comparativo de traduções, é uma lista útil para a investigação de *hapax legomena* como um indicio de criatividade lexical;

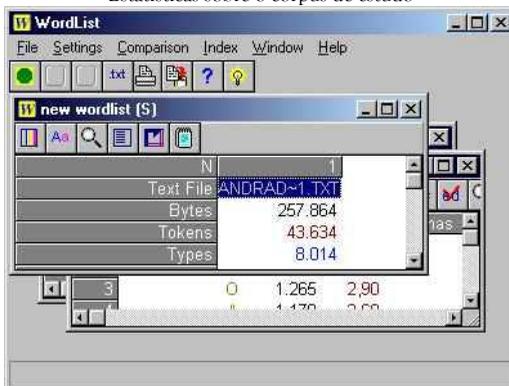
Figura 3
Lista de palavras - organizadas por ordem de frequência



N	Word	Freq	%	Lemmas
1	E	1.861	4,27	
2	DE	1.388	3,18	
3	O	1.265	2,90	
		1.170	2,60	

(iii) Dados estatísticos - *New Wordlist (S)*: apresenta estatísticas tais como o número de vocábulos, ocorrência, a razão vocábulo/ocorrência, número de frases, parágrafos, etc.

Figura 4
Estatísticas sobre o corpus de estudo



N	1
Text File	ANDRAD-1.TXT
Bytes	257.664
Tokens	43.634
Types	8.014

3.2 KEYWORDS

Essa ferramenta compara um corpus de estudo⁸⁰ com um corpus de referência e identifica as palavras que apresentam, no corpus de estudo, uma frequência inesperada (tomando como parâmetro de comparação o corpus de referência).

Em um exemplo imaginário, se trabalhamos com um corpus de referência de 500 palavras e um corpus de 100 palavras, suponhamos que a palavra ‘superlativo’ ocorra 25 vezes no corpus de referência e 10 vezes no corpus de estudo. A palavra ‘superlativo’ corresponderia, então, a 5% de todas as palavras do corpus de referência e a 10% de todas as palavras do corpus de estudo. Neste caso, tal palavra seria, provavelmente, dada como uma ‘palavra chave’, uma vez que sua frequência é duas vezes maior no corpus de estudo do que no corpus de referência.

Vale ressaltar que as palavras chave de um texto não são, necessariamente, as palavras que nele são mais frequentes. Como já mencionado anteriormente, para o *software*, palavras chave são aquelas que apresentam uma frequência inesperada.

Para facilitar a diferenciação entre as palavras chave (definidas pela ferramenta *KeyWords*) de um corpus e as suas palavras mais frequentes, faremos abaixo uma breve comparação entre as onze primeiras palavras chave do romance *Macunaíma - o herói sem nenhum caráter* e as onze palavras mais frequentes do mesmo romance.

Uma lista de todas as palavras no romance foi produzida, utilizando-se a ferramenta *WordList*, organizada por ordem de frequência:

⁸⁰ Aquele que se pretende descrever (Berber Sardinha, 1999, p.2)

Quadro 1

As onze palavras mais frequentes em
Macunaíma - o herói sem nenhum caráter.

N	Word	Freq.	%	Lemmas
1	E	1.861	4,27	
2	De	1.388	3,18	
3	O	1.265	2,90	
4	A	1.170	2,68	
5	Que	1.063	2,44	
6	Do	640	1,47	
7	Não	586	1,34	
8	Pra	522	1,20	
9	Com	512	1,17	
10	Macunaíma	496	1,14	
11	Da	487	1,12	

Foi também produzida uma lista com as palavras chave do romance utilizando-se a ferramenta *KeyWords*:

Quadro 2

Lista das onze primeiras palavras chave do romance
Macunaíma - o herói sem nenhum caráter

N	Word	Freq.	Andrad 1.Txt %	Freq.	Refptall.Lst %	Keyness	P
1	Pra	522	1,20	10		2.494,5	0,000000
2	Macunaíma	496	1,14	0		2.462,6	0,000000
3	Herói	274	0,63	13		1.255,5	0,000000
4	Jiguê	144	0,33	0		713,9	0,000000
5	Pro	129	0,30	3		611,4	0,000000
6	Maanape	113	0,26	0		560,1	0,000000
7	Então	245	0,56	408	0,09	422,2	0,000000
8	Manos	81	0,19	0		401,5	0,000000
9	Gigante	75	0,17	1		361,2	0,000000
10	Porém	147	0,34	162	0,03	329,5	0,000000
11	E	1.861	4,27	12.967	2,72	302,2	0,000000

Comparando-se a coluna *Word* do primeiro quadro com a coluna *Word* do segundo, é possível notar que as palavras chave de um corpus não necessariamente correspondem às suas palavras mais frequentes. Analisemos, por exemplo, a palavra 'e': com 1.861 ocorrências, tal palavra

corresponde a 4,27% do total de palavras do romance, sendo a palavra mais frequente deste corpus. Entretanto, a mesma palavra na lista de palavras chave é dada como a décima primeira palavra chave do mesmo corpus.

Além de apresentar as palavras que se mostram inesperadamente mais frequentes no corpus de estudo do que no corpus de referência, a ferramenta *KeyWords* também apresenta as palavras que se mostram inesperadamente menos frequentes no corpus de estudo do que no corpus de referência. Enquanto as primeiras são classificadas pela ferramenta como ‘palavras chave positivas’ (*positive key words*), as últimas são classificadas como ‘palavras chave negativas’ (*negative key words*).

De acordo com a definição dada no arquivo de ajuda do *software*, palavras chave positivas são aquelas que “ocorrem com mais frequência do que se esperaria em relação ao corpus de referência”, e palavras chave negativas são aquelas que ocorrem com menos frequência do que se esperaria, considerando-se as mesmas condições. Retomando o exemplo imaginário anteriormente utilizado, suponhamos que a palavra ‘comparativo’ ocorra 25 vezes no nosso corpus de referência de 500 palavras e duas vezes no nosso corpus de 100 palavras. Nesse caso, a palavra ‘comparativo’ corresponderia a 5% das palavras do corpus de referência e a 2% das palavras do corpus de estudo. Como a frequência percentual de tal palavra no corpus de estudo corresponde a menos da metade do que se esperava (em relação ao corpus de referência) essa palavra, provavelmente, seria dada como uma palavra chave negativa.

3.2.1 Metodologia de trabalho com a ferramenta *KeyWords*

Após definir qual será o corpus de estudo, digitalizá-lo e corrigi-lo, será necessário compilar um corpus de referência. Berber Sardinha (1999, p. 3) recomenda que este corpus de referência tenha características gerais, composto por textos de diversos gêneros, e seja “cinco vezes maior que o de estudo” (Berber Sardinha, 1999, p. 11).

O primeiro passo a ser seguido é verificar o tamanho do corpus de estudo de modo a definir o tamanho do corpus de referência. Para tanto, utilizando a ferramenta *WordList*, é necessário produzir uma lista de palavras do corpus de estudo. Na lista de estatísticas aberta, verifica-se o

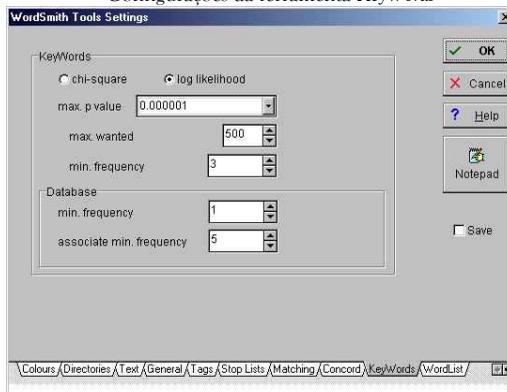
número de palavras (*tokens*) do corpus de estudo. Em seguida, multiplica-se esse número por cinco. O resultado obtido deverá ser o tamanho, aproximado, do corpus de referência.

A partir daí, será necessário compilar o corpus. Selecionam-se textos (também em formato .txt) de diversos gêneros (fictícios, jornalísticos, acadêmicos, etc.), tentando manter um razoável equilíbrio na proporção de cada gênero, e salva-se em uma pasta de trabalho. Produz-se, então, (utilizando a ferramenta *WordList*) uma lista de palavras de TODOS os arquivos que irão compor o corpus de referência.

Ambos os arrolamentos de palavras devem ser salvos, separadamente, na ferramenta *WordList* em formato .lst para que eles possam ser reconhecidos pelas outras ferramentas do *WordSmith Tools*. Tendo feito e salvo tais listas, será hora de usar a ferramenta *KeyWords*: primeiramente verificando suas configurações para depois usar as listas previamente salvas para produzir as relações de palavras chave.

Tendo salvo as listas de palavras dos corpora necessários (de estudo e de referência), será necessário verificar as configurações da ferramenta *KeyWords* para produzir as listas de palavras chave. É preciso acessar no menu “*Settings*” da ferramenta *KeyWords*, a opção “*MIN. & MAX. FREQUENCIES*” e definir 16.000 como o valor máximo de palavras a serem exibidas (na caixa “*MAX.WANTED*”).

Figura 5
Configurações da ferramenta *KeyWords*



16.000 é o maior valor aceito pelo *software*, sendo, portanto, o que menos possivelmente imprimiria um corte artificial e não desejável que poderia causar uma eliminação de palavras significativas. Produz-se uma lista de palavras chave para depois acessar a opção “START” no menu da ferramenta *KeyWords*. Na caixa de diálogo aberta, pressiona-se o botão “FIND THE KEYWORDS IN A TEXT”. Será aberta uma segunda caixa de diálogos em que os arquivos que contêm o corpus de estudo e o corpus de referência devem ser selecionados. Pressiona-se “OK” e após alguns momentos será exibida a lista de palavras chave.

Figura 6
Lista de palavras-chave



N	WORD	FREQ.	IN-TXT %	FREQ.	KEN.LST %	KEYNESS	P
1		3.273	2,92	4.326	0,77	2.951,5	0,000000
2	AND	6.355	5,67	13.380	2,39	2.938,1	0,000000
3	WAS	2.069	1,84	2.401	0,43	2.129,8	0,000000
4	IT	2.319	2,07	4.599	0,82	1.171,1	0,000000
5	JIM	340	0,30	9		1.137,5	0,000000
6	WARNT	293	0,26	0		1.049,3	0,000000
7	GOT	621	0,55	397	0,07	1.008,4	0,000000
8	SO	963	0,86	1.149	0,21	959,3	0,000000
9	AIN'T	297	0,26	26		892,3	0,000000
10	DIDNT	348	0,31	110	0,02	781,6	0,000000
11	EN	236	0,21	11		759,2	0,000000
12	ME	761	0,68	951	0,17	721,6	0,000000

3.3 CONCORD

Acessa-se a opção “START” do menu “FILE”. Será exibida a caixa de diálogo “Getting Started...”. Clicando o botão “CHOOSE TEXT NOW”, podemos escolher o arquivo que contém o corpus com o qual desejamos trabalhar. Será aberta a caixa “Choose Text(s)”.

É importante, antes de se prosseguir, pressionar o botão “CLEAR PREVIOUS” para evitar que textos processados anteriormente sejam misturados com os atuais. Seleciona-se, então, o(s) arquivo(s) a serem processados e pressiona-se o botão OK. A caixa “Choose Text(s)” será fechada e a caixa de diálogo “Getting Started...” voltará a ser exibida. Dessa vez, entretanto, o botão “specify search-word” estará habilitado.

Ao se pressionar o botão “*specify search-word*”, a caixa “*Concordance Settings*” será aberta. Nessa caixa, é possível definir:

- * A palavra nódulo (que é a palavra a ser pesquisada);
- * Horizontes de contexto (ou um co-texto);
- * A distância (tanto à esquerda quanto à direita) entre a palavra nódulo e o co-texto determinado;

Definidas as palavras a serem pesquisadas, basta pressionar o botão “*GO NOW*”. Após alguns momentos, uma tela com as linhas de concordância pedidas será exibida. A palavra definida como nódulo aparecerá em destaque ao centro da tela.

Figura 7
Linhas de concordância geradas pela
ferramenta *Concord*

N	Concordance	Set	Tag	Word No.	File	%
1	é de tão satisfeito virou logo Jiguê na máquina	27.146	rad~1.txt	62		
2	inha vinda da Austrália. Virou Jiguê na máquina	23.469	rad~1.txt	54		
3	igo você atira. Então virou Jiguê na máquina t	9.965	rad~1.txt	23		
4	e teve uma satisfa mãe. Virou Jiguê na máquina	8.661	rad~1.txt	20		
5	ou um membri na goela, virou Jiguê na máquina t	10.437	rad~1.txt	24		
6	acotes. Maanape então virou Jiguê num telefone	27.067	rad~1.txt	62		

3.4 VIEWER & ALIGNER

Para alinhar o original e a tradução, basta clicar na opção “*Getting Started...*”. Aparecerá uma caixa com o comando “*Source Text*”. Ao clicar esse botão, aparecerá uma outra caixa “*Open a text file*”. Seleciona-se o texto original e pressiona-se o comando “*OK*”. O texto aparecerá em uma tela à parte ao lado da caixa de comando. Para alinhá-lo com a tradução, basta clicar o comando “*Translation*” e selecionar a tradução.

4 Considerações finais

Ao organizar os procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas na interface entre Estudos da Tradução baseados em Corpora e Linguística Sistêmico-Funcional, indicamos uma das possibilidades metodológicas para o estudo de textos traduzidos, que futuramente pode vir a estabelecer diálogo com as outras áreas de pesquisa para o contínuo crescimento dos Estudos da Tradução.

5 Referências

ALVES, Daniel Antonio de Sousa. *Focusing on KeyWords: a study of a parallel bilingual corpus*. 2004. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ALVES, Fábio. *Relatório Avaliativo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica PROCAD 097/10-2: Tradução e Linguística de Corpora: em busca de interfaces com vistas a processos de categorização cognitiva e contextualização pragmático/política*. Disponível em: <http://goo.gl/66nImQ> - último acesso em 21 de novembro de 2013.

BAKER, Mona. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, Mona; FRANCIS, Gil and TOGNINI-BONELLI, Elena. (Ed.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p 233-250.

BAKER, Mona. Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research. In: *Target*, Amsterdam – Holland. v. 7 n. 2, 1995. p 223-243.

BAKER, Mona. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Harold. (Ed.). *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p 177-186

BERBER-SARDINHA, Tony. Linguística de corpus: histórico e problemática. In: *D.E.L.T.A.*, São Paulo – SP. v. 16 n. 2, 2000. p 323-367.

_____. Comparing corpora with WordSmith keywords. In: *The ESPecialist*, São Paulo – SP, 2001. v. 22 n. 1. p 87-99.

_____. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004. 410 p.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan e REPPEN Randi. *Corpus Linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: CUP, 1998. 300 p.

BUENO, Letícia Taitson. *Creative lexical items in Macunaíma: a corpus-based research*. 2002. 80 p. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CAMPESATTO, Lucila Augusta. *Thematic structure in Brazilian Portuguese abstracts in English translation: the issue of textual competence*. 2002. 99 p. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva. *Harry Potter and the Chamber of Secrets e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na Linguística Sistêmica e nos Estudos de Corpora*. 2003. 207 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FEITOSA, Marcos Pereira. *Uma proposta de anotação de corpora paralelos com base na Linguística sistêmico-funcional*. 2005. 137 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FERNANDES, Lincoln Paulo. *Brazilian practices of translating names in children's fantasy literature: a corpus-based study*. 2004. 270 p. Tese, (Doutorado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FLEURY, Lilian J. *Proposta de Sistematização Metodológica para Pesquisas em Análise Textual e Tradução: Uma Interface com a Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de Corpus*. Apresentação em outubro de 2011.

Disponível em: <http://goo.gl/HSgBrT> - último acesso em 21 de novembro de 2013.

JESUS, Silvana Maria de. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. 2004. 126 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

JESUS, Silvana Maria de. *Relações de tradução: SAY/DIZER em corpora de textos ficcionais*. 2008. 209 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

MAURI, Cristina. *Um estudo da tradução italiana de Laços de família, de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora: a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. 2003. 108 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MORINAKA, Eliza Mitiyo. *Gabriela, cravo e canela and its (re)textualization in English: representation through lexical relations*. 2005. 108 p. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PAQUILIN, Viviane. *The various facets of a message: an analysis of the thematic structure in Bridget Jones's Diary in the light of the systemic functional grammar, corpus linguistics and translation studies interface*. 2005. 110 p. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCOTT, Mike. *WordSmith Tools*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

SILVA e FRANCO, Arabela Vieira dos Santos. *The semantic prosody of three keywords in a Parallel Corpus (Canadian English / Brazilian Portuguese) short stories: a corpus-based translation study*. 2003. 87 p. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SINCLAIR, John. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: OUP, 1991. 179 p.

SINCLAIR, John. Preface. In: GHADESSY, Mohsen *et al* (Ed.). *Small corpus studies and ELT: theory and practice* Amsterdam: John Benjamins, 2001. p vii-xv.

ZUNIGA, Gleimara. Regina Ferreira. *Construing the translator: a meta-reflection grounded in corpus-based translation studies and systemic functional linguistics*. 2006. 105 p. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

A ATUAÇÃO DOS TILS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SINAIS NA ÁREA DE CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS EXATAS- QUALIFICANDO O ENSINO DOS SURDOS

Nádia dos Santos Gonçalves Porto

RESUMO: O presente artigo pretendeu abordar os desafios da tradução/interpretação das disciplinas das ciências exatas nas turmas inclusivas de ensino médio do Colégio Municipal Pelotense. O objetivo desta pesquisa foi investigar o processo de construção/elaboração de sinais da Libras específicos para a área das exatas e seus efeitos na atuação dos TILS e, conseqüentemente, na aprendizagem escolar dos alunos surdos. A partir da investigação, ficou evidente que a combinação/criação de sinais torna mais claro o entendimento e a aprendizagem por parte dos alunos e, conseqüentemente, facilitaria o processo de tradução e interpretação das terminologias específicas nas ciências exatas. Quadros (2004), Lacerda (2010), Reichert (2012) são alguns dos autores que colaboraram com as discussões propostas neste artigo. Tornou-se explícita a necessidade de registro dos sinais combinados, bem como da articulação entre TILS, professores e alunos, com o intuito de convencionar os sinais.

PALAVRA-CHAVE: ciências exatas, educação de surdos, Tradutor/Intérprete de Libras.

RESUMEN: Este artículo pretende abordar los desafíos de la traducción/interpretación de las asignaturas de las Ciencias Exactas en las turmas inclusivas de la escuela secundaria en el Colegio Municipal Pelotense. El objetivo de este trabajo fue investigar el proceso de construcción/elaboración de signos de Libras específicos para el área de las Ciencias Exactas y sus efectos en la actuación de Traductores e intérpretes de Lengua de señales (TILS) y, en consecuencia, en el aprendizaje escolar de los alumnos sordos. Desde la investigación, se hizo evidente que la combinación/creación de signos hace más clara la comprensión y el aprendizaje de los estudiantes y facilita, así, el proceso de la traducción e interpretación de las terminologías específicas de las ciencias exactas. Quadros (2004), Lacerda (2010), Reichert (2012) son algunos de los autores que han contribuido a los debates propuestos en

este artículo. Se hizo explícita la necesidad de que el registro de las señales combinadas, así como la articulación entre TILS, profesores y estudiantes, con el fin de volver convencionales los signos.

PALABRAS-CLAVE: Ciências exactas, educação de surdos, tradutor / intérprete: Libras

Introdução

Minha formação acadêmica e atuação profissional têm estreita relação com a pesquisa apresentada neste artigo. Sou graduada no curso de Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas - UCPEL e Bacharel em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Realizei um Curso de Capacitação de Tradutores/Intérpretes de Libras pela Universidade Católica de Pelotas, bem como prestei o exame e fui aprovada no PROLIBRAS⁸¹ nível médio em 2009 e nível superior em 2010, ambos para atuar como Tradutor/Intérprete de Libras - TILS.

Neste artigo vou deter-me no campo das ciências exatas por ser a área da minha formação e também para estabelecer uma delimitação no tema da investigação. Após cinco anos de trajetória atuando como TILS em diferentes contextos, percebo uma grande dificuldade minha e de meus colegas nos momentos de traduzir as disciplinas do campo das ciências das exatas. No contexto do Colégio Municipal Pelotense, no qual atuo desde 2008, os TILS não têm uma série e nem uma disciplina específica para atuar, ou seja, a cada ano letivo que se inicia alteram-se as séries e disciplinas nas quais atuamos.

Além da adaptação ao ambiente escolar, os TILS também passam por dificuldades de tradução de disciplinas específicas, cujos conteúdos, em sua maioria, ainda não possuem sinal convencionado na Libras. Este é um grande desafio a ser enfrentado, além das questões que envolvem as relações TILS\Professor\ Aluno Surdo que já são bastante complexas. Dentre os obstáculos enfrentados pelos TILS, pretendo deter-me naqueles relacionados à tradução dos conteúdos da área das ciências exatas. Minha percepção, oriunda da minha trajetória acadêmica e profissional, faz com que haja certa inquietação com relação ao modo como estão sendo traduzidos os conteúdos da área das ciências exatas, considerando-se a escassez de sinais específicos para esta área de

⁸¹ Exame Nacional para Certificação de Proficiência no Ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e para Certificação de Proficiência na Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa

conhecimento, pois nem mesmo em dicionários da Libras, artigos, livros encontra-se referência a criações desses sinais. Neste sentido, é válido questionar se os profissionais TILS possuem, dentro de sua carga horária, previsão de um horário para reuniões de planejamentos e estudos. Ocorre alguma reunião com os professores antes do ano letivo para averiguar os conteúdos e analisar quais seriam as estratégias de tradução para determinados conteúdos? Professores, alunos surdos e TILS se reúnem para a combinação de sinais dos temas abordados durante as aulas? Preocupam-me estas e muitas outras situações observadas ao longo de todos estes anos em que atuo nesta instituição.

Desse modo, este artigo tem o objetivo de investigar o processo de construção/elaboração de sinais da Libras específicos para a área das ciências exatas e seus efeitos na atuação dos TILS e, por conseguinte, na aprendizagem escolar dos alunos surdos. Especificamente nesta pesquisa, investiguei junto aos professores qual seria a participação deles na construção desses sinais, além de verificar junto aos TILS como eles percebiam e realizavam o processo de elaboração de sinais; questionando os alunos surdos se e como eles estavam inseridos nesta construção e se todo este processo estava sendo relevante como aprendizado.

Metodologia

Para atingir os objetivos propostos e tentar responder às inquietações explicitadas acima, elaborei dois questionários e uma entrevista a serem realizados com os TILS, os professores da área de conhecimento das ciências exatas e com os alunos surdos, respectivamente. Para cada participante foi entregue um termo de consentimento informado. No caso dos alunos surdos menores de 18 anos, o termo foi entregue aos pais e, após a assinatura do responsável, foi realizada a entrevista. Todos os participantes, ao serem informados dos objetivos da pesquisa, optaram por contribuir com a investigação.

Com os surdos, foi realizada uma entrevista em Libras, a qual foi filmada devido à sua especificidade linguística. Os alunos surdos entrevistados estão cursando o 3º ano do ensino médio no turno da manhã do Colégio Municipal Pelotense. Optei por esta série em função desta turma já ter presenciado o trabalho dos TILS por pelo menos três anos, tendo mais experiências vivenciadas e, assim, estarem mais aptos para responder às perguntas. O roteiro da entrevista era composto por sete perguntas dissertativas, as quais foram feitas individualmente para que a resposta de um não influenciasse na resposta do outro. Após a realização da

filmagem, a entrevista foi transcrita por mim para o português e, em seguida, utilizada na análise dos dados.

Para os professores da área das ciências exatas, foi entregue um questionário com oito questões dissertativas em língua portuguesa. Foi escolhido um professor de física, um de química e um de matemática, os quais já atuam com alunos surdos do ensino médio. Também foi entregue um questionário com nove questões dissertativas aos Tradutores Intérprete de Libras que atuam no CPM. Um dos TILS possui formação em Letras Libras, outro tem formação superior em qualquer área e o último possui formação em nível médio. As entrevistas e os questionários foram realizados de 22 de maio a 13 de junho de 2013 e, após esse período, iniciei a análise dos dados.

A Análise dos dados coletados limitou-se às questões que envolviam a criação de sinais específicos nas ciências exatas e à maneira pela qual esse processo era realizado no dia-a-dia da escola, levando-se em consideração os objetivos estabelecidos nesta pesquisa. Os dados foram analisados à luz dos Estudos Surdos em Educação, a partir de pesquisa bibliográfica sobre o assunto.

Com os dados em mãos, criei uma tabela na qual constavam as perguntas e as respostas fornecidas pelos sujeitos participantes da pesquisa. Este processo foi realizado para uma visualização mais clara dos dados. Em seguida, elaborei um quadro comparativo das respostas de cada uma das perguntas organizado, respectivamente, com as respostas dadas pelos TILS, pelos professores e pelos alunos. Com este quadro pude visualizar e relacionar as respostas para, assim, realizar a análise das mesmas, relacionando-as aos referenciais teóricos escolhidos para esta pesquisa.

As pessoas citadas neste artigo não tiveram seus nomes expostos para a preservação de suas identidades. Em função disso, optei por usar codinomes. Para os Tradutores Intérpretes de Libras foram utilizados números ordinais, ficando, assim, designados: TILS 1, TILS 2 e TILS 3. Já para os alunos utilizei números romanos, Aluno I, Aluno II e Aluno III e, por fim, para os professores, utilizei letras do alfabeto, Professor A, Professor B e Professor C.

Percepções sobre a coleta dos dados

Um fator positivo para a realização das entrevistas, o qual também influenciou na entrega e coleta dos questionários, foi o fato de atuar nesta escola e, por isso, conhecer os horários, salas, além de ter um contato diário com todos os professores, colegas TILS e alunos. Dessa forma, foi

possível aproveitar os momentos mais “propícios” para a realização das atividades.

A maior dificuldade encontrada na coleta dos dados consistiu na realização das entrevistas com os alunos surdos. Além da turma apresentar um número reduzido de alunos, para ser mais exata cinco alunos na turma do 3ºano, consegui realizar a entrevista somente com três alunos pois, devido às condições climáticas, um dos alunos, por não morar em Pelotas, tinha dificuldade em ir à escola quando chovia muito. O outro aluno encontrava-se doente e, por isso, também não estava frequentando as aulas naquele período. O segundo empecilho encontrado ocorreu durante a entrevista, pois um dos três alunos ficou muito introvertido no momento da filmagem. Neste caso, tive que sinalizar mais de uma vez as perguntas e de diferentes maneiras para que ele pudesse entender. Este aluno não conseguia expressar-se com muita clareza, realizando todas as respostas de maneira muito breve. Este fato dificultou um pouco minha análise no momento da comparação dos dados.

Já com os professores foi mais fácil pelo motivo destes atuarem na mesma sala na qual realizo as traduções. Eles conseguiam responder as perguntas após colocar o conteúdo no quadro ou após aplicar trabalhos, enquanto os alunos estavam ocupados com as atividades.

Com os colegas TILS não foi diferente deste último caso. Entreguei o questionário a todos em momentos diferentes. Uma das três TILS respondeu num intervalo de tempo muito curto, em seguida que entreguei o questionário, aproveitando um intervalo de troca de professores. As outras duas colegas levaram para casa e retornaram com os questionários dias depois. Somente uma das três TILS chamou-me no intervalo para pedir explicações acerca de uma das questões, pois não havia entendido o que eu perguntava. A questão era a seguinte: *Na sua percepção sinais “dados” refletem de forma diferenciada que sinais “construídos” com os alunos?* Acredito que este fato ocorreu pela falta de experiência, pois está atuando apenas há um ano na área, enquanto as outras duas profissionais responderam sem hesitar a esta questão e a todas as outras perguntas.

Para demonstrar que as outras duas TILS compreenderam a questão, destaco que a TILS 2 respondeu que ocorre uma diferença entre sinais dados e sinais construídos, pois o primeiro muitas vezes não é de conhecimento do aluno, muito menos o seu significado, já o segundo – sinais construídos – necessita de uma construção e um conhecimento mais aprofundado do conceito trabalhado, facilitando a compreensão dos

alunos. Neste sentido, a TILS 3 afirmou que certamente há uma diferença, pois somente o sinal não significa que o aluno entendeu o conteúdo. O conhecimento dá-se a partir da construção do conceito aliado ao sinal.

Ao analisar as respostas dos TILS ficou perceptível a diferença entre os profissionais com mais tempo de experiência e estudos/pesquisas na área e os que ainda têm uma caminhada mais longa a percorrer. Isso se evidenciou no momento em que duas profissionais tiveram respostas longas e esmiuçadas, conectando as respostas à sua trajetória nesta profissão.

Outro problema percebido na formulação das questões foi o fato de não ter colocado nos questionários dos professores a explicação da terminologia TILS, pois dois dos três profissionais relataram que sabiam que as perguntas eram sobre intérpretes, porém uma não lembrava e a outra não sabia o significado da sigla.

A seguir, segue uma contextualização acerca dos impactos na educação de surdos do que está ocorrendo desde o reconhecimento da Libras até a regulamentação da profissão do TILS.

Reconhecimento da Libras e regulamentação da profissão de TILS: impactos na educação de surdos

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua visuo-espacial, articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira. Estudos sobre essa língua foram iniciados no Brasil por Gladis Knak Rehfeldt (*A Língua de Sinais do Brasil*, 1981). Há também artigos e pesquisas realizadas por Lucinda Ferreira Brito, que foram publicados em forma de um livro, em 1995 (*Por uma gramática das Línguas de Sinais*). Depois destes trabalhos, as pesquisas começaram a explorar diferentes aspectos da estrutura linguístico-gramatical da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tais estudos, articulados às lutas da comunidade surda pelo reconhecimento legal da língua de sinais brasileira, possibilitaram a Libras ser reconhecida oficialmente pela lei 10.436 em 24 de abril de 2002, conforme disposto no artigo a seguir:

Art. 1o É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um

sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Este feito tornou-se um marco para o país, pois acabou por reconhecer-se a LIBRAS como a segunda língua oficial do Brasil. Depois de alguns anos, foi criado o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, para regulamentar a Lei de 2002, dando-se a devida atenção à educação de surdos no país. E justamente por causa deste decreto é que se tornou obrigatória a presença de TILS nos espaços educacionais nos quais ingressam alunos surdos. Este apoio da legislação fez com que fosse recentemente testemunhada crescente visibilidade destes profissionais em diversos espaços de atuação. Graças a isso, atualmente, é comum a presença de TILS também em diversos meios de comunicação. Na televisão, aparecem na janela ao canto da tela e estão presentes nas programações políticas, campanhas governamentais, conferências, entre outros.

Com a crescente demanda por este profissional no mercado de trabalho, viu-se a necessidade da regulamentação desta profissão. Dessa forma, em 1º de setembro de 2010 a Presidência da República reconhece o profissional Tradutor e Intérprete de Libras sob a Lei Nº 12.319. No ano de 2009, o Ministério do Trabalho definiu na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO - o registro de TILS (Tradutores Intérpretes de LIBRAS/Português) sob o número 2614-25, com as seguintes atribuições ao cargo:

[t]raduzem, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretam oralmente e/ou na língua de sinais, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos, formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes. Tratam das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem; fazem a crítica dos textos. Prestam assessoria a clientes⁸².

⁸² Fonte: <http://interpretaremlibras.blogspot.com.br/2009/05/cbo-dos-interpretres-de-libras.html>. Acessado em 02/04/2013.

Cabe salientar que ainda há a necessidade de regulamentar-se a profissão de TILS em Municípios e Estados, questão determinante para a plena regularização desta profissão. Como exemplo, cita-se o município de Pelotas, o qual tornou-se o pioneiro no estado do Rio Grande do Sul a criar ao cargo de TILS através da Lei Nº 4.743 de 6 de dezembro de 2001 e a realizar a primeira seleção pública no ano de 2004 para a ocupação destes profissionais no quadro efetivo dos funcionários municipais da rede de ensino público, garantindo, assim, benefícios previdenciários e direitos legais.

Antes de todas estas conquistas, os surdos eram mantidos em casa, isolados da sociedade. Suas famílias tinham vergonha de ter um filho “deficiente” e isto fez com que grande parte destes surdos ficasse à margem da educação, do trabalho e do convívio social. Hoje, esta realidade é bem diferente. Após a oficialização da Libras, surgiram novas possibilidades para as pessoas surdas exercerem sua cidadania. Como exemplo disso, as universidades, tanto públicas quanto privadas, tiveram que reorganizar seus currículos para acrescentar a disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de fonoaudiologia e magistério, bem como nas licenciaturas, além de ser disciplina optativa nos demais cursos oferecidos pelas instituições de ensino, conforme determina o Decreto Nº 5.626/2005.

Essa legislação é resultado da luta do movimento surdo, iniciada nos anos noventa do século XX. Após todas essas conquistas, iniciou-se uma nova etapa na vida de muitos surdos, pois as oportunidades começaram a surgir nos estudos, cursos, empregos e muitos outros espaços sociais. Consequentemente, com este movimento houve um aumento nas vagas para a atuação dos profissionais TILS. O maior impacto foi nas escolas, pois os surdos perceberam que podiam ir além do ensino fundamental, que tinham capacidade para ultrapassar qualquer barreira e que para alcançar grandes objetivos precisariam de certificação no mínimo de ensino médio completo.

No contexto da cidade de Pelotas, a figura do Intérprete de Língua de Sinais surge com o ingresso de um número significativo de alunos surdos nas escolas em 2000. Estes TILS eram professores cedidos da Escola Especial Professor Alfredo Dub ⁸³ para atuar no Colégio Municipal

⁸³ Na Escola Especial Professor Alfredo Dub, os alunos são atendidos desde a Estimulação Precoce até a 8ª série do Ensino Fundamental. Devido a especificidade linguística e cultural dos alunos, além do currículo regular, são oferecidas aulas de Língua de Sinais, Estimulação à Linguagem, Informática, Hora do Conto e Apoio Pedagógico. Todas as aulas são ministradas em Língua de Sinais (LIBRAS). É a única escola que atende alunos Surdos na

Pelotense (CMP). Como a demanda por este profissional era enorme, foram chamadas pessoas conhecedoras da Língua de Sinais (LS) que ainda não possuíam formação específica na área, logo, seu cargo era auxiliar de comunicação.

O CMP é uma escola inclusiva, com turmas exclusivas de alunos surdos no ensino médio, ou seja, nas turmas de 1º, 2º e 3º ano. Porém, quando tudo começou, no ano de 2001, 2002 e 2003 as turmas de ensino médio eram mistas, com alunos surdos e ouvintes estudando juntos. Somente em 2004 os alunos surdos formaram turmas específicas. No entanto, atualmente, no caso de haver poucos alunos surdos matriculados numa mesma série (menos de 4 alunos) estes são incluídos nas turmas regulares. Conforme o regimento interno da escola na educação infantil, ensino fundamental e médio “*A educação de alunos surdos dar-se-á preferencialmente em classes de surdos com no mínimo quatro (4) alunos e no máximo (15).*”

O trabalho das turmas específicas de alunos surdos é diferenciado em relação ao “tempo”, visto que o professor escreve o conteúdo no quadro, espera alguns momentos e somente explica o conteúdo depois que todos tiverem acabado de copiar, respeitando a diferença linguística entre o que está escrito no quadro (língua portuguesa – segunda língua dos surdos) e a língua de instrução da aula (Libras – primeira língua dos surdos – língua visuo-espacial), além do tempo de compreensão de cada indivíduo⁸⁴.

Situação que é diferente na turma composta por alunos ouvintes ou de magistério com sala inclusiva, ou seja, que tem de 1 até 4 surdos matriculados e as aulas acontecem respeitando outra dinâmica de tempo. Muitas vezes, os professores estão escrevendo no quadro e, ao mesmo tempo, explicam os conteúdos ou realizam ditados do conteúdo na aula. Essa dinâmica provoca, muitas vezes, o TILS e/ou surdo a chamar a atenção do professor para as suas especificidades linguísticas, que se comunicam numa língua visuo-espacial e não conseguem escrever e olhar para as TILS ao mesmo tempo.

Percebo que desde o ano 2000 houve alguns avanços no campo da educação relacionadas aos alunos surdos. Após muitas lutas, caminhadas, conquistas, retrocessos e avanços nesta área, os profissionais TILS estão

Região, oriundos de Pelotas, Turuçu, Rio Grande, Piratini, Pedro Osório, Capão do Leão, Arroio Grande, Pinheiro Machado, São Lourenço do Sul, Canguçu e Morro Redondo. Fonte: <http://www.alfredodub.com.br/>. Acessado em 10/04/2013.

⁸⁴ Estas turmas muitas vezes são compostas por pessoas surdas com outros comprometimentos, como problema motor e deficiência mental. Além disso, há surdos que conhecem pouco e/ou não conhecem a língua de sinais.

cada vez mais atuantes, preocupados com a qualidade de trabalho/atuação. Esse movimento não pode estagnar, pois foram pequenas conquistas ao longo desta trajetória e há que se considerar que ainda há muitas barreiras a serem enfrentadas. Este artigo apresenta uma pequena amostra das dificuldades de atuação numa escola municipal de Pelotas na zona urbana. E a escola municipal de zona rural? E as outras escolas estaduais? Há inclusão nas universidades públicas e privadas? Estas são outras tantas questões a se pensar quando abordamos a educação de surdos.

Neste artigo, irei deter-me nos desafios enfrentados por TILS, professores e alunos surdos no processo de tradução e de ensino e aprendizagem da área das ciências exatas no Colégio Municipal Pelotense.

Tradução de palavras do campo das ciências exatas para a Libras: desafios a enfrentar

Com a inclusão dos alunos surdos no ensino médio e nas universidades, inicia-se um processo de abertura de vagas de trabalho para a categoria dos Tradutores/Intérpretes de Libras. Porém, conforme Lacerda (2010):

A presença do Intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas. Se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete. (p.128).

Nesta complexa relação entre qualidade do ensino, currículo, metodologia e cotidiano escolar está o TILS, com a sua função de traduzir/interpretar os conteúdos escolares para a Libras, afim de que os alunos surdos tenham acesso ao conhecimento. As experiências vivenciadas na prática de atuação como TILS no CMP trazem-me inquietações e preocupações com uma aprendizagem qualificada do indivíduo surdo. Neste sentido, acredito que a elaboração/criação de sinais pode tornar mais acessível a compreensão de termos específicos no campo das ciências exatas.

Um dos desafios enfrentados diariamente pelos TILS na sua atuação em ambientes escolares é a tradução/interpretação para a Libras na área de conhecimento das ciências exatas. Esta área é formada por disciplinas com termos específicos, os quais, na maioria das vezes, são apenas

traduzidos para o alfabeto manual, utilizando-se da datilologia⁸⁵ da palavra. Conforme Quadros (2004):

A soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma seqüência de configuração de mão que tem correspondência com a seqüência de leras escritas do português. (p.88)

Muitas vezes os TILS utilizam este recurso da datilologia por não existir um sinal específico para aquele termo ou pelo desconhecimento do sinal, caso já tenha sido criado em outra região do país. Esta prática é evidenciada no depoimento do aluno II:

*“Não gosto do uso da datilologia, é melhor combinar um sinal para um entendimento mais claro”.*⁸⁶

Certamente as outras disciplinas e áreas do conhecimento também possuem termos específicos que ainda não possuem sinal correspondente em Libras. Nas respostas fornecidas no questionário, uma TILS confirma essa dificuldade encontrada na tradução dos termos específicos do campo das ciências exatas, conforme segue:

“As terminologias utilizadas são muito específicas nas ciências exatas e como não há sinais para a grande maioria, acaba-se tornando complicado a interpretação, principalmente porque os surdos que estão ingressando no ensino médio estão com defasagem linguística.” (TILS 2)

Uma estratégia encontrada pelos TILS do CMP é a de, ao final da aula ou no momento do intervalo entre uma disciplina e outra, discutir os sinais e os conceitos, visto que não há horário de reunião ou estudos para realizar este tipo de conversa. Exemplos dessas dificuldades de tradução de áreas específicas são: como diferenciar os sinais na disciplina de geografia que são iguais em seus parâmetros em Libras, e que tem significado diferente na língua portuguesa como as palavras *mundo, planetas e terra?* Nessa mesma disciplina, *tempo e clima?* Como distinguir os sinais de: *rio, lago, lagoa, laguna, mar e oceano?* Ou também os sinais de continente e placas tectônicas? Ou como sinalizar em outras disciplinas os termos *sociedade,*

⁸⁵ “A datilologia é utilizada, normalmente, para soletrar nomes de pessoas, de lugares, de rótulos, ou para vocábulos não existentes na língua de sinais. É um meio de verificação, questionamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em português.” (HONORA, FRIZANCO, 2010, p.16)

⁸⁶ Os excertos retirados das entrevistas e questionários serão apresentados neste artigo na fonte Times New Roman, letra 12, itálico e com recuo de 2cm a direita, a fim de diferenciar do corpo do texto.

social e sociologia? É perceptível que cada disciplina possui termos específicos para os quais ainda não há sinais produzidos em Libras e isto dificulta o trabalho da tradução/interpretação das aulas dessas disciplinas para os alunos surdos. Alguns autores, como Quadros e Karnopp (2004), Freitas (2001) e Brito (1993) revelam que existe uma carência de terminologias científicas em Libras, o que pode interferir na negociação de sentidos dos conceitos científicos por docentes, alunos e intérpretes, dificultando o processo de ensino-aprendizagem de ciências.

No caso da área das ciências exatas, muitas vezes não se pode utilizar nem o recurso dos classificadores⁸⁷ no momento da tradução como, por exemplo: a) na disciplina de matemática: *intervalo aberto e intervalo fechado, domínio, imagem, cosseno, tangente, seno, determinante, matriz*, b) na disciplina de química, quanto à classificação das cadeias carbônicas se é *aberto ou fechado, normal ou ramificado, homogêneo ou heterogêneo e saturado ou insaturado*; c) na disciplina de física, na qual temos que sinalizar *massa* que é diferente de *peso*, enfim entre muitos outros. Uma das TILS faz referência às estratégias utilizadas para suprir a falta de sinais específicos para o campo das ciências exatas:

“Percebo a ausência de sinais específicos destas disciplinas. Preciso me apoiar nos recursos visuais, em diálogo com os professores, no apoio do colega TILS e, junto com os alunos, buscar sinais provisórios para o melhor entendimento da tradução/interpretação e, por consequência, do conteúdo.” (TILS 3)

Conforme a TILS 3 relata, é muito complicado traduzir as disciplinas relacionadas à área de conhecimento das ciências exatas, por não haver sinais específicos de alguns termos ou, até mesmo, por não haver registro dos sinais já combinados entre alunos, professores e intérpretes daquela escola. Ao ler suas respostas, percebi que estes profissionais tentam padronizar os sinais para que, conforme os alunos vão avançando de ano, sejam utilizados os mesmos sinais dos anos anteriores. Um exemplo desta dificuldade é quando acontece a troca de TILS por algum motivo ou os alunos precisam ter aulas de apoio no turno inverso. Nestes casos, ou o aluno ou o TILS irão utilizar sinais que podem ser desconhecidos para o seu interlocutor, o que pode ocasionar o não entendimento dos

⁸⁷ Em Língua Brasileira de Sinais, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa ou animal, funcionam como marcadores de concordância. São muito importantes, pois ajudam a construir sua estrutura sintática, com recursos corporais que possibilitam relações gramaticais altamente abstratas. Para as línguas de sinais, a descrição, a reprodução da forma, o movimento e sua relação espacial são fundamentais, pois tornam mais claros e compreensíveis os significados do que se quer anunciar. (HONORA, FRIZANCO, 2010, p.29)

conteúdos por parte do aluno. O turno inverso é utilizado pelos professores para explicar novamente a matéria ministrada, aplicar provões, realizar estudo de recuperação, trabalhos, etc. Assim, o TILS que está atuando no turno inverso não vai saber qual foi o sinal combinado/criado e o professor, muitas vezes, não saberá informar qual sinal foi utilizado e, conseqüentemente, o surdo não conseguirá aprender por não haver sinais em comum. Esse é um dentre muitos outros problemas enfrentados pelos profissionais da tradução/interpretação, existente, principalmente, por não existirem momentos de contato com os colegas TILS, com o intuito de trocar sinais e dialogar sobre sua atuação.

A partir das análises das respostas dos TILS, verifiquei que todos gostariam que houvesse um registro dos sinais combinados entre TILS, professores e alunos para os conteúdos que ainda não possuem convenção em Libras. Ou seja, os TILS demonstraram ter interesse em registrar e padronizar os sinais criados na escola, pois estes sinais atualmente não são preservados nem entre os próprios alunos acontecendo, muitas vezes, do TILS ter que relembrar estes sinais aos alunos e aos demais TILS envolvidos. Essa perda temporária de informação e o seu resgate dificulta muito o trabalho destes profissionais. Identifiquei que a grande dificuldade enfrentada pelos TILS nesta instituição é a falta de horário para estudo prévio sobre os assuntos abordados em aula, de horário para interagirem e poderem estudar e combinar sinais, enfim, horário específico para estas atividades. Neste sentido, Lacerda (2010, p.125) destaca que:

Uma escola que se quer inclusiva precisa abrir espaço para a participação do intérprete das discussões de planejamento e organização das estratégias educacionais, uma vez que a surdez remete a um modo visual de apreensão do mundo, que quando respeitado/favorecido pode possibilitar maiores oportunidades de desenvolvimento à pessoa surda.

A partir desta afirmação de Lacerda cabe destacar que a atuação do interprete como parceiro do professor pode, em relação à educação do aluno surdo, contribuir significativamente com todo o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, a realidade da escola investigada não contempla as inferências de Lacerda (2010), conforme uma das TILS relata a seguir:

“As combinações de sinais são feitas informalmente. Busca-se no horário dos intervalos ou em algum horário vago, ou até mesmo durante as aulas convencionarem sinais. Pensa-se em formalizar este processo.” (TILS 3).

A participação dos professores nas discussões e combinações de sinais específicos de sua área de conhecimento é vista de modo distinto pelas professoras que responderam ao questionário. A professora A relata que é participante ativa nesta ação, ou seja, no momento em que explica a resolução e a teoria dos conteúdos, os alunos escolhem o melhor sinal. Já a professora B relatou que desconhece este ato e que não saberia responder esta questão, mas acha que também é no momento das explicações dos conceitos que seriam criados os sinais da sua área de conhecimento. A professora C explica que deixa a tarefa de criação dos sinais por conta dos intérpretes, pois quando está explicando os conteúdos não consegue, ao mesmo tempo, acompanhar os intérpretes. Veja a seguir trechos dos questionários respondidos pelas professoras:

“Sim, participo. Pois ao explicar a resolução e a teoria do conteúdo os alunos escolhem o melhor sinal. (Professor A)

“Não sei dizer, talvez na explicação do que é “conceito” do que será criado” (Professor B).

“Como no momento em que estou explicando o conteúdo não tenho como acompanhar o intérprete, deixo os sinais por conta dos intérpretes. (Professor C).

Os três alunos responderam que, após a explicação da professora sobre determinado conceito, eles, os alunos surdos, ajudam os TILS na elaboração/criação de sinais. Neste processo, às vezes é utilizada a primeira letra da palavra, a fórmula ou o gráfico, pois somente o uso da datilografia nos termos específicos destas disciplinas não proporciona um claro entendimento. Conforme relato de dois alunos surdos nas entrevistas:

“Combinar sinais é bom, pois tem um melhor entendimento”. (Aluno III).

“Matemática, física e química eu entendo claro os conteúdos, mas gosto quando o intérprete fica em pé ao lado do quadro para traduzir, pois fica melhor quando ele aponta junto ao quadro e quando o intérprete sinaliza sentado eu tenho que ficar olhando o intérprete e direcionado o olhar para o quadro, fica longe e confunde.” (Aluno III)

“Química e física são muito difíceis, tem que estudar e se esforçar muito. Matemática é fácil”. (Aluno II)

Ao comparar as respostas dos três alunos entrevistados, verifiquei que os mesmos possuem maiores obstáculos em duas das três disciplinas. Fazendo um cruzamento com as respostas dos professores, identifiquei que a única professora que possui formação na área da educação de surdos, mesmo tendo realizado tal formação após estar trabalhando com alunos surdos é a professora A. E é justamente na disciplina desta professora que os alunos sentem menos dificuldades nos processos de ensino e aprendizagem.

Esta professora já atua com alunos surdos há 13 anos, enquanto uma delas está há 3 anos e a outra está vivenciando a experiência de ser professora de alunos surdos pela primeira vez neste ano. Estas duas últimas relataram que não receberam nenhum curso específico na área da surdez nem preparação prévia para trabalhar com alunos surdos e que estão atuando nestas turmas não por escolha, mas sim pela necessidade da escola, devido à falta de professores especializados nesta área.

Com os casos de aposentadoria, transferência, desistência do cargo no município e outros motivos, estas turmas de surdos recebem novos professores a cada ano, os quais assumem sem a devida qualificação prévia para desenvolver este trabalho. Enfim, há uma carência também de professores especializados na área da surdez. Acredito que a mantenedora⁸⁸ desta escola poderia proporcionar mais cursos de capacitação a estes educadores, pois acabam por colocar toda a responsabilidade de aprendizagem no TILS e na Libras, acreditando que, assim, vão se resolver todos os problemas. Esta falta de organização da relação entre escola e TILS torna-se prejudicial à aprendizagem do aluno surdo.

No contexto desta investigação, após alguns anos trabalhando com surdos, uma grande porcentagem desses professores continua despreparada. Esta formação prévia poderia contribuir para que esses profissionais, ao deparar-se com estas diferenças linguísticas, não passassem por situações embaraçosas e preocupantes que, muitas vezes agregadas a outros fatores, causam baixo desempenho e prejudicam a aprendizagem destes alunos.

Para além da falta de formação de professores, outra questão prejudicial ao aprendizado dos alunos surdos que venho percebendo nesta pesquisa consiste na falta de formação continuada de alguns TILS. Possuir um certificado de capacitação de Tradutor Intérprete de Libras

⁸⁸ Secretaria Municipal da Educação e Desporto – SMED.

e/ou PROLIBRAS⁸⁹ não é garantia de uma atuação adequada em sala de aula. Conforme Reichert (2012, p.74) “o ILS precisa atualizar seus conhecimentos tanto em Libras como em Português, além de pesquisar sobre o assunto com o qual tenha contato em sua atuação, caso trabalhe em uma área específica”. Este pensamento é ratificado e ampliado por Lacerda (2010), a qual afirma que é preciso haver uma reflexão dos profissionais envolvidos neste processo, ainda mais quando se encontram em ambiente escolar:

Torna-se cada vez mais importante uma profunda discussão sobre a capacitação de intérpretes para atuação em sala de aula, já que este ambiente de trabalho se constitui num espaço diferenciado que requer formação e suporte técnico, nem sempre percebidos e desenvolvidos apenas com a prática. Tal capacitação envolve conhecimento sobre o processo de ensino/aprendizagem, sobre a formação de conceito e a construção de conhecimento que demandam formação detalhada e específica. (p.127).

Os contratempos na atuação dos TILS tornam-se mais perceptíveis nas disciplinas da área das ciências exatas, nas quais a Linguagem Matemática, especificamente, devido a sua complexidade e difícil compreensão, faz com que muitos alunos não entendam até mesmo os mais simples conteúdos. No contexto educacional de alunos surdos, constata-se que os mesmos sentem sérias dificuldades devido à linguagem utilizada nos enunciados, na elaboração de problemas contextualizados, pois os mesmos não são bem interpretados pelo discente surdo (GIL, 2008). Estas dificuldades são agravadas pela tradução/interpretação para a Libras que, em muitos casos, ainda não tem convencionado sinais para esses conteúdos ou a escola (professores, TILS e alunos surdos) ainda não combinou sinais para os mesmos.

Assim, dentre os desafios a serem enfrentados pela escola destaco a necessidade de elaboração/criação de sinais em conjunto entre TILS, professores e alunos surdos, além do seu devido registro.

⁸⁹ A partir deste reconhecimento linguístico e legal, deu-se início no ano de 2006, pelo Ministério da Educação (MEC) um teste de proficiência linguística, no qual a pessoa interessada em atuar como Tradutor/Intérprete de LIBRAS realiza o Exame Nacional de Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa nível médio ou superior, Prolibras. Após realizar esta avaliação e se for considerada apta, a pessoa poderá atuar como TILS em qualquer ambiente que necessite da atuação deste profissional. No entanto, antes mesmo do Prolibras surgir em 2006, já se realizavam entrevistas e bancas de seleção para a entrada em cursos de preparação para se tornar um profissional TILS. O Exame Nacional de Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais (Libras) também certifica o indivíduo surdo/ouvinte que pretende ensinar a Língua de Sinais.

Conclusão

Ao finalizar esta pesquisa e ler/rever todos os caminhos que foram percorridos para realizar este artigo, sinto-me realizada por ser uma pioneira na cidade de Pelotas e, mais especificamente, do Colégio Municipal Pelotense a realizar uma pesquisa de investigação do processo de construção/elaboração de sinais da Libras específicos na área das ciências exatas.

Foi de grande importância realizar a pesquisa sobre a construção/elaboração de sinais específicos da área das exatas a partir da visão dos TILS, dos professores e dos alunos, ou seja, dos três atores envolvidos nesta construção. A investigação conseguiu visualizar um panorama das partes envolvidas neste processo.

Em relação aos TILS, ficou claro que os entrevistados sentem falta de horários de reuniões, tanto com professores quanto com os próprios colegas para poderem sanar dúvidas de termos específicos e poder fazer um registro dos sinais já construídos/elaborados. Isto porque, nos pequenos intervalos em que conseguem realizar esta troca, a discussão e a anotação para si, não é possível, efetivamente, realizar um registro para a escola. Esta falta de registros da escola torna ainda mais complexa a atuação dos TILS no CMP, tendo em vista sua atuação nos turnos inversos e a ação de futuros profissionais que poderão trabalhar nesta instituição, além da própria aprendizagem dos alunos surdos que está intimamente relacionada à tradução destes sinais.

Na realização dos questionários junto aos professores, afim de saber qual sua participação na construção desses sinais, verificou-se que é de grande importância ter formação específica na área da surdez. Esta formação é determinante para a colaboração na criação de estratégias para explicar conteúdos específicos de suas áreas, os quais ainda não tenham uma convenção de sinais. Entre os três professores, apenas um recebeu formação específica para atuar com alunos surdos, o qual demonstrou participar efetivamente do processo de criação de sinais específicos da sua área de conhecimento. Além disso, os alunos reiteraram na entrevista terem mais facilidade para aprender os conteúdos ministrados por este professor, tendo em vista que o mesmo considera a especificidade linguística destes alunos. Os outros dois professores afirmaram não participar e até mesmo desconhecer o processo de criação de sinais da sua área de conhecimento.

As respostas dos alunos surdos, TILS e professores enfatizaram a relevância da aprendizagem escolar dos alunos surdos com a

combinação/criação destes termos específicos dos sinais na área das ciências exatas, pois contribuiria para um melhor desenvolvimento e entendimento dos conteúdos. Também foi ressaltado pelos TILS a facilidade de traduzir/interpretar sem haver necessidade de a todo o momento ficar realizando o uso da datilologia, a qual não é muito bem vista pelos alunos surdos. Este é somente um código de representação das letras alfabéticas, é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Já com a combinação/criação dos sinais, o andamento das aulas fluiria com mais clareza e melhor compreensão.

Quando ocorre este elo/parceria entre estas três peças fundamentais no processo de escolarização, professores, TILS e alunos surdos e eles atuam juntos na elaboração de sinais, o processo de ensino e aprendizagem torna-se mais eficaz. Quando são criados sinais da Libras para os conteúdos da área das ciências exatas, o seu ensino torna-se possível e direto, sem a intervenção de empréstimos linguísticos, como o auxílio do alfabeto manual. Ao criar um sinal para um determinado conceito matemático, por exemplo, são levadas em consideração, além do significado do conceito em si, as especificidades visuo-espaciais da Libras.

Reafirmo que não basta somente a inserção do TILS em sala de aula, mas que o ambiente escolar também precisaria ser inclusivo, no sentido de que professores, funcionários, direção e alunos ouvintes saibam o mínimo de Libras para um reconhecimento das especificidades linguísticas dentro da instituição.

Porém, questiono-me sobre a situação de inclusão de alunos surdos em outras escolas do município, pois se no CMP, o qual possui uma quantidade considerável de TILS e toda uma trajetória percorrida por estes profissionais, alunos e professores são muitas as dificuldades enfrentadas, como devem estar as outras escolas onde também existem alunos surdos matriculados e a escassez deste profissional é evidente? Estas são questões que me incitam a continuar pesquisando.

Referências:

BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acessado em: 22/03/2013.

BRITO, L.F. Integração social e educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FREITAS, M.A.E.S. A aprendizagem dos conceitos abstratos de ciências em deficientes auditivos. Ensino em Re-vista. V.9 n.1,jul.2001.p.59-84.

GIL, Rita Sidmar Alencar. Educação matemática dos surdos: um estudo das necessidades

formativas dos professores que ensinam conceitos matemáticos no contexto de educação de deficientes auditivos em Belém do Pará / Rita Sidmar Alencar Gil, Dissertação de Mestrado - Belém, 2008.

HONORA, Márcia e FRIZANO Mary Lopes Esteves. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. P.16 e 29.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O Intérprete educacional de língua de sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In Ana Cláudia B. Lodi Kathryn Marie P. Harrison Sandra Regina L. de Campos Ottmar. Letramento e minorias. Porto Alegre / RS: mediação, 2010.

BRASIL. Lei 10.436 de abril de 2002. Lei da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acessado em: 02/04/2013.

Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho. Disponível em:

<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 09/04/2013.

QUADROS, Ronice Müller de & KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

REICHERT, André Ribeiro. Intérpretes, surdos e negociações culturais. In PERLIN Gladis e STUMPF Marianne Rossi. Um olhar sobre nós surdos leituras contemporâneas. Curitiba: editora CRV, 2012.

CURRÍCULO, ENSINO E DIDÁTICA EM QUESTÃO: DIMENSÕES DA FORMAÇÃO DE TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS

Neiva de Aquino Albres
Vinícius Nascimento

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a formação de tradutores/intérpretes de Libras/Português no que tange ao processo de ensino-aprendizagem. Pretendemos contribuir para a reflexão sobre a didática e ensino de tradutores, e sistematização didático-metodológica para o campo da formação. Os pressupostos teórico-metodológicos estão ancorados na concepção enunciativo-discursiva da linguagem. Trata-se de um abordagem qualitativa em que seis alunos ouvintes, participantes de curso de extensão e de uma sequência didático-pedagógica de tradução de um livro de literatura infanto-juvenil, registraram sua percepção do processo de ensino-aprendizagem respondendo a um questionário semiaberto. A partir destes discursos, constatamos que a aplicação de sequência didática desenvolvida de uma perspectiva teórico-prática do processo formativo contribuiu para a construção do conhecimento tradutório.

PALAVRAS-CHAVE: formação de tradutores/intérpretes, currículo, didática.

RESUMEN. El presente artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la formación de traductores/intérpretes de Libras/Portugués en lo que toca al proceso de enseñanza-aprendizaje. Pretendemos contribuir a la reflexión sobre la didáctica y la enseñanza de traductores y la sistematización didáctico-metodológica para el campo de la formación. Las propuestas teórico-metodológicas están anclados en la concepción enunciativo-discursiva del lenguaje. Se trata de un abordaje cualitativo en que seis alumnos oyentes, participantes de un curso de extensión

universitaria, en una secuencia didáctico-pedagógica de traducción de un libro de literatura infanto-juvenil, registraron su percepción del proceso de enseñanza-aprendizaje respondiendo un cuestionario semiabierto. A partir de estos discursos, constatamos que la aplicación de una secuencia didáctica desarrollada desde una perspectiva teórico-práctica del proceso formativo contribuyó para la construcción del conocimiento traductorio.

PALABRAS CLAVE: formación de traductores/intérpretes, currículo, didáctica.

INTRODUÇÃO

Os cursos de extensão, enquanto modalidades de formação constituinte do ensino universitário brasileiro possuem grande contribuição com o desenvolvimento da nossa sociedade, pois revelam “o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza [m] a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (BRASIL, 2012) Esses cursos podem ser oferecidos por instituições de ensino superior e surgem de um mapeamento social em relação às demandas específicas, em relação àquilo que a sociedade precisa do ponto de vista formativo e de como a universidade, como instituição que trabalha em prol da melhoria da vida social, pode contribuir ativamente na resposta dessas demandas.

Dentre as demandas sociais que podem ser respondidas com cursos de extensão consta-se a formação de tradutores/intérpretes de libras/português (TILSP). A necessidade atual de formação desses profissionais se estabeleceu com a ampliação da inclusão social de surdos na sociedade e com seus devidos deslocamentos sócio-históricos quando, nesse processo, passaram a serem, também, locutores, na e por meio de sua língua, ao invés de serem, apenas, interlocutores de discursos orais (NASCIMENTO, 2012).

Essa formação é recente e escassa em muitas regiões do país, mas ela deve ser promovida, conforme determina o decreto 5.626 de 2005, por instituições de ensino superior, órgãos representativos da comunidade surda ou secretarias de educação. No Decreto ainda consta que os cursos de formação para esses profissionais podem ser oferecidos em cursos superiores de tradução e interpretação, formação continuada, extensão universitária, ou especialização. (BRASIL, 2005).

Neste artigo, apresentamos um recorte de uma proposta de sequência didática composta de onze partes utilizada em um curso para

TILSP⁹⁰ em nível de extensão cujo objetivo foi trabalhar a tradução de textos escritos de uma produção literária infanto juvenil para a língua de sinais por meio do registro de vídeo. Os dados correspondem ao produto da parte 9 (nove) da sequência em que os TILSP, em formação, realizam registros escritos da experiência do trabalho de colaboração em dupla durante a gravação da tradução do texto em português escrito para a língua de sinais.

Procuramos evidenciar a contribuição de uma perspectiva reflexiva⁹¹ nas atividades propostas em um curso de formação para tradutores/intérpretes. Para isso, durante o texto, discutiremos sobre a dimensão curricular do curso buscando superar a visão comum e restrita de currículo como lista de disciplinas e conteúdos e expandiremos esse olhar para o fenômeno educacional (MOREIRA, 2002), principalmente para a prática curricular e seus sentidos para a formação de tradutores/intérpretes.

A sequência didática aqui apresentada foi aplicada em um curso de formação para TILSP em nível de extensão que corresponde a um projeto de extensão universitária realizada em uma instituição de ensino superior particular localizada na cidade de São Paulo e o objetivo foi direcionar a formação para a prática de interpretação em contextos educacionais nos diferentes níveis, da educação infantil à pós-graduação.

Com este trabalho pretendemos responder às seguintes questões: (i) em que medida um curso de formação de TILSP os instrumentaliza para lidar com a dimensão teórico-prática do processo de tradução? E (ii) que tipo de atividade didático pedagógica pode contribuir com o ensino-aprendizagem de tradutores em formação?

⁹⁰O curso analisado tinha como objetivo a formação de tradutores/intérpretes, mas a atividade objeto de análise neste trabalho consistia de atividade de tradução, a distinção que se faz é que “a ênfase no conhecimento linguístico necessário ao processo de tradução está na língua escrita, ao passo que para a interpretação se faz necessário o domínio da língua oral” (PAGURA, 2003, p. 230). Desta forma, quando tratarmos da atividade analisada utilizaremos o termo tradução.

¶ A perspectiva reflexiva consiste de uma perspectiva teórica da educação que tem por objetivo apresentar, discutir e indicar atividades e práticas que podem ser realizadas em sala de aula visando à aquisição e ao desenvolvimento habilidades e competências, bem como à reflexão do aluno (tradutor aprendiz) durante o exercício da tradução. Paralelo e convergente a esta teoria está a nossa perspectiva teórico metodológica de fazer pesquisa (MOREIRA, 2002).

A proposta de curso de extensão que apresentaremos, bem como a sequência didática realizada no processo de formação de TILSP coloca os alunos participantes e os professores pesquisadores como coautores do processo de produção, proporcionando-lhes oportunidade de tematização da prática docente à luz das teorias que lhes dão sustentação, para contribuir com a discussão sobre formação de tradutores. Nesse sentido, fazemos coro com Pagano & Vasconcelos (2006, p. 1) quando, ao falarem da formação de tradutores de uma perspectiva história, afirmam que

a elaboração de currículos/ementas que atendessem à necessidade de promover o processo autônomo de tomada de decisão por parte do tradutor começava a suscitar reflexões sobre questões multifacetárias no ensino de tradução e na formação de tradutores e pesquisadores. Nesse cenário, e a partir de iniciativas incipientes de mapeamento do campo disciplinar (cf. Pagano et al., 2001), emergiram, simultaneamente, indagações sobre a identidade dos estudos da tradução e sobre formas de construir conhecimento e representar a pesquisa nesse campo.

Desta forma, as práticas reflexivas no currículo do curso de formação de tradutores/intérpretes constituem-se fio condutor deste texto. Para isto, consideramos importante, primeiramente, incursionar o leitor na discussão teórica já existente sobre a formação, a partir de estudiosos da área, tanto de tradutores/intérpretes de línguas orais quanto de línguas de sinais.

Formação de tradutores/intérpretes e práticas de ensino

Para promovermos essa incursão, realizaremos um diálogo entre os Estudos da Tradução e a perspectiva bakhtiniana de estudo da língua e da linguagem. No que diz respeito ao primeiro, traremos contribuições de autores que consideram a formação de tradutores e as devidas especificidades envolvidas tanto no currículo como na prática formativa. Em relação ao segundo, abordaremos um dos pilares da teoria elaborada e proposta no conjunto das obras de Bakhtin e o Círculo: a língua em uso e a concretude da linguagem constituindo todo e qualquer tipo de interação humana e, no caso deste trabalho, as atividades de tradução e interpretação.

No início do artigo anunciamos que a proposta que trazemos corresponde a um curso de formação, em nível de extensão, para *tradutores* e *intérpretes* de libras/português. No entanto, a sequência didática apresentada corresponde a uma atividade promovida com foco em um ato tradutório, isto é, mobilização de textos escritos para textos “orais”.

Compreendemos que, mesmo diante da importante diferenciação entre tradução e interpretação e seus devidos encaminhamentos práticos para a atuação dos profissionais que a realizam amplamente abordada pelos teóricos da tradução e interpretação, a tradução envolve interpretação e a interpretação envolve tradução, visto que estamos falando de diferentes dimensões da mobilização de discursos (SOBRAL, 2008).

Essa discussão, já exaustiva nesse campo, é recuperada sempre que a temática dos atos tradutórios e interpretativos é abordada. Não obstante à discussão promovida, abordamos, neste artigo, essa diferenciação no cerne da atividade, mas também na amplitude conceitual que ambas apresentam, isto porque, de uma perspectiva enunciativo-discursiva, não se fala de tradução sem falar de interpretação e vice-versa (NASCIMENTO, 2011).

Em Sobral (2008), por exemplo, teórico da tradução e pesquisador da abordagem bakhtiniana de estudos da língua e da linguagem encontramos que traduzir implica deixar marcas, independente da dimensão material verbal e de modalidade envolvida, justamente por envolver sujeitos que as mobilizam e, por isso, realizam escolhas:

[...] traduzir é sempre “transferir”, ou seja, transportar algo de um lugar para outro, mesmo que sejam lugares abstratos. Esse transporte, esse “trans”, envolve contudo um “ferir”, que entendo como uma alteração/adaptação inevitável do sentido do que é traduzido. Logo, traduzir é um ato que sempre deixa uma marca do processo de alteração daquilo que é transportado – de maneira legítima, ainda que haja casos de transposição legítima (SOBRAL, 2008, p. 33).

Essa discussão sobre as definições dos atos causam efeitos diretos nos programas de formação de profissionais que mobilizam discursos entre diferentes línguas. Percebemos isso quando notamos,

coerentemente, cursos que se propõe formar *tradutores*, aqueles que lidam com textos escritos e cursos que visam formar *intérpretes*, que lidam com textos orais.

Nesse prisma, Gonçalves e Machado (2006) discutem sobre programas e currículos de cursos de tradução e consideram que os perfis de competência do tradutor propostos por diferentes cursos são diversos não havendo, portanto, consenso em relação aos contornos didático-metodológicos para a formação do tradutor profissional.

Alves, Magalhães e Pagano (2007, p.7) também questionam essa diversidade na formação de tradutores:

A ideia de levar o tradutor em formação a desenvolver estratégias de tradução está imbuída do espírito de conscientizá-lo da complexidade do processo tradutório e da necessidade de monitorar suas ações e examinar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo tradutório. A conscientização deste tradutor envolve um redimensionamento do conceito de aprender, o qual passa a demandar que o aprendiz se torne diretamente responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem. Em outras palavras, espera-se que o aprendiz se torne autônomo para escolher o caminho mais adequado, para selecionar e gerenciar as ações que melhor respondam a seus interesses e necessidades e para buscar formas de apreensão e utilização de conhecimentos que sejam mais apropriadas ao seu estilo individual de aprendizagem (ALVES, MAGALHÃES & PAGANO, 2000, p. 7).

Consideramos relevante para a formação do tradutor/intérprete o desenvolvimento de estratégias tradutórias (compreendendo aqui essas estratégias como ligadas a todo e qualquer tipo de mobilização entre línguas – textos escritos e orais). No entanto, essas estratégias precisam contemplar a dimensão discursiva da linguagem, isto é, seu uso concreto, possibilitando aos aprendizes uma reflexão sobre os processos de construção de sentidos a partir das situações concretas de enunciação.

Esta autonomia não se conquista sozinha, mas pela reflexão coletiva na e pela linguagem (SCHÖN, 2000). Assim, o professor de tradução/interpretação, ao propor atividades em sala de aula que suscitem a discussão sobre o ato tradutório que envolvem o planejamento, execução e análise do produto final (tradução), o que certamente terá

influência direta sobre o perfil do futuro profissional para o trabalho colaborativo e em equipe, contribuirá para que essa formação se fundamente por meio de um autorreflexão sobre as estratégias construídas e trabalhadas durante esse processo.

Os cursos de formação de tradutores de línguas orais no Brasil é relativamente recente. Nos últimos 40 anos, os estudos da tradução tem se desenvolvido margeando o fazer dos tradutores/intérpretes (PAGURA, 2010), e aí se encontra a relação entre teoria e prática. Assim, os “Estudos da Tradução” configuram-se como um campo de pesquisa mapeado em várias áreas, incluindo Estudos Inter-Culturais, Estudos de Interpretação, Tradução Literária, Tradução (auxiliada) por Computador, Estudos Orientados ao Processo, Metodologia de Pesquisa, Interpretação de Línguas Sinalizadas, entre vários outros, e mais recentemente incluído neste mapeamento a categoria “formação de tradutor e intérprete” (VASCONCELOS, 2010).

Um campo extremamente recente nesse contexto é o da formação de tradutores/intérpretes de línguas de sinais. O primeiro curso de graduação em letras libras (bacharelado) lançado em 2008 pela UFSC para a formação de Tradutores e Intérpretes de Libras/Português inaugura um campo formativo acadêmico para profissionais que, historicamente, se viram atuando sem qualquer formação específica para essa profissão.

Gurgel (2010) aponta que os Cursos Superiores de formação específica de TILSP da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e Estácio de Sá no Rio de Janeiro, precederam o primeiro curso de graduação lançado pela UFSC. Além desses pioneiros, outros cursos de extensão/atualização mais breves e cursos de especialização (360 horas) que requerem uma graduação anterior foram importantes para a instauração de um novo campo de formação. Em pesquisa sobre a temática, Albres (2010) mostrou que os cursos de especialização em Libras ou em tradução/interpretação de Libras cresceram consideravelmente após o decreto 5.626 de 2005, tendo com o intuito a formação deste profissional, sem qualquer orientação ou avaliação.

A questão didática de cursos de formação de tradutores e intérpretes é pouco investigada. No currículo são registradas as disciplinas, carga horária e conteúdos, todavia na interação em sala de aula e a proposta de cada professor são material rico para se compreender os modos da ação pedagógica e de base para a reflexão sobre as possibilidades de estratégias formativas, colaborando para se desenvolver

outros modos de conduzir os aprendizes a dizer/traduzir e trabalhar com distintas línguas.

Almeida e Lodi (2014, no prelo), a partir de experiências de formação de intérpretes de língua e sinais, consideram que "a prática do aluno analisar sua própria atividade interpretativa e desta ser discutida com os docentes surdos e ouvintes e pares em formação logo após sua ocorrência" se faz profícuo para a conscientização das estratégias adotadas e para as possibilidades de compreensão dos sentidos dos textos.

A visão tradicional de tradução de que "traduzir se resume a portar atributos especiais para compreensão de um sentido já presente no texto original e, portanto, indiferente a qualquer variação interpretativa" (STUPIELLO, 2006, p. 131) interferem diretamente nas práticas pedagógicas do ensino desse ofício. Assim, fatores sociais e culturais não são levados em consideração no momento da tradução, visto que, o "sentido real" do texto original teria, obrigatoriamente, que ser passado.

Todavia, concordamos que o tradutor/intérprete é um tipo específico de interlocutor e de locutor que transita entre textos e discursos e que faz "uma leitura que é ao mesmo tempo desvelamento da estrutura discursiva dos textos traduzidos, dos momentos (no sentido filosófico) que deram vida a essa estrutura, dos efeitos que ela traz de si" (SOBRAL, 2003, p. 204).

Para Stupiello (2006) o tradutor manifestaria fatores sociais, culturais e, sobretudo, identitários na atividade tradutória. A tradução se adequaria à situação e ao público que se destina. Como consequência, ela não corresponderia a apenas uma transferência intacta de significados pré-existentes porque os atos tradutórios e interpretativos mobilizam discursos por meio de enunciados e, com isso, posicionamentos e valores de seus respectivos locutores.

A palavra/língua, em termos bakhtinianos, será sempre determinada pelo uso, pela relação que estabelece com outros enunciados e com os sujeitos dessas interações (BAKHTIN, 2010). O que torna a forma linguística um signo é "a orientação que é conferida à palavra por um contexto e por uma situação precisos" (BRAIT, 1997, p.110).

Nesta perspectiva, a palavra não tem um sentido único, mas possui uma multiplicidade de sentidos, que são construídos em situações concretas de interação. A significação produz-se, continuamente, na interação social e, portanto, só acontece no processo de compreensão ativa e responsiva, no contexto de interação verbal (BAKHTIN, 2010). Dessa forma, "os sentidos da palavra são determinados por um contexto enunciativo particular. Há tantos sentidos quanto o número de contextos

possíveis e determinados pelas diversas relações sociais" (LACERDA, 2010, p. 174).

Para Harrison (2008), as noções de esferas de atividade e dos gêneros do discurso na formação de Intérpretes Libras/Língua Portuguesa podem contribuir para se ampliar as competências desse profissional ao compreender quão complexo é sua atividade de interpretação e o quanto esta atividade é envolvida da conjuntura em que a enunciação é produzida.

Com base nessa intersecção teórica, propomo-nos refletir sobre o processo de formação de tradutores/intérpretes, sobre a construção de uma didática que envolva teoria e prática durante uma proposta de atividade tradutória (textos escritos) e analisar uma atividade pedagógica. Composto assim o campo de pesquisas de formação de tradutores e intérpretes a partir de experiências pedagógicas, podendo contribuir para o crescimento do diálogo entre formadores.

Retratando o contexto

O curso de formação de Tradutores/Intérpretes de Libras/Português em que foi proposta a sequência didática corresponde a um curso de extensão universitária de cento e trinta (130) horas, promovidos por uma instituição particular de ensino superior na cidade de São Paulo. A proposta curricular do curso dividiu-se em dois módulos organizados em nove disciplinas da seguinte maneira:

Disciplinas	Conteúdo	Total horas
Módulo I		
Políticas Educacionais de Inclusão	- Educação Especial x Educação Inclusiva; - Legislação, Diretrizes e Orientações do Ministério da Educação; - Projetos de Educação Bilingue;	16
Esfera escolar e atuação do Intérprete Educacional	- Ética - Relações interinstitucionais Relação Professor - Intérprete - Aluno Surdo - Interpretação Simultânea e Consecutiva	16
Práticas Interpretativas I	- Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II - Aspectos linguísticos, tradutórios e pedagógicos da interpretação	16
Práticas Interpretativas II	- Ensino Médio, Graduação e Pós-	16

	Graduação - Aspectos linguísticos, tradutórios e pedagógicos da interpretação	
Módulo II		
Aspectos biopsicossociais da surdez	- Anatomia e fisiologia da audição - Patologia da surdez	16
Surdez, sociedade e escola	- Concepção médica-patológica da surdez - Concepção sócio-antropológica da surdez - Aquisição da linguagem e surdez - Desenvolvimento da linguagem escrita do surdo	16
Práticas Interpretativas III	- Aspecto enunciativo-discursivo da tradução/interpretação - Aspectos linguísticos da Libras - Aspectos linguísticos do Português - Verbo-visualidade no processo interpretativo - Exercícios de interpretação - Português - Libras	16
Práticas Interpretativas IV	- Aspectos enunciativo-discursivo da tradução/interpretação - Verbo-visualidade no processo interpretativo - Exercícios de interpretação - Libras - Português (versão voz)	16
Estágio de observação	Observação de interpretação da libras em sala de aula	2
TOTAL DE HORAS		130

Tabela 1: Currículo do curso de extensão universitária

A sequência didática foi aplicada na disciplina *Práticas Interpretativas IV* que, na proposta curricular, organiza-se sequencialmente como a última do curso. Os objetivos dessa disciplina, conforme consta em plano de ensino, foram 1) compreender os aspectos enunciativos e discursivos na interpretação da língua de sinais; 2) compreender as relações dialógicas do processo de interpretação; 3) aprofundar os conhecimentos linguísticos na língua brasileira de sinais; 4) compreender as especificidades da modalidade gestual-visual-espacial da libras; 5) praticar a interpretação do português para a libras.

Como atividade/objeto a compor a sequência didática foi escolhida a tradução do livro de literatura infanto-juvenil *Vira-lata*⁹², produção discursiva que chamaremos aqui de produção verbo-visual, pois corresponde a uma

[...] enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. Essa unidade significativa, essa enunciação, esse enunciado concreto, por sua vez, estará constituído a partir de determinada esfera ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção (BRAIT, 2010).

A atividade foi desenvolvida em dupla, envolvendo (i) a leitura do material na língua fonte e (ii) a discussão sobre a construção de sentidos e as possibilidades de expressão em língua de sinais (língua alvo). As duplas foram orientadas pelos dois professores - surdo e ouvinte realizando a filmagem páginas por página do livro.

Fase	Contexto de sala de aula do discurso analisado
1	Discussão sobre tradução de literatura infanto-juvenil com base em texto científico no campo da linguística (MOREIRA, 2007) e de tradução (ALBRES, 2012).
2	Assistir a uma contação de história em Libras por surdo e discutir com o grupo sobre os recursos linguísticos explorados neste gênero discursivo.
3	Assistir a uma tradução de literatura infanto-juvenil e discutir com o grupo sobre as técnicas interpretativas empregadas na tradução deste gênero discursivo.
4	Exposição da professora sobre a leitura de material verbo-visual.
5	Leitura coletiva do livro de literatura infanto-juvenil (Vira Lara, 2004).
6	Leitura do livro e discussão em duplas, em que dois professores (surdo e ouvinte) iam orientando a coesão textual e a sensibilidade para a produção verbo-visual.
7	Produção de anotação para auxiliar na tradução (por página do livro), a fim de ser utilizado como registro dos procedimentos e da construção de sentidos adotados pela dupla.

⁹² KING, [Stephen Michael](#). *Vira lata*. Tradução Gilda Aquino. São Paulo: Brinque Book, 2004.

8	Gravação em duplas, em que dois professores (surdo e ouvinte) iam orientando a coesão textual e a sensibilidade para a produção verbo-visual.
9	Registro escrito da experiência com a aula, do trabalho em dupla e da gravação.
10	Sobreposição do vídeo à página do livro utilizando o PowerPoint.
11	Assistir às traduções coletivamente e discutir as escolhas e produção final.

Tabela 2: Sequência didática da disciplina Práticas interpretativas IV

Na tabela 2, apresentamos a organização didática a que os alunos foram expostos neste módulo, permeada por atividades teóricas (partes 1 e 4), teórico-práticas (partes 2,3,5,6, 7 e 11) e práticas (parte 8). Algumas atividades da sequência didática são classificadas como teórico-práticas, como na parte 6 em que o professor senta com os alunos e orienta a produção em Libras (língua alvo) para que a mensagem chegue ao público alvo, em que o professor como mediador conduza o aluno à reflexão do processo de tradução e à articulação entre teoria e prática. Ao final da atividade de gravação, solicitamos aos alunos que respondessem a um questionário (fase 9), onde registrassem, por escrito, a experiência do trabalho em dupla e da tradução proposta neste módulo.

Pagura (2003) considera que no processo de ensino, a teoria pode ser abordada como um componente separado ou, se apresentada em conjunto, com exercícios práticos iniciais, levando os alunos a dominar técnicas e transmitir os sentidos do texto traduzido. Desta forma, a sala de aula foi o espaço enunciativo-discursivo em que buscamos compreender os modos de interpretar o fazer da/na linguagem, por meio dos discursos dos aprendizes que vivenciaram esta sequência didática. Por uma questão de espaço optamos por analisar, neste artigo, o passo 9 da sequência apresentada que corresponde ao *registro escrito da experiência do trabalho em dupla e da gravação*.

Descrição dos alunos participantes

Participaram da atividade e da sequência seis alunos ouvintes, dois do sexo masculino e quatro do sexo feminino, e dois professores, uma professora ouvinte e um professor surdo. Todos os alunos ouvintes são proficientes em Libras e Português e já atuantes como intérpretes de língua de sinais, todavia nunca trabalharam com tradução de livro infanto-juvenil a fim de compor um material verbo-visual.

Instrumentos para a aplicação da sequência

Foi utilizado um questionário elaborado pela primeira docente, divididos em duas partes: (a) análise da própria aprendizagem e (b) práticas assumidas pelos alunos. O questionário, que foi aplicado na fase 9 da sequência didática, era composto das seguintes questões:

1. *O que você aprendeu na atividade de hoje?*
2. *Em que as leituras te ajudaram na produção da atividade?*
3. *Que dinâmica de tradução a sua dupla assumiu? Por quê?*
4. *Que dificuldades vocês sentiram no processo de tradução e interpretação?*

Procedimento de interpretação e análise de dados

Para Bakhtin (2010) compreender é preciso cotejar com outros textos e pensar num novo contexto. Assim o fizemos, vivendo em conjunto com os participantes dessa pesquisa (alunos) a atividade interativa em sala de aula, interpretamos seus discursos (registro em resposta ao questionário), retomando o contexto vivido. Propomo-nos a estudar a linguagem, portanto "o melhor sistema para esclarecer um fenômeno é observá-lo em seu processo de formação e desenvolvimento" (BAKHTIN, 2010, p. 220).

A visão dos alunos sobre a prática pedagógica e sua aprendizagem

Ao longo da análise dos discursos, damos destaque a três aspectos inter-relacionados: a) Teoria e prática, b) trabalho colaborativo, e c) reflexão sobre a aprendizagem, explicitadas pelos próprios alunos em sala de aula, por meio de atividade escrita, respondendo a questionamentos sobre as condições concretas de participação nesta disciplina.

a) Teoria e prática

Nossa visão é de que uma articulação entre teoria e prática é profícua no processo de formação, de modo a desenvolver a capacidade prática e da experiência com a leitura da teoria. Dessa forma, na sequência didática foi solicitada uma leitura prévia de dois textos, assim os alunos poderiam vir para aula com suas dúvidas sobre o conteúdo dos textos, poderiam construir uma compreensão prévia a ser compartilhada com os colegas e professores. Todos os alunos tinham realizado a leitura prévia e trouxeram para a sala suas anotações e questionamentos.

O ponto *teoria e prática* suscitado pela atividade, logo depois da discussão do texto sobre espaços mentais (MOREIRA, 2007) e tradução de literatura infanto-juvenil (ALBRES, 2007) selecionados para a disciplina de *Práticas interpretativas IV*, no curso de formação de intérpretes de Libras focalizado neste artigo, demonstram a complexidade inerente à própria prática de interpretar e apontam para a necessidade de se construir processos formativos que possibilitem aos alunos reflexões teórico-práticas. Eles relatam que:

As leituras nos ajudaram no uso dos espaços, na exploração dos recursos visuais (ilustrações) e na organização da tradução. Conhecendo os espaços mentais (real, token e sub-rogado) podemos escolher qual recurso melhor atende a obra a ser traduzida e fazer escolhas conscientes. (C. e L.)

As informações nos ajudaram a perceber os personagens, e a utilização destes na construção dos espaços. Nos ajudou a perceber as técnicas utilizadas em nosso trabalho, muitas vezes empiricamente, dando-nos embasamento teórico no processo da tradução e em nossas escolhas, nos tornando conscientes. (E. e C.)

Nestas falas emerge uma determinada concepção da relação teoria e prática. "*Conhecendo [...] podemos escolher qual recurso melhor [...]*" (C. e L.) ou "*As informações nos ajudaram a perceber [...] as técnicas utilizadas em nosso trabalho*" (E. e C). Compreendem a importância do conhecimento teórico e sua contribuição para a atuação do intérprete de língua de sinais.

Buscando melhor compreender essa relação, Lacerda (2010) rejeita o ponto de vista de que a prática seja diretamente derivada da aplicação de conhecimentos teóricos. "A vivência prática de modos de versar de uma língua para outra deve ser acrescentada à formação teórica sobre as línguas, sobre aspectos linguísticos e culturais, entre outros" (LACERDA, 2010, p. 146).

Por vezes, alunos e profissionais, concebem a tradução como uma atividade a seguir regras, formas ou modelos. Todavia, a partir das leituras indicadas para a aula e a análise de vídeos de tradução (produzida por outros tradutores), os alunos percebem a possibilidade de transpor da teoria para a prática e de na prática reconhecer a teoria. Uma relação dialética (e dialógica porque envolve sujeitos) não havendo uma hipervalorização nem da teoria e nem da prática. "A intenção é superar-se

tanto o estreito pragmatismo que supervaloriza o *como fazer* como o arrogante intelectualismo segundo o qual a aprendizagem da prática decorreria da aprendizagem das teorias e das regras que supostamente a governam" (MOREIRA, 2003, p. 73).

Sobral (2008, p. 17) discute essa questão da formação de tradutores e intérpretes ao afirmar que “[...] não há teoria, por mais ‘perfeita’ que seja que não possa ser simplesmente aplicada a uma prática, ao menos com bons resultados, porque as práticas não são estáticas (nem as teorias, ao contrário do que pensam confortável ou dogmaticamente alguns)”. Para o autor, nem as teorias e nem as práticas são transparentes e aplicáveis a qualquer situação sem adaptações, justamente porque cada “prática” envolve sujeitos diferentes, alocados ideologicamente em *topos* específicos e que enunciam, respondendo a enunciados anteriores e instaurando possibilidade de respostas a partir de si, para determinado auditório social.

Apreamos nos dois discursos a relação teoria e prática como um perfil da consciência, visto que registram “*fazer escolhas conscientes*” (C. e L.), e “*dando-nos embasamento teórico no processo da tradução e em nossas escolhas, nos tornando conscientes*” (E. e C). A sequência didática iniciada pela discussão de textos (pesquisas) e a discussão coletiva, como também sua retomada em todas as fases da sequência didática contribuiu significativamente para a construção de autonomia e de profissionais conscientes do seu fazer.

b) Trabalho colaborativo

Essa situação de interação entre os formadores e os alunos de tradução pode ser mais bem entendida de uma perspectiva bakhtiniana, em que a alteridade é uma categoria fundamental. Neste sentido, a interlocução entre alunos como tradutores-aprendizes se estabelece na dinâmica da atividade, possibilita questionamentos, o compartilhar de determinados sentidos construídos por cada um. Os alunos tematizam a experiência da tradução/gravação da seguinte forma:

Para poder traduzir foi necessário levar em consideração o texto escrito e as ilustrações, então resolvemos organizar a tradução por meio de palavras-chave ou sentenças e da descrição das ilustrações. O intérprete de apoio fazia a narração destas palavras/sentenças e apontava os espaços/direções onde deveria ocorrer a sinalização, ao mesmo tempo que descrevia as ações e/ou espaços apresentados

na ilustração. Não chegamos a pensar propriamente no uso dessa estratégia (isso ocorreu naturalmente), percebemos que desta forma estava dando mais certo do que simplesmente narrar/ler as frases presentes no livro, a leitura neste caso não estava garantindo que o intérprete se lembrasse de como estava a disposição das imagens e/ou o contexto da cena. (C. e L.)

Utilizamos a dinâmica da sequência decorada na maior parte dos vídeos, por que a intérprete sentiu-se mais segura desta forma. A leitura da sequência era feita apenas quando ela se esquecia do texto. (Y. e E.)

Primeiro fizemos a glosa dos sinais, descrevendo palavra-sinal nas ilustrações, muitas vezes sem o texto, fizemos a tradução juntando o que vimos nas ilustrações com as experiências dos tradutores, e expressamos isso através da libras. Nosso objetivo foi a adaptação da língua portuguesa escrita para a língua de sinais, que é visual-espacial, transformando uma construção linear e não-linear. No início do processo, foi necessário repetir a glosa, em sequência, para o sinalizador. Com certo treino (duas vezes), o tradutor de apoio transmitia a ideia geral para o sinalizador. (E. e C.)

Ao discutir sobre as escolhas de alguns procedimentos para fazer a filmagem, os alunos relatam o que teria fundamentado as escolhas que foram sendo feitas. Na tentativa de explicação desses argumentos, seus dizeres trazem a característica pessoal de memorização.

A primeira dupla assumiu a dinâmica de intérprete de apoio como narrador dos sinais a serem produzidos e de orientador das questões espaciais pré-estabelecidas, como posição do personagem (cachorro) quando da incorporação, direção do olhar e espaço imaginário conforme a ilustração do livro. A segunda e terceira dupla fizeram opção pela memorização da sequência de sinais e, fundamentados na habilidade individual para realizar desta forma a atividade.

Podemos identificar no registro dos alunos que a atividade proporcionou negociação, adaptação ao jeito do outro (colega) e a preocupação com o gênero do discurso a ser interpretado, preocupação com a leitura de material verbo-visual. Em intensa dialogia, no percurso de compreensão do fazer do tradutor, os discursos dos alunos reatualizam argumentos do próprio texto lido sobre o processo de tradução de literatura infanto-juvenil (ALBRES, 2012) e tomam outros fios

discursivos, como: *"Para poder traduzir foi necessário levar em consideração o texto escrito e as ilustrações"* ou *"fizemos a tradução juntando o que vimos nas ilustrações com as experiências dos tradutores, e expressamos isso através da libras."* (E. e C).

"A palavra do outro se transforma, dialogicamente, para tornar-se palavra pessoal-alheia com a ajuda de outras palavras do outro, e depois, palavra pessoal (com, poder-se-ia dizer a perda das aspas)" (BAKHTIN, 2010, p. 405-406).

Constamos nos relatos uma intensa negociação dos procedimentos de tradução e das formas de enunciar na língua alvo, mas todos indicam um "perfil pessoal", ou seja, condições individuais a que os sujeitos se adaptam, como: *"[...] percebemos que desta forma estava dando mais certo [...]"* (C. e L.), *"[...] a intérprete sentiu-se mais segura desta forma [...]"* (Y. e E.), *"No início do processo, foi necessário repetir a glosa, em sequência, para o sinalizado [...]"*. (E. e C).

Com esta experiência, puderam vivenciar a tradução em várias fases e compreender que traduzir é mais que transmitir mensagens, que no processo há intensa negociação, há escolhas individuais e marcadas subjetivamente.

Ser imparcial ao texto da língua fonte não significa realizar uma tradução literal (visão ainda muito presente em alguns processos formativos, em especial naqueles em que o foco de ensino recai, principalmente, sobre o conhecimento das formas e da gramática da língua, em detrimento dos processos discursivos e enunciativos implicados em ambas as línguas em jogo), mas sim garantir que os sentidos em circulação nos discursos na língua de origem sejam os mesmos construídos na língua alvo (ALMEIDA e LODI, 2013, sp.).

Consideramos que os alunos apreenderam as possibilidades criativas do tradutor/intérprete, principalmente por estarem trabalhando com o gênero literatura infanto-juvenil. Somente a compreensão ativa possibilita a apreensão de um tema e quando a dinâmica discursiva podemos contemplar o trabalho colaborativo e a valoração desse outro, pois consideramos que o eu para Bakhtin só existe na relação com o outro. *"Mergulhando ao fundo de si mesmo o homem encontra os olhos do outro ou vê com os olhos do outro"* (BAKHTIN, 2010, p. 328).

c) Reflexão sobre a própria aprendizagem

A partir de outros registros escritos dos alunos, podemos destacar os movimentos de apropriação do conhecimento.

Aprendemos que a tradução de obras literárias, em especial, de literatura infantil e infanto-juvenil não pode se restringir somente ao texto escrito. Traduzir somente o texto escrito e esquecer-se das imagens/ilustrações presentes na obra, significa comprometer o encantamento inerente a esse tipo de produção e também o sentido e/ou intenção do(s) autor(es) da obra. Aprendemos a explorar as ilustrações (texto imagético) durante a tradução, pois as imagens também fazem parte do texto e têm uma função na obra. Toda obra tem um público alvo, não podemos desconsiderar na tradução as adaptações necessárias para atingir a esse público. Traduzir é muito mais que verter palavras de uma língua para outra. (C. e L.)

Como prática pedagógica, neste curso, as dinâmicas criadas contribuíram para que os alunos vivenciassem, na prática (mesmo que simuladas), os efeitos na negociação, da reflexão teórico-prática e das escolhas de estratégias de tradução e interpretação. Os alunos participaram da atividade com seriedade, como profissionais a desenvolver um serviço de qualidade revelando o compromisso com o público para quem interpretam, neste caso, crianças surdas, e isso pode ser percebido com o discurso "*não podemos desconsiderar na tradução as adaptações necessárias para atingir a esse público*" (C. e L.).

O tradutor atua na fronteira entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo. Desta forma, se faz necessário conhecer o funcionamento das línguas, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Quando do trabalho com textos verbo-visuais (livro de literatura infanto-juvenil) os aprendizes em atividade em dupla e orientados pelos professores revelaram sensibilidade para a tradução de textos verbo-visuais, tomando como base as experiências vistas e discutidas anteriormente em sala de aula no campo da linguística (MOREIRA, 2007) e de estudos da tradução (ALBRES, 2012).

Discutir em trabalho colaborativo (dupla e grupos) os sentidos construídos a partir da leitura na língua fonte e as possibilidades de produção na língua alvo foi pedagógico, no sentido da linguagem mediando a aprendizagem. Tornando-se conscientes do gênero a traduzir,

relatam também que: "*Aprendemos que a tradução de obras literárias, em especial, de literatura infantil e infanto-juvenil não pode se restringir somente ao texto escrito [...] (C. e L.)*".

Pois, quando de livro de literatura infanto-juvenil e de sua materialidade em livro com ilustrações se conscientizá-los sobre a necessidade de tradução a completude dos discursos impresso, complementaridade verbo-visual desse gênero textual.

Considerações finais

Procuramos responder às questões inicialmente levantadas: (i) em que medida um curso de formação de TILSP os instrumentaliza para lidar com a dimensão teórico-prática do processo de tradução? E (ii) que tipo de atividade didático pedagógica pode contribuir com o ensino-aprendizagem de tradutores em formação?

Um ensino significativo para os aprendizes de tradução/interpretação se faz na medida em que este ensino esteja orientado para o fazer do tradutor/intérprete que está envolvido de uma reflexão sobre sua prática com embasamentos teóricos.

Uma formação deve orientar seus aprendizes a compreender que a tradução não é uma atividade mecânica, não é uma cópia de significados, mas sim um ato de construção de sentidos e escolhas. Dentre as propostas dessa formação, o compreender que as escolhas do tradutor são marcadas pelos seus conhecimentos sobre os sistemas linguísticos envolvidos, sobre as teorias da tradução, e pelas suas condições histórico-culturais, passível da subjetividade, também constituem o processo.

Quando um curso de formação propicia o vivenciar de atividades de tradução coletiva, ele pode contribuir para a percepção deste aprendiz das diversas possibilidades de construção de sentidos a partir de um mesmo texto fonte e das diversas possibilidades de produção de enunciados na língua alvo. Podemos afirmar, a partir dos dados deste trabalho, que a aplicação de atividades pedagógica de tradução em colaboração com colegas de sala e orientada pelos professores conduz para a formação dos tradutores/intérpretes mais conscientes.

A análise realizada evidencia a contribuição da perspectiva reflexiva para a relação teoria-prática no currículo do curso de formação, nas atividades que compõem esse currículo, para os saberes dos tradutores e do trabalho coletivo destes, e das instituições de ensino superior enquanto espaço de formação.

Consideramos como fundamental o aperfeiçoamento da prática pedagógica na formação de tradutores por meio do diálogo e debate entre colegas (acadêmicos) e seus professores (surdos e ouvintes), partilhando sentidos construídos como forma de combate a simples reprodução de teorias ou de uma formação técnica como executor de técnicas de tradução.

Aprender a ensinar a compreensão das formas prescritivas e, se assumindo como prática pedagógica a participação em projetos de trabalho coletivo, de pesquisa, de avaliação conjunta, partilhando tarefas e responsabilidades assumir que a cada aula, a cada turma e a cada assunto estaremos envolvidos do novo.

O curso tem um currículo, com módulos e ementas prescritas, os docentes envolvidos de seu fazer pedagógico delineiam caminhos para atividades em sala de aula, criam para construir a transposição didática do objeto de ensino que tomam para a docência.

Assim, a discussão colaborativa pode ser uma estratégia que, se implementada e incentivada, poderá vir a ser uma alternativa para a consolidação da formação reflexiva. A partir de um referencial teórico, redimensionar os saberes experienciais, longe da exaltação de um ou de outro conhecimento.

Julgamos ser particularmente conveniente a produção de investigações que priorizem as ações que se passam em sala de aula, visando compreendê-las mais profundamente; contribuindo com os profissionais envolvidos na formação de tradutores/intérpretes, possibilitando a revisão de conteúdos e métodos de ensino que compõem os currículos dos cursos de formação de tradutores/intérpretes.

REFERENCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Processos de produção e legitimação de saberes para o currículo de pós em libras na formação de intérpretes. Para uma especialização? Eixo temático: Formação de intérpretes de língua de sinais. In: *II Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Florianópolis-SC: UFSC. 08 a 10 novembro de 2010.

_____. Tradução de literatura infantil: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. In: *III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012.

ALVES, F., MAGALHÃES, C. e PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

ALMEIDA, Elomena Barboza de; e LODI, Ana Claudia Balieiro. Formação de intérpretes de Libras - língua portuguesa: reflexões a partir de uma prática formativa. In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvania Lia Grespan. *Libras em estudo: formação de profissionais*. São Paulo: FENEIS, no prelo.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. [1940]. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 393-410.

BRASIL. Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso: 22 mai. 2007. V

BRASIL. Política Nacional de Extensão Universitária / elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. 74 p. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/prorext/arquivos-diversos/PNE_07.11.2012.pdf/view](http://www.ufrgs.br/prorext/arquivos/diversos/PNE_07.11.2012.pdf/view)>.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____ Tramas verbo-visuais da linguagem. In: *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. In: PAGANO, Adriana e VASCONCELOS, Maria Lúcia

(orgs.). *Cadernos de tradução*. n.17. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de comunicação e expressão. Pós-graduação em estudos de tradução, 2006, pp. 45-69.

GURGEL, Taís. M. do Amaral. *Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP – Piracicaba, 2010.

HARRISON, K. M. P. *Qualificação profissional do intérprete de LIBRAS e contribuições das noções de esfera de atividade e gênero do discurso para sua formação*. In: XIII Enapoll, 2008, Goiânia. Caderno de resumos on-line, 2008.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 133 - 153, maio/agosto 2010.*

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. O campo do currículo no Brasil: os anos noventa. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MOREIRA, Renata Lucia. *Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. Dissertação de mestrado em Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)- USP, 2007.

NASCIMENTO, M. V. B. *Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: PUC-SP, 2011.

..... Interpretação da língua de sinais para o português na modalidade oral: considerações dialógicas. *Tradução & Comunicação. Revista Brasileira de Tradutores*, n. 24, 2012. Disponível em: <http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/3733/1368>

PAGANO, Adriana e VASCONCELOS, Maria Lúcia. Apresentação. In: PAGANO, Adriana e VASCONCELOS, Maria Lúcia (orgs.). *Cadernos de*

tradução. n.17. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de comunicação e expressão. Pós-graduação em estudos de tradução, 2006, pp. 09-17.

PAGURA, Reynaldo José. A interpretação de conferência no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes Brasileiros. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em estudos linguísticos e literários do inglês. São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2010_ReynaldoJosePagura.pdf>

_____. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA* [online]. 2003, vol.19, n.spe, pp. 209-236.

SCHÖN. D. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, 256 p.

SOBRAL, Adail. Posfácio. In: BENEDETTI, Ivone C. & SOBRAL, Adail (org.) *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003, pp. 201-214.

STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. O ideal e o real no ensino universitário da tradução. In: PAGANO, Adriana e VASCONCELOS, Maria Lúcia (orgs.). *Cadernos de tradução*. n.17. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de comunicação e expressão. Pós-graduação em estudos de tradução, 2006, pp. 129-139.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Tradução e interpretação de língua de sinais (TILS) na pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar “estudos da tradução”. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis. v2 n.26. 2010. p. 119-143. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p119> Acesso em: 23 de ago de 2011.

DADOS DOS AUTORES

Carmen Lucas Vernetti

Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de Pelotas (1977). Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Psiquiatria, atuando principalmente nos seguintes temas: psicoterapia de adultos, tratamento e prevenção da dependência química de substâncias psicoativas, inclusive a nível hospitalar.

Cristina Carneiro Rodrigues

Cristina Carneiro Rodrigues cursou Especialização para Tradutores na Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, é mestre em Linguística Aplicada pela PUC-SP e doutora em Linguística pela UNICAMP. Desde 1988 é Professora da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, onde ministrou, entre 1988 e 2011, disciplinas no Bacharelado em Letras com habilitação de Tradutor. Atualmente atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do câmpus de São José do Rio Preto. Publicou, em 2000, o livro *Tradução e diferença*, editado pela Editora da UNESP.

Dalila dos Santos Hasmann

Dalila dos Santos Hasmann é graduada em Letras, com habilitação em línguas portuguesa e inglesa (2010). Atualmente cursa mestrado em Estudos Linguísticos na UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE, em São José do Rio Preto, SP. Na linha de pesquisa Estudos da Tradução, sob a orientação da Profa Dra Diva Cardoso de Camargo, o título da dissertação é “Estudo de um corpus paralelo da área de Sensoriamento Remoto e produção de um glossário bilingue inglês/português à luz dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus”.

E-mail: dalila_hasmann@yahoo.com.br

Daniel Antonio de Sousa Alves

Daniel Antonio de Sousa Alves é Professor Assistente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e atua principalmente com os seguintes temas de pesquisa: Linguística de Corpus, Metodologia de trabalho científico, Tecnologia da informação, Linguística Sistêmico-Funcional e coesão.

Diva Cardoso de Camargo

Doutorado em Tradução pela Universidade de São Paulo (1993), Pós-doutorado em Estudos da Tradução por The University of Manchester (2003), Livre-Docência em Estudos da Tradução pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente é Professor Adjunto-MS5, Aposentada da Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, onde atua como Professor Voluntário e faz parte do corpo de docentes e permanentes dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Estudos Linguísticos. Tem experiência nas áreas de Linguística e Letras, com ênfase em Estudos da Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução literária, tradução especializada, tradução juramentada, ensino de tradução, estudos da tradução baseados em corpus, linguística de corpus, e literatura brasileira traduzida. Email: divaccamargo@gmail.com

Eliza Mitiyo Morinaka é Professora Assistente da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atua na área de Língua Inglesa. Seus interesses de pesquisa giram em torno dos Estudos da Tradução.

Heloísa Orsi Koch Delgado

Professora Adjunta da Faculdade de Letras (FALE) da PUCRS. Possui curso de graduação em Letras (Tradutor Intérprete), especialização em Metodologia do Ensino Superior, mestrado em Educação pela PUCRS e doutorado em Letras pela UFRGS. Também possui especialização em Introdução à Terminologia pelo Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona. Atualmente, coordena o Departamento de Letras Estrangeiras da FALE e faz parte do corpo docente do curso de especialização em Estudos da Tradução. Coordenou o Laboratório de Línguas Ir. Adelino Martins na mesma Faculdade. Participa como pesquisadora do GPEOCS (Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Ciências da Saúde) da Faculdade de Educação Física e Letras, também na PUCRS e do GELCORPSUL (Grupo de Estudos de Linguística de Corpus da Região Sul) na UFRGS. Faz parte do Conselho Editorial da Revista HOW, organizada pela ASOCOPI (Associação Colombiana dos Professores de Língua Inglesa), é revisora ad hoc das Revistas BELT (Brazilian English Language Teaching) da FALE, Letras de Hoje e Letrônica, periódicos do PPGLetras, da mesma faculdade. Atua como coordenadora no grupo de pesquisa sobre a linguagem científica da dependência química e do Transtorno do Humor Bipolar (THB). Este grupo conta com o auxílio financeiro do CNPq para o desenvolvimento

do dicionário DicTrans, Dicionário Pedagógico Online sobre o THB e Transtornos Mentais. É bolsista da CAPES, coordenando a área de Língua Inglesa do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da PUCRS.

Isabela Beraldi Esperandio

Mestranda em Teorias Linguísticas do Léxico pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na UFRGS, especialista em Tradução do Inglês pela UGF (2012), possui graduação em Bacharelado em Letras - habilitação Tradução Inglês/Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Atualmente é secretária executiva da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Trabalha também com tradução e revisão inglês/português.

Lilian Fleuri é doutora em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente trabalha na Universidade de Queensland (University of Queensland/ Austrália) como professora temporária de Estudos Culturais Latino-americanos. No campo da investigação, Lilian Fleuri tem produzido e também lecionado principalmente na área dos Estudos da Tradução e Linguística de Corpus, com foco em: (i) Análise Textual e Tradução dimensão explorada na interface entre Estudos da Tradução e Linguística de Corpus; (ii) Mapeamentos do campo disciplinar Estudos da Tradução; e (iii) Análise Metodológica em Estudos da Tradução em interface com a Linguística de Corpus. Lilian Fleuri transita pedagogicamente entre as áreas de Português como Língua Estrangeira (PLE), de Estudos Culturais Brasileiros e de Estudos da Tradução em interface com a Linguística de Corpus, enfocando suas investigações principalmente nesta última área.

Luís Cavaco-Cruz

Instituição de origem: Doutorando em Linguística pela Universidade de Évora Investigador em Escrita Técnica, Tradução, Letramento e Acessibilidade Linguística pelo CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, da Universidade de Évora Membro da American Society for Testing and Materials (ASTM) Mestre em Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

E-mail: luiscruz@campus.ul.pt

Maria José Bocorny Finatto

Doutora em Letras (UFRGS, 2001). Professora do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS de 1995 até 2010. Transferida para o Depto. de Linguística, Filologia e Teoria Literária do mesmo Instituto em maio de 2010. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS desde 2002. Pós-Doutorada junto o Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) do ICMC-USP em 2011. Coordenou o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu; Especialização em Estudos Lingüísticos do Textde 2004 a 2009. Pesquisa em Lingüística Aplicada, com ênfase em estudos sobre padrões do léxico em textos escritos nos seguintes temas: Linguística de Corpus, Terminologia, Linguística das Linguagens Especializadas baseada em Corpus, Processamento da Linguagem Natural, Lexicologia e Estatística Lexical, Lexicografia, Estudos do Texto, Tradução e Enunciação Científica, padrões do português popular escrito (Projeto PorPopular - www.ufrgs.br/textecc) e Educação a Distância. Desenvolve produtos online para aprendizes de tradução. Investiga padrões da linguagem em Pediatria. Coordenadora (2006-2008), vice-coordenadora (2009) e pesquisadora (2010-11) do grupo TERMISUL, responsável pela identificação de terminologias em português/ alemão. Terminóloga responsável do "Dicionário de Lingüística da Enunciação" (2009, Ed. Contexto). Coordenadora e Vice-Coordenadora do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL (2006-2010). Fundadora do grupo de Pesquisa em Lingüística de Corpus para região Sul (GELCORP-SUL, 2010). Bolsista Produtividade-Pesquisa (PQ) do CNPq desde 2007. Coordenadora eleita do PPG-Letras UFRGS (CAPES 6) desde junho de 2014.

Maria Lúcia Vasconcellos é Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com atuação nos Programas de Pós-Graduação PGET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) e PGI (Pós-Graduação Inglês). Seus interesses de pesquisa concentram-se em: (i) Análise Textual e Tradução dimensão explorada na interface entre Estudos da Tradução e Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), com o apoio de metodologias de corpus; (ii) Mapeamentos do campo disciplinar Estudos da Tradução, incluindo-se aqui a gradual inserção de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinal TILS no cenário da pós-graduação brasileira; (iii) Formação de tradutores. De janeiro a junho de 2012, realizou a etapa internacional de estágio pós-doutoral, junto ao

Departament de Traducció y Interpretació da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), sob a supervisão da Prof. Dra. Amparo Hurtado Albir, catedrática e pesquisadora principal do Grupo de Pesquisa PACTE [grupsderecerca.uab.cat/pacte/en]. A partir desse estágio pós doutoral, inclui-se entre seus interesses de pesquisa a Didática de Tradução com base na Abordagem por Tarefas de Tradução e na Formação baseada em Competência Tradutória.

Marisa Helena Degasperi

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (1992), Mestre em Educação pelo Instituto Superior Pedagógico Enrique José Varona (Cuba-2002) e Doutora em Linguística Aplicada pela PUCRS (2009). Participou do Master en Enseñanza de Español como Lengua Extrajera para Profesores Brasileños (2002-2003) pela Universidad Internacional Menéndez Pelayo (España). Atuou como docente em Curso de Letras Português/Espanhol (1999-2005), nas seguintes áreas: formação de professores, escrita, leitura, pedagogia moderna e ensino de língua e literaturas em língua espanhola. Foi docente substituta de Linguística da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (2007-2009). Tradutora de textos técnicos desde 2004. Atualmente é professora e coordenadora do Curso de Bacharelado em Letras Tradução Espanhol-Português do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, onde desenvolve atividades de ensino; extensão, nas modalidades: tradução técnica, legendagem, tradução de literatura infantil; e em pesquisa: métodos de investigação em tradução e estudos cognitivos de tradução, com ênfase em processamento de leitura (conexionismo) e de tradução.

Neiva de Aquino Albres

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Artes e Libras - Curso de Letras Libras Presencial -
Centro de Comunicação e Expressão
Docente: Linguística Aplicada - Estudos da Tradução e Interpretação
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis - SC CEP: 88040-900
Prédio B- Escaninho 13. E-mail institucional: neiva.albres@ufsc.br
Vanessa Fischer
Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012).

Vinicius Nascimento

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) –
Programa de Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da
Linguagem *Pesquisador de Doutorado (CNPq)*. Instituto Superior de
Educação de São Paulo/Singularidades
Professor da Graduação em Pedagogia



Editora e Gráfica Universitária
PREC - UFPel